



BOOK 4

# KING OF SLOTH



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

# ANA HUANG

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM





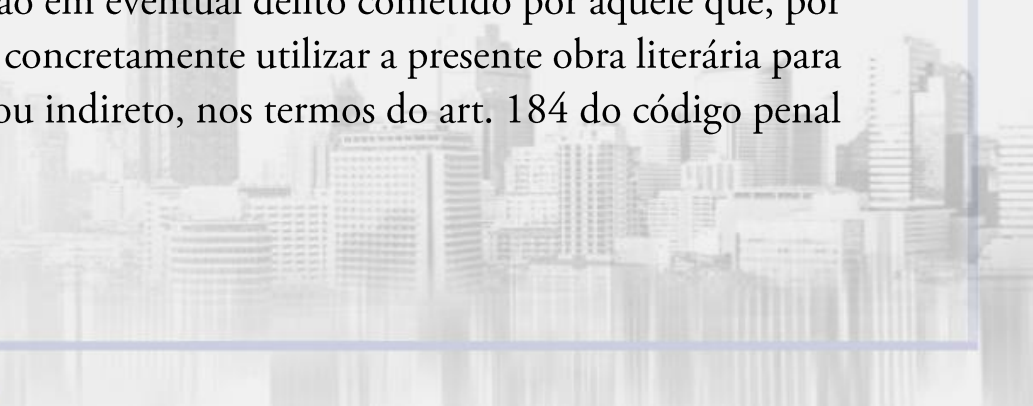
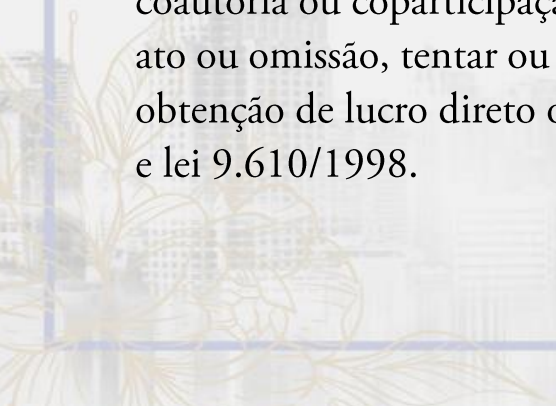
# KING OF SLOTH

ANA HUANG

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



KINGS OF SIN

# Lançamento



## KING OF SLOTH



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

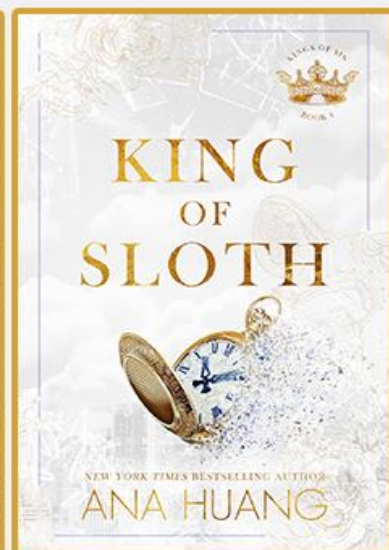
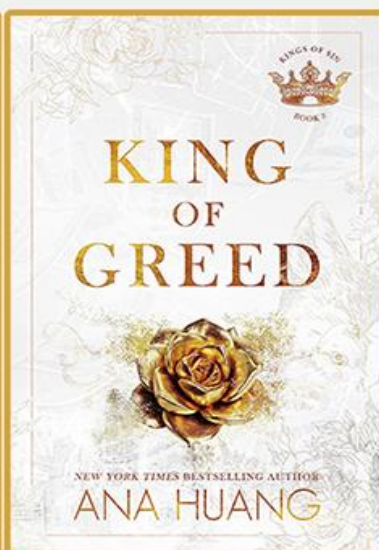
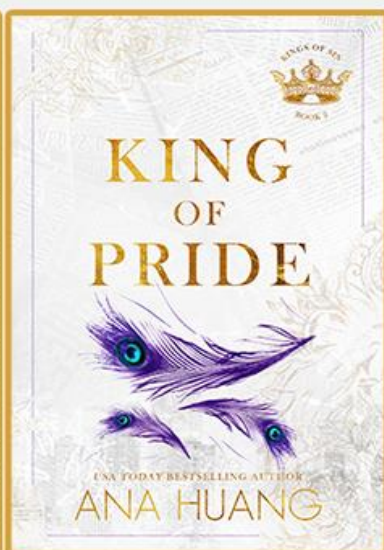
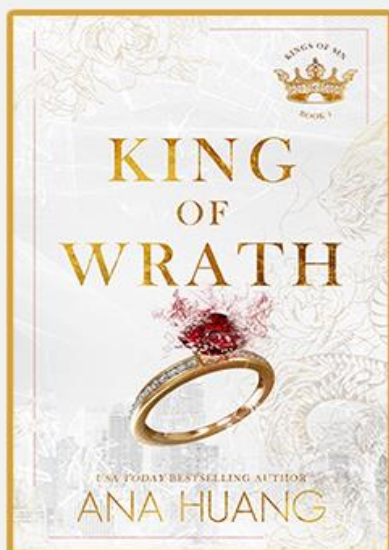
ANA HUANG

LIVRO QUATRO



# KINGS OF SIN

*ordem de leitura*

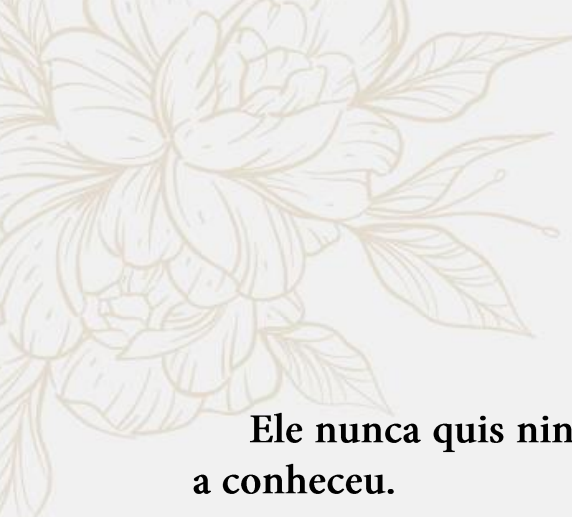


LIVRO UM

LIVRO DOIS

LIVRO TRÊS

LIVRO QUATRO



## SINOPSE

**Ele nunca quis ninguém o suficiente para persegui-la... até que ele a conheceu.**

Charmoso, tranquilo e incrivelmente rico, Xavier Castillo tem o mundo ao seu alcance.

Ele também não tem interesse em assumir o império de sua família (para grande desgosto de seu pai), mas isso não impediu as mulheres de se atirarem nele... a menos que a mulher em questão seja sua assessora de imprensa.

Nada lhe traz mais alegria do que irritá-la, mas quando uma tragédia os aproxima mais do que nunca, ele deve lidar com a incerteza do seu futuro – e com a compreensão de que a única pessoa imune aos seus encantos é a única que ele realmente deseja.



Legal, inteligente e ambiciosa, Sloane Kensington é uma publicitária poderosa que está acostumada a lidar com clientes difíceis.

No entanto, ninguém a enfurece – ou tenta – mais do que um certo herdeiro bilionário, com suas covinhas estúpidas e atitude descontraída.

Ela pode ser forçada a trabalhar com ele, mas nunca se apaixonará por ele... não importa o quão rápido ele faça seu coração bater ou quão atencioso ele seja sob sua personalidade festiva.

Ele é um cliente e isso é tudo que ele sempre será. Certo?



# DEDICATÓRIA

Para todas as mulheres que já ouviram “sorria mais”.

Foda-se isso. Faça o que você quiser.





# PLAYLIST

**“Midnight Rain” - Taylor Swift**

**“Sex, Drugs, Etc.” - Beach Weather**

**“Top of the World” - Pussycat Dolls**

**“The Lazy Song” - Bruno Mars**

**“Flawless” - Beyonce**

**“Most Girls” - P!nk**

**“Talking Body” - Tove Lo**

**“Rude Boy” - Rihanna**

**“I Wanna Be Yours” - Arctic Monkeys**

**“Te Amo” - Rihanna**







# CAPÍTULO 1

*Sloane*

Invadir uma villa grega de dez mil dólares por noite não estava nos meus planos para esse dia, mas os planos mudavam e as pessoas se adaptavam, especialmente quando tinham clientes que insistiam em tornar a vida o mais difícil possível.

Meus joelhos raspavam no concreto quando me arrastei para a borda do terraço e passei por cima do corrimão. Se eu estragasse meu vestido Stella Alonso novo por causa disso, eu o mataria, eu o traria de volta para limpar a bagunça e depois o mataria novamente.

Para a sorte dele, aterrissei no terraço sem incidentes e voltei a calçar os saltos que havia jogado antes. A batida pesada dos meus batimentos cardíacos me seguiu até a porta de vidro deslizante, onde bati a chave mestra que havia *pegado emprestado* de uma das empregadas no leitor de cartão.

Eu teria passado pela porta da frente, mas era muito exposta.

O terraço dos fundos era o único caminho.

O leitor de cartão zumbiu e, por um segundo terrível, pensei que não abriria. Então o leitor piscou em verde e eu me permiti respirar aliviada antes de firmar o queixo novamente.

Arrombar era a parte fácil. Levá-lo para outro país ao pôr do sol era outra.

Fiz um rápido desvio até a cozinha e depois atravessei a sala até a suíte principal. Estremeci quando vi as garrafas de cerveja vazias espalhadas pelo balcão da cozinha, e precisei de toda a força de vontade para não jogá-las na lixeira, esterilizar o mármore e borrifar aromatizante de ambiente no local.

*Mantenha o foco.* Minha reputação profissional e pessoal estava em jogo.

A villa estava fresca e silenciosa, apesar do sol do início da tarde entrar pelas janelas, e o quarto estava ainda mais fresco e silencioso.

Talvez tivesse sido por isso que, quando fui até a cama e joguei sem cerimônia uma grande tigela de água gelada sobre seu ocupante adormecido, a velocidade de sua resposta me assustou e um raro suspiro saiu de mim.

Uma mão forte disparou e agarrou meu pulso. A tigela vazia caiu no chão e o quarto se inclinou quando ele me puxou para baixo, rolou e me prendeu contra a cama antes que o suspiro saísse completamente da minha boca.

Xavier Castillo olhou para mim, seu belo rosto marcado por uma carranca.

O único filho do homem mais rico da Colômbia (e meu cliente menos cooperativo) geralmente era extremamente descontraído, mas não havia nada de descontraído na maneira como seu

antebraço pressionava minha garganta ou nos oitenta quilos de músculos sólidos que me prendiam abaixo dele.

Sua carranca relaxou quando a raiva deu lugar ao reconhecimento e a um toque de horror. — Sloane?

— Esse é o meu nome. — Levantei o queixo, tentando não me concentrar no quão quente ele estava comparado ao colchão úmido nas minhas costas. — Agora, se você pudesse me libertar imediatamente, ficaria grata. Está estragando um vestido de setecentos dólares.

— *Mierda* — ele cuspiu a maldição e relaxou contra meu pescoço para que eu pudesse me levantar. — O que diabos você está fazendo aqui?

— Meu trabalho. — Eu o empurrei de cima de mim e me levantei. Era impressão minha ou estava exponencialmente mais frio agora do que há cinco minutos? — Hoje é 12. Você sabe onde deveria estar e não é aqui. — Eu olhei para ele, desafiando-o a discutir.

— Achei que você fosse um intruso. Eu poderia ter machucado você. — Agora que tínhamos estabelecido que eu não estava aqui para roubá-lo ou sequestrá-lo, um sorriso familiar substituiu sua carranca. Xavier retomou seu lugar na cama, a imagem da despreocupação. — Tecnicamente, você é uma intrusa, mas muito bonita. Se você queria se juntar a mim na cama, bastaria dizer. Não havia necessidade de ter todo esse trabalho. — Ele arqueou uma sobrancelha para a tigela no chão. — Como você entrou, afinal?



— Roubei uma chave mestra e não tente me distrair. — Depois de três anos trabalhando com Xavier, eu estava acostumada com seus truques. — É uma da tarde. Seu jato está nos esperando no aeroporto. Se partirmos na próxima meia hora, chegaremos a Londres a tempo de nos prepararmos antes da gala desta noite.

— Ótimo plano. — Xavier esticou os braços sobre a cabeça e bocejou. — Exceto por um problema: eu não vou.

Minhas unhas cravaram-se nas palmas das mãos antes de me conter. *Respire.*

*Lembre-se de que assassinar um cliente é considerado pouco profissional.*

— Você *vai* sair da cama — eu disse, minha voz fria o suficiente para congelar as gotas de água que permaneciam em sua pele. — Você embarcará naquele jato, comparecerá à gala com um sorriso e ficará durante todo o evento como um bom representante da família Castillo, porque se não o fizer, farei com que minha missão pessoal seja garantir que você nunca mais tenha outro segundo de paz. Vou invadir todas as festas que você comparecer, alertar qualquer mulher estúpida o suficiente para cair em sua órbita e colocar na lista negra qualquer um de seus amigos que permitam seus piores impulsos em meus eventos. Posso tornar sua vida um inferno, então *não* faça de mim uma inimiga.

Xavier bocejou novamente.

Essa tinha sido a nossa dinâmica desde que o pai de Xavier me contratou, há três anos, pouco antes de Xavier se mudar de Los Angeles para Nova York, mas eu estava cansada de pegar leve com ele.

— Então, você é minha nova publicitária. — Xavier recostou-se na cadeira e apoiou os pés na minha mesa. Dentes brancos contrastavam contra a pele bronzeada, e seus olhos brilhavam com uma astúcia que me deixou arrepiada.

Dez segundos depois de conhecer meu cliente mais lucrativo, e eu já o odiava.

— Tire os pés da minha mesa e sente-se como um adulto de verdade. — Não me importava que Alberto Castillo estivesse me pagando o triplo dos honorários habituais para cuidar de seu filho. Ninguém me desrespeitava em meu próprio escritório. — Caso contrário, você pode ir embora e explicar ao seu pai por que foi dispensado pela sua publicitária logo no primeiro dia. Imagino que isso terá um impacto negativo no seu fluxo de caixa.

— Ah, você é uma dessas. — Ele concordou, mas seu sorriso endureceu à menção de seu pai. — Seguidora de regras rígida. Entendi. Você deveria ter se apresentado dessa forma, em vez de seu nome.

Minha caneta favorita quebrou com a força do meu aperto.

Eu não era uma pessoa supersticiosa, mas até eu sabia que isso não era um bom presságio para o futuro do nosso relacionamento.

Eu estava certa.

Eu o aliviei com relação a certas coisas, porque os Castillo eram meu maior contrato, mas meu trabalho era manter a reputação de sua família imaculada, e não beijar o traseiro do herdeiro.

Xavier era um homem adulto. Já era hora de ele agir como tal.

— Isso é uma grande ameaça — ele falou lentamente. — *Todas* as festas e mulheres? Você deve realmente gostar de mim.

Ele saiu da cama com a graça preguiçosa de uma pantera despertando do sono. Uma calça de moletom cinza estava baixa em seus quadris, revelando uma pele marrom-dourada e um corte em V que não se esperaria de alguém que passava a maior parte de seus dias festejando e dormindo. Tatuagens escuras subiam pelo peito e ombros nus e desciam pelos braços em padrões intrincados.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria admirado a beleza masculina crua em exibição, mas este era Xavier Castillo. O dia em que admiraria qualquer coisa, exceto seu compromisso com o não-compromisso, seria o dia em que, de alguma forma, poderia chorar fisicamente de novo.

— Não se preocupe, Luna — ele disse, percebendo meu escrutínio com um pequeno sorriso. — Não direi aos seus outros clientes que sou seu favorito.

Às vezes, ele me chamava pelo meu nome verdadeiro. Outras vezes ele me chamava de Luna. Não era meu apelido, nome do meio ou qualquer nome próximo de Sloane, mas ele se recusou a me dizer o porquê e eu desisti de fazê-lo parar ou explicar há muito tempo.

— Fale sério pelo menos uma vez — eu disse. — O evento é uma homenagem ao *seu* pai.

— Mais uma razão para não ir. Não é como se meu pai estivesse lá para receber o prêmio. — O sorriso de Xavier não mudou, mas



seus olhos brilharam com uma centelha de perigo. — Ele está morrendo, lembra?

As palavras chocaram-se entre nós e sugaram todo o oxigênio do quarto enquanto olhávamos um para o outro, sua calma imperturbável como uma rocha contra minha crescente frustração.

A relação pai-filho dos Castillo era notoriamente espinhosa, mas Alberto Castillo me contratou para administrar sua reputação, não seus problemas pessoais – isto é, até que o que aconteceu a portas fechadas se tornou público.

— As pessoas já pensam que você é um pirralho imprestável de fundo fiduciário por se esquivar de suas responsabilidades depois que seu pai foi diagnosticado. — Eu não medi palavras. — Se você perder um evento que o homenageia como Filantropo do Ano, a mídia vai comer você vivo.

— Eles já fazem, e *homenagem*? — Xavier ergueu as sobrancelhas. — O homem assina um cheque de alguns milhões todos os anos e não só recebe uma redução de impostos, mas também elogios bajuladores por ser um filantropo. Você e eu sabemos que o prêmio não significa nada. Qualquer pessoa com bolsos fundos o suficiente pode obtê-lo. Além disso... — Ele encostou-se na parede e cruzou os braços. — Mykonos é muito mais divertida do que outra gala abafada. Você deveria ficar. O ar do oceano será bom para você.

Droga, eu reconhecia esse tom. Era o tom dele de *você pode colocar uma arma na minha cabeça e eu ainda não vou ceder porque*

*isso vai irritar você.* Eu já tinha ouvido isso mais vezes do que gostaria de contar.

Fiz um cálculo mental rápido.

Eu não tinha chegado onde estava em minha carreira travando batalhas perdidas. Eu *precisava* estar em Londres esta noite, e nossa janela para uma partida oportuna estava diminuindo rapidamente. Perder o meu encontro não era uma opção, mas se Xavier ficasse na Grécia, o meu trabalho exigia que eu ficasse também e cuidasse dele.

Como não tinha tempo para culpá-lo, ameaçá-lo ou convencê-lo a fazer o que eu queria, como costumava fazer, fiquei com um último recurso.

Uma barganha.

Cruzei os braços, espelhando sua postura. — Vamos ouvir isso. — Suas sobrancelhas se arquearam mais alto.

— Sua condição — eu disse. — A única coisa que você deseja em troca de comparecer à cerimônia de premiação. Qualquer coisa que envolva sexo, drogas ou atividades ilegais está fora de questão. Fora isso, estou disposta a negociar.

Seus olhos se estreitaram. Ele não esperava que eu cedesse tão facilmente, e se eu não precisasse estar em Londres às oito da noite, não o teria feito. Mas não poderia perder meu encontro, então era um pacto com o diabo.

— Tudo bem. — As bochechas de Xavier se curvaram com seu sorriso característico, embora uma sombra de suspeita

permanecesse em seu rosto. — Já que você está tão acessível, eu também serei. Eu quero férias.

— Você já está de férias.

— Eu não. Você. — Ele se afastou da parede, com passos lânguidos, mas deliberados, enquanto cruzava o quarto e parava a poucos centímetros de mim. — Irei à festa de gala se você prometer vir comigo nas férias depois. Três semanas na Espanha. Não trabalhando, apenas se divertindo.

O pedido veio tão longe do campo esquerdo que me dei uma chicotada tentando acompanhá-lo. — Você quer que eu tire *três semanas* de folga do trabalho?

— Sim.

— Você está fora de si.

Eu tirei um total de dois dias de férias desde que comecei a Kensington PR, minha empresa boutique de relações públicas, há seis anos. A primeira foi para o funeral da minha avó. A segunda foi quando fui hospitalizada com pneumonia (perseguir paparazzi no auge do inverno faz isso com você). Mesmo assim, eu mantinha os e-mails no meu telefone.

Eu era o trabalho. O trabalho era eu. A ideia de abandoná-lo, mesmo que por um minuto, causava cólicas no estômago.

— Este é o acordo. — Xavier encolheu os ombros. — É pegar ou largar.

— Esqueça. Isso não está acontecendo.



— Tudo bem. — Ele se virou para a cama novamente. — Nesse caso, vou voltar a dormir. Sinta-se à vontade para ficar ou voltar para casa. Isso não importa para mim.

Meus dentes cerraram.

Esse bastardo. Ele *sabia* que eu não voaria para casa e o deixaria aqui para semear o caos na minha ausência. Com a minha sorte, ele organizaria uma orgia pública na praia hoje à noite só para deixar as línguas abanando e deixar claro o fato de que ele não estava na festa de gala quando deveria.

Olhei para o relógio na parede. Precisávamos sair nos próximos quinze minutos se quiséssemos chegar à festa de gala a tempo.

Se não fosse pelo meu encontro às oito horas em Londres, eu poderia ter percebido o blefe de Xavier, mas...

*Droga.*

— Posso fazer dois dias — falei, cedendo. Um fim de semana não me mataria, certo?

— Duas semanas.

— *Uma* semana.

— Fechado. — Suas covinhas me cegaram novamente e percebi que tinha sido enganada. Ele deliberadamente começou com uma oferta maior para me negociar com seu plano original.

Infelizmente, era tarde demais para arrependimentos, e quando ele estendeu a mão, não tive escolha a não ser apertar com o prazo que havia proposto.

Essa era a pior parte de Xavier. Ele era inteligente, mas aplicava isso a todas as coisas erradas.

— Não olhe para mim como se eu tivesse matado seu peixe de estimação — ele falou lentamente. — Estou levando você de férias. Vai ser divertido. Confie em mim.

Seu sorriso se alargou com meu olhar gelado.

Uma semana na Espanha com uma das pessoas que menos gostava no planeta. O que poderia dar errado?





## CAPÍTULO 2

*Xavier*

Nada iluminava mais meu dia do que irritar Sloane. Ela era tão previsível em suas respostas e tão espetacular em sua raiva, e adorava ver sua fachada de rainha do gelo derreter por tempo suficiente para revelar um vislumbre da pessoa real por baixo dela.

Isso não acontecia com frequência, mas quando acontecia, eu colocava na gaveta mental onde reunia todas as coisas de Sloane.

— Ah, você é uma dessas. — Olhei para o coque apertado e o vestido sob medida da minha nova publicitária. — Seguidora de regras rígida. Entendi. Você deveria ter se apresentado dessa forma, em vez de seu nome.

O olhar que ela me lançou poderia ter destruído um quarteirão inteiro.

Objetivamente, Sloane era uma das mulheres mais bonitas que já conheci. Olhos azuis, pernas longas, rosto simétrico... O próprio Michelangelo não poderia ter esculpido melhor forma feminina.

Pena que nada disso vinha com senso de humor.

Ela disse algo brusco em resposta, mas eu já tinha me desligado dela.

Foda-se meu pai por me forçar a esse acordo estúpido. Se não fosse pela minha herança, eu diria para ele ir embora.



*Publicitários eram babás glorificadas, e eu não queria nem precisava de uma babá. Além disso, por mais agradável aos olhos que ela fosse, eu já poderia dizer que Sloane seria um grande sucesso.*

Aquele foi nosso primeiro encontro. Minha animosidade inicial em relação a ela ficou sem oxigênio desde então, deixando... inferno, eu não sabia. Curiosidade. Atração. Frustração.

Emoções muito mais complicadas do que hostilidade, infelizmente.

Eu não sabia quando o interruptor foi acionado, mas gostaria de poder voltar e *desligá-lo*. Preferia odiá-la do que ficar intrigado com ela.

— Fique em pé — disse Sloane sem tirar os olhos do homem que vinha em nossa direção. — Você está em um evento black-tie, não na praia. Tente *fingir* que quer estar aqui.

— Há álcool, comida e uma mulher linda ao meu lado. É claro que quero estar aqui — falei lentamente, dizendo a verdade na primeira parte e mentindo na segunda.

Meu olhar passou por ela rápido o suficiente para escapar de sua atenção, mas por tempo suficiente para gravar a imagem em minha mente. Em qualquer outra pessoa, seu vestido preto simples teria sido chato, mas Sloane poderia usar uma sacola de compras e ainda assim tirar todo mundo da água.

A seda cobria seu corpo magro, destacando sua pele impecável e seus ombros nus e macios. Ela prendeu o cabelo em uma versão mais sofisticada do coque habitual e, além de um par de pequenos

brincos de diamante, ela não usava acessórios e quase nenhuma maquiagem. Ela obviamente se vestiu com a intenção de se misturar, mas não conseguia se misturar na multidão, assim como uma joia não conseguia se misturar na lama.

Seria honesto: não esperava que ela aceitasse meu acordo. Eu esperava que sim, mas ela era casada com seu trabalho e a festa de gala não era *tão* importante. Era um evento comum em homenagem ao meu pai, não o Legacy Ball ou um casamento real.

O fato de ela abrir mão de uma semana de precioso tempo de trabalho em troca da minha presença aqui? Cheirava a peixe, mas eu não ia olhar na boca de um cavalo de presente.

Eu estava morrendo de vontade de tirar Sloane do escritório por um tempo. Ela estava tão comprometida que iria explodir, e eu não queria estar lá quando isso acontecesse. Ela precisava de uma liberação. Além disso, a viagem era a oportunidade perfeita para corrompê-la – fazê-la soltar os cabelos (literal e figurativamente), relaxar, divertir-se. Eu *pagaria* para vê-la relaxando na praia como uma pessoa normal, em vez de fazer as pessoas chorarem ao telefone.

Sloane Kensington precisava de férias mais do que qualquer outra pessoa que eu conhecia, e eu precisava...

— Xavier! — Eduardo finalmente nos alcançou. O melhor amigo de meu pai e CEO interino do Grupo Castillo bateu em meu ombro, interrompendo meus pensamentos antes que eles se desviassem por um caminho perigoso. — Eu não esperava ver você aqui, *mijo*.

— Nem eu — falei secamente. — Que bom ver você, *tio*.

Ele não era meu tio biológico, mas poderia muito bem ter sido. Ele e meu pai eram amigos desde a infância e ele era um de seus conselheiros de maior confiança antes de meu pai adoecer. Eduardo estava atualmente comandando o navio até que o conselho tomasse a decisão final sobre esperar a melhora de meu pai ou encontrar um novo CEO permanente.

Eduardo virou-se para Sloane e deu-lhe o habitual beijo colombiano na bochecha. — Sloane, você está linda — disse ele. — Presumo que devo agradecer a você por este ter aparecido. Eu sei como é difícil brigar com ele, né? Quando ele era criança, nós o chamávamos de *pequeno toro*. Teimoso como um touro.

Sua ira anterior se transformou em um sorriso profissional. — É o meu trabalho. Estou feliz em fazer isso.

Ela era uma mentirosa tão boa quanto eu.

Nós três conversamos um pouco até que outro convidado puxou Eduardo. Ele estava aceitando o prêmio de Filantropo do Ano em nome do meu pai, já que eu me recusei a fazê-lo, mas todos pareciam ansiosos para falar de negócios em vez de caridade com ele.

*Típico.*

Peguei Sloane consultando o relógio novamente enquanto caminhávamos em direção à nossa mesa. — Essa é a décima segunda vez que você olha para o relógio desde que chegamos — eu disse. — Se você está tão ansiosa para ir embora, podemos pular a cerimônia chata e levar uma surra no bar.



— Eu não fico *ansiosa* e, se você quer saber, vou encontrar alguém em uma hora. Espero que você possa se comportar depois que eu for embora. — Apesar de seu tom frio, uma tensão visível marcava seu maxilar e ombros.

— Encontrar alguém tão tarde em Londres? — Nós nos acomodamos em nossos assentos assim que o mestre de cerimônias subiu ao palco e os aplausos encheram a sala. — Não me diga que você tem um encontro quente.

— Se tenho ou não, não é da sua conta. — Ela pegou o cardápio caligrafado e procurou por nozes, sem dúvida. Sloane tinha uma estranha vingança contra elas (e não era uma alergia; eu tinha verificado).

— Estou surpreso que você encontre tempo para namorar. — O mestre de cerimônias começou seu discurso de boas-vindas. A razão me disse para abandonar o assunto, mas não consegui. Havia algo em Sloane que sempre fazia a razão voar pela janela. — Quem é o sortudo?

— Xavier. — Ela largou o cardápio e olhou para mim. — Agora não é a hora. Não queremos uma repetição do fiasco de Cannes.

Revirei os olhos. Fui pego cochilando *uma vez* durante um discurso de premiação importante e de repente eu era o vilão. Se esses tipos de eventos não fossem tão chatos, talvez fosse mais fácil ficar acordado.

As pessoas não conheciam entretenimento hoje em dia. Quem queria música abafada de elevador e as mesmas bebidas chatas que serviam em todas as festas de gala? Ninguém. Se eu me

importasse o suficiente, daria algumas dicas aos organizadores, mas não me importava.

Os garçons trouxeram a comida, que ignorei em favor de mais champanhe enquanto a cerimônia avançava.

Eu desliguei e refleti sobre o tipo de cara com quem Sloane poderia estar saindo. Em todos os nossos anos trabalhando juntos, eu nunca a tinha visto ou ouvido mencionar um encontro, mas, obviamente, ela devia estar com alguém.

Ela era espinhosa como o inferno, mas também era linda, inteligente e talentosa. Mesmo agora, havia vários homens espiando-a das mesas ao redor.

Bebi minha bebida e olhei para um deles até que ele desviou o olhar, com o rosto vermelho. Sloane era meu par apenas nominalmente, mas era falta de educação as outras pessoas olharem para ela quando ela vinha comigo. Ninguém mais observava a etiqueta adequada?

A sala irrompeu em sua mais alta salva de palmas. Eduardo se levantou e percebi que o mestre de cerimônias acabara de anunciar meu pai como o Filantropo do Ano da organização.

— Aplauda — disse Sloane sem olhar para mim. Um sorriso tenso apareceu em seu rosto. — As câmeras estão assistindo.

— Quando eles *não estão* assistindo? — Bati palmas sem entusiasmo para Eduardo e apenas para Eduardo.

— É uma honra receber este prêmio em nome de Alberto esta noite — disse ele. — Como vocês sabem, ele é meu amigo e parceiro de negócios há mais anos do que posso contar...

Sloane olhou para o relógio e juntou seus pertences quando Eduardo encerrou seu discurso felizmente curto.

Eu me endireitei. — Você já está saindo? — Fazia apenas cinquenta minutos, não uma hora.

— Caso haja trânsito. Confio que você se comportará na minha ausência. — Ela enfatizou sua última frase com um olhar de advertência.

— Assim que você sair, vou jogar minha bebida na cara de outro convidado e roubar o sistema de som — eu disse. — Tem certeza de que você não quer ficar?

Ela não parecia divertida.

— Faça isso e nosso acordo será cancelado — ela disse categoricamente. — Vou fazer o check-in no final da noite.

Ela saiu discretamente da cadeira e foi em direção à saída. Eu estava tão concentrado em vê-la partir que não percebi a aproximação de Eduardo até que ele colocou a mão em meu ombro.

— Você tem tempo para conversar? Há algo que precisamos discutir.

— Claro. — Sem Sloane, eu faria qualquer coisa para não ficar sentado aqui com os colegas de mesa mais chatos que existiam.

Segui Eduardo até o corredor. Agora que a cerimônia terminou, os convidados voltaram a beber e a se misturar, e ninguém prestou muita atenção em nós.



— Eu ia ligar e contar, mas pessoalmente é melhor. — Livre dos olhares atentos dos fotógrafos, a boca de Eduardo formou uma linha sombria que fez meu pulso acelerar. — Xavier...

— Deixe-me adivinhar. É meu pai.

— Não. Sim. Bem... — Eduardo passou a mão pelo rosto, estranhamente hesitante. — Sua condição é estável. Não houve nenhuma mudança.

Uma reviravolta de alívio ou decepção afrouxou o nó em meu peito. Quão fodido era eu ter sentimentos confusos sobre o que deveria ser uma boa notícia?

— Isso significa que ele não está piorando, mas também não está melhorando — disse Eduardo. — Você não o visita há meses. Você deveria vê-lo. Isso pode ajudar. Os médicos dizem que ter entes queridos por perto...

— A frase-chave é *entes queridos*. Como minha mãe não está por perto, acho que ele está fodido.

A única pessoa com quem meu pai realmente se importou foi minha mãe.

— Ele é seu pai. — A boca do meu tio honorário se estreitou — *Deja de ser tan terco. Haz las paces antes de que sea demasiado tarde*<sup>1</sup>.

— Não sou eu quem precisa fazer as pazes — eu disse. Havia um certo número de vezes que um cara poderia tentar antes de

---

<sup>1</sup> Pare de ser tão teimoso. Faça as pazes antes que seja tarde demais.

desistir, e eu atingi meu limite anos atrás. — De qualquer forma, boa conversa, mas tenho outro lugar para estar.

— Xavi-

— Dirija com segurança para casa. — Eu me movi. — Diga oi para todo mundo por mim.

— É a empresa da sua família — Eduardo gritou atrás de mim. Ele parecia resignado. Ele só assumiu o cargo de CEO interino porque eu o recusei, e sabia que ele se apegava à esperança de que eu magicamente *recuperaria o juízo* sobre continuar o legado da família um dia. — Você não pode fugir disso para sempre.

Eu não perdi meu passo.

Com a cerimônia terminada, a gala estava basicamente encerrada, o que significava que eu não quebraria meu acordo com Sloane se fosse embora.

A lembrança dela e de onde ela estava agora – provavelmente em algum encontro com algum idiota – escureceu meu humor já estrondoso.

Eu normalmente tentava ver o lado bom, mas foda-se, às vezes um cara tinha que chafurdar.

Peguei meu casaco no guarda-volumes e entrei em um dos táxis pretos que esperavam do lado de fora do espaço do evento.

— Neon — eu disse, nomeando a nova boate mais badalada da cidade. — Dou-lhe uma gorjeta de cem libras se você conseguir me levar lá em menos de quinze minutos.

O táxi se afastou do meio-fio. Olhei pela janela para as luzes de Londres, ansioso pelo momento em que poderia afastar qualquer

pensamento sobre Eduardo, meu pai e uma certa publicitária que ocupava meus momentos de vigília muito mais do que deveria.





## CAPÍTULO 3

### *Sloane*

O Sinal do ‘homem vermelho’ alertando os pedestres para não atravessarem a rua me encarou. Eu o ignorei e atravessei a rua, ignorando a buzina de uma caminhonete que se aproximava.

Eu já estava atrasada e se não tirasse os sapatos logo, meus pés ensanguentados me matariam mais rápido do que ser atropelada por um carro. Os sapatos de salto alto de dez centímetros *pareciam* ótimos, mas não foram feitos para caminhar dez quarteirões pela cidade.

Infelizmente, o trânsito de Londres era uma merda, então abandonei meu táxi depois de ficar presa na mesma rua por vinte minutos.

Quando cheguei ao hotel, meu vestido estava grudado no corpo de suor e eu mal conseguia sentir os pés, mas cheguei à cobertura sem incidentes (a menos que contasse os olhares horrorizados dos outros hóspedes).

*Por favor, não durma.*

Bati na porta, meu coração na garganta.

*Por favor, não durma. Por favor, não fique...*

Minha respiração exalou em alívio quando um rosto redondo e familiar atendeu a porta.

— Aí está você. — Rhea me conduziu para dentro, seus olhos disparando em direção à entrada como se George e Caroline fossem entrar a qualquer minuto. Ela colocava seu emprego em risco toda vez que me mandava uma mensagem, mas nós duas assumíamos nossos riscos pelo mesmo motivo. — Eu estava com medo de que você não conseguisse.

— Fiquei presa no trânsito, mas não perderia isso por nada no mundo. — Tirei os sapatos e suspirei. *Muito melhor.*

Com a ajuda de Rhea, limpei rapidamente meus pés ensanguentados antes de entrar na sala da suíte. Meu coração apertou quando a vi sentada no chão, assistindo a um desenho infantil sobre bailarinas. Ela sempre gravitava em torno de shows sobre dança ou esportes.

Ela estava de costas para mim, mas ela devia ter um sexto sentido, porque se virou no instante em que entrei na sala.

— Sloane! — Penny se levantou e correu em minha direção. — Você veio.

— Claro que vim. — Abaixei-me para abraçá-la. Deus, ela cresceu tanto desde a última vez que a vi.

Ela enterrou o rosto na minha barriga e, se eu pudesse chorar, teria chorado com a força com que ela se agarrou a mim. Além de Rhea, provavelmente fui seu primeiro abraço do dia.

A babá dela saiu da sala, dando-nos um tempo a sós, e finalmente, com relutância, eu a soltei para poder pescar seu presente na minha bolsa. — Feliz aniversário, Pen. Isto é para você.

Os olhos da minha meia-irmã se iluminaram. Ela pegou o presente e o desembalhou, tomando muito cuidado para não rasgar o papel listrado prateado.

Ela era Penelope para os pais e Penny para todos os outros, mas sempre seria Pen para mim. A irmã que eu nunca soube que precisava, a única que chorou quando parti e a única Kensington que ainda considerava da família depois da morte da minha avó.

Ela terminou de desembalar o presente e seu suspiro de alegria trouxe um sorriso ao meu rosto.

— A nova boneca American Sports! — Ela apertou o item precioso contra o peito. — Como você conseguiu isso?

— Eu conheço pessoas. Sua irmã mais velha é muito legal, você sabe — eu provoquei.

A boneca de edição limitada era um dos brinquedos mais procurados do mundo. Existiam apenas duas dúzias, mas o marido da minha amiga Vivian mexeu alguns pauzinhos e me deu uma a tempo para o aniversário de Pen.

Ela não podia brincar com ela abertamente, mas uma das vantagens da negligência dos pais era que eles não notavam ou questionavam como ela havia conseguido o brinquedo.

— Então, como se sente com nove anos? — Sentei-me ao lado dela no chão. — Você está quase na casa dos dois dígitos.

— Rude. Em breve estarei velha como você... ah! — Pen explodiu em risadas histéricas quando fiz cócegas em seu lado. — Pare! Desculpe! Desculpe! — Ela ofegou. — Você não é *tão* velha.

— Isso é o que você ganha por me insultar — eu brinquei, mas parei de fazer cócegas nela, tomando cuidado para não sobrecarregá-la. Sempre pisei no limite entre tratá-la como uma criança normal e saber que ela não era, pelo menos não em termos de resistência física.

Há dois anos, Pen foi diagnosticada com síndrome da fadiga crônica, ou SFC, após um período incomumente longo de mononucleose. Caracterizada por fadiga extrema, problemas de sono e dores articulares e musculares, entre outras coisas, a SFC não tinha cura ou tratamento aprovado. Foi difícil determinar a causa, embora os médicos suspeitassem que fosse desencadeada por uma alteração na forma como o seu sistema imunológico respondia à doença, e o melhor que podíamos fazer era controlar os sintomas.

Apesar de não ter tratamentos aprovados pela FDA, a SFC gerou mil e um vendedores de óleo de cobra que prometeram uma *cura* através de vitaminas especiais, antiretrovirais e outros medicamentos *milagrosos*. Os pais de Pen jogaram uma tonelada de dinheiro no ralo tentando encontrar algo que funcionasse. Nada aconteceu, então, eventualmente, eles desistiram e simplesmente a empurraram para casa, onde não precisavam pensar nela.

Felizmente, Pen tinha SFC leve, então ela conseguia realizar as atividades cotidianas melhor do que aqueles com casos mais graves, mas não podia praticar esportes como queria ou frequentar a escola como seus colegas. Nos dias ruins, era difícil para ela andar. Ela atualmente estudava em casa, e Rhea ficava com ela



praticamente vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, para o caso de ela sofrer um acidente.

— Eu fiz algo para você. — Pen parecia sem fôlego, mas minha preocupação diminuiu quando ela caminhou até a mesa de centro e voltou sem perder o ritmo. Um nó se formou na minha garganta. Era um bom dia; ela merecia um bom dia em seu aniversário. — É uma pulseira de amizade. — Ela colocou a joia cuidadosamente na minha palma. — Eu tenho uma correspondente. Viu?

A pulseira de contas tinha simplesmente cinco corações. Os dela eram rosa; os meus eram azuis.

A pressão do nó subiu por trás do meu nariz e orelhas. — É linda. Obrigada, Pen. — Deslizei a pulseira no meu pulso. — Mas você deveria receber presentes no seu aniversário, não dá-los. — Especialmente quando fazer as joias provavelmente custou horas de energia.

— Não posso ver você no seu aniversário — disse ela em voz baixa.

Eu odiava que ela estivesse certa. Nós só nos víamos algumas vezes por ano, quando Rhea conseguia me infiltrar. Minha família era rancorosa o suficiente para trancá-la em um cofre antes de me deixar visitar de boa vontade, e eu tinha orgulho o suficiente para nunca me desculpar por algo. Eu não tinha culpa. Eu pensava sobre isso, mas não conseguia. Nem mesmo por Pen.

— Bem, estamos juntas agora — eu disse, deixando de lado os pensamentos do passado. — O que você quer fazer? Podemos assistir a um filme, brincar com sua nova boneca...

— Quero assistir ao jogo Blackcastle contra Holchester. — Pen olhou para mim com grandes olhos de corça. — Por favor?

Eu não era uma esportista, mas ela adorava futebol, então concordei com um replay gravado. O jogo ganhou as manchetes no início deste ano, porque foi a primeira vez que Asher Donovan, o queridinho da Premier League e a mais nova transferência para o Blackcastle, jogou contra seu antigo time.

Além de Xavier, Asher era meu cliente mais difícil, mas também era o herói de Pen. Ela quase rompeu meu tímpano quando ele assinou contrato com minha empresa há alguns anos.

Falando em Xavier...

Enquanto Pen se enrolava ao meu lado e assistia ao jogo com muita atenção, rapidamente verifiquei meu telefone em busca de novas fofocas. Ignorei uma mensagem de um antigo encontro pedindo para nos encontrarmos novamente – o homem *não* entendeu a dica – e examinei as notícias.

Eu tinha alertas para todos os meus clientes, mas havia apenas dois nomes que faziam minha pressão subir sempre que apareciam na tela. Uma de suas iniciais: XC.

Nada. *Bom*. Ele estava se comportando. Jurava que Rhea tinha mais facilidade em cuidar de Pen do que eu em manter Xavier na linha.

Pen e eu não conversamos durante todo o jogo, mas não era necessário. Apesar de não nos vermos com frequência, a melhor parte de nossos reencontros era nos sentirmos confortáveis juntas.

Às vezes, isso significava falar sem parar; outras vezes, significava assistir a um filme em silêncio.

Ela mudou meia hora depois, e quando olhei para baixo, meu pulso disparou de preocupação. Rosto pálido, olhos vidrados – ela estava prestes a cair. — Estou bem — ela disse quando liguei para Rhea. A mulher mais velha entrou correndo na sala, o rosto cheio de preocupação. — Fique. — Pen agarrou minha manga com sua mãozinha. — Eu nunca consigo ver você.

Apesar de suas palavras, sua voz se transformou em um sussurro no final. A noite tinha cobrado seu preço, e foi uma prova de seu cansaço que ela não discutiu novamente quando eu lhe dei um beijo de despedida na testa.

— Nós nos veremos novamente em breve — eu disse ferozmente. — Eu prometo.

Gostaria que tivéssemos mais tempo juntas, mas a saúde de Pen vinha antes de tudo.

Rhea e eu a levamos para o quarto, onde ela caiu instantaneamente. Eu esperava que ela dormisse a noite toda. Caso contrário, amanhã seria difícil.

Alisei seu cabelo para trás, minha garganta entupida de emoção. Outra visita que terminou cedo demais. Nosso tempo juntas nunca durava tanto quanto eu gostaria, mas pelo menos eu a via. Era o melhor que eu poderia ter pedido, dadas as nossas circunstâncias.

— Que bom que ela conseguiu ver você um pouco esta noite — disse Rhea depois que voltamos para a sala de estar. — O Sr. e a

Sra. Kensington não passaram muito tempo com ela antes de saírem.

Claro que não. Meu pai e minha madrasta consideravam a condição de Pen uma vergonha e a mantinham longe do público tanto quanto possível.

— Obrigada por me avisar sobre esta noite — eu disse. Rhea me ligou na semana passada e me disse que estariam em Londres. George e Caroline jantaram e tinham reservas para um show hoje à noite, o que me deu uma janela grande o suficiente para ver Pen. — Eu aprecio-

— ... absolutamente *terrível*. — Uma voz familiar do lado de fora da porta nos parou e fez meu estômago embrulhar. — Honestamente, George, nunca comi uma lagosta tão péssima.

Rhea e eu nos entreolhamos, seus olhos enormes espelhando os meus. — Eles não deveriam voltar antes de duas horas.

Sua boca tremia. — Se eles virem você...

Estaríamos acabadas. Rhea amava Pen como uma mãe. Se ela fosse demitida, as duas ficariam arrasadas, e se eu não pudesse mais ver Pen...

*Faça alguma coisa.* CEOs e celebridades me pagavam quantias exorbitantes de dinheiro para guiá-los em momentos difíceis, mas uma estranha dissociação prendeu meus pés no chão. Era como se eu estivesse assistindo a um ator me interpretar no quarto de hotel enquanto meu verdadeiro eu descia por um túnel de memórias indesejadas.



*Namorar você é como namorar um bloco de gelo... nem sei se você gosta de mim...*

*Você pode culpá-lo pelo que ele fez?*

*Se você realmente se importasse tanto, você choraria ou demonstraria alguma emoção.*

*Não nos envergonhe, Sloane.*

*Se você sair por aquela porta, não há como voltar.*

A pressão empurrou a parte de trás dos meus olhos, desesperada por uma saída. Como sempre, não encontrei nenhuma.

Uma chave zumbiu no leitor de cartões da suíte.

*Mova-se! Uma voz dentro da minha cabeça gritou. Você é estúpida?*

*Você vai ser pega.*

O clique suave da porta sendo destrancada finalmente me tirou do transe e me colocou no modo de gerenciamento de crises.

Eu não pensei. Eu simplesmente agarrei meus saltos ensanguentados na entrada, examinei a sala em busca de qualquer rastro que pudesse ter deixado para trás e, satisfeita por não haver nenhum, abaixei-me atrás das cortinas do chão ao teto.

A porta se abriu, revelando um vislumbre de cabelos grisalhos antes de eu me acomodar completamente atrás do grosso veludo vermelho. Minhas palmas se curvaram, escorregadias de suor.

Eu não tinha planejado encontrar minha família hoje. Eu não estava mentalmente preparada para isso e, embora não fosse uma

peessoa particularmente religiosa, rezei com tudo o que tinha para que eles estivessem cansados demais para fazer qualquer coisa, exceto dormir direto.

— Devíamos ter mantido nosso lugar normal. — O tom cortante de Caroline ecoou no ritmo de seus saltos. — Isso é o que acontece quando você dá uma chance às chamadas estrelas em ascensão, George. Eles raramente estão à altura.

— Você tem razão. — A voz profunda e familiar do meu pai ressoou através de mim como um trovão numa noite de sexta-feira, quando eu estava deitada na cama com um livro e uma lanterna. Partes igualmente reconfortantes e ameaçadoras, isso destruiu a parede que eu havia erguido há muito tempo, até que um pedaço de nostalgia escapou.

Já se passaram anos desde que ouvi sua voz pessoalmente.

— Da próxima vez iremos ao clube — disse ele. — Rhea, peça serviço de quarto para nós. Quase não comemos nada no restaurante.

— Sim, senhor.

— E *por que* as cortinas estão abertas? — A voz de Caroline ficou mais alta. — Você sabe que elas devem ser fechadas imediatamente ao pôr do sol. Deus sabe quem poderia estar olhando agora.

*Ninguém, porque você está no décimo segundo andar e não está de frente para nenhum outro prédio.*

Minha resposta mental sarcástica não impediu que o gosto de cobre enchesse minha boca quando os passos de minha madrastra

pararam na minha frente. Fiquei paralisada, olhando para a faixa de veludo que era a única coisa que me separava do desastre.

*Não olhe atrás das cortinas. Não olhe atrás-*

Ela agarrou as cortinas com uma mão. Encostei as costas na janela, mas ela estava a centímetros do meu rosto e eu não tinha para onde ir.

*Baque. Baque. BAQUE.*

O tambor sinistro do meu batimento cardíaco se intensificava a cada segundo que passava. Eu já estava elaborando vários planos alternativos para o que diria, o que faria e quem contrataria para ajudar se Caroline me encontrasse e enviasse Pen para algum local remoto onde eu não pudesse vê-la.

A mão de Caroline apertou as cortinas. Por um momento de parar o coração, pensei que a brincadeira havia acabado.

Depois de fechar as cortinas, escondendo-me completamente, retomou as reclamações sobre o jantar dessa noite.

— Honestamente, não sei como a *Vogue* poderia tê-lo nomeado um dos melhores novos chefs do ano... — O som dos saltos dela desapareceu junto com a resposta murmurada do meu pai e o clique de uma porta se fechando.

Nenhum deles perguntou sobre Pen nem reconheceu Rhea novamente.

Meu corpo cedeu, leve de alívio, mas quando Rhea puxou as cortinas, não perdi tempo vagando. George e Caroline poderiam voltar a qualquer minuto.

Apertei a mão de Rhea em um adeus silencioso e escapei pela porta da frente. Ela sorriu, seus olhos preocupados, e não respirei direito até chegar à calçada em frente ao hotel.

O choque de estar inesperadamente no mesmo quarto que meu pai novamente me desorientou por alguns minutos, mas o ar fresco de outubro derramou-se sobre mim como uma chuva de gelo e, quando cheguei à esquina, o zumbido havia desaparecido dos meus ouvidos e as luzes da rua não se confundiam mais em um fluxo laranja.

*Estou bem. Isso é bom.* Eu não fui pega, passei um tempo com Pen no aniversário dela e agora eu poderia...

Meu telefone tocou com um alerta de notícias.

Olhei para ele, meu estômago embrulhando logo que vi o logotipo característico do blog de Perry Wilson.

Cliquei no artigo e uma névoa vermelha dissipou qualquer desconforto persistente sobre minha fuga do hotel.

*Só pode estar brincando comigo.*

Duas horas. Deixei-o sozinho por *duas* horas e ele ainda não conseguiu seguir instruções simples.

Enfiei meu telefone na bolsa e chamei um táxi que passava. — Néon. — Bati a porta, fazendo o motorista estremecer. — Eu lhe darei a maior gorjeta do mês se você me levar lá em dez minutos.

Cada segundo contava quando eu tinha um cliente para estrangular.



## CAPÍTULO 4

### *Sloane*

Os jornais da sociedade os chamavam de The Modern Jet Set<sup>2</sup>. As colunas de fofocas mais lixo os ridicularizavam como Herdeiros e Sobressalentes – os filhos dos ricos que desperdiçavam seus dias bebendo e festejando em vez de fazer algo útil em suas vidas. Eu simplesmente os chamava de Xavier e Amigos (depreciativo).

Oito minutos depois de sair do hotel de Pen, entrei com força na Neon, onde Xavier e amigos haviam assumido a sala VIP. A cena era quase uma réplica das fotos publicadas na última postagem do blog de Perry Wilson.

Um dos amigos de Xavier estava cheirando cocaína na barriga de uma garota, outra estava dando uma lap dance para alguém e um casal meio vestido estava basicamente fazendo sexo em um canto.

Relaxando em meio ao hedonismo como um rei examinando sua corte estava Xavier, um braço jogado sobre o encosto de uma banquetta de veludo enquanto o outro segurava uma garrafa de tequila.

Xavier, que deveria estar na gala de premiação que acontecia neste exato segundo.

---

<sup>2</sup> Expressão usada para pessoas ricas que viajam pelo mundo apenas para se divertir.

Xavier, que precisava desesperadamente de mais limpeza de imagem do que o normal depois do artigo de sucesso de Perry Wilson sobre sua festa de aniversário que enlouqueceu em Miami, alguns meses atrás.

Xavier, que me prometeu que não pisaria em uma boate até consertarmos sua imagem.

Mal senti a dor nos pés enquanto caminhava em direção à banquetta e parava bem na frente dele, bloqueando sua visão da multidão. As mulheres que esvoaçavam ao redor dele deviam ter percebido minha intenção de matar, porque se espalharam mais rápido do que folhas caindo em um dia tempestuoso.

Xavier tomou um longo gole de tequila antes de se dirigir a mim. — Primeiro Mykonos, agora isso. — Um sorriso lento se espalhou por seu rosto. — Você está me perseguindo, Luna?

— Se eu estivesse, você tornaria tudo mais fácil. — Levantei meu telefone, que exibia uma foto sinistra de Xavier tomando uma dose enquanto uma linda loira montava em seu colo. *Herdeiro de Castillo dispensa gala em homenagem a seu pai moribundo!* — Sem boates até consertarmos sua imagem, e você deveria ficar durante toda a gala. Esse foi o nosso acordo.

— Não, nosso acordo era que eu ficasse durante toda a *cerimônia*, o que fiz. A cerimônia e a gala não são iguais. Quanto à coisa da boate... — Um encolher de ombros casual. — Talvez você devesse ter escrito.

Peguei a bebida da mão dele. O que eu *realmente* queria era agarrá-lo e sacudi-lo, mas estava atenta às câmeras *secretamente*

apontadas para nós. As pessoas eram menos discretas do que pensavam.

— Levante-se — falei com os dentes cerrados. — Vamos voltar para o hotel. — *Onde posso colocar algum sentido em você em paz.*

— Como foi seu encontro? — Xavier ignorou minha ordem e olhou para meu rosto, para meu vestido e para meus pés. Um pequeno beliscão se formou entre suas sobrancelhas.

— Fantástico. — Eu não dissipei sua suposição de por que eu tinha saído mais cedo da festa de gala. — Menos fantástico foi receber outra notificação de Perry Wilson sobre você.

Um estranho brilho de satisfação apareceu em seus olhos. — Isso interrompeu sua noite? — ele perguntou suavemente. — Meu erro.

Mantive minha expressão neutra enquanto mudava de posição e pisava cuidadosamente em seu pé com um estilete afiado. A mesa escondia o que eu estava fazendo de olhares indiscretos, então, à distância, parecia que não havia nada de errado.

A arrogância de Xavier desapareceu instantaneamente sob uma careta. — Você tem trinta segundos para se levantar ou perderá não apenas um dedo do pé, mas uma parte muito mais importante da sua anatomia. — Inclinei a cabeça e bati um dedo na garrafa de tequila. — Você sabia que existem tutoriais online para tudo? Incluindo como castrar um invasor doméstico com utensílios domésticos comuns.

Para seu crédito, ele não vacilou ao ouvir a palavra *castrar*. — Deixe-me adivinhar. Você assistiu todos eles, superestimado. —

Ele se afundou ainda mais em seu assento e olhou para mim com uma indiferença encapuzada. — Relaxe, Luna. É sexta-feira à noite. Tire o pau da sua bunda e divirta-se um pouco.

Um músculo se contraiu sob meu olho. *Não morda a isca.* — Não estou aqui para me divertir. — Saiu quase como um rosnado.

— Obviamente. — Xavier me deu outra olhada. — É uma pena que você esteja desperdiçando um vestido perfeitamente bonito em um final de noite tão chato. Falando nisso, como foi o seu encontro por você ter saído mais cedo?

— Parece ser de seu interesse fazer o que eu digo. — Pisei mais forte em seu pé, um sorriso brilhando em sua careta renovada. — Como estou tendo uma noite tão *chata*, fico tentada a apimentar as coisas. É claro que não posso garantir que minha ideia de diversão corresponda à sua, especialmente quando você está cercado por amigos e as chances de constrangimento são altas. — Meu sorriso desapareceu. — Fique tranquilo, vou *arrastá-lo* para fora daqui como se você fosse uma criança insolente fazendo birra, e não, não me *importo* se sou eu quem terá que limpar a bagunça depois. Valeria a pena pelas merdas que você receberá de seus amigos pelo resto de seus dias. Então, a menos que você queira que isso aconteça, levante-se.

Xavier ouviu meu discurso sem qualquer sinal de preocupação. Depois que terminei, ele bocejou, esticou o outro braço sobre o encosto da banquetta e lançou um olhar penetrante para o salto que empalava seu sapato de cinco mil dólares. — Não consigo me levantar a menos que você me deixe ir, querida.



Não tirei os olhos dele quando o soltei, suspeitando de sua súbita reverência.

Ele se desdobrou da banquetta e olhou para mim, com um brilho de diversão voltando aos seus olhos. Mesmo usando meus Jimmy Choos, ele se elevava uns bons sete centímetros acima de mim.

Eu odiava isso.

— Em minha defesa, cumpri minha parte em nosso acordo — disse ele. — Como falei, a cerimônia e a gala são duas coisas diferentes. A cerimônia terminou quando Eduardo encerrou seu discurso, o que também aconteceu quando *você* saiu. Portanto, não tente usar isso como desculpa para desistir de nossas férias.

— Isso é semântica.

— Talvez — ele falou lentamente. — Mas também é a verdade.

— E quanto à sua promessa de não ir a baladas até consertarmos sua imagem?

— Minha imagem *foi* corrigida. Não houve uma única história ruim sobre mim durante semanas. — Os olhos de Xavier brilhavam de tanto rir. — Você nunca especificou sua definição de *imagem corrigida*, Luna. Não é minha culpa se temos ideias diferentes sobre o que isso significa.

*Deus*, ele era insuportável. Ainda mais irritante era o fato de ele estar certo, mas eu preferiria me jogar do Big Ben do que admitir. — Cale a boca e me siga — rebati, desejando ter uma resposta mais espirituosa.

— Sim, senhora. — Suas bochechas formaram covinhas. — Eu amo uma mulher no comando.

Ignorei a insinuação sexual e me virei. Ele me seguiu até a saída sem se despedir dos amigos.

Eu não sabia se ele estava cansado de discutir comigo ou se eu realmente o assustei com a ameaça de constrangimento – eu duvidava disso – e as razões para sua reviravolta não importavam. As únicas coisas que importavam era se ele me ouviria e ficaria longe de problemas.

— Qual é a história por trás da pulseira? — ele perguntou enquanto descíamos o elevador.

— Com licença?

— A pulseira. — Xavier apontou o queixo em direção à pulseira da amizade em meu pulso. — Você não estava usando isso na festa de gala.

Meus músculos se contraíram. Apenas minhas melhores amigas sabiam das minhas visitas a Pen, e não havia como adicioná-lo a esse círculo de confiança.

— Foi um presente. — Eu não elaborei.

— Hum. — Uma sombra de conhecimento passou por seu rosto. Para alguém que tinha bebido a noite toda, ele era surpreendentemente observador.

Felizmente, ele não insistiu no assunto e caminhamos em silêncio o restante da distância até a saída principal.

No entanto, eu deveria saber que a paz não duraria.

— Novos termos — disse ele quando subimos no banco de trás de um táxi. — Você não pode ser uma desmancha-prazeres quando estivermos de férias.

— Então não me leve com você. — Respondi a um e-mail de trabalho sobre um novo cliente em potencial sem olhar para cima. Ainda era horário comercial em Nova York.

— Boa tentativa. Para alguém que está me perseguindo, você não parece gostar muito da minha companhia. — Ele colocou a mão no peito com um olhar fingido e ferido. — Isso machuca minha alma. Verdadeiramente.

— O que doeria mais seria ser deserdado.

Xavier herdaria bilhões de dólares se e quando seu pai morresse. No entanto, sua renda atual provinha de um extravagante subsídio anual que cessaria imediatamente se ele violasse um dos dois termos: 1) Ele deveria me manter como sua publicitária e 2) Ele não poderia fazer nada que prejudicasse a reputação da família.

Havia uma política de três falhas para a segunda condição e, de alguma forma, eu estava encarregada de determinar se Xavier estava em conformidade. Ele criou um inferno quando descobriu sobre isso, mas desde então se estabeleceu em uma aceitação relutante.

Eu não abusava do meu poder. No entanto, eu estava *perto* de acrescentar um segundo golpe ao seu histórico (o primeiro foi em seu aniversário de 29 anos em Miami).

— Talvez — disse Xavier, parecendo despreocupado. — Independentemente disso, você não pode fazer isso nas férias. — Ele acenou com a cabeça para o meu telefone.

— O quê, verificar meus e-mails?

— Exatamente. Férias não são férias se você trabalha o tempo todo.

Eu zombei. — Se você acha que vou passar uma semana inteira sem verificar meus e-mails, você está delirando mais do que eu pensava. Administro um negócio, Xavier, e se você me quiser na Espanha, então concordará com meus termos.

— Entendo. — Ele levantou uma sobrancelha. — Eu nunca considereei você uma mentirosa, Sloane. Nossa viagem nem começou e você já está voltando atrás em sua palavra.

Ele poderia muito bem ter me dado um tapa na cara. — *Com licença?*

Fui chamada de muitas coisas em minha vida, mas nunca fui chamada de mentirosa. Claro, às vezes podia ter distorcido a verdade – qual publicitário digno de nota não o fazia? –, mas quando se tratava de promessas, cumpria as minhas. Sempre.

Essa foi uma das razões pelas quais concordei com esse acordo estúpido com Xavier em primeiro lugar. Eu prometi a Pen que a veria esta noite, e a única maneira de fazer isso seria cedendo às suas exigências.

— Sem trabalho, apenas diversão — disse ele. — Lembro-me claramente de que esse foi um dos termos quando você concordou



com eles. Verificar e-mails é considerado trabalho, o que significa que você estaria descumprindo sua promessa.

Droga, ele estava certo. *De novo*. De alguma forma, eu bloqueei essa condição do nosso acordo, mesmo porque era muito absurda. Não podia ignorar minhas mensagens por uma semana, mas também não podia voltar atrás em minha palavra.

— Eu proponho uma emenda — falei com firmeza. — Posso verificar meus e-mails *pessoais* a qualquer momento e posso verificar meus e-mails de trabalho se tudo o que fizer for delegá-los à minha equipe.

Os olhos de Xavier se estreitaram. Várias batidas se passaram antes que seu rosto relaxasse em um sorriso novamente. — Emenda aceita. Agora-

— *Aham*. — O motorista o interrompeu antes que ele pudesse terminar a frase. Aparentemente, ele estava cansado da nossa conversa — Para onde? — ele perguntou incisivamente.

Xavier e eu respondemos ao mesmo tempo. — Claridge's.

— Aeroporto de Stansted.

— Você me prometeu férias — disse Xavier quando olhei para ele. — É hora de colocar seu dinheiro onde está sua boca.

— Chegamos literalmente a Londres há algumas horas e só partiremos para Espanha amanhã.

Tanta viagem em um dia me dava vontade de morrer. — Verifique seu relógio. Meia-noite e cinco.

De fato, era meia-noite e cinco. Continuava sofrendo perdas esta noite.

*Nota para mim mesma: no futuro, especifique um horário de partida e não apenas um dia de partida.*

— Minha bagagem está no meu hotel. Eu preciso pegar — eu disse, tentando protelar.

— Já resolvido. — Ele ergueu o telefone. — Acabei de mandar uma mensagem para o funcionário do hotel. Nossa bagagem estará nos esperando no jato quando chegarmos.

— É tarde demais. — Procurei outra desculpa para atrasar a viagem. — É perigoso voar neste momento.

Xavier não se dignou a reconhecer minha declaração ridícula.

Os voos noturnos decolavam depois da meia-noite o tempo todo.

O motorista do táxi se virou para nos encarar. — Claridge's ou Stansted? — ele demandou. — Eu não tenho a noite toda.

— Stansted. Desculpe, meu homem. — Xavier empurrou um punhado de notas para o banco da frente. — Agradeço.

Acalmado, o outro homem pegou o dinheiro e saiu em disparada.

Imaginava que não era a única a subornar motoristas quando a ocasião exigia.

— Relaxe, Luna. — Xavier riu enquanto seguíamos pelas ruas quase vazias em um ritmo alucinante. — Você está oficialmente fora do horário de trabalho na próxima semana. Aprecie.

Apertei meus lábios.

*Tudo o que tenho que fazer é passar a semana sem escorregar.*

Eu não tinha certeza de como seria *escorregar*, mas um pressentimento avançava sob minha pele à medida que nos aproximávamos do aeroporto.

Eu não sabia o que aconteceria quando não tivesse trabalho para me proteger, mas se Xavier pensava que poderia me enganar para baixar a guarda na Espanha, ele tinha outra coisa vindo.

Férias ou não, eu ainda era eu. Eu não deixava as pessoas verem além do que queria que elas vissem, e nada mudaria isso – nem mesmo uma semana forçada de folga com meu cliente inimigo.



## CAPÍTULO 5

*Xavier*

Sloane e eu voamos para Maiorca em silêncio. Eu poderia dizer que ela estava planejando minha morte o tempo todo, mas felizmente todos os objetos pontiagudos permaneceram livres de sangue quando pousamos.

A essa altura, estávamos tão cansados que ela não discutiu sobre dividir uma villa comigo, e eu não protestei quando ela ocupou a suíte principal. Fiquei simplesmente feliz por cair na cama e desmaiar.

Apesar da minha exaustão, foi um sono agitado, atormentado por repetições do mesmo sonho. Eu estava atravessando uma ponte com Hershey, meu labrador cor de chocolate de estimação desde a infância, mas cada vez que chegava à metade do caminho, os espaços entre as tábuas aumentavam. Não importava o quanto eu tentasse pular a distância ou me agarrar ao corrimão, caíamos pela abertura. Mergulhava na areia movediça e observava impotente enquanto o rio ao redor levava meu amado cachorro embora.

Hershey morreu anos atrás de velhice, mas isso não importava para meu ‘eu sonhador’. A âncora esmagadora do fracasso pesava mais sobre mim do que a areia movediça.



A queda aconteceu repetidamente até que acordei, com o coração batendo forte e o corpo encharcado de suor.

Variações do sonho me assombraram durante anos.

Às vezes, eu estava com Hershey. Outras vezes, estava com minha mãe, um velho amigo ou uma ex-namorada. Quem quer que fosse, o resultado permanecia o mesmo.

Ficava preso vendo-os morrer.

— Foda-se isso. — Minha voz áspera afugentou alguns dos fantasmas enquanto eu jogava fora minhas cobertas.

Eram apenas oito. Geralmente eu só me levantava depois das dez, mas não conseguia mais ficar naquela cama.

Deixei o chuveiro tão frio quanto possível e lavei os restos da noite.

Foi apenas um sonho estúpido. Eu não deixaria isso arruinar minha viagem e com certeza não iria me aprofundar no que isso significava. A ignorância era uma bênção.

Esfreguei mais forte com o sabonete.

Quando me enxuguei e vesti uma camisa e uma calça, já havia encurralado meu desconforto nos cantos da minha mente, onde ele pertencia.

Fui para a cozinha, mas parei no meio do caminho quando um movimento chamou minha atenção.

Eu parei completamente.

Sloane estava se exercitando no deck traseiro, vestindo uma regata e calça de ioga. *Calça de ioga.*

Podia parecer normal ver alguém vestindo roupas de ginástica para se exercitar, mas essa era Sloane. Eu a conhecia há três anos e nunca, nem uma vez, eu a tinha visto em outra coisa que não fosse um vestido de noite ou roupa de negócios. Estava convencido de que ela dormia com aqueles ternos afiados que ela tanto gostava.

Aproximei-me, fascinado pela visão não natural.

Sloane mudou de uma pose de ioga aparentemente impossível para outra. A luz do sol dourou sua forma ágil e transformou seu cabelo dourado em uma auréola. Ela ainda não tinha me notado, o que significava que sua expressão não continha desdém, frustração ou aborrecimento geral.

Era... legal, mas também um pouco alarmante, como ver uma leoa sem as garras.

Seu telefone apitou com uma nova notificação. Minha boca se contraiu quando ela se equilibrou para poder digitar uma resposta com uma mão antes de voltar à posição original e fechar os olhos.

— Impressionante. — Não resisti a comentar. Encostei-me no batente da porta e enfiei a mão no bolso da minha calça de moletom. — Mas você sabe que o objetivo da ioga é relaxar, certo?

Os olhos de Sloane se abriram novamente. Sua cabeça girou para que ela pudesse olhar para mim. — Há quanto tempo você está parado aí? — ela exigiu.

*Ah, aquela irritação reconfortante. Vamos ver se conseguimos subir ainda mais, certo?*

— Tempo suficiente para ver você atender ao telefone. — Eu fiz uma careta de decepção. — É o primeiro dia e você já está quebrando as regras. Eu esperava mais de você.

Meu sorriso se alargou ainda mais quando ela se desdobrou, levantou-se e parou a centímetros de mim. De perto, pude ver manchas cinza em seus olhos azuis e sentir um vestígio de seu perfume. Era limpo e leve, como linho fresco com um toque de jasmim.

Eram coisas que eu não deveria notar em uma mulher que, na melhor das hipóteses, tolerava-me e, na pior, desprezava-me. Mas notei, e assim que as notei, não consegui parar de pensar nelas.

— Não eram regras — disse Sloane. — Foram condições mutuamente acordadas. Além disso, não era um texto de trabalho. Era pessoal.

— Deixe-me adivinhar. Foi do seu encontro da outra noite.

— Você está estranhamente obcecado por esse encontro.

Então foi um encontro. Eu não estava preparado para o pequeno pontapé no estômago, que mascarei com um encolher de ombros. — Nada de estranho nisso. Você é famosa por recusar homens.

— Sorte minha. Talvez eles entendam a dica e me deixem em paz.

Sloane abandonou sua sessão de ioga e passou por mim até a sala de estar.

Eu fui atrás dela. — Então, suas primeiras férias em anos. Quais são seus planos para o dia?

Eu fiz um palpite sobre a última vez que ela faltou ao trabalho, mas ela não me corrigiu, o que era muito triste. As pessoas poderiam me repreender por – não estar à altura do meu potencial –, mas pelo menos eu não estava preso à minha caixa de entrada e aos caprichos dos outros.

— Eu ainda não decidi. Talvez eu termine meu livro. — Seus olhos percorreram nosso ambiente luxuoso. A villa de três quartos ostentava piscina infinita, jacuzzi e acesso a uma praia particular, mas ela não parecia impressionada com tudo isso.

— O livro que você estava lendo no avião? — perguntei em descrença. — *25 princípios de comunicação de crise? Aquele livro?*

Rosa coloriu suas bochechas e a ponta do nariz. — É a última edição.

— Jesus. — A CIA não poderia me torturar para que eu lesse aquele livro, e ela estava fazendo isso por diversão.

Eu presumi que assim que ela chegasse a Maiorca, a ilha faria sua mágica e ela automaticamente se soltaria. Obviamente, não era esse o caso.

Se eu quisesse ver um lado diferente dela, teria que arrancar isso dela; caso contrário, ela passaria a semana enterrada em algum livro chato de não ficção e toda a viagem seria desperdiçada.

As chances de convencer Sloane a faltar ao trabalho novamente no futuro eram quase nulas, o que significava que esta era minha *única* oportunidade de tirá-la de sua zona de conforto.



Optei por não examinar por que fazer isso era tão importante para mim. Às vezes, era melhor não fazer perguntas para as quais não gostaria de obter respostas.

— Foda-se. Você está no melhor resort de Maiorca. Você precisa tirar vantagem disso. — Uma ideia surgiu na minha cabeça. — Eu tenho exatamente o que precisa. Vamos.

Sloane não se mexeu. — Não vou beber com você.

— Nem tudo que faço envolve festas. — Meu sorriso retornou perverso. — Você vai adorar isso. Prometo.



— Eu não amo isso. — O calor do olhar de Sloane rivalizava com a sensação de sessenta graus do ar quente que ondulava ao nosso redor. — Eu não amo isso de jeito nenhum.

— Veja, esse é exatamente o tipo de frustração em que estamos trabalhando hoje. — Inclinei-me para trás e entrelacei as mãos atrás da cabeça. — Vai ser difícil, mas vamos *tirar* esse pau da sua bunda.

Os olhos de Sloane se estreitaram e eu quase a revistei para garantir que ela não tivesse contrabandeado um grampo de cabelo que pudesse transformar em arma. Como isso seria rude e eu valorizava minha vida, mantive minhas mãos afastadas.

Depois de convencê-la a deixar seu ridículo livro de não ficção na villa, arrastei-a até o restaurante do resort para tomar café da

manhã, seguido de uma ida ao spa. Se alguém precisava de uma boa massagem, era ela.

Felizmente, o spa tinha um pacote disponível no último minuto. Infelizmente, era um pacote para casais, e foi assim que Sloane e eu acabamos juntos em uma sauna seca de iglu particular, dando início à primeira de muitas paradas em nosso ritual exclusivo de lua de mel.

Sloane resistiu muito, mas entre meu charme irresistível e a insistência firme, mas gentil, do concierge do spa, ela cedeu relutantemente.

— Isso é tudo que você faz nos seus dias? — Ela olhou ao redor da sala com painéis de cedro.

— Não. Eu também como, durmo e fodo. — Meus lábios se curvaram quando ela enrijeceu com a palavra *fodo*. — Se você tentar em algum momento, poderá ficar menos tensa. Novidade, Luna, suas dores de cabeça não são do seu cabelo. — Mesmo agora, seus cabelos loiros estavam penteados para trás em um coque apertado o suficiente para interromper a circulação. — É da tensão reprimida.

— Errado. Minhas dores de cabeça são por lidar com *você*. — Ela se mexeu e eu tentei não notar o jeito que a toalha dela escorregou – não o suficiente para revelar algo escandaloso, mas o suficiente para fazer minha imaginação correr solta. — Além disso, estou muito feliz com minha vida sexual, o que é mais do que suas colegas de cama podem dizer, tenho certeza. — Algo escuro e inidentificável se mexeu atrás da minha caixa torácica.

*Maldito café da manhã.* Eu deveria ter pensado melhor antes de comer o último pedaço de salsicha do bufê.

Era melhor não ter intoxicação alimentar, ou estaria processando o resort. — Elas nunca tiveram reclamações, mas isso é jeito de falar com um cliente? — falei lentamente.

— Você não é meu cliente. Sua família é. Você é apenas a troca de um dos meus contratos mais lucrativos.

— Ai. Leve uma garota para um spa de luxo e seja atacado verbalmente em troca. O decoro não existe mais.

Sloane revirou os olhos. — Tenho certeza de que há muitas mulheres aqui que ficariam felizes em acariciar seu ego. Nossa garçonete no café da manhã, por exemplo. Eu estava com medo de que ela fugisse com a rapidez com que ela estava olhando para você.

Um sorriso apareceu em meu rosto, apagando a dor de surpresa de seu comentário *de troca*. — Eu não sabia que você prestava tanta atenção em quem flertava comigo.

— Eu sou sua publicitária. É meu trabalho prestar atenção em tudo sobre você.

Meu sorriso se transformou em algo mais lento, mais lânguido. — *Tudo*, hein?

Eu quis dizer isso como uma piada, mas quando o olhar dela tocou o meu, o oxigênio diminuiu de uma forma que não tinha nada a ver com o calor.

Sloane era linda. Fato.

Eu estava fisicamente atraído por ela desde o momento em que nos conhecemos.

Outro fato.

Mas era uma atração de baixa intensidade, do tipo que eu poderia ignorar concentrando-me em outra coisa. Recentemente, porém, chegou ao ponto em que *não havia* mais nada.

Eu não sabia o motivo da mudança, mas sabia que nesse momento, enquanto estávamos sentados na sauna onde eu estupidamente insisti em entrar, olhei para ela e não consegui respirar.

Sloane engoliu em seco. Gotas de suor escorreram por sua garganta e desapareceram na sombra de sua toalha.

Ela não respondeu à minha insinuação, e o silêncio zumbiu sob minha pele como pequenos raios de eletricidade.

Se eu ficasse de pé, seriam necessários cinco passos para alcançá-la.

Se eu levantasse minha mão, levaria dois segundos para tocá-la. Se-

— Você nunca respondeu minha pergunta ontem. — Minha declaração abrupta quebrou o feitiço, mas meu pulso continuou acelerado e minhas mãos instintivamente se curvaram na borda do assento.

Porra, isso não era o que eu tinha em mente quando arrastei Sloane para a Espanha comigo. Eu gostava de flertar com ela, mas havia uma diferença entre flertar e... seja lá o que diabos aconteceu nos últimos dois minutos.



Ela piscou, aparentemente desconcertada pela mudança repentina na atmosfera. — Sobre o quê?

— Sua pulseira. — Ela usava a mesma pulseira da amizade da noite passada. Sloane era uma garota de Cartier; pulseiras de amizade não eram exatamente sua vibe. — Você saiu da gala sem ela e apareceu na Neon com isso. Se foi um presente do seu amante misterioso, talvez seja necessário fazer um upgrade. Encontrar alguém que possa comprar joias de verdade para você.

— É o pensamento que conta, não os quilates.

— As únicas pessoas que dizem isso são aquelas que não podem pagar quilates. — Mas mesmo o cara mais estúpido não presentearia alguém como Sloane com uma joia infantil. A menos que... — Quem você realmente foi ver? — perguntei suavemente.

O rosto de Sloane escureceu.

Não recebi resposta, nem esperava, mas podia adivinhar. Havia apenas um assunto que a fazia se fechar: sua família. Todos sabiam do afastamento dos Kensington. Eram produtos básicos da sociedade nova-iorquina, e barris de tinta foram derramados na disputa entre o magnata dos investimentos George Kensington III e sua filha mais velha. A causa dessa divisão tem sido objeto de especulação há anos.

Ela visitou sua família depois da festa de gala? Se sim, quem lhe deu aquela pulseira e por quê? Obviamente, tinha que ser alguém de quem ela gostasse ou ela não usaria, mas pelo que entendi, a separação dela da família foi feia. Ela não falava com outro Kensington há anos.

Os olhos de Sloane permaneceram nos meus, suas emoções inescrutáveis sob suas profundezas azuis invernais. Era como se ela estivesse se contendo fisicamente para não desviar o olhar, para que eu não confundisse o movimento com fraqueza.

Mal ela sabia que não havia *nada* que ela pudesse fazer que eu confundisse com fraqueza. Ela era uma das pessoas mais fortes que conhecia, e só um tolo pensaria o contrário.

Os minutos passaram. Quanto mais o silêncio se prolongava, mais eu queria cavar sob sua fachada estoica até chegar à verdadeira ela – aquela com falhas e inseguranças como todo mundo, não a CEO perfeita que ela projetava para o mundo.

*Vamos, Luna. Dê-me algo.*

Uma sombra cruzou seu rosto, e justamente quando pensei que ela daria algum tipo de resposta, o aquecedor desligou, indicando que nosso tempo na sauna havia acabado.

Pisquei, encerrando nosso olhar involuntário.

A expressão de Sloane endureceu novamente antes de ela se levantar e caminhar até a saída.

— Ok, boa conversa — falei, seguindo-a. Minha voz soou anormalmente alta depois do silêncio. — Apreendi muito sobre você. Obrigado.

— Foi você quem disse que esta viagem deveria ser relaxante. — Ela girou a maçaneta da porta. — Ser interrogada não é relaxante.

— *Interrogada* é uma palavra forte — murmurei. Mas era justo. Honestamente, eu não sabia por que me importava tanto com uma

pulseira estúpida. E daí se isso tivesse a ver com a família dela? Minha própria dinâmica familiar já era uma merda o suficiente sem que eu me preocupasse com a de outra pessoa.

— Você pode abrir a porta a qualquer momento agora — eu disse quando Sloane não se moveu. — Não quero perder um segundo da minha massagem.

Ela se virou e meu estômago embrulhou com sua expressão tensa. — Não posso — disse ela. — A porta está emperrada. Estamos presos.





## CAPÍTULO 6

*Sloane*

Na minha lista das piores maneiras de morrer, superaquecer seminua em uma sauna com Xavier Castillo estava em algum lugar entre a tortura medieval e ser comida viva por piranhas, e era por isso que isso *não* iria acontecer.

Tentei a alça novamente. Ainda presa. *Droga.*

— Se tivéssemos nossos telefones, poderíamos ligar para a recepção, mas não temos — murmurei. Era por isso que levava meu telefone para todos os lugares. Eu não me importava com o vício em telas; pelo menos poderia salvar minha vida se e quando a ocasião surgisse.

— Sloane.

— Não há nada pesado o suficiente para quebrar a porta, a menos que eu empurre você através dela. — *Tentador.*

Ele suspirou. — Sloane, há...

— Poderíamos *esperar* que alguém nos encontrasse no próximo horário, mas quem sabe quando isso acontecerá? O spa está lotado, mas isso não significa...

— Sloane! — Xavier agarrou meus ombros e me virou. — Existe um botão de emergência para essas situações.



Segui seu olhar até a parede. Com certeza, o botão estava ali, montado em um pedaço de madeira. Como diabos eu tinha perdido isso?

O constrangimento queimou minhas bochechas.

Eu culpei a sauna. Tanto calor em um espaço confinado não poderia ser saudável.

Consegui manter um pingo de dignidade enquanto apertava o botão, principalmente ignorando o sorriso de merda de Xavier.

A equipe veio rapidamente depois disso, evitando nossa possível morte. No entanto, embora não estivéssemos mais em perigo, a possibilidade de morrer ao lado de Xavier – por mais passageira que fosse – não era um bom presságio para o resto da viagem.

— Acho que é um ótimo começo de semana — disse ele enquanto caminhávamos para a massagem para casais. A concierge do spa se desculpou tanto pelo bloqueio da sauna que acrescentou meia hora extra ao nosso tratamento. — Nós sobrevivemos à morte. Só pode subir a partir daqui.

Eu o empurrei para um arbusto próximo.

Foi pura mesquinhez da minha parte, mas me senti bem. Se não fosse por ele, eu estaria feliz no meu escritório em Nova York, apagando incêndios em vez de *relaxar*.

Para meu descontentamento, Xavier não caiu; ele simplesmente tropeçou na sebe e sua risada nos seguiu até nossa sala de massagem, onde fiz questão de não olhar para ele enquanto nos despíamos. Eu já o tinha visto seminu na sauna, mas era

difícil ignorar os vislumbres de pele bronzeada e músculos esculpidos com o canto do olho.

O fato de ele ter sido construído como um deus grego, quando não fazia nada além de relaxar e festejar, provava que não havia justiça no universo.

Nós nos acomodamos em nossas respectivas mesas em silêncio. Eu não conseguia vê-lo, mas podia *senti-lo* a meio metro de distância. Sua presença enchia a sala, desenterrando memórias de nossa curta, mas enervante aventura na sauna.

Houve um momento, apenas um, em que olhei para Xavier e meu coração disparou.

*Quem você realmente foi ver?*

Houve também um momento, apenas um, em que quase respondi com sinceridade. Talvez tivesse sido a falta de julgamento em seu rosto... ou talvez o calor tenha derretido meu cérebro. Isso era muito mais provável.

Minhas pálpebras se fecharam quando nossos massoterapeutas entraram na sala e resolveram nossos nós, mas eu não conseguia desligar meu cérebro. Quantos e-mails se acumularam na minha caixa de entrada na última hora?

Eu nunca fiquei tanto tempo sem verificar meu telefone. E se meu escritório estivesse pegando fogo? Essa era a vantagem de trabalhar em um arranha-céu. Você estava sujeito à idiotice de outros inquilinos, muitos dos quais não entendiam os princípios básicos da segurança contra incêndio.

Falando em idiotice, e se Asher Donovan batesse outro carro? Jillian se lembrou de enviar a Ayana nossos termos de compromisso? Isabella estava alimentando The Fish<sup>3</sup> corretamente?

Isabella não era idiota, mas eu tinha instruções específicas para cuidar do meu peixinho dourado de estimação, e ela tendia a se perder em seu próprio mundo quando estava escrevendo um livro.

A ansiedade estimulou minha frequência cardíaca a um galope agitado. — Você está muito estressada — minha massagista disse suavemente. Suas mãos faziam mágica em minhas costas e ombros, mas a pobre mulher precisaria de uma semana inteira para afrouxar todos os meus nós.

— Eu sou de Nova York — falei como explicação. Todo mundo estava estressado. As únicas pessoas que não estavam eram os preguiçosos-

— Isso não é uma desculpa. — A interjeição de Xavier destruiu meu casulo de tentativa de felicidade. — Sou de Nova York e não ando por aí com dores de cabeça todos os dias.

Levantei a cabeça para encará-lo, mas o *tsk* da minha massagista me forçou a recuar. — Em primeiro lugar, você não é de Nova York. Você é de Bogotá. Em segundo lugar, você não sabe nada sobre minha saúde. Em terceiro lugar...

— Vire-se, por favor — disse a massagista.

---

<sup>3</sup> O Peixe.

Obedeci com mais força do que o necessário. — *Terceiro*, você não fica estressado porque não faz nada. Você apenas fica aí sentado, gasta o dinheiro da sua família e fica bonito.

Foi duro, mas um garoto de fundo fiduciário me dando um sermão foi minha gota d'água. Sim, também cresci com dinheiro e todos os privilégios que ele trazia, mas desisti disso quando deixei minha família. Tudo o que tinha agora, eu ganhei.

Xavier nunca teve que trabalhar por nada em sua vida. Ele não tinha o direito de criticar minhas escolhas, níveis de estresse ou qualquer coisa sobre mim.

— Então — ele disse — você me acha bonito.

— Você-

— Respire. — Minha massagista pressionou meus ombros. — É isso. Libere a tensão de seus ombros...

Seu tom gentil suavizou lentamente as bordas da minha irritação. Respirei fundo e engoli uma resposta amarga.

Eu me orgulhava de manter a postura o tempo todo, mas Xavier era a única pessoa que conseguia me fazer perder a calma.

— Sêrio, você tem dinheiro suficiente para recuar e deixar sua equipe tomar as rédeas — disse ele. — Por que se matar no trabalho?

*Não morda a isca.*

— Eu gosto do meu trabalho. — Em geral. Mas entre Xavier e Asher, que tinham uma queda por carros velozes e direção imprudente, eu estava levando as habilidades terapêuticas dos meus amigos ao limite.



Eu costumava ter uma terapeuta profissional (não massagista), mas ela se aposentou e odiei cada novo que experimentei depois dela. Talvez eu devesse retomar minha busca. Deus sabia que eu precisava de uma.

— O que você gosta sobre isso? — Xavier devia ter perdido o memorando de que as massagens deveriam ser *silenciosas*.

— Tudo.

— Besteira. Você não gosta de mim.

Sua resposta foi tão franca e inesperada que quase sorri.

Quase.

— Tudo bem. Gosto de consertar as coisas. Resolver problemas que ninguém mais consegue resolver. — A gestão de crises era apenas parte do meu trabalho, mas me dava a maior emoção. Escrever comunicados de imprensa e gerenciar relações com a mídia era bom, mas eu poderia fazer essas coisas enquanto dormia.

— Então você gosta de ser necessária.

Virei a cabeça antes que a massagista pudesse me impedir. Xavier encontrou meu olhar com um olhar conhecedor e... lá estava ele de novo. Um pequeno salto no meu peito, seguido pela sensação enervante de que ele podia ver além dos escudos que construí cuidadosamente ao longo dos anos.

Então pisquei e o momento passou.

Olhei para frente novamente e esperei meu batimento cardíaco normalizar antes de falar. — Você não fica entediado de não fazer nada?

Não mencionei a perspicácia de sua observação ou a verdade por trás dela.

Eu esperava que Xavier ignorasse minha pergunta com sua habitual frieza, mas ele respondeu com surpreendente honestidade.

— Às vezes — disse ele, soando estranhamente moderado. — Mas sou bom em não fazer nada, então continuo firme. É melhor do que estragar tudo.

Fechei os olhos, ouvindo o leve barulho das ondas do lado de fora da janela e a respiração profunda e constante do homem ao meu lado.

Não conversamos novamente depois disso.



Três horas, um tratamento facial, um almoço e um banho de aromaterapia extremamente estranho para dois depois, saí do spa um pouco menos estressada do que quando entrei.

Eu odiava admitir, mas o dia ajudou. Até parei de me preocupar com minha caixa de entrada negligenciada no meio do caminho, ignorando Xavier enquanto flutuávamos juntos em uma banheira com aroma de lavanda.

Nenhum de nós mencionou nada substancial depois da nossa conversa sobre massagem, mas fiquei pensando no que ele havia dito.

*Sou bom em não fazer nada, então persisto. É melhor do que estragar tudo.*

Xavier estava desmotivado, mas não era burro. Se tentasse, provavelmente conseguiria andar em círculos em torno das pessoas sentadas na sala de reuniões do Grupo Castillo. Além disso, ele tinha uma ampla reserva de dinheiro e conexões.

Por que ele teria tanto medo de estragar tudo se *não* tentava? Lancei um olhar de soslaio para ele. Ele não fez nenhuma piada em nossa caminhada de volta para a villa, mas minha preocupação com seu silêncio deu lugar ao horror quando chegamos em casa para passar a semana. — O que...? — Minha boca se abriu enquanto eu olhava para o prédio extenso.

Quando saímos naquela manhã, era um oásis tranquilo de pedras claras e janelas do chão ao teto. Agora, parecia uma casa de fraternidade. A música espanhola soava nas profundezas do interior, e o cheiro de bebida dominava as flores silvestres que cercavam a entrada.

Uma linda morena de biquíni correu pela porta entreaberta e gritou quando um sósia de Chris Hemsworth a encharcou de champanhe. Gritos e risadas ecoaram nas profundezas da villa, seguidos pelo barulho de alguém pulando na piscina.

— Xavi! Aí está você! — gritou o sósia de Hemsworth. — Espero que você não se importe por termos começado a festa sem você.

Eu me virei e olhei para Xavier.

— Esqueci de mencionar que meus amigos estão se juntando a nós. — Ele teve a graça de parecer envergonhado. — Um deles

acabou de terminar com a namorada. Estamos tentando fazê-lo se sentir melhor.

Ele estava *brincando* comigo?

— Ele pode se sentir melhor em sua própria villa. Este é um espaço compartilhado. — Apontei para o prédio e tentei respirar através da raiva borbulhante em meu peito. — Eu não consenti que um bando de estranhos invadissem meu quarto de hotel durante a semana. Acabe. Com. Isso.

— Eu faria isso, mas meus amigos são, hum, *difíceis* de desalojar depois que eles se acomodam em uma festa. — Xavier encolheu os ombros. — Seria um desperdício de energia. Confie em mim.

Os nós que meu massoterapeuta passou noventa minutos amassando retornaram com força total.

— Já que eles são *seus* amigos, isso soa como *seu* problema. — Uma dor de cabeça martelava os lados do meu crânio. — Juro por Deus, Xavier, se eles não saírem daqui nos próximos quinze minutos, vou chamar a polícia e prendê-los por invasão.

— Não pense que isso vai dar certo. Uma delas é sobrinha do presidente. — Xavier fez uma pausa. — Presidente da Espanha — esclareceu.

— Então o *presidente* pode vir aqui e salvá-la. — Apontei um dedo em seu peito, tão chateada que mal conseguia ver direito. — Não foi com isso que concordei quando fizemos nosso acordo. Descubra uma maneira de consertar isso, ou vou embora no próximo voo.



Sua despreocupação desapareceu, substituída pelo que parecia ser um verdadeiro arrependimento. — Merda, desculpe, Luna. Sinceramente, esqueci disso... — Ele olhou para a villa. — Olha, vou fazer um novo acordo com você.

— Não.

Xavier continuou, implacável. — Deixe-os ficar hoje. Eu não estava brincando quando disse que é impossível movê-los depois que a festa começa. Já vejo duas pessoas desmaiadas no corredor. — Uma rápida olhada confirmou sua declaração. — Em troca, prometo não dar outra festa no próximo mês, a menos que você aprove.

— Isso não é um bom negócio — eu disse categoricamente. Ele devia me considerar um recém-nascido ingênuo.

— Dois meses.

— Não.

— *Três* meses. Vamos lá — ele persuadiu. — Pense em como seu trabalho seria muito mais fácil se você não tivesse que se preocupar com a possibilidade de eu colocar fogo em um bar ou ser pego pela polícia.

Apertei meus lábios. As festas de Xavier tendiam a ficar fora de controle. Toda a publicidade negativa que ele recebeu no passado estava ligada a uma de suas infames festas; se eu pudesse impedi-lo de hospedá-los em primeiro lugar, isso seria um fardo a menos para mim.

— Nenhuma festa não aprovada por seis meses — eu disse, decidindo-me. Desistir de uma tarde valeria a pena meses de paz

e sossego potenciais no futuro – esperava. — Estamos colocando isso por escrito, e seus amigos têm que sair hoje à meia-noite.

— Seis meses? Você está lo... — A boca de Xavier se fechou quando estreitei os olhos. — Tudo bem — ele murmurou. — Você tem um acordo.

— Bom. — Virei-me de volta para a villa e rezei para não ter cometido um grande erro. — Não acredito que você me convidou para uma viagem dolorosa com seus amigos.

— Ei, uma viagem pode servir a vários propósitos. Quanto mais melhor! — ele me chamou enquanto eu entrava.

Arrepios percorreram minha pele nas almofadas espalhadas pelo chão e nas garrafas de álcool meio vazias que lotavam todas as superfícies disponíveis. As bugigangas que eu havia reorganizado com perfeição geométrica naquela manhã estavam tortas, e homens e mulheres seminus estavam...

Oh, Deus. Eu *não* precisava ver isso.

Desviei os olhos do casal no sofá e me concentrei em um rosto familiar. — Luca?

Luca Russo piscou para mim do canto, sua surpresa refletindo a minha. — *Sloane?* O que você está fazendo aqui?

— Eu poderia perguntar a você o mesmo.

Luca era cunhado da minha melhor amiga Vivian. Segundo filho da enorme fortuna de produtos de luxo da família Russo, ele foi um dos pilares do círculo de Xavier até melhorar sua situação, alguns anos atrás, parar de festejar e começar a trabalhar para a

empresa de sua família. Aparentemente, ele desviou do caminho novamente.

— Estou aqui para consertar meu coração partido. — Ele caiu dramaticamente em sua poltrona. — Leaf e eu terminamos. Ela se mudou para uma fazenda de cabras no Tennessee.

— Ela não é vegana?

— Ela está lá para salvar as cabras.

— Oh. — Eu não conhecia Luca ou Leaf bem o suficiente para reunir mais do que um pingo de simpatia. Além disso, eu nunca gostei das vibrações hippies New Age da ex-namorada dele. — Que trágico.

Agora as pobres cabras teriam que aguentar o seu complexo de salvador. — Está bem. É por isso que estou aqui. Para me sentir melhor. — Ele tomou um gole de cerveja. — Ah, ei, Xavi.

Xavier veio ao meu lado. — Esqueci que vocês se conhecem. — Havia um tom estranho em sua voz, mas quando olhei para ele, ele se virou.

— Aqui. — Ele me entregou uma garrafa fechada de uma mesa próxima. — Tenho a sensação de que você vai precisar disso.



Eu não aguentava mais.

Depois que rejeitei a cerveja de Xavier, fiz para ele um contrato redigido às pressas para nosso último acordo, tranquei-me no

quarto, li sobre o sexto princípio da comunicação de crise e confirmei com o resort e todos os outros resorts num raio de oito quilômetros que não havia quartos disponíveis para passar a noite, desisti de tentar fingir que Xavier e amigos não existiam.

Queria ficar no meu quarto, mas não conseguia parar de pensar no que Xavier disse durante a massagem.

*Então você gosta de ser necessária.*

Quem não gostava de ser necessário? Ser necessário significava que éramos bons e bons *em* alguma coisa. As pessoas não deixavam aqueles de que precisavam. Não era o mesmo que ser amado, mas era melhor que nada.

Havia muita coisa para desfazer as malas aqui, mas como eu não tinha vontade de fazer isso, finalmente saí e me juntei à festa, pelo menos para não ter que ficar sozinha com meus pensamentos.

As festividades migraram da nossa sala para a praia particular após o pôr do sol, e a fogueira facilitou a localização do centro da festa. As sobrelhas de Xavier se ergueram quando ele me viu, mas ele não me impediu de beber meu primeiro, segundo *ou* terceiro copo de sangria.

Se eu quisesse sobreviver à noite perto dele e de seus amigos, precisava estar (muito) bêbada.

Porém, apesar da minha presença, não participei da folia até que Luca me avistou e tentou me arrastar do assento perto da fogueira.

— Você tem que dançar — ele insistiu. — É uma das regras da ilha.



Eu não me mexi. — Regras foram feitas para serem quebradas.

— Eu não esperava um clichê de você, entre todas as pessoas.  
— Suas bochechas estavam vermelhas por causa do álcool e um brilho iluminou seus olhos.

A compreensão surgiu. Ele estava flertando comigo.

Com seu cabelo escuro e pele morena, Luca certamente era bonito o suficiente, mas procurei por qualquer lampejo de atração e não encontrei nenhum. Mesmo que eu *estivesse* atraída por ele, não tinha interesse em ser uma pessoa rebote.

— Gosto de surpreender as pessoas de vez em quando. — Olhei através da fogueira e encontrei o olhar de Xavier.

Ele estava imprensado entre a morena de antes e sua irmã gêmea. Ele parecia desinteressado no que elas estavam dizendo, mas quando me viu olhando, seu olhar se voltou para Luca antes de se virar para uma das gêmeas.

Ele me deixou sozinha desde que chegamos à praia, o que obviamente me deixou grata. Não era como se eu precisasse da companhia dele.

— Mesmo assim, você não pode ficar de fora ouvindo essa música. — A voz de Luca trouxe minha atenção de volta para ele.  
— É praticamente ilegal.

As gêmeas caíram na gargalhada com algo que Xavier disse. Suas covinhas brilharam e uma delas colocou a mão em seu braço.

Suprimi um revirar de olhos. Eu duvidava que qualquer coisa que ele dissesse fosse *tão* engraçado.

Tentei me desligar da festa ao meu redor e me concentrar no som das ondas, mas Luca continuou me incomodando até que minha dor de cabeça atingiu novos patamares e eu faria qualquer coisa, até mesmo uma maldita dança, para fazê-lo parar.

*Eu deveria ter ficado no meu quarto.*

— Pare de falar. — Levantei a mão, interrompendo-o no meio da frase. — Se eu dançar *uma* música, você irá embora?

Talvez isso tivesse sido um pouco rude, mas eu estava mal-humorada, irritada e quase bêbada o suficiente. Eu não estava com vontade de mimar os sentimentos de ninguém.

Luca pareceu não se incomodar com minha resposta incisiva. — Claro.

— Tudo bem. — Fiquei de pé, minha irritação aumentando quando as gêmeas riram novamente de outra coisa que Xavier disse. Você poderia pensar que ele era um show solo do *Saturday Night Live*, pela maneira como elas estavam agindo. — Mas primeiro preciso de outra bebida.

Luca e eu fomos até o bar da praia para tomar o coquetel exclusivo do resort, que felizmente era mais forte que a sangria. No entanto, meu entusiasmo renovado não foi suficiente para apagar minha autoconsciência quando chegamos à pista de dança improvisada.

Eu nunca fui uma grande dançarina. Tive as aulas de balé necessárias quando criança e parei quando Madame Olga me considerou uma de suas alunas *mais difíceis*. Tentei dança de salão quando era mais velha e não me saí muito melhor.

Quando eu saía com meus amigos, poderia me perder no nosso grupo e não me preocupar com o quão idiota eu parecia, mas não tinha Vivian, Isabella ou Alessandra para me proteger aqui. Éramos apenas eu, a música e uma dúzia de pares de olhos que estavam inexplicavelmente voltados para mim.

— Uau. — Luca meio riu, meio estremeceu quando acidentalmente pisei em seu pé. Ele me firmou com uma mão no meu quadril.

— Talvez não devêssemos ter tomado aquela bebida antes.

Minhas bochechas esquentaram. A música não tinha terminado e eu já me arrependia da minha decisão.

— Tudo bem. — Apesar da embriaguez, Luca percebeu meu constrangimento. — Aqui. — Ele colocou a outra mão no meu quadril. — Vamos tentar-

— Não se preocupe.

Minha coluna enrijeceu com a voz familiar atrás de mim.

— Vocês estão tão bêbados que terão sorte se não derrubarem um ao outro. — Um certo nervosismo percorria o tom afável de Xavier. — Por que você não fica sóbrio e volta?

Luca olhou para o amigo e depois para mim. Ele baixou as mãos e deu um passo para trás. — Boa ideia.

Cruzei os braços e não me movi enquanto Xavier se aproximava para me encarar. — Aqui eu pensei que você era perfeita em tudo. — A tensão desapareceu, substituída por uma cadência provocante. — Eu preciso dar aulas de dança a você. Não posso permitir que você me faça ficar mal na frente dos meus amigos. —

Ele trocou sua roupa anterior por uma camisa de linho branco e calça casual. Aqui, sob o brilho da luz do fogo, com o cabelo despenteado pelo vento e os músculos relaxados pela bebida e pelo relaxamento, ele era perturbadoramente, devastadoramente atraente.

Livre do peso da sobriedade, eu poderia até admitir que minha antipatia por ele provinha, em parte, da inveja. Como seria viver uma vida tão despreocupada todos os dias? Não me preocupar em ser percebida pelos outros ou em ser boa o suficiente, bem-sucedida o suficiente, *impactante* o suficiente para justificar minha existência?

Minha garganta secou antes de me livrar dos pensamentos indesejados. — Parece ruim? — Encobri o lapso momentâneo em minhas defesas com uma inclinação desafiadora do queixo. — Sou eu quem aparentemente não sabe dançar, não você.

— Podemos mudar isso. Disseram-me que sou um excelente instrutor.

— Duvidoso.

— Você sempre me subestima.

— E você sempre me provoca.

Ele deu de ombros casualmente. — Eu gosto quando você fica brava. Afinal, prova que você não é uma rainha do gelo.

Meu zumbido desapareceu rápido o suficiente para que eu sentisse o impacto de suas palavras.

*Se você não fosse uma rainha do gelo o tempo todo, talvez eu não tivesse procurado em outro lugar.*



*Ela é gostosa, mas aposto que é frígida na cama...*

*Pelo amor de Deus, Sloane, sorria. Por que você não consegue parecer feliz pelo menos uma vez?*

A pressão voltou. Um nó subiu na minha garganta, mas como sempre, meus olhos permaneceram secos.

Não admirava que as pessoas me chamassem de rainha do gelo. Eu não conseguia nem demonstrar emoção adequadamente.

Xavier devia ter notado a mudança repentina no meu humor, porque seu sorriso desapareceu. — Ei, eu não estava-

— Eu tenho que ir. — Passei por ele, meu peito apertado. Sua mão tocou meu ombro. — Sloane...

— Não me toque e *não* me siga. — Injetei minha frieza característica em minhas palavras. — Aproveite o resto da festa.

Dei de ombros e não parei de andar até me trancar no banheiro e ligar o chuveiro no máximo.

Eu não me importava por já ter tomado banho há algumas horas. Eu precisava de algo para abafar o barulho na minha cabeça.

Pressionei minha testa contra o azulejo e fechei os olhos.

Fiquei lá até o nó na garganta se dissolver e, enquanto gotas de água caíam em cascata pelo meu rosto, fingi que eram lágrimas.



## CAPÍTULO 7

*Xavier*

Eu não dormi bem pela segunda noite consecutiva.

Em vez do sonho da ponte, fui assombrado por imagens do rosto de Sloane antes de ela partir ontem à noite.

O que diabos eu disse de errado? Ela geralmente aceitava meus comentários com calma e nunca abandonava uma conversa quando eu estava em vantagem.

Ela não poderia estar tão chateada com uma piada estúpida de má dançarina, certo?

Meu mau humor piorou quando acordei em uma villa vazia. Sua bagagem ainda estava no quarto, mas ela era um fantasma desde a manhã até o início da noite.

Tentei tirar Sloane da cabeça e focar em Luca. Ele ficou muito chateado desde que Leaf e ele terminaram, embora minha simpatia por ele tenha diminuído quando o vi flertando com a porra da minha assessora na praia.

Ela nem era o tipo dele.

Fiquei meditando sobre minha bebida enquanto meus amigos faziam suas travessuras habituais no clube de praia particular do resort.

Eu deveria estar me divertindo muito, mas o tédio tomou conta de mim e se recusou a ir embora. Eu tinha visto tudo e feito tudo. Depois da correria inicial de um bom momento, essas festas eram todas iguais.

Eu poderia ter dado algumas dicas ao dono do clube sobre como melhorar isso. O sistema de som não estava captando o baixo subjacente da música e a proporção entre garotas e garotos estava errada. A decoração, o entretenimento, a comida... eles eram bons, não ótimos, mas como as pessoas administravam seus negócios não era da minha conta, então mantive minha boca fechada.

*Você não fica entediado de não fazer nada?* A pergunta de Sloane ecoou na minha cabeça.

Deixei-a de lado, bebi minha bebida e encarei Luca, que estava sentado ao meu lado na piscina, cuidando de uma ressaca e tomando uma cerveja. O sol havia se posto, mas o clube de praia estava apenas entrando no ritmo das coisas. — Dante sabe que você está saindo conosco de novo?

O irmão de Luca e CEO do Grupo Russo, o conglomerado multibilionário de bens de luxo, não era fã de ninguém do nosso círculo.

Honestamente, eu não o culpava. Se eu tivesse um irmão mais novo, também não iria querer que ele saísse comigo.

— Ele não é meu diretor. — Mesmo assim, Luca olhou ao redor como se o intimidador Russo mais velho fosse surgir de trás de um vaso de planta. — Tenho dias de férias como todo mundo e posso passá-los como quiser.

— Hum.

— Falando nisso, onde está Sloane?

Uma queimação desagradável acendeu em meu peito. — Provavelmente lendo um livro chato de não ficção em algum lugar. Por quê?

Lucas encolheu os ombros. — Ela é gostosa. Ela é solteira. Eu poderia usar uma distração da situação da Leaf.

A queimadura explodiu em um incêndio e deixou meus dentes no limite. — Ela não é do tipo de rebote.

— Como você sabe?

— Eu só sei. — Bati minha bebida vazia na mesa lateral. — Vá para as gêmeas Daugherty. Elas estão procurando se divertir.

— Não posso. A família delas trabalha com têxteis, o que me lembra cabras, o que me lembra Leaf.

Pelo amor de Deus. — E Evelyn? Ela acabou de terminar com o namorado. Vocês podem se recuperar juntos.

— Não. Eu fiquei com ela anos atrás. — Luca olhou para o céu com uma expressão bêbada e sonhadora. — Acho que Sloane funciona melhor. Ela é tão... *merda!* — Ele ficou de pé quando derrubei um balde de gelo de champanhe e seu conteúdo derramou em seu peito. — Que porra é essa, cara?

— Desculpe. Devo ter bebido mais do que eu pensava. — Eu fiquei de pé. Eu não sabia por que a ideia dele e de Sloane me incomodava tanto, mas sabia que precisava sair daqui antes de fazer algo mais imperdoável do que jogar gelo em meu amigo. — Estou encerrando a noite.



— Espere! A respeito...

A multidão abafou o resto das palavras de Luca enquanto eu saía furioso do clube de praia em direção à villa.

Eu convenci Sloane a vir para a Espanha, esperando que isso a tirasse de sua zona de conforto, mas estava acabando sendo eu quem estava perdendo a cabeça.



## *Sloane*

Quando acordei, eu já tinha ignorado meu momento de fraqueza da noite passada, mas não estava com vontade de enfrentar Xavier ou seus amigos – que felizmente estavam hospedados em sua própria villa em vez da nossa – então eu evitei-os ativamente o dia todo.

Acordei de madrugada para uma caminhada, escondi-me em uma sala de conferências para almoçar e esperei até Xavier sair para o clube de praia antes de voltar para a villa.

Era início da noite, então tinha algumas horas para mim antes que ele voltasse. Fiquei tentada a trabalhar, mas prometi a ele que não o faria, e um incômodo senso de honra me impediu de voltar atrás em minha palavra.

Em vez disso, enrolei-me debaixo de um cobertor na sala de estar e assisti à comédia romântica espanhola na tela com desgosto crescente.

— *Te amo* — sussurrou o ator em espanhol. Legendas em inglês traduziram o que ele disse. — *Nunca te deixaré.* — *Nunca te deixarei.*

— Ugh. — Eu rabisquei furiosamente em meu caderno de revisão. — Grave um especial pós-filme e veja se isso é *realmente* verdade.

A comédia romântica era o gênero mais irreal de Hollywood. Cair da varanda do sétimo andar e levantar um minuto depois para perseguir o bandido era mais verossímil do que rivais no local de trabalho que de repente *descobriam* que tinham sentimentos um pelo outro e viviam felizes para sempre.

O conceito de felizes para sempre era a maior fraude desde o advento da caríssima indústria de livros didáticos universitários.

— Não é *The Bachelor*, Luna. O especial pós-filme seria apenas os atores saindo do set.

Minha cabeça se levantou.

Xavier encostou-se na entrada, vestindo calça de linho, uma expressão divertida e nada mais.

— É rude se aproximar furtivamente de alguém — eu disse, meu pulso acelerando por causa de sua interrupção inesperada. *Dê-me um ataque cardíaco, por que não?* — E, pelo amor de Deus, vista uma camisa. Você não é Matthew McConaughey.

Sua risada não fez nada para aliviar meu aborrecimento.

Dois minutos depois, ele sentou-se no assento ao lado do meu, totalmente vestido. — Feliz? Agora você não se distrairá com meu físico incrível.

— Não, vou apenas sufocar sob o peso do seu ego inflado.

— Existem caminhos piores a seguir.

Suspirei, minhas perspectivas de uma noite tranquila e pacífica viraram fumaça. — Não tem festa no clube de praia? Por que você está aqui? — Nosso acordo o impedia de dar festas sem minha aprovação, mas não o impedia de comparecer. Esse foi outro descuido da minha parte. *Estou perdendo meu toque.* Algo na Espanha confundia meus instintos geralmente aguçados e me deixava nervosa. — Fiquei no clube o dia todo e queria uma mudança de cenário.

Xavier olhou para meu caderno. — O que você tem feito?

— Relaxando — eu disse incisivamente.

— Touché. — Ele esfregou a mão na boca, sua expressão conflituosa. — Escute, sobre ontem à noite... desculpe se magoei seus sentimentos. Você não é uma dançarina *tão ruim assim*.

Eu teria rido da ideia de estar chateada com minhas habilidades de dança se não tivesse ficado tão chocada com seu pedido de desculpas. Tão poucas pessoas pediam desculpas e eram sinceras que um simples *pedido de desculpas* eliminou minha atitude defensiva instintiva.

— Obrigada — falei rigidamente. Não corrija sua suposição sobre a origem da minha perturbação.

— De nada. — Seus olhos enrugaram nos cantos quando eu não acrescentei uma resposta sarcástica. — Espere, estamos tendo um momento de união? Será este o início de uma nova era Xavier e Sloane?

— Não force. — Bati minha caneta contra meu caderno. — A propósito, como está Luca? — Eu tinha mandado uma mensagem para Vivian mais cedo sobre tê-lo visto na Espanha, e ela mencionou o quanto ela e Dante estavam preocupados com ele. Prometi atualizá-la sobre seu bem-estar se e quando pudesse.

As covinhas de Xavier desapareceram. — Bem. — Ele se mexeu, sua perna roçando a minha. Fiquei tão assustada com o contato que quase arranquei meu joelho antes de me conter. — Eu não sabia que vocês dois eram tão próximos.

— Não somos. Eu só estava curiosa. — Uma queimadura se espalhou do joelho até a barriga. *Huh*. Eu sabia que deveria ter usado mais protetor solar durante a caminhada. Isso não era normal.

— Hum. — Uma sombra cruzou o rosto de Xavier. Ele abriu a boca e balançou a cabeça levemente, como se tivesse mudado de ideia sobre o que quer que fosse dizer. — Então sobre o que é o filme?

— Rivals de escritório que se apaixonam. Uma comédia romântica básica. — Um cheiro de sua colônia flutuou em meus pulmões, e eu desejei que não cheirasse tão bem quanto antes. Pessoas como Xavier só *deveriam* cheirar a pizza e cerveja do dia anterior. Seria uma representação mais precisa de seu estilo de vida do que aquela coisa limpa e amadeirada que ele tinha.



— Eu não considereei você uma amante de comédias românticas. — Sua perna roçou a minha novamente e olhei para ela por um segundo antes de responder.

*Nota para mim mesma: compre mais protetor solar o mais rápido possível.* A queimadura continua na minha pele não era normal.

— Eu não sou. Eu *odeio*... assisti-las. — Minha gaveta de resenhas de filmes manuscritas em casa atestava isso.

— Certo. E quantos você *odeia* até agora? — Centenas, mas ele não precisava saber disso.

— Cale a boca e assista ao filme.

No entanto, ao rebobinar as partes que perdi quando ele apareceu, uma pequenina parte de mim ficou grata por sua companhia, com arranhões indesejados nas pernas e tudo.

Era um pouco triste assistir a comédias românticas sozinha durante as férias na Espanha, até para mim.

Nunca tive noites de cinema com ninguém além das minhas amigas, mas Xavier era um companheiro surpreendentemente divertido. Ele era quase sempre quieto, mas de vez em quando fazia um comentário alegre sobre a trama ou atuação que me fazia sorrir.

Como cliente ele era difícil, mas como pessoa era decente. Eu nunca o ouvi levantar a voz uma vez em nosso tempo trabalhando juntos. Quando ele descobriu o diagnóstico de câncer de seu pai, ele não chorou, e quando uma ex vazou fotos chocantes deles para a imprensa, ele não buscou vingança como eu teria feito. Ele era imperturbável, não importava o que a vida lhe apresentasse.

Então, novamente, talvez a sua calma sobrenatural não fosse uma coisa boa. Talvez fosse uma manifestação diferente dos mesmos problemas que me mantinha protegida de qualquer pessoa fora do meu círculo íntimo.

*Eca.* A única coisa mais triste do que assistir a uma comédia romântica sozinha nas férias era psicanalisar Xavier enquanto assistia à referida comédia romântica.

— O que você fica escrevendo no seu caderno? — ele perguntou durante a montagem pós-separação obrigatória do filme sobre o relacionamento do casal.

Uma agulha de autoconsciência picou minha pele. Debatir mentir, mas acabei optando pela verdade. — Eu escrevo resenhas de todas as comédias românticas que assisto.

Não era nada para me envergonhar. Se Roger Ebert conseguiu, eu também conseguiria, mas os nervos agitaram-se nas minhas veias quando Xavier se inclinou para ler as minhas notas.

— O filme busca o charme, mas fracassa em sua tentativa — leu em voz alta. — Embora a ficção geralmente exija alguma suspensão da descrença, o ridículo absoluto da cena da varanda me causa tanto constrangimento indireto que quero descolorir minha memória para nunca mais ter que pensar nisso novamente. Tenho mais química com a luminária do meu quarto do que os atores principais entre si, e o diálogo parece mais uma paródia do que uma verdadeira comédia romântica. Se a IA escrevesse e executasse um filme, seria assim. — Ele ficou quieto por um segundo antes de olhar para mim. — O que diabos você tem feito com a luminária do seu quarto?

A risada farfalhou em minha garganta, tão rápida e inesperada que levei um segundo para perceber que o som vinha de mim.

O choque passou pelo rosto de Xavier, seguido por um lento florescimento de prazer. Um calor de resposta se acumulou em meu estômago.

— Eu a tenho ligado — eu disse em resposta à sua pergunta. Eu me encolhi antes que as palavras saíssem completamente da minha boca. — Oh, Deus. Foi terrível. — Seu uivo de risada abafou minhas próximas palavras. — Nunca *conte* a ninguém que eu disse isso. Eu... *pare de rir*.

— Não se preocupe. — Seus ombros convulsionaram enquanto ele enxugava as lágrimas dos olhos. — Será nosso segredinho.

— Não foi tão engraçado — eu resmunguei. Tentei manter minha severidade, mas sua diversão era contagiante, e logo outro sorriso surgiu em meu rosto.

Se alguém tivesse me dito há dois dias que eu teria uma noite de cinema com Xavier Castillo e me *divertiria*, eu teria perguntado que drogas eles estavam tomando, mas a festa de gala de sexta-feira e a visita a Penny pareciam ter acontecido há muito tempo.

Talvez fosse por isso que raramente saía de férias. Isso nos embalava com uma falsa sensação de segurança apenas para nos empurrar de volta às nossas vidas normais, onde éramos confrontados com um mundo que continuava girando sem nós e com a percepção de que nossa presença não tinha a menor importância no grande esquema das coisas.

Meu humor ficou sóbrio.

— Você sabe que as comédias românticas não deveriam ser realistas. — Xavier não havia superado minha análise. — Elas deveriam ser divertidas.

— Elas seriam mais divertidas se fossem realistas. — Aponte para os créditos finais rolando pela tela. — Quais são as chances de rivais de longa data se apaixonarem só porque estão juntos em um projeto de trabalho?

— Menos de cem e mais de zero. — Seu otimismo era nauseante.

— Acho que pode ser o galão de sorvete que você comeu. — Ele ergueu uma sobrancelha para a caixa meio vazia de baunilha francesa derretendo na mesinha de centro.

O constrangimento tomou conta do meu rosto, quente e coçando. — Você bebe sua cerveja, eu como meu sorvete. Agora que o filme acabou, é hora de nos separarmos e dormirmos.

Xavier olhou para mim como se eu tivesse pedido para ele voar até a lua. — Você está brincando? São apenas nove. — Ele grampeou seu telefone. — A noite mal começou.

Eu odiava como ele sempre me fazia sentir uma desmancha-prazeres, mas uma garota tinha que traçar um limite em algum lugar. — Não tenho vontade de me embriagar.

— Quem disse alguma coisa sobre ficar bêbado? — Ele se levantou e estendeu a mão para mim. — Vamos. É hora de suas aulas de dança.

Cruzei os braços. — Absolutamente não. — Isso era ainda pior do que ficar desperdiçada.



— Então você gosta de parecer um robô com defeito toda vez que dança?

— Eu não... — *Respire.* contei até três e tentei novamente. — Eu raramente danço. Portanto, não preciso de aulas.

— Você sai com suas amigas o tempo todo, então isso não é verdade... a menos que você tenha medo de falhar. — Xavier deixou cair a mão e encolheu os ombros. — Eu entendo. Ninguém consegue tudo.

*Esse filho da puta. Ele era bom.*

Ele também estava claramente me provocando, mas a competitividade que alimentava minha ascensão no cruel mundo das relações públicas irritou-se com sua provocação. Uma vez acionada, não havia como voltar atrás.

— Não pense que não sei o que você está fazendo. — Fiquei de pé, ignorando as lembranças da desaprovação reprimida de Madame Olga e do atual sorriso de merda de Xavier. — Mas vou permitir só para poder tirar esse olhar presunçoso do seu rosto. Vamos.

Quem poderia dizer que eu não desenvolveria um talento para movimentos da noite para o dia?

Xavier estava rindo agora, mas eu iria fazê-lo engolir suas palavras.



## CAPÍTULO 8

### *Sloane*

— Eu retiro o que eu disse sobre o robô com defeito — disse Xavier. — Não quero insultar robôs.

Abaixei meus braços e olhei para ele. — Se eu tivesse um professor melhor, estaria me *saindo* melhor.

Estávamos no terraço da villa, onde lâmpadas aquecidas afastavam o frio noturno e alto-falantes portáteis tocavam um medley de músicas locais e internacionais. Xavier insistiu que o ar livre me ajudaria a *relaxar*, mas até agora eu estava envergonhada, frustrada e não estava mais perto de melhorar minhas habilidades de dança do que quando começamos minhas aulas, uma hora antes.

— Você tem que relaxar. — Xavier ignorou minha acusação de suas habilidades de ensino. — Dançar é uma questão de movimento. Você não consegue se mover direito se estiver imitando um pedaço de madeira petrificado.

— Estou relaxada. — Uma nota defensiva surgiu em minha voz. — Além disso, posso lembrá-lo que poderia estar dormindo agora, em vez de suportar seus insultos?

Eu deveria ir embora, porque não havia nada pior do que tentar o meu melhor e falhar, mas a competidora em mim se recusava a desistir.

Eu era Sloane Kensington. Não falhava e não desistia. (A única razão pela qual parei as aulas de balé na infância foi porque ultrapassei minha faixa etária. Além disso, eu tinha certeza de que havia causado uma úlcera em Madame Olga quando ela se aposentou).

— Ainda assim você está aqui. — Xavier colocou as mãos em meus quadris.

Eu enrijeci, todos os músculos ficando rígidos com o calor que penetrava no meu vestido.

— Vê o que quero dizer sobre madeira petrificada? — Ele balançou sua cabeça. — Finja que você está de volta ao spa. Você está recebendo uma massagem, seus músculos estão relaxados... agora mova seus quadris assim. Não, do outro lado. — Seu toque queimou minha pele e me distraiu de suas instruções. Ele provavelmente estava com febre por andar sem camisa o tempo todo. Ele realmente deveria verificar isso. — Mova-os em um círculo, Luna, não em um quadrado.

— É um círculo.

— Sem ofensa, mas talvez você precise aprimorar sua geometria. — O aperto de Xavier aumentou, paralisando meus movimentos. — O que você está pensando?

— Movendo meus quadris em círculo.

— Esse é o seu problema — disse ele. — Você não deveria estar pensando nisso.

— Você acabou de dizer...

— Você tem que *sentir* o movimento. Quanto mais você pensa, menos natural parece.

Meus dentes cerraram em frustração. — Sinto muito, mas gosto de pensar. É algo que tento fazer diariamente.

— Isso explica muita coisa. — Xavier me soltou e deu um passo para trás.

Uma onda fria de alívio percorreu meu peito, seguida por uma pitada alarmante de... decepção? Não, isso não poderia estar certo.

Esperei que ele continuasse a aula, mas ele simplesmente me estudou com aquele olhar profundo e sombrio.

O cabelo preto desgrehado caía descuidadamente sobre um dos olhos, protegendo seus pensamentos enquanto o silêncio se estendia em um território desconfortável. Havia nele uma atitude pensativa que eu raramente via, e isso moldou suas feições em um retrato devastador do qual o próprio Michelangelo teria se orgulhado.

A inclinação dramática de suas maçãs do rosto, as sobrancelhas grossas e escuras, a boca esculpida que parecia infinitamente mais convidativa quando não estava com um sorriso provocante... seu rosto me desafiou a desviar o olhar, e eu não consegui.

A consciência elétrica gotejou no ar e extinguiu o oxigênio.



Xavier e eu já estivemos sozinhos muitas vezes antes, mas esta era a primeira vez que reconhecia o perigo que havia nele. Abaixo das camadas de autocontrole indolente, havia um homem que poderia incendiar meu mundo se quisesse.

*Deus, o que há de errado comigo?* Passei anos sem reagir à sua presença de qualquer forma perceptível (a menos que a irritação contasse), mas desde que chegamos à Espanha, meus escudos escorregaram. Talvez tenham sido os breves vislumbres de um lado mais real e mais vulnerável de Xavier – o lado que não era só beber e dormir – ou talvez nosso dia no spa tenha reprogramado meu cérebro.

O que quer que fosse, eu não gostei.

A autopreservação perfurou minha consciência assim que ele falou novamente. — Vamos tomar uma bebida.

Ele se virou e caminhou em direção ao carrinho de bar aninhado no canto.

A estática restante se transformou em nada enquanto eu tentava acompanhar a chicotada. — E as aulas?

— Retomaremos após o intervalo. — Xavier pegou dois copos e começou a preparar as bebidas ali mesmo no meio do terraço.

Minhas sobrancelhas dispararam. Eu nunca o tinha visto preparar coquetéis antes, mas ele se movia com a graça fluida de um bartender experiente.

— Tanto para não me embriagar — reclamei quando ele me entregou uma bebida laranja clara de aparência deliciosa.

— É uma bebida. Você não ficará bêbada a menos que tenha a tolerância de uma criança de cinco anos. — A boca de Xavier inclinou-se no canto. — *Saúde.*

Mantive meus olhos nos dele enquanto tomava um pequeno gole. Porra, isso era bom. — Você inventou isso na hora?

Não reconheci o sabor, e o grupo de ontem esvaziou metade do bar, deixando apenas alguns ingredientes para ele trabalhar.

— Você se contenta com o que tem. — Um movimento de ombros, seguido por um sorriso provocador. — Estou chamando-a de Sloane. Amarga no início, mas com um sabor doce. Assim como alguém que conheço.

— Você não sabe qual é o meu gosto.

Seu sorriso assumiu um tom decididamente mais perverso. — Ainda não.

Meu corpo reagiu, instantânea e visceralmente, como se ele tivesse ligado o botão de ligar em uma sala há muito intocada.

Meus seios se apertaram enquanto o calor tremeluzia entre minhas coxas, deixando meu corpo quente e lânguido. Imagens nada inocentes passaram pela minha mente antes que eu as colocasse em uma caixa e fechasse a tampa.

*Não. Absolutamente não.*

Eu não poderia estar tendo essa reação com Xavier, entre todas as pessoas. Isso era o que ganhava por encerrar minha relação casual de apenas sexo com Mark. Se eu tivesse dormido com ele antes de partir, não estaria tão nervosa.

— Como a ilusão está tratando você? — perguntei, lutando pela indiferença enquanto estrangulava meu copo.

— Muito bem. — Os olhos de Xavier brilharam como se ele pudesse alcançar dentro de mim e identificar cada pensamento imundo e inapropriado. Ele encostou-se na parede, aparentemente inconsciente da destruição que acabara de causar. — Já que ainda estamos de folga, vamos tentar outra coisa. Verdade ou desafio. Você escolhe.

— Verdade ou desafio? Quanto anos temos, doze?

— É um jogo atemporal. — Ele arqueou uma sobrancelha. — A menos que você esteja com medo.

Foda-se. Jogar o jogo estúpido era melhor do que me humilhar dançando novamente. — Verdade.

— Se você pudesse ser outra coisa senão uma publicitária, o que você seria?

Eu pisquei. Não era uma pergunta que esperava, nem na qual havia pensado muito antes. — Nada. Eu amo meu trabalho.

E amava. Apesar das frustrações, do ritmo alucinante e dos clientes que às vezes me faziam querer arrancar os cabelos, prosperava sob pressão. Não havia tempo de inatividade para reflexão. Havia apenas problemas que eu poderia resolver e soluções que poderia implementar.

As pessoas podiam me chamar de vadia ou rainha do gelo, mas havia uma verdade inabalável e inegável: eu era a melhor no que fazia. Sem dúvida. Era por isso que CEOs, celebridades e socialites

me pagavam muito dinheiro. Nem todos gostavam de mim pessoalmente, mas me respeitavam e precisavam de mim.

*Então você gosta de ser necessária.*

A observação de Xavier veio à tona antes que eu a deixasse de lado. E daí? *Todo mundo* gostava de ser necessário. Aqueles que disseram que não estavam mentindo.

— Nada? Não há uma única carreira que você consideraria fora de RP? — Ele não parecia convencido. — Eu chamo de besteira.

— Talvez eu fosse cirurgiã — admiti. Era outra carreira de alta pressão e ritmo acelerado. Eu tinha mãos firmes e não tinha escrúpulos em relação a sangue. Comandar uma sala de cirurgia e salvar vidas podia ser emocionante.

A boca de Xavier se curvou. — Não é surpreendente.

— Eu vou aceitar isso como um elogio. — Terminei minha bebida. — Sua vez. Verdade ou desafio.

— Verdade.

Interessante. Eu o consideraria um cara ousado.

— Pergunta semelhante — falei. — Se você tivesse que escolher uma carreira *real*, o que escolheria? — Eu estava genuinamente curiosa. Xavier nunca expressou ambição por qualquer tipo de trabalho. O que fazia alguém como ele funcionar?

Ele definiu na sombra da villa, intocado pela lua ou pelas luzes do terraço, mas seus olhos brilharam com a minha pergunta.

— Uma em que sou bom — disse ele.

— Tipo?



Uma nuvem passou por sua expressão antes que seu sorriso reaparecesse. — Tipo ensinar você a dançar. Acho que fizemos uma pausa longa o suficiente. — Ele se afastou da parede e serviu duas doses de uísque. — Mais uma pela coragem. *Saúde*.

Sua mão roçou a minha enquanto ele me entregava a dose, e um pequeno tremor percorreu minha espinha.

O uísque queimou suave o suficiente para diminuir qualquer preocupação sobre as estranhas reações do meu corpo esta noite. — Você não respondeu minha pergunta com sinceridade — eu disse.

O calor zumbiu sobre minha pele e se acumulou em minhas veias. Segurei muito bem a bebida, mas as bebidas eram *fortes* e não resisti à intoxicação com tanta força como normalmente fazia.

Foi bom deixar meu controle escapar. Só um pouco.

— Eu não estava mentindo quando disse que escolheria uma carreira na qual seria bom. — Um sorriso ainda brincava nos cantos de sua boca, mas seus olhos continham um suave aviso. — Eu até dei um exemplo.

— Semântica. Você não joga limpo.

— Eu nunca faço. — Ele veio atrás de mim. Suas mãos encontraram meus quadris e minha respiração desacelerou sob o peso da estática renovada. — Vamos tentar de novo.

A música mudou para algo mais sensual, mais fácil de acompanhar. Talvez fosse o novo ritmo. Talvez fosse o álcool. Ou talvez tivesse sido a minha tentativa de me concentrar em qualquer coisa, *exceto* em Xavier, que afrouxou minhas inibições.

O que quer que fosse, funcionou. Não me concentrei muito em me mover exatamente como deveria, e o resultado irônico foi que meus movimentos fluíram com muito mais facilidade.

Eu não ganharia competições tão cedo, mas não parecia mais um robô com defeito, como alguém havia apontado tão rudemente antes.

— Muito melhor — o murmúrio de Xavier roçou minha nuca, provocando um arrepio involuntário de prazer. — Pode haver esperança para você ainda.

As sementes de uma resposta espirituosa morreram na minha língua quando ele abaixou a cabeça para que seu rosto ficasse próximo ao meu. Um delicioso aroma terroso infiltrou-se em meus sentidos, aumentando o paladar, o olfato e o tato até que minha boca encheu de água e pude sentir cada batida de seu coração contra minhas costas.

Virei minha cabeça uma fração de centímetro, apenas o suficiente para encontrar seus olhos.

Eu gostaria de não ter feito isso.

O olhar de Xavier ardia como um fósforo aceso no escuro, queimando cada centímetro de pele e qualquer aparência de distância entre nós.

Gotas de suor escorriam entre meus seios. Estava um inferno aqui fora, mas ele estava tão perto, e minha cabeça estava tão leve, que se eu apenas...

Meus lábios se separaram.

Seus olhos escureceram e...

— *Luca!* — Um grito infantil vindo da villa vizinha se espalhou entre nós. — Essa é minha bolsa favorita!

Houve uma resposta indecifrável, seguida por uma profusão de risadas e então... silêncio. Mas era tarde demais.

A interrupção me tirou de qualquer transe que as bebidas/magia profana/colônia suspeitamente gloriosa de Xavier me colocaram.

Eu me afastei dele, a perda de calor corporal tão preocupante quanto a tigela de água gelada que joguei nele poucos dias atrás.

O que eu *estava fazendo?*

Ele era meu cliente, e eu quase... ele quase...

Xavier olhou para mim, sua expressão ilegível. Se não fosse pela forte subida e descida de seu peito, eu teria pensado que ele não se comoveu com o que aconteceu – ou não aconteceu.

Meu coração batia contra a caixa torácica, mas levantei o queixo, quebrei o contato visual e me forcei a entrar calmamente na villa sem dizer mais uma palavra.

Ele não me impediu, e quando fechei a porta do quarto atrás de mim e caí no chão, odiei como uma pequena parte de mim desejava que ele tivesse feito isso.





## CAPÍTULO 9

*Xavier*

Foda-se.

Porra, porra, porra tripla.

Não era a resposta mais madura, mas era a única que resumia com precisão a minha situação.

Já se passaram trinta e seis horas desde a minha noite de cinema com Sloane. Trinta e seis horas desde as nossas aulas de dança.

Trinta e seis horas desde que descobri como suas curvas se ajustavam perfeitamente sob minhas palmas e como seu perfume era muito mais inebriante em comparação até mesmo com o melhor uísque.

Era um conhecimento que eu poderia ter dispensado, porque agora que o experimentei, não poderia imaginar não revivê-lo.

Infelizmente, as chances de isso acontecer eram mínimas, considerando o quanto eu tinha fodido tudo.

Se meus amigos não tivessem nos interrompido, eu a teria beijado no domingo à noite, e tinha certeza, *certeza*, de que ela teria deixado. Caso contrário, ela não estaria me evitando como se eu fosse o diabo querendo corrompê-la.



Olhei para a praia, para onde Sloane estava sentada sozinha, lendo aquele maldito livro de comunicações dela.

Com a ajuda dos meus amigos, eu a convenci a participar da nossa excursão de barco durante o dia, mas ela ficou sozinha o tempo todo.

Mergulhar nas águas cristalinas? Não.

Aproveitar as tapas gourmet e o open bar? Não. Dizer-me uma única palavra depois que embarcamos no iate?

Absolutamente não.

— Aonde você está indo? — Evelyn perguntou quando me levantei. Apesar do que Luca disse sobre não ficar com ela novamente, os dois ficaram brigando o dia todo.

Dei uma desculpa vaga e deixei meus amigos entregues à própria sorte.

Além de Luca, eu não era muito próximo de ninguém do grupo. Nós festejávamos juntos muitas vezes, mas eu não revelaria meus segredos mais profundos e obscuros para eles nem nada. Na verdade, eu estava começando a me ressentir da presença deles, porque eles me afastavam de Sloane.

— É uma pena desperdiçar um dia lindo como este — falei quando cheguei perto dela. Tínhamos parado em uma das enseadas escondidas de Maiorca para almoçar e, embora não fôssemos os únicos na praia, a multidão do início de outubro era escassa o suficiente para nos dar relativa privacidade.

— Tenho sol, mar, comida e um bom livro — disse ela sem erguer os olhos. — Não estou desperdiçando nada.

Sentei-me ao lado dela. — Temos diferentes definições de *bom* — falei lentamente.

Ela não respondeu.

Quando eu era criança, meus amigos e eu discutíamos sobre qual superpoder preferiríamos ter. Eu flutuava entre a fuga e a invisibilidade, mas agora venderia minha Ferrari para dar uma olhada nos pensamentos de Sloane.

Foda-se. Só havia uma maneira de chamar sua atenção. — Devíamos conversar sobre o nosso beijo.

Seus movimentos pararam. Então, lenta e deliberadamente, ela deslizou um marcador entre as páginas, fechou o livro e ergueu os olhos. Fazia vinte e oito graus, mas arrepios cobriram minha pele como se eu tivesse entrado em um freezer de carne.

— Nós nunca nos beijamos — ela pronunciou cada palavra com uma precisão assustadora.

— Tecnicamente, não, mas quase fizemos. Então vamos conversar sobre isso.

Os nós dos dedos de Sloane ficaram brancos. — Não há nada para conversar. Já era tarde e bebemos demais. Ponto.

— Portanto, isso não afeta nosso relacionamento de forma alguma.

— Claro que não.

— Então você não tem motivo para me evitar.

O reconhecimento da minha armadilha brilhou em seus olhos.  
— Eu não estou evitando você.

— Eu não disse que você estava — respondi facilmente. — Eu disse que você não tinha *motivo* para isso.

Sloane respirou fundo de forma audível. Eu praticamente podia vê-la contando até dez mentalmente. — Existe algum sentido nesta conversa?

— Eu só queria esclarecer tudo sobre a noite de domingo.

— Considere tudo esclarecido.

— Bom.

— Bom.

Ficamos em silêncio por um segundo.

— Mais alguma coisa? — Sloane perguntou incisivamente.

— Claro. Se você pudesse ter algum superpoder, qual seria? — Ela fechou os olhos e esfregou a têmpora. — Xavier...

— Faça-me o favor. Isso é o que as pessoas fazem. Conversam. — Fiz um gesto entre nós. — Trabalhamos juntos há anos e nem sei qual é a sua comida favorita.

Isso era uma mentira.

Eu sabia que ela adorava sushi, porque era limpo e fácil de comer em qualquer lugar. Eu sabia que ela preferia cheeseburgers duplos quando estava menstruada e bife malpassado nos jantares dos clientes, a menos que o cliente fosse vegetariano, caso em que ela pedia sopa e salada.

Ela gostava de vinho branco, de café preto e de gim com um toque de tônica.

Eu sabia de todas essas coisas porque, apesar de ela supor que eu não prestava atenção em ninguém além de mim mesmo, não conseguia *parar* de notá-la, mesmo que minha vida dependesse disso. Cada detalhe, cada momento, tudo arquivado e categorizado no gabinete Sloane da minha mente.

Eu nunca contaria nada disso a ela, porque se havia uma coisa que certamente faria Sloane Kensington fugir, era a possibilidade de intimidade.

— Tudo bem — ela disse, trazendo-me de volta ao presente. — Eu escolheria viajar no tempo para poder voltar e corrigir quaisquer erros que cometi.

— Mas então sua vida não seria o que é agora.

Ela desviou o olhar. — Isso não é necessariamente uma coisa ruim. — O barulho das ondas encheu o silêncio.

Visto de fora, Sloane parecia ter uma vida perfeita. Ela era linda, inteligente e bem-sucedida, e contava com algumas das pessoas mais poderosas do mundo como seus amigos ou clientes.

Mas eu, entre todas as pessoas, sabia que as aparências enganavam e que as superfícies mais brilhantes muitas vezes escondiam os segredos mais feios.

— Se você tivesse a chance, não voltaria e mudaria as coisas do seu passado? — ela perguntou.

Minha mão involuntariamente agarrou a toalha. O arrependimento cresceu e colidiu com memórias que pensei ter trancado há muito tempo.



— *Xavier!* — *O pânico na voz da minha mãe transbordou do rugido das chamas. — ¿ Onde você estava meu filho?*

*Ele é apenas uma criança. Foi um acidente... Se ele tivesse sido mais responsável...*

*Deveria ter sido você.*

O cheiro de fumaça e madeira carbonizada encheu meus pulmões. A enseada da praia fechou-se à minha volta, os penhascos íngremes formaram muros de prisão e o brilho do sol contra a areia embranqueceu a minha visão.

Então pisquei e o pesadelo desapareceu, substituído pelas risadas dos meus amigos ao fundo e pelo toque de preocupação no rosto de Sloane.

Afrouxei o aperto na toalha e forcei um sorriso. — Todos mudariam alguma coisa se pudessem. — Eu ainda sentia gosto de cinza na língua. Queria cuspi-lo e afogá-lo em cerveja, mas não podia fazer isso sem levantar suspeitas. — Você ainda conversa com alguém da sua família?

Foi o único assunto que consegui pensar que poderia desviar a atenção de Sloane. Ela era perspicaz o suficiente para perceber a mudança no meu humor, mas eu não queria discutir o motivo com ela ou com qualquer outra pessoa. Nunca.

Como esperado, seu rosto se fechou. — Quando eu preciso. Você conversou com seu pai recentemente?

Touché.

Ela não era a única que considerava as relações familiares um assunto tabu.

— Não. Ele não está exatamente no estado certo para telefonemas amigáveis. — Mesmo antes de adoecer, ele não era um grande comunicador. Com seus parceiros de negócios e amigos, sim. Com seu único filho? Não muito.

Sloane inclinou a cabeça, obviamente tentando avaliar meus verdadeiros sentimentos em relação à doença do meu pai.

Boa sorte, considerando que nem eu sabia como me sentia.

Ele era a única família direta que me restava, então eu *deveria* ter sentido fortemente sua possível morte. Em vez disso, sentia-me apenas entorpecido, como se estivesse vendo um ator que se parecia com meu pai definhando na tela de um cinema.

Meu pai e eu nunca fomos próximos, em parte porque ele me culpava pela morte de minha mãe e em parte porque eu também me culpava.

Cada vez que ele olhava para mim, ele via a pessoa que havia tirado o amor de sua vida – e ele não podia fazer nada sobre isso, porque eu era o único pedaço dela que lhe restava.

Cada vez que olhava para ele, via decepção, frustração e ressentimento. Eu via o pai que descarregou sua raiva em mim quando eu era muito jovem para entender as complexidades do luto, que desistiu de mim e me fez desistir de mim mesmo antes mesmo de começar.

— Ele vai sobreviver — disse Sloane.

Ela não tentava me confortar com frequência, então não estraguei o momento me perguntando se, talvez, as coisas seriam mais simples se ele não o fizesse.

Era um pensamento terrível e feio, do tipo que só os monstros abrigavam, por isso nunca o expressei em voz alta. Mas sempre estive aqui, apodrecendo abaixo da superfície, esperando o momento certo para atacar.

O telefone de Sloane acendeu com uma notificação. Vi um ícone de e-mail revelador antes que ela pegasse o celular do chão e o momento desmoronasse ao nosso redor como um castelo de areia na maré alta.

— Sem trabalho — eu a lembrei.

— Não é trabalho, é... — Sua pele assumiu a tonalidade de osso descolorido.

Eu me endireitei, preocupado em lavar os restos de memórias indesejadas. — O que está errado?

— Nada. — Ela ficou parada, sua expressão congelada. — Eu... já volto.

Ela simplesmente gaguejou? Sloane *nunca* gaguejou.

Ela se afastou, deixando-me olhando para ela e imaginando que tipo de mensagem seria ruim o suficiente para tirar Sloane Kensington do jogo.



# CAPÍTULO 10

## *Sloane*

*Sua irmã está grávida.*

Quatro palavras não deveriam ter o poder de me enjoar, mas tiveram.

Reli o e-mail pela enésima vez. Logo depois que o recebi naquela tarde, os amigos de Xavier decidiram que já estavam fartos da enseada. Eles queriam navegar para outra praia, mas eu convenci Xavier a me deixar no resort primeiro. Felizmente, ele fez isso sem comentários.

Agora, aqui estava eu, horas depois, sentada na minha cama e olhando para a primeira correspondência direta que recebi do meu pai desde o dia em que saí do escritório dele e da minha família.

Claro ele quebraria seu silêncio de anos pela Georgia. Ela era minha irmã completa, mas nunca nos demos bem como eu me dava com Pen.

E agora ela estava grávida.

Eu sabia que isso aconteceria eventualmente, mas não esperava que fosse tão cedo.

O smoothie que tinha forçado no jantar espirrou em meu estômago enquanto eu lia o resto da mensagem dele novamente.



Na verdadeira forma de George Kensington (e sim, minha irmã recebeu o nome dele), a mensagem era mais rígida do que um smoking recém-engomado no Legacy Ball.

*Sloane,*

*Estou escrevendo para informar que sua irmã está grávida. Dadas as circunstâncias, é hora de você fazer as pazes e liberar seu rancor infantil contra um incidente ocorrido anos atrás. A mesquinhez não é uma característica atraente.*

*Atenciosamente, George Kensington III*

Achei que minha indignação já teria perdido a força há muito tempo, mas ela se intensificou a cada releitura.

*É hora de você fazer as pazes e desistir do seu rancor infantil.*

Rancor infantil? *Rancor infantil?*

O telefone rangeu com a força do meu aperto. Podia confiar em meu pai para *ainda* colocar a culpa em mim, em vez de em sua favorita.

Parte de mim reconhecia a ironia clichê da minha situação. A pobre garotinha rica não era tão amada quanto a criança de ouro, aquela que conseguia sorrir, dançar e encantar qualquer pessoa na sala. Georgia poderia chorar como um ser humano normal e agir como a socialite perfeita. Ela era a filha que meu pai sempre quis, e eu era a desgraça.

Se eu estivesse assistindo a um filme estrelado por mim, zombaria de mim mesma, mas isso não era um filme. Era a minha vida e, por mais que eu fingisse que isso não me incomodava, meu relacionamento rompido com minha família sempre seria um ponto sensível.

Joguei meu telefone na cama e me levantei.

Se eu pensasse muito sobre a vida atual de Georgia, começaria a pensar no passado, e se pensasse no passado...

*Não.* Eu não ia para lá.

A determinação transformou minha náusea em uma resolução de aço.

Foda-se Georgia, foda-se o passado e foda-se as tentativas do meu pai de me culpar e me fazer pedir desculpas por coisas que *eles* fizeram de errado. Seria um dia frio no inferno antes que eu rastejasse de volta para eles.

Eu estava bem sem eles, muito obrigada.

A pressão cresceu atrás dos meus olhos, mas eu cerrei a mandíbula e ignorei enquanto vasculhava o armário em busca de algo para vestir.

Na maioria das noites, eu preferia uma noite tranquila com um livro, vinho e filmes.

Não esta noite.

Esta noite, eu queria companhia.



## Xavier

Depois que deixei Sloane em nossa villa, meus amigos e eu ficamos na água até o pôr do sol. Pedimos o serviço de quarto na casa de Luca antes de irmos à famosa boate do resort.

Objetivamente, o clube tinha boa música, ótimo serviço e ótimas bebidas. Eu mudaria algumas coisas – o design de iluminação retrô não combinava com as vibrações futuristas e o layout da sala VIP não fluía tão bem quanto poderia –, mas no geral, atendia aos meus critérios para uma noite memorável fora.

Então por que eu não estava me divertindo?

— Isso é divertido — disse Luca. Ele e Evelyn brigaram antes, então sua conexão rápida tinha morrido antes de ser totalmente revivida. — Certo?

— Sim. — Meu entusiasmo rivalizava com o de um prisioneiro a caminho do corredor da morte.

O que Sloane estava fazendo na villa? Ela estava eviscerando alguma comédia romântica pobre de novo? Suas críticas eram cruéis, mas achei a paixão com que ela as escreveu estranhamente encantadora. Ela era tão reservada o tempo todo que foi bom ver uma área de sua vida onde ela se deixou levar totalmente.

Luca disse mais alguma coisa, mas eu mal ouvi.

O que diabos havia naquele e-mail que ela recebeu? Ela disse que não era uma coisa de trabalho. Era a família dela? Amigos dela? Seu amante misterioso não confirmado? Se ao menos ela estivesse aqui, então...

Um flash loiro chamou minha atenção.

Eu parei, meu olhar focado na recém-chegada virando cabeças. Cabelo platinado. Olhos azul-gelo. Pernas que se estendiam por quilômetros.

Ela se parecia exatamente com Sloane, mas não poderia ser ela porque... caramba.

O calor rastejou sob minha pele enquanto ela caminhava pelo lugar, nada consciente ou impressionada pelos olhos que a seguiam.

A rica seda cobalto derramava-se sobre seu corpo, expondo seus ombros e parando alto o suficiente em sua coxa para provocar a imaginação sem revelar muito. Os saltos prateados acrescentavam dez centímetros à sua altura e sua pele brilhava como pérolas beijadas pelo luar.

Fiz uma careta. *Pérolas beijadas ao luar?* De onde diabos isso veio? Eu não era uma pessoa poética, mas ela parecia boa o suficiente para inspirar o próprio Shakespeare.

Não eram suas roupas ou seu corpo.

Era a maneira como ela se movia, mais solta e fluida que o normal.

Era a forma como ela se comportava, confiante com um toque de vulnerabilidade.



E o jeito que ela *chamava* a atenção sem tentar, como se ela fosse uma maldita deusa entre os mortais.

Eu nunca tinha visto nada parecido.

Ela parou na minha frente e de Luca, e meu sangue queimou um pouco mais quente na presença dela.

— Sloane Kensington entrando em uma boate para se divertir.  
— Escondi a reação visceral do meu corpo atrás de um sorriso preguiçoso. — Alguém verifique a temperatura no inferno. Deve estar congelando lá embaixo.

— Muito original. — Agora que ela estava mais perto, vi um rubor revelador em suas bochechas. Ela já estava *bêbada*?

Era tão estranho que só consegui olhar, espantado, enquanto ela pegava uma dose da mão de Luca e a engolia de uma só vez.

Lancei um olhar de advertência para meu amigo. Agora que Evelyn estava fora de cena novamente, eu não queria que ele tivesse mais ideias sobre usar Sloane como rebote. Ela era uma conhecida mútua. Qualquer relacionamento entre eles seria muito complicado, obviamente.

O mesmo aconteceria com qualquer relacionamento entre nós, e foi por isso que mudei para água e fiz um grande esforço para ficar longe de Sloane pela próxima hora enquanto ela circulava pelo ambiente.

Infelizmente, a sala VIP era um espaço confinado. Não importava o que eu fizesse ou com quem conversasse, ela estava sempre ali, ocupando meus pensamentos e chamando minha

atenção até que qualquer conversa que eu estivesse tendo se transformasse em silêncio.

— Cara, chame-a para dançar. — Luca não saiu do meu lado na banqueta, embora de repente tenha ficado fascinado com algo em seu telefone nos últimos vinte minutos.

Do outro lado da sala, Sloane disse algo ao DJ, que assentiu e sorriu para ela de uma forma que não gostei.

— Não sei do que você está falando. — Inclinei a cabeça para trás e fechei os olhos, tentando apagar a imagem dela da minha mente. Os DJs podiam flertar com os frequentadores dos clubes? Isso não era uma responsabilidade profissional ou algo assim?

— Sloane. — A voz de Luca era quase inaudível em meio à música. — Você não desviou o olhar dela nenhuma vez desde que ela apareceu.

— Porque eu não quero que ela me surpreenda. Ela é como um predador na selva. Você tem que ficar de olho nela o tempo todo.

— Certo. — Eu podia ouvir o sorriso na voz do meu amigo. — Então você não se importa se *eu* dançar com ela?

Meus olhos se abriram e levantei a cabeça para encará-lo. — Na verdade, eu me importo, e não pela razão que você está pensando. Essa merda vai ficar complicada.

— Por quê? Ela é sua publicitária, não minha. Eu mal a conheço.

— Ela é a melhor amiga da sua cunhada.

— Então?

— Então? — eu gaguejei. — Então isso é *uma bagunça*.

— Diz o cara que ficou com a ex do colega de quarto.

— Isso foi no internato e foi diferente. — Meu colega de quarto tinha sido um idiota. — Vivian vai matar você se tocar em Sloane.

— Não, ela não vai. E tudo que eu disse foi que queria dançar com ela, não dormir com ela. — Lucas encolheu os ombros. — Mas ei, você nunca sabe. Estamos de férias. Eu poderia ter sorte.

Eu não era uma pessoa violenta, mas nesse momento, nunca quis socar alguém mais do que um dos meus amigos mais antigos.

— Se você-

Uma erupção de vivas me interrompeu no meio da frase. Meu olhar se voltou para a cabine do DJ, onde Sloane dançava em uma mesa vizinha.

Sloane. Dançando. *Em uma mesa*.

O inferno já devia ser um playground de gelo.

Todos os pares de olhos na sala estavam grudados nela enquanto ela balançava ao som da música, que havia transitado de uma mistura dançante para uma versão sensual do último hit de R&B.

Ou eu era o melhor professor de dança do mundo, ou ela não estava apenas bêbada – ela estava chapada.

Pelo lado positivo, eu estava certo. Sua rigidez vinha de pensar demais, e quando ela não estava tão focada em fazer cada movimento perfeito, ela dançava... bem, ela dançava de uma forma que acendia cada célula do meu corpo.

Esfreguei a mão na boca, dividido entre assistir e intervir. A sóbria Sloane iria *odiar* isso pela manhã.

Meus lábios se curvaram ao pensar na reação dela, mas minha diversão morreu rapidamente quando um dos outros frequentadores do clube subiu na mesa, agarrou-a pela cintura e começou a se esfregar contra ela.

Minha reação foi tão rápida, tão visceral, que eu não conseguiria explicar o que aconteceu em seguida se alguém apontasse uma arma para minha cabeça.

Um segundo, eu estava sentado.

No momento seguinte, estava de pé e atravessava o piso, minha visão tingindo-se de escarlate enquanto eu avançava através da multidão assustada.

A sóbria Sloane teria dado uma joelhada nas bolas do cara por tocá-la. A bêbada Sloane não teve tais escrúpulos.

Ela se virou para encarar o cara cujas mãos se aproximaram perigosamente de sua bunda. Se ela se movesse mais um centímetro, a multidão aglomerada ao redor da mesa teria uma visão perfeita de sua saia. Vários já estavam com os telefones na mão, mas rapidamente os deixaram cair quando me aproximei.

O que quer que eles tivessem visto na minha expressão os fez sair do caminho enquanto eu subia na mesa e arrancava o cara de cima dela.

Eu me elevava vários centímetros acima dele, mas mesmo que não o fizesse, a fúria que agitava minhas entranhas teria me dado uma vantagem injusta.



Ele fez um barulho de insatisfação. — O que-

— Você tem três segundos para sair — eu disse, minha voz mortalmente calma. — Três.

Não cheguei ao dois antes que ele engolissem em seco e desaparecesse nas profundezas do clube. Maldito covarde.

Parte de mim ficou desapontado por não ter tido a chance de socar seu nariz, mas havia assuntos mais urgentes em questão.

Enfrentei Sloane novamente. Ela não percebeu a ausência de seu parceiro de dança ou minha chegada; ela estava muito ocupada tirando fotos com um dos frequentadores do clube no chão e, conseqüentemente, dando a todos uma visão de seu decote.

Peguei a dose dupla de tequila antes que ela chegasse aos seus lábios e joguei para o lado.

— Ei! Eu estava... — Seu protesto foi interrompido em um grito quando eu a levantei e a joguei por cima do ombro. Não confiava nela para andar direto naqueles saltos depois de Deus sabia quantos drinques.

— Deixe-me ir, seu Neandertal! — Ela bateu nas minhas costas enquanto eu a tirava da mesa e saía pela porta.

O clube ficava a centenas de metros de um terreno nobre à beira-mar, e não demorou muito para que o som das ondas dominasse a música que vazava no ar noturno.

— Tenha cuidado com o que você pede. — Deixei Sloane cair em um pedaço grosso de areia branca. Fiquei tentado a mergulhá-

la no oceano para deixá-la sóbria, mas nem eu era estúpido ou idiota o suficiente para fazer isso.

Ainda.

— Seu *idiota*. — Ela se levantou com uma graça surpreendente, dada a sua embriaguez. — O que diabos você pensa que está fazendo?

— O que diabos eu acho que *estou fazendo*? Acho que estou garantindo que você não acorde com fotos da sua bunda nua espalhadas por toda a porra da internet!

Seu olhar me espetou no lugar.

Como sempre, Sloane estava gloriosa em sua ira. Em qualquer outra noite, eu teria sentado e assistido aquela máscara legal dela explodir da maneira mais espetacular, mas ela não era a única fervilhando de raiva esta noite.

— Não seja ridículo — disse ela. — Eu não sou você. As pessoas não se importam com o que eu faço no meu tempo livre.

— Isso não é verdade. — *Eu me importo*. O pensamento surgiu, espontaneamente, antes que eu o banisse. — Você é uma Kensington e uma publicitária de alto nível, e as câmeras estão *sempre* observando. Foi você quem me ensinou isso.

— Sou uma Kensington apenas no nome. — Um pequeno lampejo de vulnerabilidade cruzou o rosto de Sloane e atingiu meu peito antes de sua expressão congelar novamente. — Você está sempre me dizendo para *relaxar*. Agora que estou, você tem algum problema com isso?

— Eu tenho um problema com um cara qualquer apalpando você em público — eu retruquei.

— Por quê?

*Porque a ideia de qualquer outra pessoa tocando em você me mata.*

— Porque — a raiva irracional cobriu minhas palavras com calor — *não é você.*

— Pare de agir como se você me conhecesse. — Sua voz subiu ao nível de um grito. — Nós não somos amigos. Não estamos namorando. *Você* é simplesmente um cliente e foi *você* quem me forçou a vir aqui. Você não tem o direito de agir como meu namorado ou manipulador.

— Estou tentando ajudar!

— Eu não preciso da sua ajuda!

Cada pedaço de vitríolo nos arrastou para mais perto até ficarmos a centímetros de distância, nossos peitos arfando e nossos corpos tremendo com a força de nossas convicções. A animosidade ardia entre nós, alimentada por anos de frustração reprimida e uma centelha de algo muito mais perigoso. Eu não sabia por que me importava tanto, porque ela estava certa. Eu não tinha nenhum direito sobre ela além do trabalho e estava sempre dizendo para ela relaxar.

Mas não assim. Não quando vinha de um lugar de dor e não de liberdade.

— Você tem razão. Eu não conheço você — eu disse. — Mas conheço Sloane, e Sloane nunca se colocaria em uma situação

como a que você estava. *Sloane* teria chutado a bunda daquele cara e teria tirado você da mesma forma que eu.

Parte da minha intervenção foi egoísta, mas outra parte resultou de uma preocupação verdadeira. Quem sabia quais fotos e vídeos as pessoas fizeram antes de eu pegá-la?

Talvez eu estivesse exagerando, mas que se dane. Era melhor prevenir do que remediar. A reputação profissional de *Sloane* significava tudo para ela, e ela nunca se perdoaria se uma noite de bebedeira colocasse em risco o que ela levou anos para construir.

— Bem, talvez *Sloane* nem sempre queira ser *Sloane*. — Seus saltos balançaram na areia fofa e ela soltou um palavrão antes de tirar os sapatos. — Além disso, *odeio* quando as pessoas falam sobre si mesmas na terceira pessoa.

Meu telefone vibrou com uma chamada recebida, mas ignorei. — Pare de desviar. O que aconteceu esta tarde? Porque você saiu?

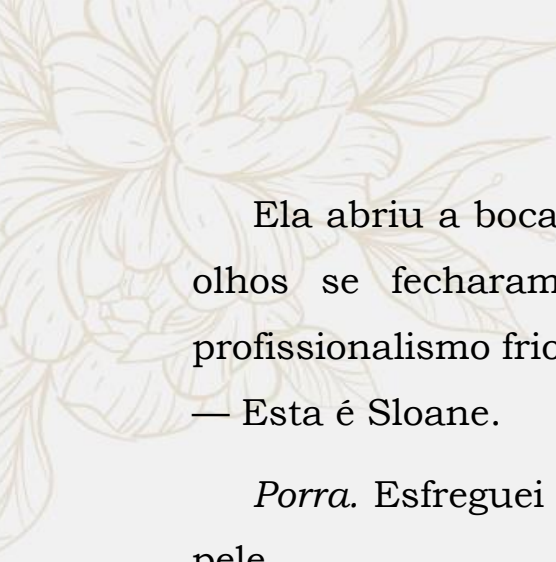
Apostava toda a minha herança que o e-mail misterioso estava diretamente relacionado ao desejo dela de beber até cair no esquecimento.

Meu telefone vibrou novamente. Encerrei a chamada sem olhar para ela. *Sloane* engoliu em seco. Ela estava mais frágil sob o luar, seu cabelo era prateado e dourado em vez de louro-gelo, seus olhos brilhavam com uma verdade cautelosa que só as profundezas da noite poderiam revelar.

Mais do que tudo, eu queria essa verdade e, por extensão, a confiança que ela trazia.

*Deixe-me entrar, Luna.*





Ela abriu a boca, mas um toque familiar a interrompeu. Seus olhos se fecharam e a fragilidade se transformou em um profissionalismo frio quando ela se virou para atender a chamada. — Esta é Sloane.

*Porra.* Esfreguei a mão no rosto, a frustração irritando minha pele.

Eu nunca odiei mais a invenção do telefone celular do que esta noite.

— Sim, estamos... entendo. — Seu tom mudou e um pressentimento ameaçador arrepiou meu couro cabeludo. — Claro. Eu cuido disso.

Sloane desligou e me encarou novamente.

Uma sensação pesada caiu como chumbo no meu estômago. Eu sabia o que ela iria dizer antes mesmo de dizer, mas isso não suavizou o impacto de suas palavras.

— É o seu pai — ela disse, com os olhos sóbrios pela primeira vez desde que apareceu no clube. — Ele piorou. Eles não sabem se ele sobreviverá durante a noite.





# CAPÍTULO 11

## *Sloane*

Não havia nada como um susto mortal para deixar alguém sóbrio.

Depois que contei a notícia a Xavier, voltamos para a villa e começamos a fazer as malas. Não trocamos uma palavra durante a caminhada de volta ou na viagem subsequente para o aeroporto.

Já era tarde, mas consegui acordar o piloto dele, que nos colocou no ar horas depois da ligação de Eduardo. Também saí mais cedo do nosso resort, deixei um breve bilhete para os amigos de Xavier e resolvi outras pontas soltas enquanto o jovem Castillo se retraía dentro de si.

Olhei para Xavier do outro lado do corredor. Ele estava dormindo ou fingindo dormir, mas mesmo que estivesse acordado seria impossível avaliar seus verdadeiros pensamentos em relação à saúde de seu pai. Esse era o único tópico em que ele se fechava completamente.

Esfreguei minha têmpora e tentei segurar meu escasso café da manhã. Eu consegui dormir algumas horas logo após embarcarmos, mas uma ressaca terrível me impediu de descansar de verdade.

Pelo lado positivo, eu tinha muito trabalho para me distrair de tudo o que aconteceu ontem, incluindo o e-mail do meu pai e a minha discussão com Xavier.

Agora que eu estava sóbria, estava grata por ele ter me impedido antes de me humilhar ainda mais no clube, mas ainda não gostei de como ele me tirou de lá como um homem das cavernas.

Não pensei na pequena agitação que senti na praia, que claramente foi resultado de muito álcool e nada mais.

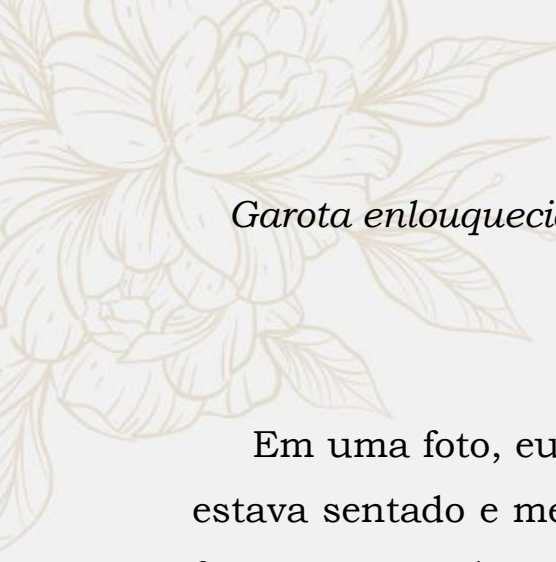
Quando eu estava elaborando uma estratégia de imprensa para se e quando Alberto Castillo morresse, meu telefone enlouqueceu com as mensagens recebidas. Considerando que era madrugada em Nova York, isso não poderia ser bom, e uma rápida olhada em minhas mensagens confirmou isso.

**Vivian:** *Só queria saber como você estava. Ligue-me quando tiver oportunidade.*

**Alessandra:** *Divirta-se! Beba um pouco de sangria por mim <3*

**Isabella:** *Você está muito bonita! E Xavier também ;) Vai, garota!*

Meu café da manhã subiu pela minha garganta novamente quando cliquei no link que Isabella enviou e vi as fotos espalhadas pela primeira página do blog de Perry Wilson junto com uma manchete vermelha berrante.



*Garota enlouquecida! Publicitária famosa fica suja na Espanha  
com cliente!*

Em uma foto, eu estava conversando com Xavier enquanto ele estava sentado e me olhava com um sorriso divertido. A segunda foto mostrava ele me carregando no ombro e saindo do clube.

O artigo em si era uma mistura de especulações e mentiras descaradas.

*A rainha das relações públicas supostamente está namorando seu cliente mais infame há semanas, o que pode explicar por que o notoriamente imperturbável herdeiro de Castillo se tornou todo homem das cavernas quando a viu dançando com outra pessoa na boate mais exclusiva de Maiorca...*

*Fontes também dizem que os amigos de Castillo interromperam sua fuga romântica secreta, o que levou a uma discussão ‘explosiva’ entre o casal e a um plano para deixar Castillo com ciúme. O plano funcionou? Veja por si mesmo...*

Havia mais fotos intercaladas no texto, incluindo uma foto granulada de nós na praia, outra minha dançando com um cara qualquer e um close de Xavier de frente para o cara na porra da mesa.

A raiva crescente queimou meu choque inicial até virar cinzas.

Perry Fodido Wilson. Aquele sapinho provavelmente estava se vingando por ter feito com que ele fosse expulso da festa da



Fashion Week da *Mode de Vie*, que todos sabiam que era a festa para aqueles que queriam ver, ser vistos e reunir informações da sociedade.

Não me importava que ele fosse o blogueiro de fofocas mais influente de Manhattan; eu iria arrancar a pele de seu lamentável corpo e usá-la como tela para seu obituário.

Respondi às minhas amigas com uma breve mensagem dizendo que estava bem e que explicaria mais tarde (além de outro pedido para Isabella continuar alimentando The Fish enquanto eu estivesse na Colômbia). Estava prestes a mandar um e-mail para Perry e dar uma bronca quando Xavier acordou.

— Eu conheço esse olhar — disse ele, suas primeiras palavras em horas coloridas de exaustão. — Quem irritou você?

Entreguei a ele meu telefone com o artigo aberto.

Ele examinou-o com uma expressão desinteressada. — Ah.

Eu ainda estava muito irritada para prestar muita atenção à sua moderação incomum. — Isso é tudo que você tem a dizer?

— O que mais você quer que eu diga? É Perry. Isso é o que ele faz. — Xavier encolheu os ombros e me devolveu o telefone. — Além disso, ele é a menor das minhas preocupações agora.

Minha raiva desmoronou como um castelo de cartas preso por uma súbita rajada de vento.

Eu estava tão acostumada a bater de frente com Xavier que era difícil desligar o modo padrão em nosso relacionamento, mas agora que eu não estava mais pensando na postagem do blog, notei as sombras em seus olhos e o aperto e a abertura aparentemente

inconsciente de seus punhos. Era um Xavier diferente daquele retratado no blog de Perry, e fez um estranho beliscão deslizar entre minhas costelas.

— Nenhuma notícia é uma boa notícia — falei, minha voz suave. — Você terá a chance de conversar com seu pai.

— Talvez. — A boca de Xavier se inclinou por um segundo antes de ficar sóbria novamente. — Éramos próximos, você sabe, quando eu era mais jovem. Eu era seu único filho, seu herdeiro. Eu deveria continuar seu legado, e ele passou todo o seu tempo livre me preparando para a tarefa. Visitas ao escritório, tutores, matrícula nas melhores escolas internacionais onde eu poderia interagir com as pessoas com quem um dia faria negócios. — Emoções passaram por seu rosto em uma rara demonstração de vulnerabilidade.

Mantive meus olhos nos dele, com medo de respirar, mas incapaz de desviar o olhar, e temia que o menor movimento de minha parte o assustasse e o fizesse ficar em silêncio. Xavier nunca falou sobre seu relacionamento com o pai, e o vislumbre do passado deles me fascinou e me entristeceu.

— Mas nem tudo eram negócios — disse ele. — Tivemos dias normais de pai e filho. Ele me levava aos jogos de *futebol americano* – ou futebol, como você o conhece. Tivemos jantares em família e férias no exterior. Era agradável. Então...

Suprimi uma hesitação involuntária.

Eu sabia o que aconteceu a seguir. Todo mundo sabia.

— Minha mãe morreu — disse Xavier, seu belo rosto desprovido de emoção. — E tudo mudou.

Uma dor forte escapou das minhas defesas e se enterrou profundamente no meu coração.

Ele tinha onze anos quando sua mãe morreu. O incêndio que ceifou a vida de Patricia Castillo foi notícia internacional devido ao seu casamento com o homem mais rico da Colômbia, a destruição total deixada pelo incêndio e a imagem viral de um pré-adolescente Xavier sendo carregado pelos bombeiros.

Essa imagem ancorou todos os artigos e segmentos de TV sobre o incêndio. As autoridades descartaram a possibilidade de incêndio criminoso, mas os detalhes sobre como o incêndio começou permaneceram obscuros.

— Você sente falta dela? — Xavier perguntou baixinho. — Sua mãe.

Minha mãe morreu em um estranho acidente de cavalo quando eu tinha quatorze anos. O casamento dos meus pais tinha sido socialmente conveniente, mas sem amor e, ao contrário do pai de Xavier, que nunca deixou de lamentar a morte da mulher, o meu se casou novamente menos de dois anos depois de enterrar a primeira mulher.

Um tipo novo e diferente de dor floresceu. — O tempo todo.

Minha admissão sangrou entre nós, formando um vínculo estranho e tênue que causou arrepios em cada centímetro do meu corpo.

Os ombros de Xavier relaxaram, como se minhas palavras tivessem de alguma forma tirado um peso deles.

Éramos diferentes em muitos aspectos, mas às vezes, tudo o que as pessoas precisavam era de um ponto em comum. Uma coisa infinitesimal que as fazia sentirem-se menos sozinhas.

Engoli em seco, passando pelo nó na garganta.

Éramos as únicas pessoas na cabine principal. Nossos comissários de bordo particulares estavam na cozinha, preparando o almoço, mas o tilintar distante de pratos e talheres logo desapareceu sob as batidas do meu coração.

Xavier e eu nos entreolhamos, ambos percebendo o preguiçoso redemoinho de tensão no ar, mas nenhum de nós o reconheceu.

Eu queria desviar o olhar. Eu *deveria* desviar o olhar, mas seu olhar manteve o meu cativo, suas profundezas tumultuadas provocando uma emoção que não consegui identificar.

Engoli novamente, e algo mais brilhou naqueles olhos escuros e quentes antes de descerem lentamente sobre meu rosto, traçando a inclinação do meu nariz, a curva da minha boca e a ponta do meu queixo antes de deslizar pelo meu pescoço. Eles se estabeleceram na base da minha garganta, onde meu pulso acelerou com abandono selvagem.

As mesmas borboletas incômodas que surgiram em meu estômago durante nossas aulas de dança se libertaram novamente. Só que desta vez eu não poderia culpar o álcool.

Eu estava totalmente sóbria e...

— Sr. Castillo, Srta. Kensington, gostariam de beber algo antes de servirmos o almoço? — A voz suave da nossa atendente jogou um balde de água gelada no momento.



A tensão diminuiu com um *estalo inaudível* quando Xavier e eu separamos nossos olhares.

— Água. — Seu sorriso parecia forçado. — Obrigado, Petra.

— O mesmo. — Limpei minha garganta de sua rouquidão. — Obrigada.

Almoçamos em silêncio. No entanto, embora não tivéssemos discutido o nosso passado novamente, uma sensação de conexão permaneceu.

Xavier e eu não éramos as primeiras nem as últimas pessoas a sentir falta dos pais. Mas a forma como reagimos às nossas perdas e as máscaras que apresentamos ao mundo... talvez fôssemos mais parecidos do que imaginávamos.





## CAPÍTULO 12

*Xavier*

Graças à diferença de fuso horário, chegamos em Bogotá antes do meio-dia.

O motorista do meu pai já estava esperando quando pousamos e nos conduziu pelas estradas sinuosas da cidade e pelos bairros densamente povoados com habilidade invejável.

Nasci na Colômbia, mas estudei no exterior durante toda a minha vida. Passei mais tempo nos corredores dos internatos do que em casa, e só visitei minha cidade natal duas vezes desde que meu pai foi diagnosticado com câncer no ano passado.

A primeira foi após o diagnóstico. A segunda foi logo antes da minha viagem de aniversário para Miami, quando ele me convocou e me repreendeu por não ter conseguido – defender o legado da família – enquanto ele estava morrendo.

Se havia uma pessoa que usaria sua doença para manipular outras pessoas para que fizessem o que queria, essa pessoa era Alberto Castillo. — Xavier. — A voz de Sloane cortou meus pensamentos. — Estamos aqui.

Pisquei, a névoa pastel das ruas se transformando em guaritas gêmeas e pessoal de segurança totalmente armado. Atrás dos portões de ferro preto, uma familiar mansão branca erguia-se com

três andares de altura, coroada por azulejos vermelhos e janelas com treliças.

— Lar Doce Lar. — O sarcasmo estava presente em minhas palavras, mas uma sensação de mal-estar agitou meu estômago quando entramos.

A fumaça de décadas grudava nas paredes, deixando-me enjoado.

Minha mãe morreu aqui. Ela queimou viva neste terreno e, em vez de se mudar, meu pai reconstruiu a casa bem no local de sua morte.

As pessoas diziam que ele queria ficar perto dela à sua maneira mórbida, mas eu sabia a verdade. Era a maneira dele de me punir e garantir que eu nunca esquecesse quem era o verdadeiro vilão nesta casa. — Você não precisa ficar aqui — eu disse a Sloane. Seu aroma limpo e fresco passou por mim, mascarando os ecos da fumaça. — Terei prazer em reservar uma suíte para você no Four Seasons.

Sloane já havia visitado a casa de Bogotá antes a trabalho, mas sob o brilho e o luxo, o peso encobria os alicerces da mansão. Eu não poderia ser o único que sentia isso.

— Já está tentando me expulsar? Esse é um tempo recorde.

— Você ficará mais confortável em um hotel. — Passamos por um gigantesco retrato a óleo do meu pai. Ele olhava para nós, seu rosto severo e desaprovador. — Isso é tudo que eu quis dizer.

— Talvez. Mas prefiro estar aqui. — Sloane olhou para frente, com passos decididos, mas o calor brilhou em meu peito mesmo

assim. Ela era espinhosa, tensa e tão fofa quanto um cacto. E, de alguma forma, ela conseguia tornar até as piores situações mais toleráveis.

No entanto, o calor se transformou em gelo quando entramos no quarto do meu pai. Sua equipe o transformou em uma suíte hospitalar privada completa com a mais recente tecnologia médica, um rodízio de enfermeiras e atendentes 24 horas por dia (todos os quais assinaram acordos de confidencialidade rígidos) e os melhores cuidados que o dinheiro poderia comprar.

Mas essa era a questão da morte: ela vinha para todos. Jovens e velhos, ricos e pobres, bons e maus. Era o maior equalizador da vida.

E ficou claro que, apesar dos bilhões de Alberto Castillo, ele estava às portas da morte.

A conversa desapareceu quando os ocupantes do quarto me notaram. Meu pai era o segundo mais novo de duas irmãs e um irmão. Estavam todos reunidos aqui junto com meus primos, o médico de família, o advogado de família e vários atendentes.

Eduardo foi o único que se aproximou de mim, mas parou quando me aproximei da cabeceira do meu pai.

O carpete era tão grosso que abafava até o menor ruído dos meus passos. Eu poderia muito bem ser um fantasma, deslizando silenciosamente até onde meu pai estava deitado, com os olhos fechados, seu corpo frágil preso a uma massa de tubos e monitores.



Com perfeita saúde, ele era um titã tanto em reputação quanto em aparência. Ele dominava qualquer sala em que entrava e era igualmente temido e reverenciado, até mesmo por seus concorrentes. Mas durante o ano passado, ele definhou e virou uma casca de si mesmo. Ele havia perdido tanto peso que estava quase irreconhecível, e sua pele morena parecia cera cinzenta sob os lençóis.

Uma corda serpenteava pelo meu peito, enrolando-se cada vez mais... — Ele sobreviveu durante a noite. — Dr. Cruz veio ao meu lado, sua voz tão baixa que só eu podia ouvi-lo. — Isso é um sinal positivo.

Não tirei os olhos da forma imóvel diante de mim. — Mas? — Dr. Cruz estava com minha família desde que nasci. Alto e magro, parecia um pé de feijão moreno, com cabelos grisalhos e nariz proeminente, mas era o melhor médico do país.

No entanto, havia algumas coisas que nem mesmo o melhor médico conseguia esconder, e eu o conhecia bem o suficiente para perceber a hesitação que vinha dele.

— Sua situação continua crítica. Claro, cuidaremos dele o melhor que pudermos, mas... estou feliz que você tenha chegado nesse momento.

Significando que a morte do meu pai era inevitável, e em breve.

A corda ficou mais esticada. Eu queria chegar lá dentro e arrancá-la. Eu queria fugir dessa porra de casa e nunca mais voltar. Eu queria *paz*, de uma vez por todas.

Mas não disse nada disso ao Dr. Cruz quando murmurei uma resposta genérica, nem ao Eduardo quando ele veio me abraçar, nem aos meus tios e tias e primos, metade dos quais estavam aqui apenas pela sua fatia de dinheiro, a fortuna do meu pai.

A única pessoa que não me sufocou de pena ou preocupação foi Sloane. Ela ficou perto da porta, respeitando a privacidade da família, mas ficando perto o suficiente para o caso de alguém precisar de alguma coisa. Quando meu pai falecesse, seria ela quem elaboraria o comunicado à imprensa e a estratégia de mídia. Conhecendo-a, ela já havia começado os dois.

Famílias normais enterravam os mortos e sofriam. Famílias como a minha tinham de emitir *declarações à imprensa*.

*Aqui jaz Alberto Castillo, pai de merda e extraordinário explorador de culpa. Ele era emocionalmente abusivo e desejava que seu único filho tivesse morrido, mas cara, ele era um grande empresário.*

O absurdo de tudo isso abriu um buraco na minha compostura e não consegui evitar que o riso vazasse no meio das banalidades de Tia Lupe. Quanto mais eu tentava, mais meus ombros tremiam, até que minha tia parou e me olhou horrorizada.

Alguns dos meus primos tinham ido aproveitar a piscina ou o fliperama da mansão, mas o restante da família me observou como se eu tivesse assassinado seu animal de estimação favorito.

— O que é tão engraçado? — Tia Lupe exigiu em espanhol. — Seu pai está em seu *leito de morte* e você está rindo? Isso é mais do que desrespeitoso!

— É engraçado você dizer isso, *tia*, considerando que você só aparece quando quer que *meu pai* pague suas contas. Como é a casa em Cartagena? Ainda sob a reforma de um milhão de pesos que você tanto *precisava*? — O aço tremeluziu sob minha diversão.

— Você deveria conversar. Você é um pirralho mimado que desperdiça o dinheiro do meu irmão sem nunca...

— Lupe. Suficiente. — Meu tio colocou a mão em seu braço e a afastou de mim com firmeza. — Agora não é a hora. — Ele lançou um olhar de desculpas para mim e eu emiti um sorriso pálido em resposta.

Ao contrário de Tia Lupe, Tio Martin era quieto, calmo e cauteloso. Ele vivia com a mesma meia dúzia de roupas o ano todo e não dava a mínima para o estilo de vida dos ricos. Eu não tinha ideia de como ele acabou com alguém como minha tia, mas supunha que os opostos se atraíam.

— Não, Lupe tem razão — disse Tio Esteban, irmão mais velho de meu pai. — O que há de tão engraçado, Xavier? Você não vem para casa há meses. Você se recusou a assumir a empresa, então o pobre Eduardo aqui está preso fazendo o seu trabalho. Você é constantemente retratado nas fofocas, festejando e desperdiçando Deus sabe quanto dinheiro. Eu disse ao Alberto para interromper você há muito tempo, mas não, ele se recusava. — Ele balançou sua cabeça. — Não sei o que ele estava pensando.

Eu sabia. O dinheiro era outra forma de controle para meu pai, e a ameaça de me interromper era mais poderosa do que o ato. Se ele realmente me interrompesse, seria isso. Eu estaria livre.

Eu poderia ter me isolado, mas seria sincero: era um hipócrita. Reclamei contra Lupe por usar meu pai como caixa eletrônico quando fiz o mesmo. A diferença era que eu admitia isso.

O dinheiro era uma prisão, mas era tudo que eu tinha. Sem isso, Xavier Castillo, tal como o mundo o conhecia, deixaria de existir, e a possibilidade de perder o único valor que tinha era mais assustadora do que viver o resto da minha vida numa jaula dourada.

— Ah, você conhece Alberto — Tía Lupe zombou. — Sempre se apegando à ideia romântica de que meu querido sobrinho um dia deixará de ser uma decepção. Honestamente, Xavier, se sua mãe estivesse viva, ela odiaria... — O resto da frase foi interrompida com um grito agudo quando a agarrei pela frente da camisa e a puxei para mim.

— Nunca *fale* sobre minha mãe — eu disse, minha voz enganosamente suave. — Você pode ser da família, mas às vezes isso não é suficiente. Você entendeu?

As pupilas da minha tia eram do tamanho de moedas de dez centavos e, quando ela falou, suas palavras tremiam. — Como você ousa. Solte-me neste instante ou...

— *Você. Me. Entendeu?*

A pena do seu chapéu ridículo estremeceu com intensidade crescente. Era uma prova de sua antipatia o fato de ninguém, nem mesmo o marido, ter se apresentado para intervir.

— Sim — ela cuspiu.



Eu a soltei e ela voltou para o lado do Tio Martin. — Com licença. — O toque frio de Sloane acalmou algumas das chamas que assolavam minhas entranhas. — Xavier e eu precisamos discutir alguns assuntos de mídia em particular.

Eu a segui para fora do quarto, passando pelo olhar vingativo da minha tia, pela carranca do Dr. Cruz e por uma série de outros julgamentos silenciosos.

Eu gostaria de me importar.

Fiquei feliz por não ter feito isso.

Sloane me levou até o escritório do meu pai, no fim do corredor. Ela fechou a porta atrás de nós e me encarou, sua expressão não revelando um pingo de emoção. — Você terminou?

— Ela mereceu.

— Essa não foi minha pergunta. — Quatro passos a trouxeram para perto. — Você. Terminou? — Ela pontuou cada palavra com precisão.

Minha mandíbula ficou tensa. — Sim.

O que eu fiz foi inteligente? Provavelmente não. Mas foi muito bom.

De todos os membros da minha família, Tia Lupe era a *última* pessoa que deveria falar sobre como minha mãe se sentiria. As duas nunca se deram bem. Tia Lupe via minha mãe como uma concorrente do tempo e do dinheiro do meu pai – o que era perturbador em muitos níveis – e minha mãe não gostava do autoengrandecimento descarado da cunhada.

— Bom, porque se você terminou, é a minha vez de falar. — Sloane bateu no globo na mesa do meu pai. Os alfinetes vermelhos destacavam todos os países onde a cerveja do Grupo Castillo tinha a maior participação de mercado.

Metade do globo era vermelho.

— Esta é a sua herança — disse ela. — Um império global. Milhares de funcionários. *Bilhões* de dólares. Você é o único herdeiro direto do Grupo Castillo e, mesmo que recuse um cargo corporativo, seu nome significa alguma coisa. Significa que sempre haverá pessoas querendo derrubar você, tirar de você, conseguir o que acham que merecem. Algumas dessas pessoas estão no fim do corredor. *Seu* trabalho — ela apontou um dedo para meu peito — é ser inteligente. Este é um momento crítico não apenas para a saúde do seu pai, mas também para o seu futuro. Se ele morrer, será um frenesi, não importa o que sua vontade diga. Então, a menos que você esteja disposto a desistir de sua herança e trabalhar pelo menos uma vez na vida, mantenha suas mãos fechadas e seu temperamento sob controle.

Ao contrário de antes, seu toque queimou.

A indignação encolheu sob seu olhar firme. Ela não estava sendo maliciosa ou antipática; ela estava sendo prática e, no estilo típico de Sloane, ela estava certa.

— Amor duro, Luna — eu falei lentamente. — Você é boa nisso.

Afastei-me dela e fui em direção ao globo. Girei-o preguiçosamente, observando as Américas passarem, seguidas pela Europa e África, depois pela Ásia e depois pela Austrália.

Parei quando a América do Sul apareceu novamente e arranquei o pin da Colômbia. Picou meu polegar, mas quase não senti.

— Você já desejou que alguém morresse? — perguntei suavemente. — Não quero dizer figurativamente ou em um momento de raiva. Quero dizer, você já ficou acordada à noite, sonhando como a vida seria melhor se uma pessoa específica não existisse?

Foi o mais perto que cheguei de iluminar meus pensamentos mais sombrios, e os *tique-taques* sombrios que se seguiram soaram como martelos batendo em minhas paredes.

O relógio de pêndulo inglês no canto era um dos bens mais valiosos do meu pai. Caixa em jacarandá esculpida com um intrincado design embutido, face trabalhada em prata cinzelada, numerais marcados por um famoso ourives de Londres. Ele pagou mais de cem mil dólares por ele em um leilão, e sua imponente sentinela parecia um avatar de sua reprovação.

Uma brisa roçou minha pele quando Sloane pegou o alfinete. — Sim. — Seus dedos roçaram minha palma por um único segundo antes de ela empurrar o alfinete de volta para o globo. — Isso não nos torna pessoas más, nem é uma desculpa. Nem sempre podemos controlar nossos pensamentos, mas podemos controlar o que fazemos a respeito deles.

Seu olhar passou da superfície antiga do globo até meus olhos.

— A questão então — ela disse — é o que você vai fazer a seguir?



## CAPÍTULO 13

### *Sloane*

Ansiedade envolveu a propriedade Castillo pelas vinte e quatro horas seguintes, enquanto o patriarca pairava no precipício entre a vida e a morte. A equipe trabalhava mais devagar, a família falava mais calmamente e a luz do sol que entrava pelas janelas diminuía no segundo em que atingia o ar aterrorizante da mansão.

Fiquei fora do caminho de todos, exceto de Xavier.

Não lidava bem com bilionários taciturnos, nem era particularmente boa em confortar as pessoas. No entanto, não consegui deixá-lo chafurdar sozinho, e foi assim que acabei procurando por ele na mansão com reforços em mãos.

Eu tinha algum tempo livre – tinha terminado o comunicado à imprensa ontem à noite e nenhum meio de comunicação importante havia publicado o artigo de Perry sobre minhas desventuras na Espanha. Eu não era uma celebridade, mas a falta de resposta era suspeita. Mesmo assim, aceitei isso como um presente do universo; já tinha problemas reais suficientes sem criar problemas hipotéticos.

Finalmente encontrei Xavier acampado na sala com um documentário da ESPN sobre os melhores atletas do mundo. Um de seus braços estava estendido no encosto do sofá, enquanto o outro segurava uma garrafa da bebida exclusiva do Grupo Castillo.



Cabelo despenteado, moletom de caxemira, camiseta de trezentos dólares. Esse era o Xavier que eu conhecia e não amava.

Algo semelhante ao alívio agitou meu peito. Pelo menos ele não estava agindo *totalmente* fora do personagem.

— Desculpe, Luna, você terá que encontrar outra TV para suas comédias românticas — disse Xavier sem desviar os olhos da tela. — Esta está ocupada.

— Eu sei. Não vim assistir a um filme. — Sentei-me ao lado dele e descarreguei minha braçada de mercadorias na mesinha de centro. — Eu vim para ver você.

Seu olhar se voltou para mim com aparente surpresa antes de esfriar novamente. — Por quê?

— Você precisa comer. — Olhei para as garrafas de cerveja vazias espalhadas ao nosso redor. — E beber algo *sem* álcool.

— Você veio me alimentar e hidratar? — Um fio de diversão percorreu o tom duvidoso de Xavier.

— Como se você fosse um animal de estimação chato com o qual fiquei presa. Aqui. — Coloquei uma garrafa de água em sua mão e um prato de empanadas caseiras em seu colo.

Ele sibilou e rapidamente levantou o prato de suas pernas, apenas para deixá-lo cair de volta com a mesma rapidez. — Jesus, isso está *quente*.

— Então você deveria comê-los antes que queimem seu apêndice favorito — falei inocentemente.

Uma sugestão de risada surgiu em sua boca e ele a limpou com a mão antes de pegar uma empanada. — A especialidade de Doris é minha favorita. Como você sabia?

— Eu não sabia. Eu vi que você não estava comendo, então perguntei se ela poderia fazer alguma comida para você, e ela trouxe isso.

Com a minha admissão veio um leve tremor – um frisson de eletricidade que zumbiu entre nós e engoliu a alegria no ar.

A sugestão de risada de Xavier desapareceu. O calor correu para a boca do meu estômago e eu inconscientemente me mexi sob seu olhar ardente.

— Obrigado — disse ele, com uma nota estranha em sua voz. — Isso foi... muito atencioso da sua parte.

Respondi com um sorriso rígido, esperando que ele não visse o sangue subindo para a superfície da minha pele. Ocorreu-me que eu poderia ter sido a única pessoa que verificou o bem-estar de Xavier desde que ele chegou – todos os outros estavam muito ocupados ou não se importavam – e a constatação enviou uma onda conflitante de emoções através de mim.

Ele era um adulto. Ele não precisava de ninguém cuidando dele, mas fiquei satisfeita quando ele comeu as empanadas e bebeu a água sem reclamar.

— Quantos você representa? — Xavier inclinou o queixo em direção à tela, onde uma galeria de atletas superestrelas aparecia entre os cliques. Eles representavam os melhores e mais brilhantes de todas as principais ligas esportivas profissionais do Hemisfério

Ocidental: NFL. NBA. MLB. Premier League. La Liga. E assim por diante.

Cruzei as pernas, ainda um pouco nervosa pela minha reação a ele mais cedo. *Isso é o que acontece quando não durmo o suficiente.* — Um.

Um barítono profundo relatou a ascensão meteórica de Asher Donovan em imagens de sua adolescência e dos primeiros anos no clube, culminando com o lendário gol no meio do campo contra o Liverpool que o catapultou para um nome familiar.

Olhei para Xavier enquanto a tela mudava para as manchetes sobre a transferência recorde de Asher para Blackcastle.

— Mas você já sabia disso — eu disse.

Sua boca se curvou em um sorriso torto. — Claro. Contanto que eu ainda seja seu favorito.

Apesar de sua aparência desgrenhada, ele cheirava a sabão e roupa lavada. Ele pegou um guardanapo, sua perna roçou a minha, e o calor viajou da minha coxa até meu estômago.

— Experimente um. — Xavier usou o guardanapo para pegar uma empanada e me entregou. — Você não viveu até comer uma das empanadas de Doris.

Dei uma mordida hesitante. O sabor amanteigado e escamoso derreteu na minha boca, seguido por uma rica explosão de sabor. Carne moída, tomate, cebola, alho. Perfeitamente temperado e perfeitamente equilibrado com a massa.

— *Uau* — falei, um pouco atordoada. Já fazia um tempo que não comia algo tão simples, mas tão bom. — Você não estava brincando.

— Eu disse a você. — As covinhas de Xavier apareceram de surpresa. — Pegue outra. Ela adora fazê-las. Diz que é calmante.

— Eu não estou com fome.

— Você almoçou ou tomou café da manhã?

*Não*. — Eu trouxe a comida para você.

— Sim, e estou compartilhando com você. — Ele empurrou o prato em minha direção. — Eu insisto.

Xavier não iria relaxar até que eu concordasse, então peguei outro pedaço e me acomodei mais fundo no sofá. Compartilhar comida era um ato simples e platônico que as pessoas faziam todos os dias, então por que meu estômago parecia um terreno fértil para um novo enxame de borboletas?

Mantive meu olhar fixo na televisão até terminar de comer e tirar as migalhas das mãos. — O quê? — perguntei quando ele continuou olhando para mim em vez de para a TV.

— Ainda usando isso, pelo que vejo. — Seus dedos roçaram a pulseira da amizade de Pen e meus músculos instintivamente ficaram tensos. A pulseira não era o acessório mais profissional, mas eu poderia facilmente escondê-la com mangas compridas. — Você vai me contar sobre o presenteador misterioso?

— Eu conto no dia em que você conseguir um emprego.

Sua risada baixa fez as borboletas voarem alto. — *Touché*.



Xavier deixou cair a mão e o oxigênio fluiu um pouco mais livremente. — Quando eu era criança, pensei que seria o próximo Diego Maradona — disse ele. — Infelizmente, estava mais interessado em sair com meus amigos do que em treinar.

— Realmente? Eu nunca teria imaginado. — A parte triste é que aposto que ele *poderia* ter se tornado profissional se tivesse investido tempo e esforço.

Isso era o que me irritava nele e por que era mais dura com ele do que com qualquer outra pessoa. Xavier não era meu cliente mais rude ou mais nobre, mas tinha o maior potencial desperdiçado.

— Pelo menos sou consistente. — Seu sorriso não alcançou seus olhos. — Você sempre pode contar comigo para se divertir.

Talvez. Mas sob as chuvas de champanhe e as festas no iate, quanta diversão ele estava realmente tendo?

— Então, fale logo — disse ele quando o documentário passou de Asher para LeBron James. — Que esporte você praticava enquanto crescia?

— O que faz você ter tanta certeza de que praticava um?

— Sloane. — Xavier me olhou de soslaio com um olhar que fez minha boca se curvar, apesar de tudo. — Você é muito competitiva para não ter capitaneado um time ou três.

Verdade.

— Tênis, vôlei e golfe — admiti. — Tentei futebol, mas não era para mim. Minha irmã adora.

A última parte escapou sem pensar, e Xavier se animou como um predador sentindo a presa.

— Sua irmã? — Um brilho especulativo entrou em seus olhos.  
— Georgia, certo?

*Merda.* Nunca mencionava minha família, então não o culpava por ser curioso, mas o som do nome dela em seus lábios trouxe aquelas empanadas de volta.

— Não. — A ideia de Georgia jogar futebol, entre todas as coisas, era ridícula. — Minha outra irmã, Penelope.

As sobrancelhas de Xavier franziram. — Eu não sabia que você tinha outra irmã.

— A maioria das pessoas não sabe.

Pen era muito jovem para ter feito sua estreia oficial na sociedade, e George e Caroline pagaram uma fortuna para manter ela e sua condição fora da imprensa.

— Ela é minha meia-irmã — esclareci. — Mesmo pai, mãe diferente. Tenho certeza de que ela assistiu a todos os jogos de futebol já gravados. Eu comprei para ela uma camisa autografada do Donovan em seu sétimo aniversário, há alguns anos, e você deveria ter visto o sorriso dela.

Meu coração apertou com a lembrança. Seu aniversário foi semanas antes do diagnóstico de SFC. Levei-a para um jogo local enquanto George estava no trabalho e Caroline estava em um almoço beneficente. Eu não a tinha visto tão feliz desde então.

— Quantos anos ela tem agora? — Xavier perguntou.

— Nove.

— Dois anos atrás. — Seu olhar abriu um buraco na minha bochecha e eu percebi meu erro.

Meu afastamento aconteceu há cinco anos. Eu basicamente admiti que estava quebrando os termos da separação da minha família.

Vivian, Isabella, Alessandra e agora Xavier. Além da própria Rhea e Pen, eu poderia contar nos dedos de uma mão o número de pessoas que sabiam que eu estava em contato com minha irmã.

O pensamento deveria ter me aterrorizado, mas algo em Xavier silenciou minhas preocupações habituais. Meu instinto me dizia que ele poderia guardar um segredo e, embora eu não confiasse cem por cento em meu instinto quando se tratava dele, ele compartilhava sua própria vulnerabilidade o suficiente para que eu estivesse disposta a dar a ele esse pedaço de mim mesma sem muita resistência.

Mesmo assim, levantei o queixo e encontrei seus olhos, desafiando-o a seguir em frente com sua linha de pensamento. — Sim.

Xavier não vacilou sob a força do meu olhar. — Ela está quase na casa dos dois dígitos — disse ele. — Grande marco.

*Então, como se sente sobre nove anos? Você está quase na casa dos dois dígitos.*

A pressão aumentou na minha garganta. Eu não discutia sobre Pen com ninguém além de Rhea há tanto tempo que uma conversa sobre algo tão simples como a idade dela estava destruindo minha compostura. Meu segredo borbulhou dentro de mim durante anos.

Precisava de uma válvula de escape e, de alguma forma, da maneira mais inesperada, eu a encontrei em Xavier Castillo.

Ele não perguntou detalhes sobre Pen ou há quanto tempo eu estava em contato com ela. Ele não perguntou se eu estava conversando com mais alguém da família. Ele não perguntou nada.

Ele simplesmente me observou com aqueles olhos escuros e insondáveis, e a força invisível que me trouxe aqui apareceu novamente, incitando-me a confiar nele e deixar alguém entrar completamente pela primeira vez.

Minha autopreservação lutou como o inferno.

Momentos de conexão eram uma coisa. Abrir-se para alguém era algo completamente diferente.

Felizmente, fui salva de tomar uma decisão quando uma sombra familiar se espalhou pelo chão.

Eu me endireitei, entrando no modo de trabalho enquanto Xavier ficava visivelmente tenso.

— É o seu pai. — Eduardo foi direto ao assunto. — Ele está acordado.







## Xavier

Eles me deixaram sozinho com ele.

Meu pai não estava disposto a ver uma multidão, então o Dr. Cruz forçou todo mundo a ficar no corredor enquanto eu... bem, eu não sabia o que deveria fazer.

Eu fiquei sem coisas para dizer a ele há muito tempo.

Mesmo assim, cheguei ao lado de sua cama, meu coração batendo ansiosamente quando olhos escuros se fixaram nos meus.

— Xavier.

Seu sussurro fino como papel causou um arrepio na minha espinha. A última vez que o vi, ele falava normalmente e eu podia fingir que o status quo ainda estava intacto. Mesmo que o status quo fosse uma droga, havia conforto na familiaridade.

Mas isso? Eu não sabia o que fazer com esse homem ou situação. Devia perdoar e esquecer porque ele estava com uma doença terminal? Os últimos momentos de sua vida apagavam os momentos em que ele transformou a minha vida em um inferno? O que um filho dizia ao pai que ele deveria amar, mas odiava?

— Pai. — Forcei um sorriso. Apresentou-se como uma careta.

Seu olhar remelento viajou do topo do meu cabelo despenteado pelo sono até a ponta do meu tênis. Ele subiu para descansar na minha calça de moletom. — *Esos calças outro vez. — Essa calça de novo.*

Minha mandíbula apertou. É claro que nossa primeira interação em meses girava em torno da desaprovação dele pelas minhas escolhas. *O status quo vive e respira.*

— Você me conhece. — Coloquei a mão no bolso e lancei um sorriso descuidado. — Meu objetivo é desagradar.

— Você é o herdeiro de Castillo — ele retrucou em espanhol. — Aja como tal, especialmente... — Um ataque de tosse sacudiu seus pulmões. Quando eles finalmente cessaram, ele respirou fundo antes de continuar. — Especialmente quando eu estiver fora dentro de uma semana.

A mão no meu bolso se fechou. Foi a primeira vez que meu pai reconheceu sua mortalidade, e foi necessária toda a força de vontade para não recuar.

— Já tivemos essa conversa várias vezes — eu disse. — Não vou assumir o controle da empresa.

— Então o que você vai fazer? Viver do meu dinheiro para sempre? Criar outra... — Ele tossiu novamente. — Criar outra safra de degenerados que transformarão a fortuna da família em nada?

Os monitores apitaram com o aumento da frequência cardíaca.

— Cresça, Xavier — ele disse asperamente. — É hora de você... — Desta vez, uma tosse seca o deixou fora de serviço por um minuto inteiro. — É hora de você ser útil pelo menos uma vez.

— Você quer que eu, alguém que não quer o emprego e *nunca* vai querer o emprego, seja CEO? Você deveria ter bom senso para

os negócios, padre, mas até eu posso lhe dizer que essa não é uma boa estratégia.

Sua tosse se transformou em uma risada com catarro. — Você? CEO do Grupo Castillo como você está agora? Não. Seria melhor deixar o cachorro de Lupe no comando. — Os olhos do meu pai deslizaram para a porta fechada. — Eduardo vai treinar você. Este é o seu legado.

Minha mão doía com a força do meu aperto. — Não, não é. É *seu*.

Talvez fosse grosseiro discutir com um homem moribundo, mas era assim que nosso relacionamento seguia até o fim: ele tentando me forçar a entrar em um molde no qual eu não me encaixava; eu resistindo.

Houve um tempo em que eu tentei. Antes de minha mãe morrer, eu passava todo o meu tempo com ele, fosse em um *jogo de futebol* ou em seu escritório. Vivia pelos sonhos, pelos tapinhas na cabeça, pela união em um futuro compartilhado. Eu daria continuidade ao legado da família e governaríamos o mundo.

Isso foi antes de nos tornarmos os vilões nas histórias um do outro. — Seu ou meu, é tudo a mesma coisa. — A boca do meu pai se torceu, o pensamento era tão atraente para ele quanto para mim.

Olhei pela janela para os jardins. Além deles ficava o resto de Bogotá, da Colômbia e do mundo.

Em nossa casa, a tradição formava uma prisão na qual nenhuma mudança entrava e nenhum membro escapava. Eu

cheguei mais perto, mas um jugo de medo me prendeu ao terreno da mesma forma que uma maldição prendeu os espíritos ao plano mortal.

Eu estava aqui há um dia e já estava sufocando. Eu precisava de uma lufada de ar fresco. *Apenas uma.*

— Sua mãe deixou uma carta para você. — Sete palavras. Uma frase.

Isso foi o suficiente para destruir minhas defesas.

Minha atenção voltou para a cama, onde a satisfação enchia o sorriso do meu pai. Por mais fraco que estivesse fisicamente, ele estava de volta ao controle e sabia disso.

— Ela escreveu quando você nasceu — disse ele, cada palavra caindo através de mim como pedras em uma avalanche. — Ela queria dar a você no seu vigésimo primeiro aniversário.

A estática estalou em meus ouvidos até que as implicações do que ele estava dizendo caíram ao meu redor e explodiram. Nuvens em forma de cogumelo ondulavam no ar, roubando-me o fôlego.

*Tudo* o que era dela foi destruído no incêndio: fotos, roupas, lembranças. Qualquer coisa que pudesse me lembrar dela, desapareceu.

Mas se ela me escreveu uma carta... meu pai não teria mencionado isso a menos que estivesse intacta. E se estivesse intacta, significava que um pedaço dela continuava vivo.

Engoli a emoção queimando em minha garganta. — Já passou muito do meu vigésimo primeiro aniversário.



— Eu não me lembrei disso. Foi há muito tempo. — Sua voz estava desaparecendo. Não demorou muito para que ele afundasse novamente, mas eu *precisava* saber sobre a carta. Como não havia queimado junto com o resto das coisas dela? Onde estava? Mais importante ainda, o que havia nela?

— Ela guardou em um de nossos cofres. — Outra respiração ofegante. — Santos descobriu quando estava arrumando meus negócios.

Santos era o advogado da nossa família.

O cofre explicava por que a carta estava intacta, mas dava origem a outra série de perguntas.

— Quando ele a encontrou? — perguntei baixinho.

Há quanto tempo meu pai estava escondendo isso de mim e por que ele decidiu me contar agora?

Ele desviou o olhar. — Gaveta de cima da minha mesa — ele murmurou. Seus olhos se fecharam e sua respiração se estabilizou em um ritmo mais lento.

O pressentimento cravou seus dentes em mim enquanto eu olhava para sua forma deitada. Ele era pele e ossos, tão frágil que eu poderia quebrá-lo ao meio com uma mão, mas na verdadeira forma de Alberto Castillo, ele exercia um controle indevido sobre mim, mesmo em seu leito de morte.

O quarto estava estranhamente silencioso, apesar dos monitores, e uma sensação de frio me seguiu quando finalmente me virei e saí.

Minha família havia se dispersado do corredor, cansada de esperar. Apenas o Dr. Cruz e Sloane permaneceram do lado de fora da porta.

— Vou ver como está seu pai — disse o médico, astuto o suficiente para perceber meu humor volátil. Ele entrou no quarto e a porta se fechou atrás dele com um *clique suave*.

A preocupação obscureceu o rosto de Sloane. Ela abriu a boca, mas passei por ela antes que ela pudesse dizer uma palavra.

Um estranho silêncio subaquático floresceu no corredor, abafando todos os ruídos, exceto o baque dos meus passos.

*Baque. Baque. Baque.*

O corredor se dividia em direções opostas no final. A esquerda levava ao meu quarto; a direita levava ao escritório do meu pai.

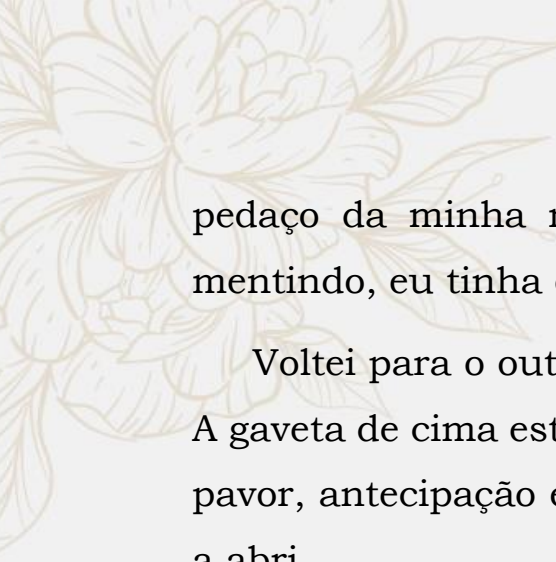
Eu deveria me retirar para o meu quarto. Eu não estava com a cabeça certa para ler a carta, e uma parte de mim estava preocupada que *não houvesse* carta. Eu não duvidaria que meu pai pudesse jogar algum jogo doentio em que ele alimentava minhas esperanças apenas para esmagá-las.

Virei para a esquerda e dei dois passos antes que a curiosidade mórbida pressionasse a repetição da confissão do meu pai.

*Sua mãe deixou uma carta para você. Gaveta de cima da minha mesa.*

Parei e fechei os olhos com força. *Droga.*

Se eu fosse esperto, não lhe daria a satisfação de morder a isca. Mas esta era a minha chance de potencialmente segurar um



pedaço da minha mãe novamente, e mesmo que ele estivesse mentindo, eu tinha que saber.

Voltei para o outro lado do corredor e entrei em seu escritório. A gaveta de cima estava destrancada, e uma confusão pegajosa de pavor, antecipação e ansiedade revirou meu estômago quando eu a abri.

A primeira coisa que vi foi um relógio de bolso de ouro. Abaixo dele, um envelope amarelado estava encostado na madeira escura.

Abri o selo com a mão trêmula, alisei a carta dentro... e lá estava ela. Uma página preenchida com a escrita fluida da minha mãe.

Minha garganta se contraiu.

A emoção tomou conta de mim, rápida e violenta como uma tempestade de verão, mas o alívio não teve chance de se acalmar antes de começar a ler.

Só então entendi exatamente por que meu pai me contou sobre a carta.





## CAPÍTULO 14

### *Sloane*

Depois do breve período de lucidez na quinta-feira, a condição de Alberto piorou. Ele entrou em coma no dia seguinte e, desta vez, o médico parecia menos otimista quanto às suas chances de sobreviver às próximas quarenta e oito horas.

Tanto a família quanto eu começamos a nos preparar para o pior. Enquanto eu monitorava excessivamente a mídia em busca de vazamentos, um padre chegou para estar presente para a extrema-unção, e a família de Xavier emboscava o advogado toda vez que ele entrava na casa. Às vezes, à noite, eu jurava ter ouvido o lamento fantasmagórico de alguém chorando.

Como não era uma pessoa supersticiosa, atribuía isso ao vento. Eu também não me importava com o trabalho pesado. Isso mantinha minha mente longe do e-mail do meu pai, que apaguei sem resposta.

O próprio Xavier não voltou para o lado do pai. Não sabia sobre o que conversaram quando Alberto estava acordado, mas desde então ele mal saiu do quarto. Mesmo uma oferta para assistir a uma comédia romântica e beber toda vez que a peculiar protagonista feminina fazia algo desajeitado não o despertou de sua reclusão.



No sábado, eu já estava farta. Era hora de resolver o problema com minhas próprias mãos.

Caminhei pelo corredor e parei em frente ao quarto de Xavier. Eu convenci a governanta-chefe a me emprestar sua chave mestra, mas uma pitada de apreensão me atingiu quando bati e não obtive resposta.

Eu não esperava por isso, mas isso não impediu minha mente de evocar as piores imagens do que havia além da porta.

Pilhas de garrafas vazias e sujeira. Drogas. Xavier teve uma overdose e morreu.

Eu nunca soube que ele se interessava por drogas, mas havia uma primeira vez para tudo.

A apreensão aumentou quando inseri a chave na maçaneta.

Um giro e a porta se abriu, revelando...

*Que diabos?*

Minha boca se abriu diante da cena diante de mim. Não foi a cama impecavelmente arrumada ou as cortinas abertas sobre as janelas que me chocaram. Não foi nem a falta de comida e álcool visíveis.

Foi a visão de Xavier... desenhando?

Ele sentava-se perto da janela, seu foco inabalável apesar da minha entrada. O cavalete à sua frente continha uma grande folha de papel coberta com o que parecia ser o desenho de uma sala de estar. Ao lado dele, uma pequena montanha de bolas de papel amassadas cobria o chão. Ele parecia extremamente organizado para alguém que eu estava convencida de que estava no meio da

autodestruição minutos atrás. Seu cabelo brilhava espesso e brilhante à luz do sol; uma mecha perdida caída sobre seu olho, roçando sua bochecha e suavizando as linhas ousadas de seu rosto. Ele usava uma camiseta cinza lisa e jeans que se moldava ao seu corpo como se tivesse sido feito para ele, e seus bíceps flexionavam a cada movimento e curva do lápis.

Um arrepio de consciência repentina desceu pela minha espinha.

Eu não tinha ideia de por que estava notando essas coisas em Xavier, mas do ponto de vista puramente físico, ele estava...

*Pare. Recomponha-se.* Eu me contive antes que meus pensamentos vagassem por caminhos inadequados. Claramente, eu tinha ficado enfiada na mansão por muito tempo se fui atraída pelos *braços dele*, entre todas as coisas.

Vim aqui para ver como ele estava, *não* para cobiçá-lo.

— Você tem o hábito de invadir meu quarto, Luna — disse ele sem tirar os olhos da tela. — Vamos ouvir isso.

Forcei minha mente a esquecer o leve zumbido de eletricidade em minhas veias e caminhei em direção a ele. Meus saltos ecoaram contra o piso de madeira polida, o som era um alívio bem-vindo de... outras distrações.

— Não sei o que você quer dizer. — Aproximei-me dele enquanto ele desenhava um conjunto de bancos em volta de um balcão curvo. Não era Picasso, mas era melhor do que qualquer coisa que eu pudesse ter feito. Além disso, com base nas anotações que ele

rabiscou no canto superior esquerdo, ele não pretendia tanto a expressão artística quanto o brainstorming.

*Considerações: profundidade/altura do bar, espaço do bar  
traseiro*

*Espaço flexível para verão/inverno*

*Marcar áreas de alto tráfego*

Meu coração vacilou sob dois golpes de compreensão e surpresa.

Não era um esboço de sala de estar. Era um projeto para um bar.

— Quero dizer, a bronca. — Xavier estava escondido em um dos bancos, a voz monótona e ausente da habitual irreverência. — Diga-me como devo passar o tempo com meu pai e fazer as pazes, em vez de fugir dos meus deveres. Ou como eu deveria estar me preparando para assumir o controle da casa depois que ele falecer e como sou cruel por não me importar se ele viverá ou morrerá. — Ele passou para o espaço traseiro do esboço. — Você não seria a primeira nem a última a dizer essas coisas.

Eu deveria ter. Em qualquer outra situação, eu *teria feito* isso, mas algo me impediu.

Não era meu trabalho policiar como as outras pessoas processavam sua dor – ou a falta dela – e o mau humor de Xavier me incomodava mais do que eu gostaria de admitir.

Eu não tinha percebido o quão acostumada estava com seu otimismo irritante, mas familiar, até que seu calor desapareceu.

— Você nunca me contou que era designer — falei, ignorando deliberadamente os tópicos que ele havia mencionado.

Sua mão parou por um breve momento antes de ele voltar a desenhar. — Eu não sou. Isso é apenas algo que faço para passar o tempo.

Peguei uma bola de papel descartada do chão e a desdobrei. Era uma variação do esboço atual. O mesmo aconteceu com a próxima que peguei e a seguinte. — Interessante. Porque para mim parece que você está tentando aperfeiçoar um design.

A mandíbula de Xavier apertou. — Existe uma razão para você invadir meu quarto novamente ou você está realmente entediada?

— Eu queria ver como você está. — A resposta escapou sem pensar, mas era verdade.

Apesar de seus defeitos, Xavier era humano. Enfurecedor, sim, mas ele não era malicioso ou mesquinho, e havia mais nele do que a imagem despreocupada que retratava para o mundo.

Além disso, eu, entre todas as pessoas, entendia as complexidades de um relacionamento paterno tenso. Eu só conseguia imaginar sua luta para conciliar seus sentimentos pessoais em relação ao pai e a perspectiva de perder o único pai que lhe restava.

Xavier finalmente olhou para mim. — Meus ouvidos estão me enganando? Sloane Kensington está me verificando *por vontade própria*? — Uma pitada de provocação apareceu em seu tom e restaurou uma sensação de normalidade.



O alívio tirou o peso dos meus ombros. Eu poderia lidar com um Xavier pouco cooperativo. Eu não sabia como lidar com alguém taciturno.

— Não force. — Minha voz esfriou, mas faltou firmeza. — Eu apenas quero garantir que você não faça nada estúpido. É o meu trabalho.

Os olhos de Xavier permaneceram nos meus por um momento, fazendo meu estômago revirar da maneira mais estranha, antes de ele retornar à tela. — Achei que seu trabalho fosse lidar com os abutres.

Os abutres, também conhecidos como mídia.

A notícia da saúde debilitada de Alberto vazou depois que alguém avistou o padre entrando no complexo, e havia atualmente uma dúzia de repórteres acampados em frente aos portões enquanto conversávamos.

Até agora, eu os mantive sob controle, mas se Alberto morresse, seria um frenesi crescente, especialmente porque ele não tinha um herdeiro claro. Eduardo era CEO interino e Xavier lavou as mãos em relação às obrigações da empresa. Isso deixou em aberto o destino da maior empresa privada do país. Dominaria as manchetes durante semanas, senão meses.

Felizmente, eu estava planejando esse dia desde que Alberto recebeu o diagnóstico de câncer, então não fiquei muito preocupada.

— Eles estão resolvidos — eu disse. — O que me traz de volta a isso. — Inclinei minha cabeça em direção ao cavalete. — Como vai?

— Bem. — Xavier acrescentou detalhes a uma banqueta. — Cheguei a um acordo com o fato de que não consertaremos nosso relacionamento antes que ele morra. Nem todo mundo consegue um encerramento. Às vezes, as feridas são muito profundas e o fim da estrada parece tão horrível quanto os quilômetros que vieram antes dele.

Ele colocou o lápis no cavalete e me encarou novamente. A resignação e a raiva esculpiram sua boca em um sorriso sem humor. — Isso responde à sua pergunta? — ele perguntou.

— Sim. — Eu ainda estava segurando os esboços que peguei antes. Amassei-os e deixei-os cair de volta no chão. — Mas tenho uma pergunta mais importante para você.

Suas sobrancelhas formaram arcos questionadores.

— Por que um bar? — Mudei de assunto propositalmente. Xavier estava bem. Caso contrário, ele teria me ignorado ou desviado em vez de dar uma resposta direta.

Tínhamos discutido longamente sobre nossas famílias nos últimos dias. Não precisávamos repetir isso agora que eu sabia que ele não iria entrar em uma depressão induzida por Alberto.

Tínhamos pais de merda que nunca perdoaríamos. Fim da história. — O esboço — esclareci, apontando para o cavalete. Como eu não sabia sobre seu hobby quando trabalhávamos juntos há tanto tempo? Era verdade que a maior parte da nossa

comunicação era por texto e e-mail até recentemente, mas ainda assim. Havia um outro lado dele que eu achava irritantemente fascinante. — Eu sei que é o seu habitat natural, mas a maioria das pessoas começa com uma casa. Talvez uma bela paisagem.

— As paisagens são chatas e não me importo muito com o design da casa. — Xavier encolheu os ombros. — Vou a bares suficientes para poder identificar facilmente as falhas de cada um. Achei que seria divertido tentar criar o modelo perfeito.

Eu enruguei meu nariz. — E você diz que sou chata.

Seu sorriso apareceu como um pequeno raio de sol através de nuvens cinzentas de tempestade. — Ei, se é bom o suficiente para o Príncipe Rhys, é bom o suficiente para mim. Ele também gosta de desenhar em seu tempo livre.

— Agora você está apenas inventando coisas. — Eu não conseguia imaginar o lindo, mas taciturno príncipe herdeiro de Eldorra desfrutando de algo tão suave quanto desenhar. Parecia que ele lutava contra ursos por diversão.

— Juro. Li sobre isso em uma entrevista no ano passado. Além disso... — As covinhas de Xavier se aprofundaram. — Eu disse que seus hobbies são chatos, você não. Não acho nada chato em você.

Meu batimento cardíaco tropeçou.

Deus, eu queria que ele fosse um idiota. Isso tornaria as coisas muito mais fáceis.

— Sim, bem... — Limpei a garganta e tirei uma bola de papel do caminho com a ponta do meu sapato. — Isso não muda o fato de que você precisa sair do seu quarto algum dia. Pensei que

você... — Eu me interrompi antes das palavras *tivesse morrido*. — Achei que você tivesse desmaiado aqui — terminei, estremecendo interiormente com a substituição esfarrapada.

— Eu gosto do meu quarto. — O sorriso de Xavier assumiu um tom diabólico. — Você é bem-vinda para se juntar a mim. Há muito espaço.

Ah, havia o flerte desavergonhado. Eu sabia que ele ainda estava escondido em algum lugar ali embaixo.

Eu transformei minha expressão em alguma aparência de desaprovação profissional, mas não tive a chance de responder antes que uma batida soasse na porta.

Seu dono não esperou por uma resposta; a porta se abriu, revelando o terno escuro e o rosto sombrio de Eduardo.

Minha resposta sarcástica murchou e o sorriso de Xavier se transformou em uma compreensão sombria. Ele se virou para o cavalete e rasgou o esboço quase completo da tela. Logo se juntou ao resto dos desenhos no chão.

O ácido comeu meu estômago. Estávamos chegando a algum lugar e agora...

— Xavier. Sloane. — A voz de Eduardo estava pesada. — Está na hora.

Não precisávamos de mais detalhes e nenhum de nós falou enquanto o seguíamos pelo corredor. Eu praticamente podia ouvir os flashes da câmera lá fora; os abutres estavam circulando e era apenas uma questão de tempo até que pousassem.



Chegamos à metade do caminho antes que um leve toque em meu ombro me obrigasse a parar.

— Antes de entrarmos lá... — Xavier engoliu em seco, seus olhos nublados pela agitação. — Obrigado por me verificar.

As palavras caíram como flechas, cada uma em seu alvo vulnerável.

Isso não tinha me ocorrido antes, mas em uma casa cheia da família dele, fui a primeira pessoa a verificar se ele estava bem.

— De nada — falei calmamente.

Não havia mais nada que eu pudesse dizer naquele momento.

A única coisa que pude fazer foi me afastar, deixá-lo se despedir e prepará-lo para a tempestade que estava por vir.





## CAPÍTULO 15

### *Xavier*

Eu não deveria estar surpreso que um homem que mal esteve ao meu lado em vida estivesse igualmente ausente na morte.

Alberto Castillo, o homem mais rico da Colômbia, ex-CEO do Grupo Castillo e pai de um filho, morreu em casa às três e cinco da tarde de sábado.

Cheguei ao quarto dele bem a tempo de testemunhar seu último batimento cardíaco.

Ele nunca acordou do coma antes de falecer e nunca trocamos um adeus adequado.

Se isso fosse um filme, teríamos um confronto dramático ou um grande confronto antes de ele morrer. Eu descarregaria minhas queixas sobre ele; ele confessaria seus arrependimentos para mim. Teríamos uma briga catártica ou uma reconciliação. De qualquer forma, teríamos um encerramento.

Mas isso não era um filme. Era a vida real e, às vezes, isso significava que pontas soltas não ficavam resolvidas.

Após sua morte, senti uma estranha mistura de nada e tudo ao mesmo tempo. Fiquei aliviado por não estarmos mais ansiosos, esperando por um veredicto final de saúde, mas não consegui processar totalmente que ele havia partido e nunca mais voltaria.

Eu desprezava a manipulação de última hora que ele fez com a carta da minha mãe, mas a *proximidade esmagadora* que senti dela quando li suas palavras valeu a pena.

No entanto, restringir aquele mar de emoções complicadas era uma camada de dormência da qual não conseguia me livrar, por mais que tentasse.

*Gaveta de cima da minha mesa.*

Essas foram as últimas palavras que meu pai me disse, e imaginei que seria apropriado que nosso capítulo terminasse com laços com minha mãe. Viva ou morta, ela era a base do nosso relacionamento.

O relógio de bolso que encontrei na gaveta da escrivaninha dele fez um buraco na minha coxa.

— Você acha que sou um monstro por não chorar? — Olhei para o uísque em minha mão. Era meia-noite e eu estava na cozinha, bebendo para afastar minhas preocupações, porque o que mais alguém faria na noite seguinte à morte do pai?

— Não — Sloane disse simplesmente. — As pessoas sofrem de maneiras diferentes. — Ela serviu um copo de água e deslizou-o em minha direção.

Ela ficou comigo logo após a morte do meu pai, forçando-me a comer e afastando meus familiares quando eles tentaram me abordar com perguntas sobre minha herança.

Felizmente, ela não me sufocou de pena. Sempre podia contar com Sloane para ser Sloane. Sempre que eu estava me afogando, ela era minha âncora na tempestade.

Parte de mim estava com vergonha de mostrar a ela esse meu lado – cru e exposto, emaranhado nos pedaços da máscara que eu normalmente usava para o mundo. Era fácil ser Xavier Castillo, o herdeiro bilionário e festeiro; era torturante ser Xavier Castillo, o homem e a decepção. Aquele com um passado fodido e um futuro incerto, que tinha muitos amigos, mas ninguém em quem se apoiar.

Sloane era a coisa mais próxima que eu tinha de um sistema de apoio, e ela nem gostava de mim. Mas ela estava aqui, eu a *queria* aqui, e isso era mais do que poderia dizer de qualquer outra pessoa na minha vida.

Ela me examinou, seu rosto mais suave do que o normal. — Mas posso ser a pessoa errada para responder sobre o luto. Eu não posso... — Um momento de hesitação. — Eu não consigo chorar.

Isso me surpreendeu o suficiente para me livrar de um pouco da minha autoaversão. — Figurativamente?

— Literalmente. — Ela esfregou o polegar nas contas de sua pulseira da amizade, como se estivesse pensando se deveria dar mais detalhes.

— Posso chorar se estiver com dor — ela finalmente disse. — Mas nunca chorei de tristeza. Sou assim desde jovem. Não chorei quando o gato da nossa família morreu ou quando minha avó favorita faleceu. Eu não derramei uma única lágrima quando meu noivo... — Ela parou abruptamente, seu rosto escureceu por uma fração de segundo antes de sua compostura voltar ao lugar com um *tinido quase audível*. — De qualquer forma, você não é o único que se sente um monstro por não chorar quando deveria.



Ela pegou a garrafa de uísque do balcão e colocou um pouco em um copo de cristal. Era o terceiro da noite.

*Noivo.* Havia rumores de que ela estava noiva anos atrás, mas ninguém podia confirmar – até agora. Sloane era notoriamente reservada sobre sua vida pessoal, e ajudava o fato de ela estar morando em Londres na época, longe da cruel máquina de fofocas de Manhattan.

Observei em silêncio enquanto ela tomava um gole de sua bebida.

Cabelo perfeito. Roupas perfeitas. Pele perfeita. Ela era a imagem da perfeição, mas eu estava começando a ver as rachaduras sob sua fachada polida.

Em vez de diminuir sua beleza, elas acrescentaram algo a ela.

Elas a tornavam mais real, como se ela não fosse um sonho indescritível que escaparia dos meus dedos se eu tentasse tocá-la.

— Parece que temos cada vez mais em comum — falei lentamente. Pais de merda. Problemas de compromisso. Grande necessidade de terapia.

Quem disse que os adultos não podiam se relacionar com o trauma?

Sloane devia ter esperado que eu me intromettesse sobre seu noivo, porque seus ombros relaxaram visivelmente quando levantei meu copo.

— Para monstros.

Um brilho suave iluminou seus olhos e ela ergueu o copo. — Para monstros.

Bebemos em silêncio. A casa estava às escuras, o relógio marcava uma hora e um exército de repórteres reunia-se do lado de fora dos portões, à espera de transformar a morte do meu pai num circo mediático.

Mas isso era um problema para a manhã. Por enquanto, eu me deleitava com o calor da minha bebida e com a presença de Sloane.

Ela não era amiga nem família e, num dia ruim, fazia o iceberg do *Titanic* parecer um paraíso tropical. E, no entanto, apesar de tudo isso, não havia mais ninguém com quem eu preferisse passar esta noite.



Sábado marcou meu último suspiro antes que o tsunami de imprensa e papelada surgisse.

Os dias seguintes passaram em um turbilhão de preparativos para o funeral (extravagantes), pedidos da mídia (incessantes, mas sem resposta, exceto pela declaração à imprensa que Sloane havia elaborado) e linguagem jurídica (complicada e que causava dor de cabeça).

Meu pai havia deixado instruções meticulosas para seu funeral, então tudo o que tivemos que fazer foi executá-las.

Seu testamento era uma questão totalmente diferente.

Na terça-feira após seu falecimento, eu me reuni na biblioteca com minha família, Eduardo, Sloane e Santos, nosso advogado imobiliário.

A leitura do testamento começou conforme o esperado.

Tia Lupe recebeu a casa de férias no Uruguai, Tio Esteban recebeu a coleção de carros raros do meu pai, e assim por diante.

Então percebi, aparentemente meu pai tinha feito uma mudança de última hora nos termos da minha herança.

Murmúrios ecoaram pela sala com a notícia, e eu me endireitei quando Santos começou a ler as condições.

— Ao meu filho Xavier, lego todos os ativos fixos e líquidos restantes, totalizando sete vírgula nove bilhões de dólares, desde que ele assuma o cargo de CEO antes do dia de seu trigésimo aniversário e exerça a função por um período mínimo de cinco anos consecutivos a partir de então. A empresa deve obter lucro em cada um desses cinco anos, e ele deve ocupar o cargo de CEO da melhor maneira possível, conforme determinado por um comitê pré-selecionado a cada seis meses, a partir de seu primeiro dia oficial como CEO. Caso ele não cumpra os termos acima, todos os ativos fixos e líquidos restantes serão distribuídos para instituições de caridade de acordo com os termos abaixo.

A sala explodiu antes que Santos lesse o próximo parágrafo. — *Todos os bens para caridade?* — Tia Lupe gritou. — Sou irmã dele e ganho uma miserável casa de férias enquanto *a caridade* recebe oito bilhões de dólares?

— Você deve ter lido errado. Não há como Alberto fazer isso...

— Xavier como CEO? Ele quer levar a empresa à falência?

— Isso é ultrajante! Vou ligar para meus próprios advogados...

Gritos e maldições em espanhol ricochetearam nas paredes como balas enquanto minha família se transformava no caos.

Durante tudo isso, Eduardo, Sloane e eu fomos os únicos que não pronunciamos uma palavra. Eles se sentaram um de cada lado de mim, o rosto de Eduardo pensativo, o de Sloane impassível. Do outro lado da sala, Santos manteve uma expressão neutra enquanto esperava que a indignação diminuísse.

A primeira linha da minha cláusula de herança tocou na minha cabeça.

*Lego todos os ativos fixos e líquidos restantes, totalizando sete vírgula nove bilhões de dólares, desde que ele assuma o cargo de CEO antes do dia de seu trigésimo aniversário.*

Meu trigésimo aniversário seria em seis meses. Claro, meu pai sabia disso; podia confiar no bastardo para forçar minha mão mesmo na morte.

A gritaria ao meu redor recuou diante de um ataque violento de memórias.

Minha última conversa com ele. O relógio de bolso. A carta.

*A batida do meu coração afugentou o silêncio enquanto eu olhava para a caligrafia familiar da minha mãe. Ela adorava*



*caligrafia e insistiu para que eu aprendesse a letra cursiva, embora ninguém mais a usasse muito.*

*Eu costumava me sentar ao lado dela enquanto ela escrevia à mão cartões de agradecimento, cumprimentos de aniversário e votos de melhoras, traçando os laços e redemoinhos em meu próprio pedaço de papel.*

*Algumas pessoas achavam a caligrafia dela difícil de ler, mas eu a li facilmente.*

*Prezado Xavier,*

*Eu conheci você pela primeira vez ontem.*

*Eu imaginei esse momento muitas vezes, mas nenhuma imaginação poderia ter me preparado para segurar você em meus braços. Por ver você olhando para mim e depois adormecermos juntos, porque estamos ambos exaustos, e ouvir você rir enquanto agarrava meus dedos ao sair do hospital.*

*Você tem apenas dois dias no momento em que escrevo este texto, tão pequeno que quase consigo colocá-lo na palma da minha mão. Mas o melhor presente dos pais é ver o filho crescer, e mal posso esperar pela jornada que temos pela frente.*

*Mal posso esperar para ver você no seu primeiro dia de aula. Provavelmente (definitivamente) chorarei, mas serão lágrimas de felicidade, porque você estará iniciando um novo capítulo em sua vida.*

*Mal posso esperar para ensinar você a nadar e andar de bicicleta, para dar a você conselhos sobre garotas e para ver você se apaixonar pela primeira vez.*

*Mal posso esperar para ver você descobrir suas paixões, seja música, esportes, negócios ou qualquer outra coisa que queira fazer. (Não conte ao seu pai, mas estou torcendo pela arte.) No entanto, ficarei feliz com qualquer coisa que você escolher, e digo isso do fundo do meu coração. O mundo é grande o suficiente para todos os nossos sonhos.*

*Há potencial em cada um de nós e espero que você cumpra o seu até a felicidade.*

*Seu pai diz que estou me adiantando, porque você é muito jovem, mas quando ler isso você terá completado vinte e um anos. Idade suficiente para frequentar a faculdade, dirigir um carro e viajar por conta própria. Meu coração dói só de pensar nisso, não porque esteja triste, mas porque estou muito animada para que você experimente minhas partes favoritas do mundo e encontre a sua. (E se você não conseguir decidir para onde ir, escolha um local perto da praia. Confie em mim. A água nos cura de maneiras que não podemos compreender.)*

*Não posso dizer com certeza o que o futuro reserva, mas correndo o risco de parecer um pôster motivacional cafona, saiba disso: a vida vai e vem, e sempre há espaço para mudanças. Os humanos têm capacidade de crescimento até deixarem esta terra, então nunca sinta que é tarde demais para seguir outro caminho se estiver insatisfeito com aquele por onde está viajando.*

*Não importa qual caminho você tome, estou orgulhosa de você.  
Espero que você também esteja.*

*Tenha orgulho da pessoa que você se tornou e da pessoa que  
você se tornará. Mesmo que você tenha acabado de chegar ao  
mundo, sei que você fará dele um lugar melhor.*

*Você é minha maior alegria e sempre será.*

*Amor sempre,*

*Mamãe*

*PS: Deixei um presente especial para você. O relógio de bolso foi  
transmitido de geração em geração na minha família e é hora de  
passá-lo para você. Espero que você valorize isso tanto quanto eu.*

*Algo pingou no papel, borrando as palavras. Lágrimas. A  
primeira que perdi desde que cheguei.*

*Retirei o relógio de bolso da gaveta com a mão trêmula e o abri.  
Era tão antigo que os números tinham desaparecido, mas a  
mensagem gravada no interior permanecia legível.*

*O maior presente que temos é o tempo. Use-o com sabedoria.*

*— Xavier? Xavier!*

*O presente voltou em uma onda de barulho.*

Pisquei para afastar as lembranças que embaçavam meu cérebro quando o rosto de Tia Lupe entrou em foco. Não era a primeira pessoa que eu queria ver em nenhuma circunstância.

— Bem? — ela exigiu. — O que você tem a dizer sobre esse testamento? É totalmente...

— Tia? Cale a boca.

Pensei ter visto Sloane sorrir com o canto do olho enquanto Tia Lupe engasgava. Eduardo fez um barulho estranho que ficou entre uma risada e uma tosse.

Desliguei os comentários da minha tia e foquei em Santos.

Os ecos da carta de minha mãe viviam em meu coração como uma lâmina alojada entre minhas costelas, mas eu não podia me dar ao luxo de ficar pensando no passado agora.

*O maior presente que temos é o tempo. Use-o com sabedoria.*

— Você pode repetir a condição do testamento em termos simples? — perguntei calmamente. Entendi o que isso significava, mas queria ter certeza.

A sala ficou em silêncio enquanto todos esperavam pela resposta de Santos.

Ele encontrou meu olhar com o seu inabalável. — Isso significa que se você não assumir o cargo de CEO até seu próximo aniversário, perderá cada centavo de sua herança.

Um arrepio coletivo varreu a biblioteca.

Minha família não queria que eu herdasse os bilhões porque eu não *merecia* (justo, embora isso fosse como o pote chamando a



chaleira de preta), mas eles preferiam morrer a ver todo esse dinheiro fluir para *fora* da família.

— Isso foi o que eu pensei. — Minha mão envolveu o braço da minha cadeira. — Quem são os membros pré-selecionados do comitê que meu pai mencionou?

— Ah, sim. — Santos ajustou os óculos e leu novamente o testamento. — A comissão será composta pelos seguintes cinco membros: Eduardo Aguilar... — *Esperado*. — Martin Herrera... — Marido de Tia Lupe. Menos esperado, mas ele era a pessoa mais justa e sensata da minha família. — Mariana Acevedo... — Presidente do Conselho do Grupo Castillo. — Dante Russo... — *Espera. Que porra é essa?* — E Sloane Kensington.

Um silêncio absoluto seguiu-se à sua proclamação.

Então, em uníssono, todas as cabeças na sala se viraram para Sloane. Ela sentou-se ereta, com o rosto pálido. Pela primeira vez desde que a conheci, ela parecia um cervo apanhado pelos faróis.

Cinco pessoas estavam encarregadas do destino da fortuna da minha família, e minha publicitária era uma delas.

*Mais uma vez: Que porra é essa?*





## CAPÍTULO 16

*Sloane*

Certas coisas na vida faziam sentido. Por exemplo, o conceito de causa e efeito, o calor do sol e os louva-a-deus femininos matando seus parceiros após o sexo. Sem confusão, sem bagunça – eles tinham o prazer e terminavam.

Algumas coisas faziam menos sentido, como a invasão das canções de Natal em outubro e o fato de eu ser a juíza sobre se Xavier deveria continuar a receber a sua mesada anual antes da morte do seu pai. Não era o ideal, mas como os termos do seu subsídio giravam em torno da exposição na mídia, entendi.

Depois havia coisas que *não faziam* qualquer sentido, como ser colocada num comitê que determinaria o destino de sete vírgula nove bilhões de dólares.

Eu não era da família, não era uma executiva corporativa e não tinha certeza do que diabos estava fazendo naquela lista.

— Eu não sabia — eu disse. — Seu pai nunca mencionou isso para mim.

Era o dia seguinte à leitura do testamento, e Xavier e eu estávamos sentados à beira da piscina enquanto dois de seus primos pré-adolescentes discutiam as últimas palavras cruzadas do *New York Times*, algumas cadeiras adiante.

Acordei cedo nessa manhã para fazer ioga e o encontrei aqui no caminho de volta da academia anexa à mansão. Eu precisava de uma pausa dos constantes olhares e sussurros, e não estava totalmente confiante de que Lupe não tentaria me esfaquear enquanto eu dormisse.

Os Castillo não ficaram satisfeitos com o meu envolvimento nos assuntos financeiros da família, para dizer o mínimo.

— Eu acredito em você. — Xavier passou a mão pelo rosto e balançou a cabeça. Ele estava estranhamente subjugado para alguém que acabara de descobrir que toda a sua herança dependia de um trabalho e do julgamento de um comitê. — Essa coisa toda é um clássico de Alberto Castillo.

Senti que havia mais em suas palavras do que ele deixava transparecer, mas não era hora de bisbilhotar.

Além de ocasionais ligações de consultoria e comunicados à imprensa, minhas relações com o pai dele eram limitadas. Alberto me contratou para cuidar das relações públicas de sua família há três anos, pouco antes de Xavier se mudar para Nova York. Como sua família direta era composta por duas pessoas e Alberto raramente usava meus serviços para si mesmo, isso significava que eu era basicamente a assessora pessoal de Xavier.

Eu não tinha ideia de por que Alberto confiava tanto em mim com seu dinheiro no que se referia a Xavier, mas seu testamento também estipulava que eu continuaria sendo a publicitária da família, a menos que pedisse demissão, então era meu trabalho levar as coisas até o fim.

— Posso ver as rodas girando em sua cabeça, mas há uma solução fácil para isso — eu disse. — Você é esperto. Você é formado em administração e muitos consultores podem orientá-lo. Assuma a posição de CEO.

Normalmente, eu não defenderia o nepotismo, mas realmente acreditava que Xavier era inteligente o suficiente para fazer justiça ao papel.

Um músculo trabalhou em sua mandíbula. — Não.

Eu olhei para ele. — Esta é *toda* a sua herança. Você tem bilhões de dólares investidos nesta decisão.

— Estou ciente. — Xavier olhou para seus primos, que eram jovens demais e estavam muito absortos em palavras cruzadas para se preocuparem com nossa conversa. — Essa cláusula foi apenas mais uma tentativa do meu pai de me obrigar a cumprir suas ordens. É manipulação, pura e simplesmente, e não vou ceder a isso.

Pelo amor de Deus. Entendi por que sua família o chamava de *pequeno toro* quando ele era criança. Ele realmente era teimoso como um touro, e essa teimosia o acompanhou até a idade adulta. — Manipulação ou não, as consequências são reais. — Eu não deveria me importar muito se Xavier recebia ou não o dinheiro porque, honestamente, não era como se ele tivesse trabalhado para isso. Mas a perspectiva de ele ficar sem um tostão porque era cabeça-dura demais para assumir algo em que pudesse ser excelente não me agradava. — Não seja impulsivo. Pense no que dizer não significa. O que você fará para ter dinheiro?



— Arrumar um emprego. — A boca de Xavier se torceu. — Quem sabe? Talvez eu finalmente seja um membro produtivo da sociedade.

— A posição de CEO é um trabalho.

— Mas *não* é o trabalho para mim!

Recuei, atordoada pela ferocidade de sua resposta. Seus primos ficaram em silêncio e boquiabertos conosco.

Os nós dos dedos de Xavier ficaram brancos na borda da cadeira antes que ele os relaxasse. Ele respirou fundo e disse, com uma voz mais calma e tensa: — Diga-me, Sloane. Quem você acha que faria mais justiça à empresa? Alguém qualificado que realmente quer estar lá ou eu, o herdeiro relutante que foi colocado lá por omissão?

*Alguém qualificado.* O tom de sua voz, as sombras em seus olhos...

E aí estava.

Por trás das piadas e da teimosia escondia-se a raiz de sua recusa: o medo. Medo de falhar. Medo de não corresponder às expectativas. Medo de administrar e arruinar um império construído sobre seu sobrenome.

Eu nunca tinha notado isso antes, mas agora que vi, não podia deixar de ver. Era um fio prateado brilhante que entrelaçava cada palavra e sustentava cada decisão. Estava estampado em todo o seu rosto, fechado como estava, e algo dentro de mim se abriu o suficiente para entrar e roubar um punhado de racionalidade. —

Acho que precisamos sair e clarear nossas cabeças. — Elaborei um plano na hora. — Estamos confinados aqui há muito tempo.

A mansão era enorme, mas até mesmo um palácio pareceria opressivo se não se pudesse sair.

Os olhos de Xavier brilharam com uma intriga cautelosa. — Achei que deveríamos ficar dentro de casa e evitar a imprensa.

— Desde quando você faz o que deveria fazer?

Um sorriso surgiu em sua boca, tão lento e suave quanto mel.  
— Bom ponto. Presumo que você tenha um plano?

— Eu sempre tenho.



Todos os repórteres estavam acampados na frente, o que facilitou nossa saída pelos fundos, pela entrada do jardineiro. Usávamos disfarces básicos de chapéu e óculos, mas funcionavam e se misturavam bem na multidão.

Depois de sairmos do local, corremos até a rua movimentada mais próxima, onde pegamos um táxi e fomos direto para La Candelaria, lar de algumas das atrações mais populares de Bogotá. Estava frio, mas não tanto que nos impedisse de ir.

Assim que chegamos, foi fácil nos perdermos na multidão de turistas que se dirigiam a um dos museus próximos ou fazendo ooh e aah sobre os murais das ruas.

Tive a sensação de que Xavier era como eu. Em tempos de crise, não queria ficar sozinha com meus pensamentos; eu queria me perder no barulho e na atividade e deixar o mundo abafar minhas preocupações.

Nas quatro horas seguintes, foi exatamente isso que fizemos.

Bogotá era uma cidade vibrante, com sua arquitetura colonial em tons de arco-íris contrastando com as montanhas verdes circundantes. Os músicos enchiam o ar com batidas de reggaeton e *vallenato*, e o cheiro delicioso de cebola, alho e temperos derramados de restaurantes e carrinhos de rua. Não faltaram distrações.

Xavier e eu passeamos pelo Museu Botero antes de participarmos de um passeio gratuito a pé de graffiti e admirarmos o intrincado design do Teatro Colón. Quando ficamos com fome, entramos em um restaurante próximo para comer *ajiacó* *santafereno*, uma especialidade local de ensopado de frango, batata, alcaparras e milho, e nos deliciamos com *oblea*, bolachas de sobremesa.

Não falamos sobre trabalho, família ou dinheiro. Simplesmente desfrutamos do primeiro gostinho de liberdade desde que desembarcamos na Colômbia, mas como acontecia com todas as coisas boas, isso tinha que acabar.

O funeral de Alberto seria amanhã e deveríamos voltar para casa no dia seguinte. Os funerais colombianos geralmente aconteciam vinte e quatro horas após a morte, mas os desejos elaborados e a estatura de Alberto ditaram uma reviravolta mais

lenta. CEOs e chefes de estado internacionais exigiram mais planejamento do que os convidados normais do funeral.

— Já que somos só nós dois, seja honesto — eu disse enquanto passávamos por uma fileira de casas coloridas em direção à Praça Bolívar. — Você está realmente disposto a desistir de tudo para ofender seu pai? — Eu mantive minha voz gentil.

As emoções de Xavier estavam compreensivelmente exaltadas, mas ele tinha que compreender a gravidade da sua situação.

Ele cresceu como filho de um bilionário. Ele não tinha ideia de como era viver sem uma enorme reserva de dinheiro.

Ele ficou quieto por um longo momento. — O que seus pais queriam que você fosse quando era pequena?

Assustei-me com a pergunta abrupta e respondi francamente: — Eles queriam que eu fosse a socialite perfeita. Frequentar uma faculdade da Ivy League para conseguir um marido em vez de um emprego, casar com alguém de uma família respeitável e passar o resto da minha vida decorando e organizando festas de gala de caridade.

Não havia nada de errado com nenhuma dessas coisas. Elas simplesmente não eram para mim.

— E agora você é uma publicitária famosa. — Viramos a esquina e a praça apareceu. — Digamos que você e seu pai ainda estejam conversando. O que você faria se ele dissesse que cortaria você, a menos que você largasse o emprego e se casasse com um idiota jogador de polo chamado Gideon?

Touché.



— Eu diria a ele para se foder. — O que eu basicamente fiz. — Embora, ironicamente, namorei um jogador de polo chamado Gideon no ensino médio e, sim, ele era um idiota.

Isso me rendeu uma risada suave.

— Sua vez de ser honesta — disse ele. — A reputação e a subsistência das pessoas dependem de você. Você já teve medo de estragar tudo?

— Algumas vezes. — Eu estava confiante em minhas habilidades, mas como todo mundo, tive meus momentos de dúvida. Eu estava dando maus conselhos ao meu cliente? Usei a frase errada? Deveria tê-los pressionado a fazer uma entrevista com esse ou aquele meio de comunicação? A dúvida era o suficiente para me tirar da cabeça, mas no final do dia, tinha que confiar no meu instinto. — Mas essa é a questão das reputações e dos meios de subsistência. Eles podem ser reconstruídos.

— Cuidado, Luna. Você parece quase otimista.

Revirei os olhos, mas um sorriso ameaçou escapar enquanto seguíamos em direção ao Palácio da Justiça, ancorado em um lado da praça.

— Você faz parecer que estou triste e infeliz o tempo todo. Eu sou uma pessoa divertida.

— Hum.

Eu fiz uma careta. — Só porque não vou a boates todas as noites ou festejo em iates todos os fins de semana, não significa que não seja divertida.

— Hum-hmm.

— Pare de fazer isso!

— Fazer o quê? — Xavier perguntou inocentemente.

— Fazer esse barulho. Posso *ouvir* seu ceticismo.

Era estúpido me ofender, considerando que meu trabalho não era divertido, mas eu sabia como me divertir. Minhas amigas e eu nos encontrávamos para happy hours semanais em Nova York, e eu (com relutância) concordei com uma lap dance durante a despedida de solteira de Isabella. Eu dancei em cima de uma mesa na Espanha, pelo amor de Deus! Era verdade que eu estava bêbada na ocasião, mas era a ação que contava.

— Eu não disse uma única palavra. O que você deduz dos meus ruídos é culpa sua — brincou Xavier.

— Se manipular a semântica fosse um trabalho, você seria o CEO — murmurei. — Você- — *Espere um minuto.*

Parei tão repentinamente que os turistas atrás de nós quase bateram em mim.

— Não. — Meu coração acelerou até bater como um beija-flor preso. — Não pode ser tão simples.

— O quê? — Xavier exigiu. Ele olhou ao nosso redor em caso de problemas.

Repassei a leitura do testamento em minha cabeça. Eu tinha quase certeza... não, tinha *certeza* de que estava certa.

— Eu tenho — falei sem fôlego.

— Tem o quê? Você tem que me dar mais do que isso, Luna.

— Eu tenho uma solução para o seu problema. — Agarrei seu braço, animada demais para me conter. — O testamento do seu pai diz que você tem que assumir o cargo de CEO. Não especificou do que você precisa ser o CEO.

Xavier olhou para mim.

Os turistas circulavam ao nosso redor, murmurando seus aborrecimentos em vários idiomas, mas eu praticamente conseguia ouvir as engrenagens girando por trás daqueles olhos escuros.

Então lentamente, tão lentamente que amanheceu como o sol no horizonte, um sorriso floresceu em sua boca.

— Sloane Kensington, gosto da maneira como você pensa.



## CAPÍTULO 17

*Xavier*

O funeral do meu pai chegou e passou num borrão de rostos solenes e sussurros de condolências. Fiz uma breve homenagem por insistência de Sloane e Eduardo e passei o resto do memorial flutuando entre o entorpecimento e a hiperatividade.

Meu cérebro não parava de funcionar desde que Sloane e eu voltamos de La Candelaria. Voltamos para casa sem sermos emboscados pelos repórteres e confirmamos com Santos o texto do testamento.

Ela estava certa. Meu pai não especificou *de qual empresa* eu deveria ser CEO, o que era uma omissão gritante para um homem com um famoso senso de negócios, mas isso era uma questão para outro dia. Após a confirmação de Santos, as coisas andaram rapidamente. Reunimos o restante do comitê de herança, como eu os chamei, e explicamos a situação.

Dante era o único membro ausente, já que não pôde vir à Colômbia para o funeral do meu pai, mas Eduardo o informou por e-mail.

Tudo se resumia a isto: minha primeira avaliação de CEO ocorreria em seis meses, o que coincidia com meu trigésimo aniversário. Isso significava que eu tinha meio ano para descobrir como cumprir os termos do testamento. Enquanto isso, Eduardo



permaneceria como CEO interino do Grupo Castillo enquanto a empresa procurava um líder permanente.

Seis meses para se tornar CEO de uma empresa que não existia e que teria que ser aprovada pelo comitê na primeira avaliação. Mais fácil falar do que fazer.

*O maior presente que temos é o tempo.*

O relógio de bolso da minha mãe pesava no meu bolso quando entrei no bar do Valhalla Club.

Foi uma semana depois do funeral do meu pai e do meu regresso a Nova Iorque. Passei os últimos seis dias remoendo minha situação, mas era hora de levantar a cabeça e fazer alguma coisa.

Pedi a bebida exclusiva do clube e olhei ao redor da sala com painéis escuros. Valhalla era um clube ultraexclusivo para os mais ricos e poderosos do mundo. Tinha filiais em todo o mundo, e eu era membro graças à minha mãe, descendente de uma das famílias fundadoras. Meu pai fez fortuna, mas minha mãe nasceu com dinheiro.

Apesar da minha cobiçada adesão, raramente ia ao Valhalla. Era muito abafado para mim, mas era o único lugar em que consegui pensar onde não encontraria meu círculo de amigos de Nova York. Eles eram bons por um bom tempo, mas não eram quem eu queria ver no meu atual estado de espírito.

O bar estava quieto no início da tarde. Eu era uma das duas pessoas sentadas no balcão; vários bancos abaixo, um homem asiático perfeitamente bem-arrumado, de óculos e terno

Delamonte feito sob medida, observava-me com uma curiosidade educada.

— Sem comentários — eu disse antes que ele abrisse a boca.

Dei ao barman uma gorjeta de cinquenta dólares quando ele trouxe minha bebida e esvaziei metade do copo de um só gole.

Kai Young ergueu uma sobrancelha divertida. O CEO do conglomerado de mídia mais poderoso do mundo não era do tipo que emboscaria alguém com perguntas sobre a morte de um membro da família, mas todo cuidado era pouco.

— Ouvi dizer que você estava de volta a Nova York — disse ele, ignorando com tato minha grosseria. Seu sotaque britânico polido se encaixava perfeitamente em nosso ambiente elegante, enquanto eu me sentia tão deslocado quanto um pinguim no Saara. — Como vai?

— Bebendo à uma da tarde — eu disse. — Já estive melhor.

Se Sloane estivesse aqui, ela diria que meu dia de bebida era normal. Felizmente, ela estava muito ocupada com o trabalho para ficar na minha cola por causa da coisa do CEO, embora eu desejasse que ela estivesse aqui de qualquer maneira.

Depois de tê-la por volta das 24 horas por dia, sete dias por semana, por mais de uma semana, sentia falta dela.

— Se isso faz você se sentir melhor, você não é o único. — Kai inclinou a cabeça em direção ao copo. — Tive uma reunião mais cedo com um empreendedor tecnológico que está convencido de que será o próximo Steve Jobs, daí o uísque. Eu tenho que abafar uma hora de complexo de deus equivocado.

Eu bufei uma risada. — Parece o Vale do Silício. — Complexo de Deus equivocado. Se eu tivesse um. Isso tornaria as coisas mais fáceis.

Eu tinha uma licenciatura em administração, o que era uma pré-condição para ter acesso ao meu fundo fiduciário quando me formei, mas nunca tinha *aberto* um negócio. Eu não tinha o luxo de voar sob o radar. Se eu falhasse, falharia na frente do mundo inteiro.

Se eu *não* tentasse, perderia minha herança. E sim, reconhecia a ironia de tentar compreender algo de que me ressentia – também conhecido como o dinheiro do meu pai –, mas quando deixei de lado minha reação instintiva, reconheci a verdade nas palavras de Sloane. Eu não tinha ideia de como era viver sem esse colchão financeiro e, para ser sincero, essa ideia me apavorava.

A única coisa que me fez sentir menos hipócrita foi o fato de não ficar com todo o dinheiro, mas esse era um segredo que guardava para mim mesmo por enquanto.

Olhei para Kai. Nossos círculos sociais se sobrepunham como a maioria da sociedade de Manhattan, mas eu não o conhecia bem. Ele tinha um senso de humor seco que eu apreciava muito e, mais importante, ele era o melhor amigo de Dante Russo, que de alguma forma havia entrado no meu comitê de herança.

Dante não respondeu ao e-mail de Eduardo nem entrou em contato, exceto para enviar uma nota educada de condolências.

Ele sabia que estava no testamento do meu pai?

Muito provavelmente, o que tornou o seu silêncio ainda mais suspeito. — Você conversou com Dante recentemente? — perguntei, abandonando a sutileza em favor da franqueza.

Um sorriso conhecedor apareceu no canto da boca de Kai. Se Dante fazia questão de saber tudo, o trabalho de Kai *era* saber tudo. Eu não ficaria surpreso se ele tivesse colocado as mãos no testamento antes de eu pousar em Nova York.

— Conversamos ontem — disse ele, em tom suave. — Por quê?

— Sem motivo. — Tamborilei os dedos no balcão, repassando mentalmente os membros do comitê.

Sloane estava do meu lado, mas ela não mentiria se meu negócio se tornasse uma porcaria em seis meses. Eduardo e Tio Martin me dariam toda a graça que pudessem. Mariana me odiava. Dante... bem, ele era o curinga.

O irmão de Luca não era meu maior fã, mas eu poderia confiar que ele seria justo, independentemente de seus sentimentos por mim?

— Xavier, não sou jornalista atrás de uma história. O que discutimos é estritamente privado. — Kai fez uma pausa e acrescentou: — Converso frequentemente com Sloane. Eu entendo como manter a confidencialidade.

De repente, clicou. Foi por isso que Kai de repente ficou tão interessado em meus assuntos. Como foi Sloane quem descobriu a brecha no testamento, ela decidiu atuar como minha consultora empresarial não oficial. Minha cláusula de herança não era



secreta, embora os membros do comitê fossem; ela devia ter dito algo para Vivian, Dante, Kai ou todos os anteriores.

As rodas começaram a girar. Se eu quisesse mesmo abrir uma nova empresa, precisava de aliados, e o CEO da Young Corporation era um dos aliados mais poderosos que poderia conseguir.

— Na verdade — eu disse, montando um plano na hora. — Há *algo* que quero discutir com você...



Duas horas e vários drinques depois, Kai saiu para outra reunião enquanto eu subia para a biblioteca.

Era o coração do clube e fervilhava de atividade à medida que as pessoas firmavam acordos, consolidavam alianças e compartilhavam informações. No entanto, ninguém prestou atenção quando me sentei à grande mesa central, diretamente abaixo dos painéis das famílias fundadoras, onde o brasão de urso da família da minha mãe estava esculpido entre o dragão dos Russos e o leão dos Young.

Peguei o relógio do bolso e esfreguei o polegar sobre a caixa dourada lisa, minha mente agitada pela conversa com Kai e pelos acontecimentos da semana passada.

Fato nº 1: Não havia como meu pai ter esquecido algo tão básico como nomear a empresa em seu testamento. É verdade que ele estava mortalmente doente quando o mudou, o que não era um

fator desprezível, mas se ele *estivesse* ciente da omissão, qual seria o seu objetivo? Para me obrigar a fazer *algo* mesmo que não fosse o que ele queria?

Não. Meu pai nunca seria tão comprometedor. Última opção descartada.

Fato nº 2: No papel, eu tinha seis meses para resolver minha situação. Na verdade, eu deveria ter descoberto isso ontem. Começar um negócio sólido em Nova York, nesse curto espaço de tempo, era quase impossível.

Fato nº 3: Se pelo menos não tentasse, eu me arrependeria para sempre. De todas as questões da vida, *e se* era uma das piores.

*Há potencial em cada um de nós e espero que você cumpra o seu até a felicidade.*

Meu peito apertou. Será que minha mãe pensaria que eu havia realizado meu potencial? Provavelmente não, mas porra, eu sentia falta dela. Sempre senti, mas costumava ser uma dor surda e constante que zumbia ao fundo. Desde que li a carta dela, era uma faca que me atravessava, com frequência e frequência.

Eu nunca parei de me culpar pelo que aconteceu com ela. Não importava o que meus terapeutas de infância ou conselheiros de luto dissessem; a culpa não estava vinculada à razão ou a detalhes técnicos.

Dito isto, eu não poderia mudar o passado. Eu poderia, no entanto, ditar meu futuro.

*Tenho orgulho da pessoa que você se tornou e da pessoa que você se tornará.*

Peguei a folha de papel que Kai me entregou antes de sair. Como eu, ele nasceu rico, mas sua posição não lhe foi entregue. Ele subiu da sala de correspondência até o cargo de chefe na Young Corporation, e seu círculo era um quem é quem no mundo corporativo.

Meus contatos poderiam conseguir um convite para qualquer festa e acesso a qualquer clube, mas seus contatos poderiam ajudar a construir um império.

Olhei para a lista de nomes que ele rabiscou.

Para ser CEO, eu precisava de uma equipe. Para contratar uma equipe, precisava de um plano. Para executar esse plano, precisava de financiamento e legitimidade.

Minha reputação de festeiro trabalhava contra mim, o que significava que eu precisava de um parceiro respeitado. Alguém seguro, estabelecido, confiável e relevante para o negócio que eu tinha em mente.

Só havia um homem em Manhattan que se enquadrava nessa descrição.

Disquei o primeiro número da lista. Era sua linha particular e ele atendeu no primeiro toque.

— Aqui é Xavier Castillo — eu disse, esperando por Deus não me arrepender disso no futuro. — Você está livre na próxima semana? Eu gostaria de conversar.

## CAPÍTULO 18

*Sloane*

— Eu sinto muito. Nada disso, porra. — Isabella levantou uma mão. — Você não pode *deixar* de falar sobre a Espanha. O que aconteceu com Xavier depois que ele carregou você como um homem das cavernas extremamente gostoso?

Suspirei, lamentando minha decisão de contar às minhas amigas sobre as últimas duas semanas. Eu voei para a Espanha no início do mês, mas parecia que tinha acontecido há muito tempo. — Essa é a sua conclusão? Você perdeu a parte sobre a morte de Alberto Castillo?

— Sim, é muito triste — disse Isabella. — Agora, sobre a praia. O que ele disse?

— Ele estava com ciúme? — acrescentou Viviane.

— Vocês dois se beijaram? — Alessandra perguntou.

Eu olhei para elas, desejando que além de mim tivesse tido a visão de fazer amizade com pessoas menos intrometidas.

— Não vou contar o que ele disse, ele não tinha motivo para ficar com ciúme e *absolutamente não* — falei, horrorizada. — Ele é um cliente.

Nós quatro estávamos aproveitando o *happy hour* com coquetéis caseiros, comida para viagem e uma nova comédia



romântica no meu apartamento. Normalmente saíamos, mas eu estava muito cansada depois do trabalho e das minhas viagens recentes.

Olhando para trás, eu teria cancelado nossos planos se soubesse que seria submetida a um interrogatório.

— Tecnicamente, a família dele é sua cliente. Não é a mesma coisa, e você deveria beijá-lo totalmente. Ele é tão fofo. — Isabella esticou os braços sobre a cabeça e olhou com carinho para meu peixinho dourado, de quem ela cuidou durante minha estada no exterior.

Ele era um animal de estimação temporário que adotei depois que o inquilino anterior o deixou para trás, cinco anos atrás, por isso simplesmente o chamei de The Fish. Não adiantava atribuir sentimentalismo a algo que não duraria.

— Independentemente disso, eu não beijaria Xavier Castillo se ele fosse o último homem na terra — falei friamente. — Ele não é meu tipo.

*Ele também é lindo, gentil e mais inteligente do que as pessoas imaginam,* uma voz cantou em minha cabeça.

Pressionei a ponta da caneta contra o bloco de notas com mais força do que o necessário. *Cale-se.*

Claro, Xavier e eu chegamos a um entendimento provisório depois da Colômbia. E sim, eu o estava ajudando a cumprir a cláusula de herança, o que *poderia* ser eticamente obscuro já que eu fazia parte do comitê, mas o testamento não declarava que os membros não poderiam ajudar.

Além disso, do ponto de vista de relações públicas, a história de um filho pródigo que se tornou empresário responsável era *ouro*, então, tecnicamente, eu estava apenas fazendo meu trabalho.

*Claro. A mesma voz irritante riu. É por isso que você o está ajudando. Por causa do seu trabalho.*

*Eu disse CHEGA.*

Eu estava tão distraída com a agitação na minha cabeça que quase perdi as próximas palavras de Alessandra.

— Talvez ele não seja o seu tipo, mas nunca diga nunca. — Seus olhos azuis brilharam com malícia. — Acho que ele tem uma queda por você. Eu o vi olhando para você em *vários* eventos ao longo dos anos. Ele não consegue desviar o olhar.

— Você também não. — Desisti de escrever minha resenha e troquei minha caneta por vinho. — Não estamos no ensino médio. Ele não tem nada por mim e me encara porque... bem, quem sabe por que ele faz as coisas que faz?

O brilho ficou mais forte. — Se você diz.

Ela soava suspeitamente como minha voz interna.

Isabella, Vivian e eu éramos um trio há anos antes de trazermos Alessandra para o grupo, mas ela se encaixou perfeitamente no grupo. Eu gostava dela tanto quanto poderia gostar de qualquer ser humano (a maioria dos quais era profundamente desagradável), mas não gostava de ser atacada.

— Perry Wilson nunca entrou em detalhes sobre a foto da praia que postou — ponderou Isabella. — Deus, nunca vemos as coisas boas.

— Não fale comigo sobre Perry Wilson. — Eu ainda estava elaborando um plano para destronar aquele sapo chorão e caluniador. — Marque minhas palavras. Por esses meses, no próximo ano, o seu blog estará morto. Eu vou me certificar disso. — *Nenhum amigo jamais me serviu, e nenhum inimigo jamais me prejudicou, a quem eu não retribuí integralmente.* Epitáfio escrito por Lucius Cornelius Sulla.

Havia uma razão pela qual era uma das minhas citações favoritas.

— De qualquer forma, vamos para assuntos mais alegres — eu disse. — Como está Josephine?

Josephine, ou Josie, era filha de Vivian e Dante. Ela tinha menos de dois meses e já estava com os pais em volta do dedinho.

— Ela está ótima. Quero dizer, ela chora o tempo todo, e eu não tenho uma boa noite de sono há um mês, mas... — Um sorriso apareceu nos lábios de Vivian. — Vale a pena.

Suprimi uma careta. Josie era adorável, mas se eu não amasse tanto ela e sua mãe, a pieguice me faria vomitar. — É difícil estar longe dela, mas ela está em boas mãos.

— Greta cuida dela como se ela fosse sua própria filha — acrescentou Vivian. Greta era sua governanta e mãe de fato de Dante, já que seus pais estavam muito ocupados vagando pelo mundo para serem, bem, pais.

— E Dante? — Os olhos de Isabella brilharam. — Como ele está?

— Ele acha que Josie ou eu vamos quebrar se ele desviar o olhar por mais de cinco minutos. — Vivian revirou os olhos, mas sua voz estava cheia de carinho. — Eu já contei que ele tentou contratar guarda-costas para ficar do lado de fora do quarto dela vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana? Juro...

Meu telefone apitou com uma nova mensagem enquanto minhas amigas brincavam com ela sobre a lendária superproteção de Dante. Ele aterrorizava praticamente todo mundo ao seu redor, mas quando se tratava de esposa e filha, ele era um ursinho de pelúcia.

**Xavier:** *Você pode me encontrar no Valhalla em uma hora? Tenho algumas atualizações importantes.*

**Xavier:** *PS: Falei com Kai.*

Meu coração pulou uma batida.

Eu não tinha certeza se tinha exagerado ao pedir ajuda a Kai, mas confiava nele, e Xavier precisava de ajuda além do que eu poderia dar.

*Atualizações importantes.* Isso significava que ele havia se comprometido com um plano? Eu evitei pressioná-lo sobre isso porque 1) eu tinha muito trabalho para colocar em dia no escritório e 2) não queria assustá-lo.

Mas o tempo estava passando e ele precisava se mexer se quisesse cumprir o prazo de maio.

— Sloane? Tudo certo? — Alessandra perguntou.



— Sim. — Tirei meus olhos do meu telefone. — Está tudo bem.

Por mais curiosa que eu estivesse sobre as atualizações de Xavier, era noite das garotas. Ele poderia esperar.



Uma hora e meia depois cheguei ao Valhalla.

Por uma coincidência, Vivian teve que sair mais cedo da nossa noite de cinema, porque Josie não conseguia dormir sem ela. Então, uma Isabella muito bêbada tentou tirar The Fish de seu aquário e acariciá-lo, e foi quando Alessandra a pegou com firmeza pela mão e a acompanhou até sua casa.

— Você sabe como manter um cara esperando — Xavier falou lentamente quando me aproximei. Eu não era membro do clube, então ele teve que me encontrar na entrada e me levar para dentro.

Ele se encostou em uma coluna de mármore, a imagem da devastação casual em um suéter de cashmere branco e jeans. Apesar do frio do outono, ele estava sem casaco e seu suéter contrastava fortemente com a riqueza de seu bronzado.

Quando me aproximei, os olhos de Xavier percorreram meu casaco preto, meia-calça e botas e voltaram para cima, onde permaneceram em meu rosto apenas o tempo suficiente para fazer minhas bochechas esquentarem.

— Avisei que chegaria atrasada — falei enquanto uma brisa passageira bagunçava seu cabelo da maneira mais perturbadora.

— Embora eu não entenda por que você insistiu em me atualizar pessoalmente quando existem mensagens de texto, telefonemas e e-mails.

Caminhei ao lado dele e deliberadamente me concentrei no impressionante hall de entrada, em vez do homem ao meu lado.

Já visitei o Valhalla como convidada algumas vezes, mas seu esplendor nunca deixou de surpreender. Restaurantes gourmet, um salão de baile digno da Regência, um spa de classe mundial, um heliporto caso um membro chegasse de aeronave e uma vaga exclusiva no Chelsea Piers caso chegasse por água – nenhum detalhe passou despercebido.

— É verdade, mas então eu não conseguiria ver você. — As covinhas de Xavier tinham uma aparência deslumbrante.

O calor se espalhou das minhas bochechas até o pescoço. Eu nunca tive problemas para pensar com clareza quando ele estava por perto, mas uma névoa perigosa permeou meu cérebro enquanto subíamos a escada para o segundo andar.

Eu culpei minhas amigas. Elas colocaram a ideia estúpida de um beijo na minha cabeça, e agora eu não conseguia parar de imaginar a pressão de sua boca exuberante e sensual contra a minha e...

*Não, pare com isso. Este é um comportamento profundamente inapropriado.*

— Pare de flertar e vá direto ao ponto — respondi, tanto para meu benefício quanto para o dele. Eu deliberadamente mantive trinta centímetros de distância entre nós, mas minhas terminações

nervosas faiscaram e chiaram como fios elétricos na chuva. —  
Quais são as abre aspas ‘atualizações importantes’?

Deus, não deveria ter usado esse vestido estúpido. Eu estava  
assando em caxemira.

— Eu decidi o que quero fazer. — Paramos em frente a portas  
duplas de carvalho esculpido. Xavier girou os botões, os músculos  
magros de seus braços flexionando com o movimento. *Pare de  
notar seus braços.* — Estou abrindo uma boate.

As portas se abriram silenciosamente, revelando uma linda  
biblioteca que envergonhava a de *A Bela e a Fera*. Normalmente,  
seria o paraíso, mas meus pés permaneceram enraizados no  
corredor.

Uma linha gravada entre as sobrancelhas de Xavier. — Sloane?

— Uma boate — repeti. Meu coração bateu em dobro. — Isso é  
brilhante.

Se havia uma coisa que ele conhecia e conhecia bem, eram  
festas. Entretenimento. E seus esboços de design de bar... a  
resposta sempre foi óbvia.

— Sim? Você acha? — A vulnerabilidade tocou seu rosto por  
um momento antes de recuar para trás de um sorriso. — Na  
verdade, é um conceito misto. Mais ou menos como Legends,  
exceto que menos voltado para esportes.

Legends era uma casa noturna conhecida de propriedade do  
ex-astro do futebol universitário e vencedor do Heisman, Blake  
Ryan, e era o bar preferido de muitos atletas de ponta.

— Eu amo isso — eu disse honestamente. Como uma multitarefa sem remorso, apreciava qualquer coisa que servisse a múltiplas funções.

— Vamos. Eu quero mostrar algo a você. — Xavier me levou mais fundo na biblioteca, que estava quase vazia a essa hora da noite. Em qualquer outro dia, eu teria ficado extasiada com a floresta de livros encadernados em couro e vitrais raros, mas fiquei muito intrigada com o plano de Xavier.

Paramos em uma mesa enorme no centro da sala. Uma pilha de papéis espalhados pela superfície de mogno, e reconheci os rabiscos característicos de Xavier a vários metros de distância. — Estou aqui desde a tarde — disse ele. — Encontrei Kai no bar e nossa conversa me fez pensar... — Ele me entregou uma lista impressa dos dez melhores clubes do mundo. — O que eles têm em comum?

— Música e álcool?

Xavier me olhou com um olhar irônico. — Além disso.

— Eu não faço ideia. — Eu sabia o suficiente para fazer o meu trabalho, mas não era uma aficionada da vida noturna.

— Locais interessantes. Recursos de assinatura. Uma clientela bem direcionada. E sim, boa música e bebidas. — Xavier bateu na impressão, seus olhos brilhando quanto mais ele falava. — Isto é Manhattan. As casas noturnas vêm e vão todas as semanas. Para se destacar, você precisa de algo que faça as pessoas falarem. Algo que elas nunca viram antes e que associarão automaticamente a você. — Sua voz baixou. — Imagine, Luna. Uma boate escondida atrás de uma porta despretensiosa – do tipo pela qual você passa



todos os dias sem pensar duas vezes. Mas quando você entra... é um mundo diferente. Você não ouve apenas a batida do baixo; você *sente* isso em seus ossos. A música, o ritmo, as risadas. As luzes estão baixas e você praticamente pode sentir o cheiro dos feromônios no ar. — Suas palavras adquiriram uma cadência hipnótica, transformando a imponente biblioteca ao nosso redor em um antro de hedonismo – de toques sensuais, batidas insistentes e belos corpos se esfregando uns contra os outros em meio a um cenário de veludo e bebida.

Minha respiração encurtou. O sangue correu para a superfície da minha pele, aquecendo-a de forma desconfortável. De repente, fiquei hiperconsciente da proximidade de Xavier e, quando ele falou novamente, o timbre aveludado enviou uma injeção de pura dopamina pelo meu sistema.

— Todos ao seu redor estão perdidos na embriaguez do momento — ele disse suavemente. — Não há preocupações, apenas desejos. Cada canto é uma oportunidade para reuniões clandestinas; cada bebida está a um passo do mundo real. Esse é o verdadeiro segredo de uma boate memorável. No minuto em que você entra, você não está em um clube; você está em um lugar onde tudo pode acontecer com qualquer um. — Sua voz baixou ainda mais. — Qualquer que seja o seu maior desejo, você tem a chance de realizá-lo. Tudo que você precisa fazer é deixar ir.

*Tudo que você precisa fazer é deixar ir.*

Chame-me de delirante, mas eu poderia jurar que ele não estava mais falando sobre o clube.

Seu olhar fez chover brasas em meu rosto, escuro, quente e conhecedor. Minha cabeça girava como se eu tivesse engolido meia dúzia das bebidas que ele mencionou, e embora ainda estivéssemos no Valhalla, cercados por homens e mulheres de terno e aparência séria, meus sentidos se acenderam como se estivéssemos em outro lugar. Em algum lugar isolado, onde nós-

As portas da biblioteca se abriram com uma forte gargalhada. Os olhares se voltaram para a entrada, onde os recém-chegados rapidamente se acalmaram, ainda sorrindo, mas a interrupção foi suficiente para restaurar minha racionalidade. Ela tomou conta de mim como uma ducha fria, limpando a névoa que as palavras de Xavier haviam induzido.

Ele era meu cliente e estávamos discutindo negócios. Isso era tudo.

Dei um pequeno passo para trás e forcei um sorriso frio. — Falou como um graduado em administração. — Examinei a lista novamente, esperando que ele não tivesse notado minha perda temporária de controle. — Você tem uma ideia de localização e um plano de negócios em andamento?

Os olhos de Xavier brilharam com conhecimento divertido, mas ele não insistiu. — Sim. Será difícil conseguir a localização, mas Kai me deu alguns contatos úteis. — Ele pegou outro papel da mesa.

Meu coração disparou quando vi a lista.

Havia apenas oito nomes, mas eram os únicos que importavam para seus propósitos.

— Isso é... impressionante — falei, por falta de uma palavra melhor. — Você já falou com algum deles?

— Só o primeiro. Temos uma reunião marcada em duas semanas.

O primeiro é sem dúvida o mais intimidante. Deus. Todo empresário do país *mataria* por um time como esse. Eu sabia que Kai iria servir.

Ele estava cético em relação a Xavier, mas eu finalmente o convenci depois de apontar o excelente perfil que isso daria para a edição anual de *Movers and Shakers* na *Mode de Vie*.

— Além disso, obrigado por falar com Kai por mim. — O rosto de Xavier suavizou-se. — Você não precisava fazer isso.

Só assim, um zumbido suave ganhou vida em minhas veias novamente. — Você não precisa me agradecer. — Evitei deliberadamente seus olhos enquanto colocava os papéis sobre a mesa. — Essa foi a parte fácil. Abrir um clube em seis meses em Manhattan? Essa é a parte difícil.

— Eu não sei? — ele disse com uma risada triste. — Mas tenho um plano, que é mais do que tinha há uma semana.

— Estou feliz. — Meu sorriso se formou por conta própria. Seu pai o forçou, mas Xavier parecia genuinamente entusiasmado com o projeto. Ok, talvez *animado* fosse forçar, mas ele estava comprometido.

— De qualquer forma, eu queria mostrar a você, já que a ideia foi sua. — Xavier apontou para os documentos restantes, que continham notas, rabiscos e ideias para o clube. — Se não fosse

por você... — Seu rosto suavizou ainda mais. — Não sei onde estaria.

O zumbido em meu sangue se intensificou.

Tentei uma resposta espirituosa, mas uma névoa estranha permeava o ar e me impedia de falar. Era diferente da anterior, quando ele estava falando sobre o clube. Era mais espessa, mais potente, e de repente fiquei dolorosamente consciente de como a biblioteca havia ficado vazia.

De quão perto Xavier estava.

De como o calor de seu corpo afundou em minha pele, incentivando-me a me aproximar, só um pouquinho, para que meu peito pressionasse contra o dele e eu pudesse descobrir por mim mesma se seu cabelo era tão macio quanto parecia entre meus dedos.

*É o álcool.* Não importava o fato de eu ter tomado meu último drinque há duas horas ou que isso tivesse se tornado minha desculpa padrão. Era a única explicação plausível para o motivo pelo qual eu estava sentindo essas... *coisas* perto de Xavier Castillo, entre todas as pessoas.

— Sloane. — Sua voz calma fez meu nome soar como uma carícia.

— Sim? — A falta de ar que escapou não parecia nada comigo. Pertencia a uma estranha, o tipo que sucumbiria a covinhas, ombros largos e olhos da cor de chocolate derretido.

— Você deveria ir embora. — Uma aresta áspera transformou suas palavras em um aviso.



Ele estava certo. Eu deveria. Já era tarde e eu tinha que terminar de escrever minha crítica do filme e... e... minha mente ficou em branco.

— Por quê?

Outro arrepio percorreu meu pescoço quando a distância entre nós diminuiu mais um centímetro.

— Porque é tarde — Xavier disse suavemente. — E porque... — Ele parou quando lambi meus lábios em um movimento breve e involuntário.

Seu olhar se fixou na minha boca e minha garganta secou ainda mais.

O mundo se estreitou neste exato momento, sob as luzes fracas da biblioteca, ouvindo nossas respirações cada vez mais sincronizadas.

E quando ele soltou um *porra* torturado e abaixou a cabeça, moldando sua boca na minha, nem me ocorreu me afastar.

Este era o mundo e eu nunca quis partir.

A lógica e o raciocínio desmoronaram no emaranhado abrasador de lábios e dentes. Uma mão agarrou minha nuca e me puxou para mais perto; a outra esparramada nas minhas costas, queimando a caxemira e a pele até me deixar desossada.

Minha boca se abriu em um gemido, e sua língua empurrou para dentro, acariciando a minha em movimentos tão preguiçosos e sensuais que eu não conseguia dizer onde um terminava e o outro começava. Ele tinha gosto de uma combinação viciante de

calor e especiarias, e o calor de seu toque percorreu meu estômago, entre minhas coxas, e todo o caminho até os dedos dos pés.

Eu não sabia quanto tempo ficamos aqui, mas foi o suficiente para eu deslizar os dedos pelos cabelos dele e confirmar que sim, era realmente tão macio, e sim, ele realmente tinha um gosto tão bom, e não, eu nunca, jamais, chegaria tão perto de desvendar.

Eu teria felizmente me afogado no abraço, mas a realidade interveio como sempre acontecia, e nos separamos com uma respiração ofegante.

Nós nos encaramos, nossos peitos arfando. Meus lábios formigaram depois disso, e o ar parecia água gelada depois do calor do nosso beijo.

Um toque de vermelho nas maçãs do rosto de Xavier. Notei com certo constrangimento que seus lábios estavam inchados e...

Porra. Eu fiz isso. Nós fizemos isso. Eu... nós... eu o deixei...

Desta vez, a realidade não foi tanto um deslize suave, mas um tapa na cara.

Cada músculo travou quando as implicações do que acabou de acontecer caíram sobre mim.

Eu tinha acabado de beijar um cliente. Não apenas um cliente, mas alguém cuja herança eu estava responsável por um quinto graças a algum testamento estúpido do qual nunca pedi para participar.

O pavor coaginou em meu estômago.

Xavier devia ter percebido minha mudança de humor, porque seus ombros ficaram tensos para combinar com os meus. — Sloane...

— Eu tenho que ir. — Peguei minha bolsa, que havia caído no chão durante nosso beijo. — Discutiremos seu plano de negócios mais tarde.

Eu me virei e saí da biblioteca antes que ele tivesse a chance de responder.

O estrondo da minha pulsação me seguiu por todo o caminho escada abaixo, saindo pela porta e atravessando o terreno até o portão de entrada do Valhalla.

Eu tinha acabado de dizer às minhas amigas que Xavier não era meu tipo, e então fui e fiz isso. *O que diabos eu estava pensando?*

Eu não estava pensando. Esse era o problema. Eu deixei meus hormônios assumirem o controle e eles me levaram direto para *Stupidville*.

— É o período de seca — falei em voz alta. Ou isso, ou Isabella adquiriu uma habilidade mágica para transformar qualquer coisa que ela dissesse em realidade. Normalmente, eu ficaria apavorada – ela lia muita literatura erótica sobre dinossauros para possuir tal poder com segurança –, mas preferia lidar com isso do que considerar a explicação restante.

Eu, Sloane Kensington, sentia-me atraída por Xavier Castillo.

Não, não apenas atraída, mas *gostava* dele. O suficiente para esquecer minhas regras rígidas sobre não me envolver com clientes. O suficiente para deixá-lo me beijar e *retribuir* o beijo.

Eu gemi e pressionei as palmas das minhas mãos contra os olhos.

*Estou tão fodida.*







## CAPÍTULO 19

*Xavier*

Beijar Sloane foi um erro. Não porque me arrependesse de ter feito isso, mas porque, depois de fazer isso, não poderia imaginar *não* fazer de novo.

Já fazia uma semana desde a biblioteca e eu ainda não conseguia tirá-la da cabeça. O calor da sua pele, a suavidade dos seus lábios, como as suas curvas se ajustavam ao meu corpo como se tivessem sido feitas para mim. Ela cheirava a neve fresca e lavanda e tinha gosto de paraíso, e eu não conseguia nem passar por uma maldita padaria sem lembrar o quão doce sua boca tinha sido contra a minha.

Eu tinha uma série de reuniões de negócios importantes marcadas para as próximas duas semanas, mas nosso beijo tomou meu foco como refém.

A atração física existia desde que nos conhecemos, mas além do flerte alegre, nunca fiz nenhum movimento antes do Valhalla. Disse a mim mesmo que não queria complicar a nossa relação nem estragar os termos da minha mesada, quando, na realidade, uma parte de mim suspeitava que ceder a essa atração significaria o meu fim.

Então começamos a trabalhar juntos e eu descobri as camadas por trás de seu exterior rígido. A inteligência. A convicção. A

lealdade feroz para com aqueles com quem ela se importava. E eu não suspeitava mais, mas *sabia*, especialmente depois daquele beijo, que era Sloane Kensington. Bem desse jeito.

O único problema era que eu duvidava que ela sentisse o mesmo, e ainda que ela *sentisse*, suas defesas estavam tão bloqueadas que ela nunca admitiria isso.

— Você está me ouvindo? — Ela arrastou meus pensamentos para longe de suas meditações e de volta para a tarefa em questão.

— Claro. — Abri um sorriso fácil que era mais memória muscular do que emoção.

Estávamos no escritório dela em Midtown. Era a primeira vez que nos encontrávamos pessoalmente desde a biblioteca, e Sloane foi direto ao assunto como se nosso beijo nunca tivesse acontecido.

Eu esperava por isso, mesmo assim arrepiou. — O que acabei de dizer? — Ela cruzou os braços.

— Preciso dar o pontapé inicial em termos de licenças, localização e pessoal. Eu deveria me encontrar com Dante. Tenho uma entrevista preliminar por telefone com *a Mode de Vie* sobre este novo empreendimento e, como cortesia, a presidente do conselho do Grupo Castillo me enviou uma lista de candidatos a CEO. — Um sorriso genuíno apareceu em sua carranca. — Eu ganho uma medalha de ouro?

— Por fazer o mínimo? Não. — Ela bateu no tablet. — Ok, vamos repassar a estratégia de relações públicas para a inauguração. Sei que isso pode ser colocar a carroça na frente dos bois, mas se tudo correr bem, o evento é daqui a seis meses. As

agendas das pessoas provavelmente já estão reservadas, mas farei com que funcione. Queremos um grupo selecionado de influenciadores e formadores de opinião presentes, e se você insiste em levar seus amigos, você *precisa* mantê-los sob controle. Não quero ver Tilly Denman roubando sacolas de presentes de novo.

— Será realmente uma festa se Tilly não estiver com seu jeito cleptomaniaco de sempre?

Bocejei, já entediado. Preferia me enterrar na logística do que na publicidade. — Estamos nisso há horas. Vamos almoçar.

— São onze da manhã.

— Então vamos tomar um brunch.

A carranca de Sloane se aprofundou. — Seja sério. Estou tentando ajudar você.

— Eu *estou* sendo sério. Jillian! — gritei.

Sua assistente enfiou a cabeça na sala. — Sim?

— Sloane já comeu?

— Ela comeu uma banana e tomou café preto no café da manhã — disse Jillian. — Isso foi logo quando cheguei ao escritório, por volta das sete e quarenta e cinco.

— Obrigado, querida.

— A qualquer momento. — Ela sorriu para mim, ignorando o olhar mortal de sua chefe antes que um telefone tocando a levasse de volta para sua mesa.

Enfrentei Sloane novamente. — Uma banana com café não dura três horas. Precisamos de combustível. — Peguei meu telefone, já pedindo um Uber. — Venha para o brunch comigo, e depois serei todo seu. Vou até examinar essa lista de convidados, um por um.

— Tenho outros compromissos de trabalho além de você.

— Claro, mas não hoje. Jillian mencionou que limpou sua agenda esta tarde para que você possa acompanhar os e-mails, e você pode fazer isso em qualquer lugar.

Os lábios de Sloane se uniram, mas ela finalmente cedeu. Vinte minutos depois, a recepcionista nos acomodou no Café Amelie, um dos muitos restaurantes do império gastronômico dos Laurents. Eu frequentei o internato com Sebastian Laurent e tinha vaga garantida em qualquer um de seus estabelecimentos.

Fizemos nossos pedidos. Acrescentei mimosas ilimitadas, para grande desaprovação de Sloane, mas, ei, brunch não era brunch sem champanhe, e o Café Amelie era um daqueles lugares abençoados que serviam uma quantidade infinita.

Fora do escritório, fortalecido pelas bebidas e protegido pela conversa dos outros clientes, finalmente abordei o elefante na sala.

Tínhamos que conversar sobre isso eventualmente. Preferia falar sobre isso agora do que esperar que isso explodisse no futuro.

— Sobre o que aconteceu outro dia...

Sloane enrijeceu. — Não. Este não é o lugar ou momento apropriado para discutir o assunto.



— Estamos bebendo mimosas em público numa linda quinta-feira. Não consigo pensar em um lugar ou momento melhor para discutirmos isso.

Nossa garçonete trouxe nossa comida. Sloane esperou que ela sáísse antes de responder.

— Tudo bem. É assim que eu vejo. — Ela cortou as panquecas com precisão controlada. — As emoções estavam à flor da pele e um cliente me beijou no calor do momento. Não o afastei imediatamente e isso é por minha conta. Mas agora, acabou. É hora de seguirmos em frente com nossas vidas e focarmos no que é importante: trabalhar. Ou seja, minha qualidade como sua *assessora de imprensa*... — Ela enfatizou a última palavra. — E sua cláusula de herança.

Apesar de sua resposta fria, uma leve onda de cor delineou suas bochechas e a ponta de seu nariz.

— Hum. Nunca ouvi você tão prolixa. — Rasguei um pedaço de pão e joguei na boca. Mastiguei e engoli antes de pensar: — Tentando enterrar seus sentimentos com mais palavras, Luna?

— Eu prometo, há lugares melhores para se viver do que na ilusão.

— Melhores? Talvez. Mais divertidos? Duvido. — Inclinei-me para frente, meu rosto sério. — Desculpe-me se cruzei a linha na outra noite. Se eu realmente deixei você desconfortável, vou recuar, mas me diga a verdade. Você gostou do beijo?

A cor de Sloane aumentou. — Isso é irrelevante.

— Eu peço desculpa, mas não concordo. Quando se trata de beijar, o prazer é muito relevante.

— Para qualquer outro par, talvez. Para *nós*, é irrelevante, porque me recuso a comprometer a minha integridade profissional ao me envolver em atividades inadequadas com um cliente. — Ela espetou um pedaço de panqueca com o garfo para dar ênfase.

— Estamos no século XXI e você é seu próprio patrão. Não é como se você pudesse ser demitida.

— Minha reputação está em jogo.

— Sua reputação é excelente. Ninguém ousaria dizer uma palavra contra você. — Foi fácil recorrer à desculpa do trabalho e, de certa forma, consegui. Sloane tinha mais a perder do que eu se nos envolvêssemos, mas no grande esquema das coisas, isso não seria um problema. Outros casais em situações semelhantes descobriram isso. — Veja o casal real de Eldorra. Eles tinham uma *lei* centenária trabalhando contra eles e agora estão casados e felizes.

— Eu não sou uma princesa, você não é meu guarda-costas, e eles estavam apaixonados — disse Sloane categoricamente. — É diferente.

— Todo amor começa com um beijo. — Eu a estava forçando até o limite, mas sempre me arrependeria se não tentasse. Conforto era fácil, mas eu estava começando a perceber que fácil nem sempre era a resposta certa. Se fosse, eu teria assumido o cargo de CEO do Grupo Castillo em vez de formular um plano impossível para abrir uma boate em Nova York em *seis meses*.

Dane-se. Se eu fosse fazer isso, seria melhor apostar tudo. —  
Vá a um encontro comigo — eu disse.

Seus olhos brilharam com uma emoção inidentificável antes de se fecharem. — Não.

— Por que não? E esqueça seu trabalho por um segundo. Dê-me um motivo real, Sloane.

Seus dedos se fecharam com força em torno do garfo. As probabilidades eram de que ela estava imaginando me esfaquear, mas eu não me importava com um pouco de violência hipotética. Isso mantinha as coisas interessantes.

O barulho da sala de jantar diminuiu enquanto eu esperava por uma resposta. Sob meu exterior casual, meu coração lutava para sair do peito.

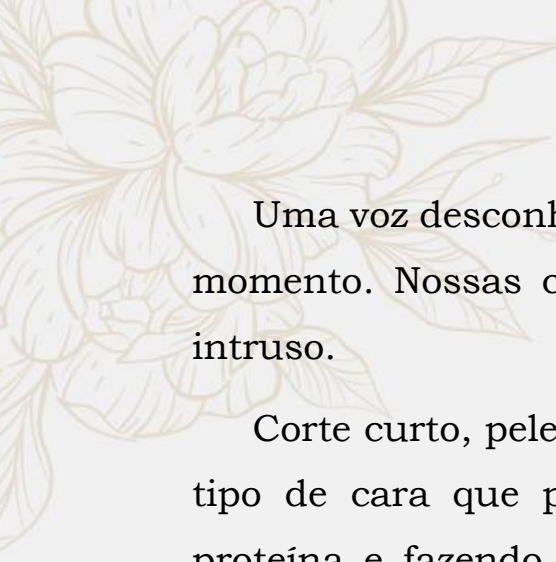
Nunca me senti tão nervoso por causa de alguém, nunca.

Eu sabia que estava acelerando, sem ter uma visão clara das consequências. Sabia que deveria me concentrar no clube em vez de na minha vida pessoal, e sabia que poderia ter estragado o entendimento provisório que Sloane e eu alcançamos na Colômbia.

Eu sabia de tudo isso, mas não me importava. Eu a queria demais e queria que *isso*, fosse lá o que fosse, funcionasse. Mesmo que isso não acontecesse, eu tinha que pelo menos tentar.

Ela abriu a boca.

Fiquei tenso, todos os músculos preparados para... — Sloane?  
É você?



Uma voz desconhecida e profundamente indesejável quebrou o momento. Nossas cabeças giraram em uníssono em direção ao intruso.

Corte curto, pele bronzeada, músculos salientes. Ele parecia o tipo de cara que passou metade da vida tomando shakes de proteína e fazendo exercícios. Ele usava uma camiseta preta e jeans e olhou para Sloane de um jeito que me fez querer dar um soco em seu rosto genericamente bonito.

— Com licença, mas estamos no meio de uma conversa — falei. Eu normalmente não era tão rude com estranhos, mas havia algo nesse cara que imediatamente não gostei.

— Você não atendeu nenhuma das minhas ligações ou mensagens de texto — disse ele, ignorando-me. — O que está acontecendo?

Sloane olhou para ele com o rosto congelado. Ela parecia chocada demais para responder.

— Sinto muito, mas quem é você? — Não me incomodei em esconder minha irritação desta vez.

Protein Shake olhou para mim, estreitando os olhos enquanto me observava. — Eu sou o namorado dela, idiota. Quem diabos é você?





## CAPÍTULO 20

*Sloane*

Eu trabalhava com Xavier há anos e nunca o vi bravo. Frustrado, sim. Irritado, definitivamente. Mas com raiva? Não.

Até agora.

A mudança em seu semblante foi sutil, mas inconfundível: o aperto de sua mandíbula. O brilho em seus olhos. A maneira como seus músculos se enrolavam.

Ele estava a segundos de perder a paciência, e eu precisava assumir o controle rápido antes de cairmos no maldito blog do Perry Wilson novamente.

— Ele não é meu namorado. — Finalmente encontrei minhas palavras e lancei um olhar irritado para o homem parado na minha frente. — Desde que você perguntou, não atendi suas ligações ou mensagens de texto porque já deixei claro: terminamos.

— Achei que você estava *brincando*. Tínhamos uma coisa tão boa acontecendo. Por que você iria querer acabar com isso? — Mark exigiu. Ele parecia genuinamente perplexo.

Ah, pelo amor de Deus. Isso era o que ganhava por me entregar a uma conexão regular em vez de casos de uma noite.

Eu não queria um relacionamento, mas tinha necessidades físicas como todo mundo, e ter uma ligação consistente era mais

fácil do que entrar no esgoto do namoro online ou esperar que um raio caísse na vida real.

O problema? Os homens sempre se apegaram tanto. Dormi com eles algumas vezes e de repente eles pensaram que iríamos cavalgar juntos até o pôr do sol.

Eu nem gostava do pôr do sol. Eles eram deprimentes.

— Eu disse que nosso tempo juntos expirou. — Procurei nossa garçonete. Tinha que haver uma regra contra a vadiagem ilegal nas mesas dos clientes. — Agora, como Xavier mencionou, estávamos no meio de uma conversa. Por favor, saia.

Minha conversa com Xavier era desconfortável, desanimadora e surpreendente de várias maneiras, mas preferia passar o dia inteiro relembrando nosso beijo do que falar com Mark.

Eu terminei com ele pouco antes da Grécia. Nós nos conhecemos quando ele era bartender no happy hour que minhas amigas e eu frequentávamos, e ficamos juntos por alguns meses até que ele nos reservou uma *escapadela de fim de semana* em uma pousada. Foi quando eu soube que tinha acabado.

— Oh, vamos lá — Mark persuadiu. Se não tivesse certeza de que terminamos antes, eu tinha agora. Não havia nada menos atraente do que um homem adulto choramingando. — Se você-

— Ela disse para *sair*. — Xavier o interrompeu, sua voz letalmente suave.

Ele não se moveu desde que Mark se autodenominou meu namorado, mas seus olhos ardiam com uma advertência mortal.

Apesar de sua pose relaxada, um braço jogado sobre a parte de trás da cabine e o outro apoiado na mesa, a tensão preenchia cada linha de seu corpo. Ele parecia um predador deitado no mato, esperando para atacar.

Um arrepio percorreu minha espinha.

Xavier não era do tipo violento, mas eu tinha um pressentimento de que se ele e Mark se enfrentassem, um deles acabaria no chão – e seria o que estava de pé agora.

— Isso não envolve você — Mark retrucou, mas deu um pequeno passo para a direita, longe de Xavier. — Eu ainda não sei quem diabos você é.

— Você não precisa saber quem eu sou. — O sorriso afável de Xavier não alcançou seus olhos. — Você, no entanto, precisa entender uma dica. Sloane terminou com você e você não ouviu. Ela disse para você ir embora e você não ouviu. Duas dicas. Eu sugiro fortemente que você não tente uma terceira.

A raiva de algumas pessoas aumentava, explodindo em explosões e violência impulsiva.

A de Xavier ficava fria, suavizando seu tom, congelando o ar e enviando outro arrepio pela minha pele.

Eu poderia e cuidava de mim mesma. Eu não queria bancar a donzela em perigo e não precisava de um homem invadindo para reiterar coisas que eu já havia dito.

Mas, porra, às vezes era bom ter reforços, especialmente quando vinha envolto em músculos e charme devastador.

O olhar de Mark deslizou de Xavier para mim e vice-versa. O que quer que ele viu em nossos rostos devia tê-lo assustado, porque ele deu meia-volta e fugiu sem dizer mais nada.

Meu garfo bateu no prato quando ele desapareceu de vista. Eu o segurei com força o tempo todo, e o metal deixou uma marca fria em minha pele.

Xavier deixou cair o braço da cabine, a tensão se desenrolando de seu corpo como um carretel de corda. O brilho perigoso desapareceu de seus olhos e ele me observou por um momento de silêncio.

— Luna — disse ele — você teve um gosto inequivocamente péssimo para homens no passado.

Eu gemi, já farta desse dia, embora fosse apenas meio-dia. — Obrigada pelo brunch, mas terminamos aqui. — Joguei uma nota de vinte na mesa como gorjeta, peguei minha bolsa e me levantei. — Eu tenho... — Ele sabia que minha agenda estava vazia. *Droga, Jillian*. Se ela não fosse uma ótima assistente, eu a demitiria por compartilhar essa informação com Xavier. — E-mails para verificar.

— Eu certamente odeio mantê-la longe de seus e-mails, mas ainda não terminamos nossa conversa anterior, como você gentilmente apontou para Meathead Central. — Xavier sinalizou nosso garçom e pagou nossa conta antes de me seguir para fora do restaurante. — Dê-me um bom motivo pelo qual não podemos namorar além da nossa relação de trabalho.

— Isso deveria ser motivo suficiente. — Eu propositalmente me afastei dele e procurei na rua por um táxi que passasse. Uma



rápida verificação por telefone me disse que seria mais rápido do que tentar chamar um Uber.

— As relações de trabalho vêm e vão, Luna. As pessoais, não.  
— Uma pequena pausa. — Pelo menos, não deveriam.

— Você está me demitindo?

— Não, estou dizendo que podemos contornar a questão publicitária-cliente. Inferno, podemos assistir a uma daquelas comédias românticas que você adora – er, adora *assistir com ódio* – tanto para nos inspirar — corrigiu Xavier quando olhei para ele.  
— Hollywood deve ter criado uma dúzia de estratégias para esse tipo de coisa.

— Eu já disse, comédias românticas não são realistas. Hollywood não é a vida real. — Eu me virei para encará-lo. — Você acabou de dizer a Mark para saber quando entender uma dica. *Por que* você está sendo tão insistente sobre isso?

— Porque eu quero você.

Simples. Na verdade. E um golpe forte e inesperado no meu peito.

O ar foi evacuado dos meus pulmões enquanto eu olhava para Xavier. Seus olhos e boca ficaram sóbrios, apagando a irreverência e deixando apenas a sinceridade para trás.

— Eu não quero um beijo ou um caso de uma noite — disse ele. — Quero *você*. Quero conhecer você fora do trabalho. Quero levar você em encontros reais. E não sei se vai dar certo no final, mas quero que pelo menos tentemos.

*Pelo amor de Deus, Sloane, ninguém quer namorar um bloco de gelo.*

Uma sensação espessa subiu pela minha garganta e se enrolou ali. — Confie em mim. — Estrangulei a alça da minha bolsa com uma mão. — Você não quer me conhecer fora do trabalho.

Quando eu estava trabalhando, ninguém me culpava por ser fria ou direta. Eles esperavam por isso. Quando eu estava namorando... isso era uma questão totalmente diferente.

— Deixe-me ser o juiz disso. — A voz de Xavier suavizou-se. — De que você tem tanto medo?

Um formigamento terrível se espalhou por trás dos meus olhos e nariz. — Nada. — Desviei meu olhar para a rua, onde carros buzinando e pedestres imprudentes forneciam estímulo suficiente para obscurecer minha verdadeira resposta.

*Tenho medo de deixar alguém entrar novamente. Tenho medo de ter meu coração partido.*

*Tenho medo de que, se você conhecer meu verdadeiro eu, você me achará desagradável como todo mundo, e isso vai doer muito mais, porque é você.*

Meu passado era meu passado. Eu era jovem, estúpida e inexperiente, e namorei muitos outros homens desde o meu primeiro desgosto. Eu não tive medo de dar uma chance a eles, porque sabia que eles não violariam minhas defesas.

Xavier? Ele tinha o potencial de destruir todo o sistema.

— Sloane. — Seu leve toque queimou meu braço. — Olhe para mim.

— Não. — Endureci minha determinação e estendi o braço para chamar um táxi que passava. — Examinaremos seu plano de relações públicas mais tarde. Vou tirar o resto do dia de folga.

Com isso, eu quis dizer que iria ler meus e-mails em casa, tomar um longo banho de espuma, deliciar-me com uma taça de vinho e um filme... e *não* pensar em Xavier Castillo de forma alguma.

O táxi parou bruscamente na minha frente. Abri a porta e entrei. Xavier entrou depois de mim.

— O que você está fazendo? — eu exigi. — Isso é arrombamento e invasão!

— É um táxi.

— Que você está *invadindo*. — Bati os nós dos dedos contra a divisória que nos separava do banco da frente. — Você tem um intruso em seu carro. Eu não conheço esse homem. Por favor, livre-se dele imediatamente.

O motorista olhou pelo retrovisor, nada impressionado. — Você não estava conversando com ele há pouco?

— *Ele* estava falando comigo.

— *Estávamos* conversando — corrigiu Xavier. — Eu-

O motorista soltou um grande suspiro. — Olha, senhora, não tenho tempo para lidar com uma briga de amantes. Você quer ir ou não?

— Não somos-

— Ela quer ir. Continue dirigindo até que digamos o contrário.  
— Xavier enfiou uma nota de cem dólares pela abertura da divisória. — Uma pré-gorjeta para o seu serviço. Obrigado, cara.

O motorista arrancou a nota de sua mão e saiu em disparada.  
— Isso é sequestro — falei furiosamente. — Você está cometendo um crime.

— Você invadiu meu quarto duas vezes no mês passado, então considere-nos empatados. — Xavier sorriu, mas seus olhos permaneceram sérios. — Você não pode continuar fugindo das coisas difíceis, Luna. Eventualmente, você terá que enfrentar aquilo de que tem tanto medo.

— Isso é irônico, vindo de você.

Xavier passou metade de sua vida evitando responsabilidades. Ele era a última pessoa que deveria me dar um sermão sobre fuga.

— É verdade — ele reconheceu. — Mas estou trabalhando nisso. — Eu não tinha uma boa resposta para isso.

Afundi-me no assento, subitamente exausta.

Era demais. Espanha, Colômbia, ver Pen, receber o e-mail do meu pai e descobrir que minha irmã estava grávida, beijar Xavier... as bombas do mês passado tinham martelado amassado após amassado em minhas paredes, e eu estava tão cansada de segurá-las.

— Se você realmente não sentiu nada durante nosso beijo, vou parar o carro agora mesmo e nunca mais discutiremos isso — disse Xavier calmamente. — Isso não afetará nosso trabalho juntos e podemos fingir que nunca aconteceu. Mas se houver uma pequena



parte de você que pensa que isso pode funcionar... — Ele engoliu em seco. — Não estou dizendo que temos que nos casar ou iniciar um relacionamento de longo prazo, mas quero que nos deixemos entrar. Não precisamos ir até os quartos onde guardamos nossos segredos. Até o hall de entrada servirá por enquanto.

Minha risada se libertou por conta própria. — Meu Deus. Essa é a *pior* metáfora que já ouvi.

— Ei, eu nunca disse que era poeta. — Ele me deu um sorriso torto. — Então o que você diz? São apenas encontros, Luna. Vamos mantê-los discretos e, se funcionar, funcionou. Se não, acontece. Nenhum dano, nenhuma falta.

A coisa responsável a fazer era acabar com isso de uma vez por todas. Nada de bom resultaria em permitir a entrada de *qualquer* homem, muito menos alguém tão inteligente e encantador como Xavier, e dizer sim ia contra minha promessa de não me envolver com clientes.

Mas eu estaria mentindo se dissesse que não sentia nada por ele. Nosso beijo me fez sentir mais do que qualquer outra coisa na memória recente, e tinha a sensação perturbadora de que, se eu fosse embora, os *e se* me assombrariam pelo resto da minha vida.

*Espero não me arrepender disso.*

— Dois meses, com efeito imediato. — Apenas dizer essas palavras fez meu peito apertar, mas afastei os piores cenários que ameaçavam vir à tona. — Temos até o final de dezembro para determinar se isso pode levar a algum lugar.

— Como um período de experiência.

— Sim. — Eu levantei meu queixo. — Você tem algum problema com isso?

— De jeito nenhum. — O sorriso de Xavier se aprofundou quando ele estendeu a mão. — Nós temos um acordo.

Era minha última chance de desistir, mas foda-se, eu não tinha chegado tão longe para me acovardar agora.

Deslizei minha mão na dele e tentei ignorar o frio na barriga. — Nós temos um acordo.



## CAPÍTULO 21

*Sloane*

— Eu não vou dizer que avisei, mas avisei — disse Isabella. — Eu *sabia* que você e Xavier acabariam cedendo ao seu escaldante e delicioso...

— Por favor, pare. Estou em um táxi e vou vomitar.

— Espero que não, considerando que você está a caminho de um primeiro encontro. — Eu podia ouvi-la sorrir ao telefone. — Divirta-se. Conte-nos *tudo* mais tarde e não se preocupe com a coisa do Perry. Nós temos você.

Eu não tinha esquecido a tentativa de Perry Wilson de me jogar debaixo do ônibus. Como eu estava de volta à cidade, pude me concentrar em derrubá-lo com a ajuda dos meus amigos.

— Obrigada. — O táxi parou. — Estou aqui. Falo com você mais tarde.

— Ah. Envie-nos uma foto de-

Desliguei antes que Isabella dissesse algo inapropriado. Paguei ao motorista e subi os degraus da casa de Xavier em West Village, os nervos em meu estômago brotando dentes e presas.

Era sábado, dois dias depois da minha decisão questionável de dizer sim a namorar *casualmente* com ele (ênfase no *casual*). Xavier não me contou o que tinha planejado, apenas que eu deveria usar

– roupas aconchegantes – e, se fosse qualquer outra pessoa, eu teria hesitado no segundo em que ele me disse que nosso primeiro encontro seria na casa dele. Era assim que encantadores *serial killers* atraíam suas vítimas para a morte.

De qualquer forma, o fato de ter aparecido era uma prova de quão confortável eu me sentia com ele ou de quão estúpida eu era. Honestamente, preferia a última explicação à primeira.

Levantei a mão, mas a porta se abriu antes que eu pudesse bater.

O cabelo preto desgrenhado e o corpo magro e esculpido de Xavier preenchiam a moldura, e fui assolada pela estranha sensação de meu coração disparando. Ele usava sua versão aconchegante: jeans e um suéter de cashmere fino que delineava seus ombros e braços largos. Sem sapatos.

Por alguma razão, vê-lo descalço em casa parecia insuportavelmente íntimo.

Deixei cair meu braço com uma pontada de constrangimento.  
— Oi.

— Oi. — Seu sorriso exibiu um lampejo de suas covinhas. — Antes que você pense que sou um canalha que estava esperando na janela, saí para pegar isso. — Ele pegou uma pequena caixa marrom na varanda da frente. — Acontece que você tem o timing perfeito.

— Essa não é uma faca que você comprou para me matar em seu porão secreto, é?

As covinhas se aprofundaram. — Acho que você vai descobrir.



— Engraçado.

Pendurei meu casaco no cabide de latão perto da porta e o segui para dentro da casa. Eu já tinha visitado uma vez para deixar alguns papéis, mas nunca passei da sala de estar.

Xavier me deu um rápido tour e uma explicação de cada cômodo pela qual passamos.

Ao contrário do que eu esperava, a casa dele não lembrava a de uma fraternidade universitária. Era surpreendentemente aconchegante, apesar de seu vasto layout, e a decoração costeira era uma mistura refrescante de brancos suaves, azuis temperamentais e amarelos empoeirados. Ele tinha um olho excelente, um excelente designer de interiores ou ambos.

— É aqui que passo a maior parte do meu tempo. — Ele apontou para o escritório do segundo andar, que era parte sala de TV, parte biblioteca e parte fliperama. — É pau para toda obra da casa.

— Isso é uma máquina de garras? — Aproximei-me do recipiente de metal cheio de brinquedos de pelúcia. Ocupava a parede da extrema direita entre uma máquina de pinball vintage e um carrinho de pipoca retrô.

— Ah, sim. — Xavier esfregou a nuca, deixando suas bochechas rosadas. — Eu odiava essas coisas quando era mais jovem. Gastava uma fortuna com elas, mas nunca conseguia o brinquedo que queria, então instalei e preparei para que todos que brincassem conseguissem o que queriam.

A explicação infantil foi tão inesperadamente encantadora que não me preocupei em esconder meu sorriso.

— As cicatrizes dos nossos inimigos de infância são profundas — eu disse solenemente.

— Sim, elas são. — Xavier me olhou com um olhar sério. — Não me fale sobre a velha gata de Doris. Ela quase matou a mim e a Hershey enquanto dormíamos uma vez.

— Hershey?

— Animal de estimação de infância. Ele era um labrador marrom, daí...

— O nome.

— Bingo.

Uma imagem mental de um jovem Xavier com seu cachorro apareceu e meu coração derreteu um pouquinho.

*Ugh.* Nosso encontro ainda não havia começado oficialmente e eu já estava amolecendo. O que estava errado comigo?

— Você tinha algum animal de estimação quando era mais jovem? — A mão de Xavier roçou a minha quando saímos da sala. A eletricidade subiu pelo meu braço e eu instintivamente a afastei.

Passei a mão sobre meu coque para esconder a reação instintiva, meu coração batendo forte. Eu não tinha certeza se ele tinha notado, mas um pequeno sorriso apareceu nos cantos de sua boca enquanto ele me levava pelos quartos do terceiro andar até o telhado.

— Não — eu disse um pouco tardiamente. — Meu pai não gosta de nenhum animal, exceto cavalos. — Fiz um esforço determinado para não olhar para nenhuma das portas dos quartos e imaginar o que havia atrás delas.

Como era o quarto de Xavier? O quarto de sua infância em Bogotá foi desmontado e transformado em uma suíte genérica de hóspedes. Ele exibia itens de suas viagens? Obras de arte? Cartazes? Se sim, cartazes de quê?

— Mas eu tenho um peixe de estimação temporário — falei, determinada a não insistir em questões tão tolas. — A pessoa que alugou meu apartamento antes de mim o deixou para trás.

Xavier abriu a porta do telhado. — Qual o nome dele?

— The Fish.

Ele parou e olhou de soslaio para mim. — Você nomeou seu peixe de estimação... Fish?

— *The Fish* — corrigi. — Os artigos de gramática são importantes e, como eu disse, ele é um animal de estimação temporário. Não adianta dar a ele um nome verdadeiro.

— Certo. Há quanto tempo você tem esse animal de estimação temporário?

— Cinco anos.

Sua risada enviou baforadas brancas no ar frio do outono. — Eu odeio dizer isso a você, Luna, mas uma vez que ultrapassa a marca de um ano, a posse de um animal de estimação não é mais considerada temporária.

Construí todo um argumento sobre como o *temporário* não tinha limite de tempo definido. Portanto, se eu tivesse adotado The Fish com a intenção de um dia realocá-lo, seria considerado temporário, independentemente de quanto tempo passasse.

No entanto, as palavras morreram na minha língua quando pisei no telhado e vi o que ele havia planejado para o nosso primeiro encontro.

*Oh, meu Deus.*

Uma tela gigante de TV dominava um lado do telhado, no canto onde estava uma mesa coberta com todos os lanches que alguém pudesse imaginar. Havia pratos de cerâmica branca cheios de M&M's, pretzels, ursinhos de goma e outros doces que não consegui identificar à distância; pratos repletos de batatas fritas, biscoitos e salgadinhos diversos; tigelas enormes contendo seis tipos diferentes de pipoca; e uma tábua completa de charcutaria. Um balde de champanhe estava ao lado de chá, café e três garrafas de vinho (um tinto, um branco e um rosé). Debaixo da mesa, um frigobar com frente de vidro ostentava uma variedade de água, suco e refrigerante.

Tapetes e vasos de plantas espalhados pelo chão davam um toque aconchegante ao ambiente. Velas estrategicamente posicionadas e a cobertura de luzes iluminavam o telhado em vez do sol poente, enquanto lâmpadas de calor portáteis protegiam o frio.

Porém, a *verdadeira* estrela do show era o colchão gigante colocado em frente à tela. Cheio de travesseiros, almofadas e



cobertores de caxemira, parecia tão aconchegante que tive vontade de mergulhar direto no meio e nunca mais me levantar.

Toda a configuração era tão cafona que parecia algo saído de uma comédia romântica.

E eu adorei.

A emoção arrepiou meu peito. Quando foi a última vez que alguém pensou tanto em algo para mim?

Meus ex-namorados me levavam a jantares caros e shows exclusivos, o que era legal, mas só custava dinheiro. Tempo e cuidado exigiam muito mais esforço, e ninguém jamais me considerou digna dessas coisas.

— Como é Halloween, pensei que poderíamos fazer dupla sessão — disse Xavier. — Uma comédia romântica de bruxa e uma comédia romântica de Natal que não será lançada até os feriados. Um amigo de um amigo está no topo do estúdio e me ajudou.

Pela primeira vez, não tive uma resposta sarcástica.

— Isso... — Limpei minha garganta de sua rouquidão. — Isso parece legal.

Enchemos nossos pratos com comida e nos acomodamos no colchão. Ele o empurrou contra a parede baixa de tijolos para que tivéssemos apoio para as costas, mas uma montanha de travesseiros suavizava a superfície dura.

Os créditos iniciais rolaram pela tela. Tentei focar nos nomes dos atores principais em vez da presença de Xavier.

Não estávamos pressionados um contra o outro, mas estávamos perto o suficiente para que cada vez que um de nós se mexesse, algo roçasse.

Seu braço contra meu ombro. Sua perna contra meu joelho.

Sua mão contra minha coxa.

Momentos de contato tão breves que mal contavam como toques, mas tão potentes que causaram estragos em meu corpo. Todo o meu lado direito formigava com sua proximidade e a consciência pulsava em minhas veias.

Estávamos em um telhado de Nova York no final de outubro e eu estava queimando. Não por causa das lâmpadas de aquecimento ou dos cobertores; por causa dele.

— Estou surpresa que você tenha agendado isso para o Halloween. — Comecei a conversar simplesmente para desviar a atenção do ritmo acelerado do meu coração. *Controle-se, pelo amor de Deus.* — Há dezenas de festas esta noite.

— Isso é chato. Isto não é.

— Você prefere assistir a uma comédia romântica sobre uma bruxa e um encanador se apaixonando do que ir a uma festa à fantasia com celebridades?

— Cem por cento. Contanto que eu esteja assistindo com você. — Sua resposta saiu tão casualmente que demorou um segundo para registrar. Assim que isso aconteceu, o tamborilar se transformou em uma banda marcial completa, com bateria e tudo.

Maldito.

Esta noite deveria ser um encontro obrigatório. Eu não deveria gostar tanto disso.

*Você sabe que precisa realmente dar uma chance a ele, certo?*

O gentil lembrete de Vivian no nosso happy hour de ontem passou pela minha mente. *Não se esforce esperando o período de experiência expirar. Não será justo com nenhum de vocês.*

Eu odiava quando outras pessoas estavam certas.

— E você? — Xavier perguntou. — Não há planos para o Halloween com as meninas?

— Não. Elas estão com suas famílias. — Uma pequena pontada atingiu meu estômago. — Vivian e Dante levaram Josie para uma festa de Halloween no zoológico. Kai e Isa têm um evento da *Mode de Vie*, e Dominic e Alessandra estão na gala de outono do Valhalla. — Kai e Isabella tecnicamente ainda não eram casados, mas poderiam muito bem ser.

Eu era a estranha. Eu não me importava; preferia estar solteira e contente do que em um relacionamento e infeliz. Mas houve momentos em que me perguntei como seria existir no mundo sabendo que havia alguém que me amava total e incondicionalmente e de todo o coração por quem eu era, em vez de por quem ele queria que eu fosse.

— Falando em Dante, você descobriu por que ele está no comitê de herança? — perguntei, ansiosa para pensar em alguma coisa – qualquer outra coisa.

— Não, ainda não falei com ele. Tenho me concentrado nas reuniões da próxima semana. — A perna de Xavier roçou a minha

mais uma vez, e houve aquele *zumbido estúpido* novamente. Ele olhou para mim, as imagens em movimento na tela lançando luz em suas feições, depois sombra, e depois luz de novo. — Ele fazia muitos negócios com meu pai, então presumo que isso seja parte do motivo.

— Talvez. Posso perguntar a Vivian...

— Luna. — Ele gentilmente enganchou o dedo mindinho no meu, debaixo do cobertor, e meu conhecimento de como respirar evaporou. — É um encontro. Chega de conversa sobre trabalho.

— Certo. — *Dentro e fora. Você sabe como fazer isso.* — Você algum dia vai me dizer por que me chama de Luna?

— Um dia. — Suas covinhas apareceram. — Se você for realmente legal comigo.

Reprimi um sorriso. — Eu sou legal com você agora.

— Você esqueceu uma palavra.

— *Muito* legal. O que isso implica, um boquete?

Minha piada parou quando percebi meu erro. Discutindo boquetes com Xavier? *Péssima ideia.*

*Abortar, abortar!* Sinos de alarme soaram na minha cabeça, mas já era tarde demais.

Algo intenso engoliu o humor em seus olhos, e meu já escasso suprimento de oxigênio diminuiu para níveis de emergência.

Nenhum de nós estava prestando atenção ao filme neste momento. Infelizmente, isso significava que *toda* a minha atenção havia sido redirecionada para 1) o calor delicioso do corpo de



Xavier, que havia se aproximado o suficiente para provocar um curto-circuito no meu cérebro, e 2) uma galeria mental lasciva de imagens que girava em torno de mim, dele e de uma certa atividade com as iniciais *BJ*<sup>4</sup>.

Meu sangue cantou com um calor repentino.

— Talvez, mas não esta noite. — Seu murmúrio sedoso percorreu minha espinha. — Eu não passo da primeira base no primeiro encontro. Que tipo de homem você pensa que sou?

— Você está me dizendo que nunca fez mais do que beijar alguém no primeiro encontro. — Não foi uma pergunta, mas a voz que falou estava tão ofegante que não a reconheci como minha.

— Sim, mas isso foi há anos, não estávamos namorando e eu não estava tentando cortejá-las.

Outro tipo de calor, que não tinha nada a ver com excitação, acumulou-se em meu estômago. — É isso que você está tentando fazer? Cortejar-me?

— Depende. — Um sorriso brincou em seus lábios. — Está funcionando?

*Sim.* — Não.

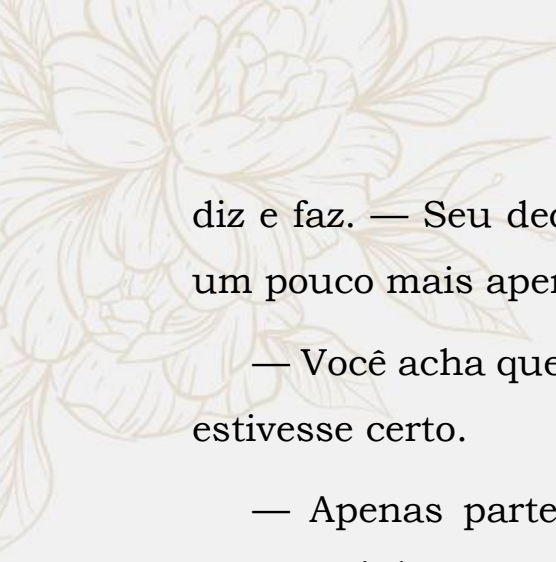
— Mentirosa.

— Um pretendente não deveria chamar de mentirosa o objeto de seu cortejo. É falta de etiqueta.

— Sou honesto quando a situação exige, e você morreria de tédio se alguém simplesmente concordasse com tudo o que você

---

<sup>4</sup> *BJ* – *blow jog*, significa boquete.



diz e faz. — Seu dedo mindinho, ainda preso ao meu, enrolou-se um pouco mais apertado. Eu gostaria de me importar.

— Você acha que me conhece tão bem — sussurrei, embora ele estivesse certo.

— Apenas partes de você. — O roçar suave de seu polegar contra minha mão despertou uma colônia de borboletas em meu estômago. — Mas chegaremos lá.

A insinuação de que iríamos durar até aquele ponto fez com que minhas defesas disparassem, mas a noite estava tão agradável e seu toque era tão bom que ignorei.

Foi só quando o filme da bruxa terminou e o de Natal começou que percebi que tinha assistido a uma comédia romântica sem escrever uma crítica pela primeira vez em cinco anos.





## CAPÍTULO 22

*Xavier*

Se eu pudesse, passaria os próximos dois meses focado exclusivamente em Sloane.

Terminamos nosso encontro de cinema no sábado à noite com nada mais do que um beijo casto na bochecha, mas foi o melhor encontro que já tive. Ela estava me tratando bem e era isso que importava. Honestamente: não estava acostumado a perseguir mulheres. Desde o momento em que cheguei à puberdade, fui inundado pela atenção feminina.

Namorar era fácil, e sexo era ainda mais fácil, então todo esse processo com Sloane era um território desconhecido.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu simplesmente a deixaria ir. Mas ela não era outra pessoa e eu já estava fazendo planos para o nosso próximo encontro. Tínhamos dois meses, então precisava aproveitá-los ao máximo.

Infelizmente, tinha que lidar com o incômodo problema da minha boate. Ou seja, garantir as licenças adequadas, localização, financiamento e um milhão de outras coisas que acompanhavam o início de um negócio.

Foi assim que me encontrei novamente no Valhalla na quarta-feira seguinte ao meu encontro, cara a cara com o homem que

poderia fazer ou destruir meus planos antes mesmo de eles começarem.

*Nome número um na lista de Kai.*

Vuk Markovic, também conhecido como o sérvio, sentou-se à minha frente em seu escritório, com seus misteriosos olhos azuis desprovidos de emoção enquanto eu explicava minha ideia. Ele evitou o típico uniforme de CEO, terno e gravata, em favor de um suéter preto e calça. Uma cicatriz brutal cortava seu rosto em duas metades, e uma série de cicatrizes de queimaduras envolvia seu pescoço.

Eu tentei o meu melhor para não olhar. Felizmente, ficou mais fácil quando atingi meu fluxo. Eu não apresentava um plano de negócios desde a faculdade, mas aprendia rápido e falava bem em público.

Eu precisava de um parceiro para ter legitimidade e Vuk era perfeito para o trabalho. Ele era o atual presidente do comitê de gestão do Valhalla, o que provavelmente o tornava o homem mais poderoso da cidade. Ele tinha mais de uma década de experiência e uma excelente reputação de ser justo, mas implacável quando a ocasião exigia.

Claro que ele precisava de um motivo convincente para fazer negócios comigo, além de um conhecimento mútuo. Kai me colocou na porta; cabia a mim conseguir isso.

— A Markovic Holdings lançará sua nova vodca sem álcool no próximo verão. O momento se alinha perfeitamente com o lançamento do Vault — eu disse. Eu chamei o clube de Vault devido à sua (esperançosa) localização. — Podemos fazer uma



prévia exclusiva e ter um bar personalizado destacando a bebida. Sloane Kensington é responsável pela abertura; será o evento de vida noturna da temporada. Todos os formadores de opinião importantes estarão presentes e será o primeiro de nossa série Tastemaker.

A ideia era simples: uma série de eventos mensais onde os participantes receberiam acesso antecipado e/ou exclusivo a tudo, desde comida a apresentações e prévias de moda, tudo isso enquanto saboreavam a cerveja Castillo e o álcool Markovic.

Minha família se especializou em cerveja, mas Vuk comandava um enorme império de bebidas alcoólicas que ia desde vinho barato que qualquer estudante universitário poderia comprar até champanhe fino, tão raro que apenas um punhado de garrafas era produzida anualmente. No ano seguinte, eles estariam diversificando para o setor de rápido crescimento do álcool zero, e a empresa estava investindo muito dinheiro para torná-lo um sucesso.

A Tastemaker Series exclusiva aconteceria em uma noite separada da folia geral das casas noturnas, mas seu objetivo não era atrair festas regulares. Atenderia à mídia e aos influenciadores, que sempre gostavam de ser os primeiros a experimentar algo novo; sua participação, além da natureza em constante evolução dos eventos, criariam novidades a cada mês e manteriam o clube na vanguarda das mentes das pessoas.

Pelo menos esse era o plano.

Vuk esperou até que eu terminasse meu discurso antes de disparar uma série de perguntas metódicas contra mim.

*Quem são seus concorrentes?*

*Você tem um local sob contrato?*

*Você tem alguma outra marca ou empresa preparada para participar da Tastemaker Series?*

*Como diabos você vai conseguir tudo isso em menos de seis meses?*

Ele não disse a última parte, mas estava implícito.

Tecnicamente, ele não disse nada; as perguntas vieram na forma de notas escritas. Ninguém sabia muito sobre ele além de seus negócios, mas de acordo com rumores, seu não-verbalismo não se devia a razões médicas (dizia a lenda que uma vez ele disse *obrigado* a um atendente do Valhalla). Ele realmente odiava conversar.

Abordei as preocupações de Vuk da melhor maneira que pude, mas minha confiança diminuiu diante de seu estoicismo imutável.

— The Vault será o maior sucesso na vida noturna de Nova York desde Legends — eu disse. — Tenho as conexões, a visão e a motivação, mas no final das contas, esse negócio é uma questão de instinto. O que funciona, o que não funciona, qual é a próxima grande novidade. Você não pode comprar ou aprender. — Inclinei-me para frente, mantendo meus olhos nos dele. — Eu tenho, e se você se tornar meu parceiro, vou nos transformar em verdadeiras lendas.

Eu inventei o clube como uma forma de cumprir minha cláusula de herança e, ao mesmo tempo, atingindo meu pai, mas agora que tinha tempo para lidar com isso, *queria fazê-lo funcionar*.

Não por dinheiro, família ou pelo mundo, mas por mim mesmo. Eu queria provar que poderia fazer isso.

Vuk olhou para mim com expressão remota.

Eu entendia por que a maioria das pessoas se cagava quando estavam na mesma sala que ele. Havia algo profundamente perturbador no sérvio. Talvez fosse uma combinação do seu silêncio, do seu status e das suas cicatrizes; talvez fosse algo completamente diferente.

De qualquer forma, os nervos agitaram minhas veias quando ele começou a escrever.

Ele deslizou o papel pela mesa menos de trinta segundos depois.

*Volte para mim quando tiver garantido um local.*

Droga. Garantir o local que eu tinha em mente era quase impossível sem Vuk como parceiro.

Se isso fosse um rompimento do acordo, por que diabos ele não disse isso antes de marcarmos esta reunião?

Engoli minha decepção, agradei por seu tempo e saí do escritório. Na saída, passei por um homem de cabelos escuros com... puta merda, era Ayana?

— Ei, Vuk está ocupado? — o homem perguntou. Ele devia ter me visto saindo do escritório do sérvio.

Mascarei minha surpresa. Muito poucas pessoas chamavam Vuk pelo primeiro nome em voz alta; ele teria odiado.

— Ele não estava quando eu saí.

O homem assentiu. — Obrigado.

Ayana me deu um breve sorriso de passagem. Com sua pele escura luminosa e maçãs do rosto salientes, a supermodelo parecia ainda mais etérea pessoalmente, mas eu não senti nada. Nem mesmo um lampejo de luxúria ou atração.

Sloane e eu nos beijamos uma vez e ela já tinha me arruinado para outras mulheres.

Eu deveria estar mais alarmado com esse acontecimento, mas achei difícil invocar qualquer coisa além de um sorriso quando a vi andando pela biblioteca. Eu convidei Sloane antes do meu encontro com Vuk e, embora não *precisasse* de apoio moral, adorei tê-la aqui.

— O que ele disse? — ela perguntou quando cheguei ao alcance da voz. — Ou escreveu. Você sabe o que eu quero dizer.

— Ele disse para voltar para ele quando eu tiver garantido um local.

— Nome número dois?

— Nome número dois — confirmei. — Merda.

Meus sentimentos exatamente. Teria uma reunião com o segundo nome da lista de Kai nesta sexta-feira e não estava ansioso por isso.

— Pelo lado positivo, não foi um não. Eu vou fazer isso — eu disse. — Como vão as coisas com PW?

Sloane me contou seus planos para derrubar Perry Wilson. Nenhum argumento meu aí; o blogueiro de fofocas era um grande pé no saco.



— Eles estão indo — disse ela. — Meus amigos plantaram as sementes. Eu cuidarei do resto. Na verdade, estava fazendo uma pequena pesquisa sobre isso antes de você chegar.

— Perfeito. Nesse caso, foi um dia produtivo e podemos ir jantar. — Eu precisava reiniciar depois do encontro com Vuk, e a comida sempre me fazia sentir melhor.

A boca de Sloane se contraiu. — Seu senso de horário das refeições precisa de recalibração. São apenas quatro.

— Depois de enfrentarmos o trânsito da hora do rush, serão cinco horas, que é o horário do happy hour. Você sabe o que vem depois do happy hour?

— Um chuveiro.

— Jantar. — Minha boca se curvou em um sorriso. — Embora eu não me oponha a compartilhar o banho. — Abaixei minha voz o suficiente para apenas ela ouvir.

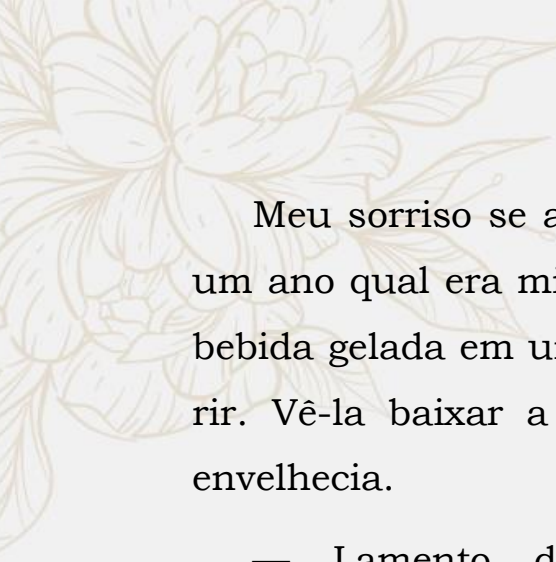
Ela ficou um pouquinho rosada ao redor das orelhas, mas levantou uma sobrancelha e perguntou: — O que aconteceu com o cortejo lento e constante?

— Tire sua mente da sarjeta, Luna. Tudo o que propus foi compartilhar um banho. Será perfeitamente PG-13<sup>5</sup>, exceto pelas duas pessoas nuas muito atraentes.

A gargalhada de Sloane atraiu vários olhares de desaprovação antes que ela cobrisse a boca.

---

<sup>5</sup> PG-13 – *parental guidance for children under 13*, classificação atribuída a um filme informando aos pais que pode conter material considerado inadequado para crianças menores de 13 anos.



Meu sorriso se alargou. Se alguém tivesse me perguntado há um ano qual era minha coisa favorita no mundo, teria sido uma bebida gelada em uma praia quente. Agora, isso era fazer Sloane rir. Vê-la baixar a guarda e realmente ser ela mesma nunca envelhecia.

— Lamento desapontá-lo, mas não haverá chuveiros compartilhados hoje ou em qualquer momento no futuro próximo — disse ela depois de controlar sua diversão. — O que-

Seu telefone acendeu com uma chamada recebida e uma rápida olhada na tela tirou o sorriso de seu rosto.

Sloane atendeu, sua pele ficando pálida enquanto ouvia o que quer que o interlocutor tivesse a dizer. Um minuto depois, ela desligou e pegou o casaco das costas da cadeira. — Eu tenho que ir.

Tremores de preocupação percorreram meu estômago. — O que aconteceu?

Eu a segui até a saída e ela não respondeu até que estávamos no corredor, longe de qualquer ouvido curioso.

— É minha irmã. — Ela finalmente olhou para mim, seus olhos eram uma tempestade de pânico. — Ela está no hospital.





## CAPÍTULO 23

### *Sloane*

Eu não discuti quando Xavier insistiu em me acompanhar ao hospital. Ele havia dirigido até o clube hoje e era mais fácil ir de carro do que chamar um táxi.

A voz estressada de Rhea ecoou na minha cabeça enquanto acelerávamos em direção ao hospital.

*Meu dia de folga... Penny desmaiou na rua... hospitalizada...*

Ela não teve tempo de me contar os detalhes antes que uma enfermeira a chamasse ao fundo. A falta de contexto deixou meu estômago embrulhado e minha imaginação deslizou por caminhos espinhosos.

Quão gravemente Pen ficou ferida? Foi um membro quebrado ou algo pior? Eles teriam que operá-la?

O pavor arranhou minhas entranhas.

Eu deveria ter feito contato com ela antes. Já se passou um mês desde Londres, e Rhea me dava atualizações ocasionais por mensagem de texto, mas eu deveria ter encontrado tempo para uma videochamada. Em vez disso, fiquei enterrada no trabalho e em Xavier.

A lógica me dizia que Rhea teria ficado mais perturbada se Pen estivesse em sério perigo, mas a lógica sempre falhava diante do medo frígido e debilitante.

Felizmente, Xavier não fez perguntas nem conversou. Ele simplesmente disparou pelas ruas, guiando pelos transeuntes e o trânsito com uma destreza surpreendente... até chegarmos ao engarrafamento que era o centro de Manhattan durante a hora do rush.

Os semáforos estavam verdes, mas o trânsito estava tão congestionado que ninguém conseguia se mover.

— O que aconteceu? — Endireitei-me, tentando entender o barulho de carros, pedestres e ciclistas serpenteando pelo cruzamento.

— Parece um acidente. — Xavier abriu o lado do motorista, inclinou-se e fez uma rápida pesquisa ao redor. — Estamos parados por quarteirões.

*Merda.* Minhas mãos se enrolaram na borda do meu assento. Poderíamos ficar presos aqui por horas, e eu não tinha horas.

E se Pen piorasse repentinamente? E se eu perdesse a oportunidade de vê-la pela última vez-

*Não. Não vá lá.*

Lutei pela calma. Tornar-me uma bagunça histérica não faria nenhum favor a ninguém.

— Eu volto já. — Xavier saiu totalmente do carro. — Se o trânsito desaparecer de alguma forma nos próximos cinco



minutos, meu bebê estará em suas mãos. — Ele deu um tapinha no topo de seu Porsche.

— O que você está...? — Eu me virei para observar enquanto ele caminhava pela fila de carros atrás de nós e batia na janela do último. O motorista desceu, Xavier entregou-lhe algo e, após uma breve troca, o carro deu ré e virou em uma rua lateral.

Felizmente, havia apenas três carros nos bloqueando, e Xavier repetiu esse processo com os dois últimos até estarmos livres.

— Mudança de planos. — Ele deslizou de volta para seu assento e seguiu o exemplo dos outros em marcha ré e redirecionamento. — Esta próxima parte pode ser acidentada.

— O que você fez?

— Dei trezentos dólares aos motoristas para que cada um fosse na direção oposta. — Xavier franziu a testa para a rua lateral, que também estava congestionada. — O suborno faz maravilhas.

— Precisamos conversar sobre a quantidade perigosa de dinheiro que você carrega – *merda*. — Agarrei o apoio de braço da porta, meu coração pulando na boca quando o Porsche desviou para a calçada. — Isto não é uma rua!

— Estou ciente. — Ele avançou, duas das rodas na calçada e duas na rua, passando por uma fila de buzinas de carros estridentes e xingamentos raivosos. — Não há ninguém andando aqui e posso pagar a multa.

— Você perdeu a cabeça, *porra*! — Meu batimento cardíaco acelerou mais um pouco quando quase batemos lateralmente em

um hidrante, e eu não respirei até que finalmente, *finalmente*, viramos em uma nova rua e voltamos a dirigir corretamente.

Tipo, sem calçada, só asfalto.

*A onda de oxigênio que chegava me deixou tonta. Nota para mim mesma: nunca mais entre em um carro com Xavier ao volante.*

— Você precisa ir para o hospital. Esta é a maneira mais rápida de chegar lá — disse ele calmamente. Ele dirigia com uma mão; a outra se fechou sobre a minha, entrelaçando nossos dedos. Eu enrijei de surpresa. — Não se preocupe, Luna. Nós vamos conseguir.

Olhei para seu perfil por um segundo antes de meu olhar desviar para nossas mãos entrelaçadas. A dele era tão grande que engolia a minha, e tão quente que o calor irradiava pelo meu braço, passando pelo meu peito e chegando ao meu estômago.

Ele estava concentrado na rua, e seu ato de conforto foi casual e impensado, mas de alguma forma isso tornou tudo ainda mais íntimo.

A emoção subiu pela minha garganta, espessa e repentina.

Sentia falta do sexo, porque não fazia isso há um mês, mas não tinha percebido o quanto sentia falta *disso*. Toques não sexuais. Intimidade fácil. Conexão, de uma forma ou de outra.

Talvez fosse porque eu não tinha *isso* há anos, se é que alguma vez realmente tive.

Olhei para frente e apertei a mão de Xavier, deixando sua força reconfortante me acalmar. Não me importava por demonstrar

vulnerabilidade nesse momento; eu só precisava de alguém para me segurar.

Felizmente, não voltamos a ter trânsito intenso e chegamos ao hospital relativamente em pouco tempo.

— Você entra — ele disse. — Vou procurar estacionamento. — Eu não discuti.

Em uma tarde aleatória de quarta-feira, o hospital estava lotado, mas como eu era da família, consegui passar facilmente pela recepção.

Verifiquei meu telefone no elevador. Nenhuma nova mensagem de Rhea, o que presumi ser uma coisa boa. *Por favor, deixe-a ficar bem.*

As portas se abriram. Saí correndo, virei no corredor e... meu estômago despencou.

George e Caroline estavam no corredor, ele de terno e ela com um vestido de tweed de grife. Eles estavam de costas para mim, mas eu os reconheceria em qualquer lugar.

Eu estava tão focada em ver Pen que não considerei a presença deles. Honestamente, eu não teria ficado surpresa se eles *não* tivessem aparecido. Eles tinham o hábito de ignorá-la, a menos que fosse absolutamente necessário.

Eles estavam conversando com uma enfermeira e ainda não tinham me notado. Rhea, no entanto, notou. Nossos olhares se encontraram antes que ela se virasse deliberadamente, deixando-me aproveitar a distração de George e Caroline para entrar no quarto de Pen.

Eu lidaria com as consequências mais tarde. Agora, eu precisava vê-la.

Pen parecia estar dormindo, mas ela se mexeu quando fechei a porta atrás de mim.

Ela virou a cabeça, arregalando os olhos de surpresa. — Sloane?

— Oi. — Eu formei um leve sorriso enquanto a examinava freneticamente em busca de sinais de ferimentos graves. Ela parecia tão pequena na cama do hospital, mas além de um curativo gigante na testa, não vi nada de errado. Ela não parecia ter membros quebrados, hematomas ou contusões. — Como você está se sentindo?

— Estou bem. — A voz de Pen era fina, mas firme. — Não se preocupe. É apenas um corte. Todo mundo está pirando por nada.

— O que aconteceu? — Os nós no meu peito se afrouxaram, mas a preocupação permaneceu nos espaços entre eles.

— É tão estúpido — ela resmungou, parecendo ter nove anos de idade. — Eu caí e bati a cabeça na calçada. Foi isso.

— Pen. — Eu a encarei com um olhar severo.

Ela soltou um suspiro magado. — Eu caí enquanto Annie e eu estávamos passeando. Bati a cabeça no meio-fio e quase fui atropelada por uma bicicleta.

Reprimi uma maldição e uma litania de perguntas. Annie era a reserva de Rhea sempre que Rhea tinha um dia de folga. Ela deveria ter pensado melhor antes de sair com Pen a essa hora do dia, quando era mais provável que ela dormisse.



Felizmente, parecia ter sido um acidente leve ou ela teria sido nocauteada em vez de falar comigo, mas mesmo assim.

Passei a mão sobre seu cabelo, meu coração apertando com o quão fino e delicado ele era. Ela era tão jovem e já havia passado por tanta coisa.

— Mas estou bem. — Os olhos de Pen se fecharam antes de abri-los novamente, seu pequeno rosto cheio de determinação. Ela sempre resistia a dormir quando nos víamos. A minha parte egoísta estava grata pelo tempo extra; a parte ansiosa temia que isso piorasse seus acidentes. — Annie me trouxe aqui só para garantir...

Eu poderia adivinhar por que eles a colocaram em um quarto privado tão cedo. Meu pai doou uma ala inteira para o hospital anos atrás.

— Onde está Annie agora? — perguntei.

— Não sei. Ela foi demitida. — Pen olhou para baixo. — Rhea saiu mais cedo do chá de bebê da sobrinha para me ver.

— Porque ela se preocupa com você. Todos nós nos preocupamos — falei gentilmente.

Olhei para o curativo novamente. Era uma lesão relativamente leve, mas mesmo lesões leves podiam ter efeitos intensos em pessoas com SFC. A recuperação demorava mais e a dor podia intensificar os sintomas.

— Mamãe e papai sabem que você está aqui? — Os olhos de Pen estavam se fechando novamente.

— Ainda não. — O medo perfurou meu alívio com a ideia de confrontá-los.

— Estou feliz que você veio. Eles vão... — A voz dela se desvaneceu e ela desapareceu.

Fiquei aqui por um minuto, saboreando nossos últimos momentos juntos. Pen e eu mudamos desde que deixei minha família, anos atrás.

Éramos mais velhas, um pouco mais sábias e mais conscientes do que estávamos enfrentando quando se tratava de George e Caroline. Mas, em alguns aspectos, éramos iguais – ainda presas às nossas circunstâncias, ainda impotentes para mudá-las.

A adrenalina da ligação de Rhea se dissipou, deixando-me com uma clareza fria e dura. Logo que eu saísse no corredor, George e Caroline saberiam que eu estava vendo Pen secretamente. A única maneira de ter chegado aqui tão rapidamente seria se Rhea tivesse me contatado, e a única *razão* pela qual vim tão rapidamente era porque amava Pen. Considerando que ela tinha quatro anos durante nosso último contato, não seria preciso ser um gênio para descobrir que mantivemos contato ao longo dos anos.

Talvez eu tivesse sorte. Talvez George e Caroline não fizessem grande alarde sobre isso, e não demitissem Rhea ou trancafiassem Pen em algum lugar onde não pudesse chegar até ela por despeito.

*Sim, e talvez Satanás se arrependa e desista de governar o submundo para se tornar um elfo na oficina do Papai Noel.*

Fiquei tentada a me esconder no quarto de Pen e esperar minha família ir embora antes de sair, mas pelo que pude ver pela janela

da porta, isso não aconteceria tão cedo. Seria infinitamente pior se alguém entrasse e me encontrasse escondida.

Eu era muitas coisas, mas não era covarde. Quaisquer que fossem as consequências, eu lidaria com elas. Eu só esperava poder proteger Rhea do impacto. Ela me contou sobre a hospitalização de Pen sabendo que eu iria aparecer e ela provavelmente seria demitida. Ela fez isso porque sabia que Pen iria querer me ver, e ela não merecia ser dispensada por um momento de empatia.

Eu me preparei, caminhei até a saída e abri a porta.

No entanto, mal cruzei a soleira antes de parar.

George, Caroline e Rhea não eram mais as únicas pessoas fora do quarto de Pen. A enfermeira havia sumido e uma loira esbelta e perfeitamente cuidada estava ao lado do meu pai e da minha madrasta. Ao lado dela, um homem bonito, de cabelos castanhos e olhos azuis, olhava em volta com uma expressão entediada.

Desta vez, não havia como passar furtivamente por eles. A conversa deles ficou em silêncio quando a porta se fechou atrás de mim e meus quatro (ex) familiares ficaram boquiabertos com expressões variadas de choque, descrença e confusão.

— Bem — o loiro disse, recuperando-se primeiro. — Isso é uma surpresa.

Eu reprimi uma hesitação. Sua voz, por mais adorável que fosse, teve o efeito de penetrar em minha pele e descascar as crostas de feridas antigas. Vê-lo era pior. Era como se um

caminhão Mack do passado me pegasse de surpresa por trás e me mandasse pelos ares.

Eles eram as únicas pessoas que ainda conseguiam me fazer sentir inferior e insignificante.

Minha irmã Georgia e Bentley – o marido dela, meu cunhado... e meu ex-noivo.



## CAPÍTULO 24

### *Sloane*

O brilho intenso das luzes fluorescentes pintava o corredor com tons brancos e sombrios. Os sapatos rangeram, a equipe médica passou correndo e o cheiro de desinfetante turvou o ar.

Nada disso afetou Georgia, que parecia uma Grace Kelly moderna que acabara de sair das páginas da *Vogue*.

— Não me diga que você se chamou de família de Penny na recepção para que eles deixassem você entrar — disse ela. — Isso é um pouco irônico, não é?

Sua pele brilhava de uma forma que não deveria ser possível sob a iluminação pouco lisonjeira. Ela ainda não estava mostrando a barriga, e seu suéter de cashmere e calça de lã italiana combinavam com seu corpo em tom de Pilates como se fossem feitos sob medida (o que provavelmente eram). Um diamante tradicional de quatro quilates brilhava em seu dedo anelar.

Era o mesmo anel com o qual Bentley me propôs.

O ácido corroeu minhas entranhas, mas encarei o olhar de Georgia com desprezo. — Pen é família — eu disse. — Ela tinha quatro anos na época. Ela não deveria ser responsabilizada pelas decisões erradas tomadas pelos adultos em sua vida.

— Penelope é uma Kensington — Caroline disse friamente. —  
Você não é mais uma Kensington em nada além do nome, o que  
significa que ela não é sua família. Você não tem o direito de estar  
aqui.

— Isso é maravilhoso vindo de alguém que finge que ela não  
existe metade do tempo. — Eu devolvi seu olhar com um sorriso  
frio. — Não fique muito tempo, Caroline, ou as pessoas podem  
confundir você com uma mãe de verdade.

— Sua pequena-

— Caroline. — Meu pai colocou a mão em seu braço,  
controlando-a.

Minha madrastra respirou fundo e tocou o colar de diamantes  
em volta do pescoço. Seu olhar não diminuiu, mas ela também não  
terminou o ataque.

George se virou para mim, sua expressão ilegível, e pedaços de  
minha bravata derreteram como ferro jogado no fogo.

Era nosso primeiro encontro cara a cara desde nosso  
afastamento. Se ver Bentley era como ser atropelada por um  
caminhão, ver meu pai era como ficar presa nas areias do tempo.  
Cada mudança de grão evocava uma memória diferente.

O timbre de sua voz enquanto caminhávamos pelo Zoológico do  
Central Park para comemorar meu sétimo aniversário e ele me  
mostrava os diferentes animais.

O sorriso orgulhoso em seu rosto quando fui apresentada no  
meu baile de debutante.

O choque quando eu disse a ele que estava abrindo minha própria empresa de relações públicas, em vez de me estabelecer e ter filhos como *deveria*.

A atitude defensiva quando acusei Georgia e Bentley de dormirem juntos nas minhas costas, a fúria quando me recusei a *levar o relacionamento deles com calma* e dar-lhes minha bênção e, finalmente, a frieza total quando ele me deu seu ultimato.

*Se você sair por aquela porta, não há como voltar.*

O peso da nossa história esmagou meus pulmões. As emoções surgiram em mim em uma confusão de raiva antiga e nostalgia renovada, e precisei de tudo o que tinha para não me virar e fugir como a covarde que me orgulhava de não ser.

Eu tive muitos anos para imaginar como seria nosso primeiro encontro pós-afastamento. Eles variaram desde ignorar um ao outro (o mais plausível) até um reencontro choroso e alegre (menos plausível).

Confrontar-nos fora do quarto de hospital da minha irmã depois que ela quase morreu era tão *implausível* que caiu totalmente fora desse alcance.

— Sloane. — Meu pai poderia muito bem estar conversando com seu motorista, apesar de toda a emoção que demonstrou. — Como você sabia que Penelope estava aqui?

A pílula amarga da decepção estalou na minha língua. O que eu estava esperando, um abraço?

— Eu... — Forcei-me a não olhar para Rhea. — Recebi uma mensagem de Annie.

Eu me senti mal por jogá-la debaixo do ônibus, mas ela já estava demitida. Rhea não estava, e Pen precisava dela.

Além disso, eu duvidava que minha família fosse verificar com Annie. Depois que demitiam alguém, essa pessoa não existia para eles.

Os olhos de Caroline se estreitaram. — Você nunca conheceu aquela mulher.

— Isso você sabe. — Arqueei uma sobrancelha. — Como eu saberia quem ela era de outra forma?

— Penelope poderia ter contado a você.

— Ela poderia ter feito isso. Mas ela não o fez.

— Isto é ridículo. — Minha madrastra redirecionou seu olhar para meu pai. — George, expulse-a. Ela deixou de ser uma Kensington no dia em que *humilhou* esta família ao abandoná-la... meu Deus, quantos sussurros tive de suportar durante minhas reuniões de caridade depois disso... e ela...

— Você não pode me expulsar — eu rebati. — Isso é propriedade pública. Você não é dona do hospital, não importa quanto dinheiro você doe para ele.

— Talvez não, mas podemos conseguir uma ordem de restrição contra você por mentir para a equipe do hospital e se intrometer em um assunto familiar privado.

— Você certamente pode tentar. Meu-

— Chega! — meu pai trovejou. Caroline e eu caímos em um silêncio rebelde. — Este não é o momento nem o lugar para se envolverem em disputas mesquinhas.



Ele voltou toda a força de seu olhar duro para mim. — Sloane, você é legalmente um Kensington — disse ele. — Mas você abriu mão de todos os direitos de participar desta família no dia em que saiu do meu escritório. Isso inclui entrar em contato com Penelope de qualquer forma. Eu deixei isso claro.

Minhas unhas cravaram-se na palma da minha mão. — Ela é uma criança e precisa de alguém que...

— O que ela *precisa* não é da sua conta. Você não tem mais direito ao bem-estar dela do que um estranho na rua. — A decepção sombreou seu rosto. — Poderíamos ter resolvido isso. Eu lhe dei a oportunidade de fazer as pazes e você a ignorou. As consequências são suas para colher.

Sua dispensa caiu como a lâmina de um machado, cortando minha capacidade de falar.

O início de uma tempestade se formou atrás das minhas costelas, mas como sempre, tudo era sólido e sem fúria. Sem chuva, sem lágrimas. Apenas uma pressão interminável e incessante que ansiava por quebrar, mas não conseguia.

— Rhea, entre no quarto de Penelope e fique lá — disse ele. — Se alguém, exceto eu, Caroline, Georgia, Bentley ou funcionários do hospital tentar entrar, ligue para a segurança e me avise imediatamente.

— Sim, Sr. Kensington — ela disse calmamente. Ela lançou um olhar preocupado para mim antes de passar correndo e desaparecer no quarto.

— O médico disse que Penelope está bem e não corre perigo — disse meu pai a Georgia e Bentley. — Fique se desejar. Estou voltando para o escritório.

— E vou me encontrar com Buffy Darlington no Plaza. — Caroline apertou bem o casaco em volta do corpo. — Temos um leilão silencioso para planejar.

Nenhum deles me reconheceu nem verificou Pen ao sair. Não fiquei surpresa por eles terem me ignorado, mas a maneira como contornaram Pen me irritou. Pensava que deveria ter esperado por isso; seu estilo parental era melhor descrito pela frase – fazer o mínimo. Meu sangue zumbiu com os tremores do nosso confronto.

Depois de anos imaginando o momento, ele foi ao mesmo tempo avassalador e desanimador, mas ainda não havia acabado.

— Eu não esperava ver *esse* show hoje. — Georgia inclinou a cabeça. — O que papai quis dizer quando afirmou que lhe deu uma oportunidade de fazer as pazes?

Ao lado dela, Bentley permaneceu em silêncio. Ele não disse uma palavra desde que me viu, o que era melhor. Se ele abrisse a boca, eu daria um soco nele. Duas vezes.

— Ele me mandou um e-mail sobre sua gravidez. — Sorri sobre a agitação em meu estômago. *Eu não deveria ter comido aquela salada de frango no almoço.* — Eu diria parabéns, mas sou a única pessoa aqui que não mente.

Bentley teve a graça de ficar vermelho. Georgia não.

— Tudo bem — disse ela com uma calma enlouquecedora. — A nova casa que papai comprou para nós já é um parabéns. Ele está

emocionado por *finalmente* ter um neto. Falando nisso, você ainda está solteira? — Ela olhou para meu dedo anelar nu, seu tom condescendente irritando meus nervos já à flor da pele. — Não consigo imaginar por quê.

Esqueça socar Bentley. Eu estava a centímetros de dar um soco no rosto perfeito em formato de coração da minha irmã.

— Nem eu posso. — A interjeição aveludada envolveu-me como um cobertor protetor. — É por isso que a convidei para sair antes que aqueles outros idiotas me vencessem.

O calor roçou meu lado. Um segundo depois, um braço forte envolveu minha cintura, puxando-me para mais perto e ancorando a tempestade que se formava dentro de mim.

Apenas uma pessoa tinha a capacidade de fazer isso.

— Xavier Castillo. — Georgia se endireitou, seu olhar percorrendo seu cabelo escuro despenteado e seu corpo esculpido. Ele não era o tipo de internato formal que ela sempre atraiu, mas exalava uma sensualidade crua que poucos conseguiam igualar. Isso, mais a fortuna de sua família, era o triplo da de Bentley.

Fiquei tensa, algo verde e feio deslizando em minhas veias com a forma como minha irmã olhou para ele.

Ao lado dela, Bentley ficou rígido e colocou uma mão possessiva no quadril de Georgia. Ela o ignorou, seus olhos deslizando para o braço de Xavier em volta da minha cintura.

— Você está namorando Sloane? — Sua pergunta flutuou com descrença.

— Sim — ele falou lentamente. — Eu a persegui por meses, mas ela finalmente concordou em sair comigo. — Ele deu um beijo no topo da minha cabeça. — Desculpe por ter demorado tanto, querida. O estacionamento foi um pesadelo, e a recepção inicialmente se recusou a me deixar subir porque não sou da família. Como está Pen?

— Um pouco machucada, mas ela vai ficar bem. — Eu me inclinei para ele, fingindo ser namorada. Tecnicamente, não estávamos mentindo; estávamos namorando, embora *de forma mais casual* do que Xavier fez parecer. — Obrigada por vir aqui comigo.

Isso foi cem por cento honesto. — A qualquer hora, Luna. Eu sempre estarei aqui para você.

Olhei para cima, meu coração parou por uma fração de segundo com a sinceridade em seus olhos. Isso me surpreendia, não importava quantas vezes eu via, e me assustava muito.

Eu sabia como lidar com pessoas falsas. Eu interagia com dezenas deles todos os dias. Mas pessoas genuínas eram raras e escapavam das minhas defesas de uma forma que poderia ser desastrosa.

Então, novamente, podia ser tarde demais no que dizia respeito a Xavier.

Ele-

Bentley pigarreou, atrapalhando minha linha de pensamento e atraindo nossa atenção de volta para ele.



— Você não é assessora dele? — ele perguntou, recebendo um olhar penetrante de Georgia. Minha lista de clientes não era segredo, mas era interessante que ele estivesse tão familiarizado com ela.

— Parece uma violação da ética profissional namorar um cliente. — Nós olhamos para ele.

*Merda.*

Bentley não estava errado, mas eu não iria explicar a ele as nuances da nossa situação. Para ser honesta, eu temia que, uma vez que seguisse esse caminho e passasse todas as minhas justificativas, não encontraria nenhum bom motivo para namorar Xavier além do que eu queria. Ele era a criptonita para minha lógica, minhas inibições, minha racionalidade e tudo mais em que confiava para me manter longe de atoleiros como este.

Da mesma forma, fiquei tão envolvida em tirar o olhar presunçoso do rosto de Georgia que esqueci que deveríamos manter nosso relacionamento discreto em público. Não estávamos escondendo isso, mas também não o exibíamos. Não queríamos dar qualquer alimento à rede de fofocas da cidade.

— Quem eu namoro ou como administro meu negócio não é da sua conta — eu disse friamente. — Eu diria para você cuidar do seu, mas você não tem um negócio próprio, não é? — Uma pequena inclinação da minha cabeça. — É triste que sua família não possa comprar negócios para você da mesma forma que compraram sua admissão em Princeton.

Bandeiras coloridas queimavam no alto das maçãs do rosto de Bentley. Ele trabalhava em *private equity* como seu pai, mas

conseguiu o emprego principalmente por causa de seus contatos. Ele também *odiava* lembretes sobre estar na lista de espera em Princeton. A única razão pela qual ele saiu da lista foi porque sua família doou um prédio.

— Isso é um absurdo — disse Georgia. Sem o nosso pai ou o meu status de relacionamento para usar contra mim, ela claramente perdeu o interesse na conversa. — Não vamos ficar aqui e deixar você nos insultar. Vamos, Bentley, vamos. Temos reservas para jantar no Le Boudoir. — Eles não disseram uma palavra sobre Pen antes de partirem. Essa era minha família em poucas palavras. Ótimo em sentimentos superficiais, como aparecer; uma merda com sentimentos reais, como seguir em frente.

Honestamente, fiquei surpresa que Georgia tivesse aparecido. Ela e Pen toleravam-se na melhor das hipóteses e raramente passavam algum tempo juntas. Georgia não se importava com crianças (o que era preocupante, já que ela estava grávida) e Pen a achava  *muito narcisista*. Eu não sabia onde ela tinha aprendido a palavra *narcisista*, mas ela não estava errada.

— Você tem uma família maravilhosa — disse Xavier depois que Georgia e Bentley estavam fora do alcance da voz. — Não consigo imaginar por que você não quer falar com eles.

Soltei uma pequena risada. — Sim, eu também não.

Agora que minha família se foi, o fio de desafio que me manteve de pé ruiu. Meus ombros cederam enquanto a adrenalina vazava dos meus poros, deixando-me pesada e exausta.

Saí do abraço de Xavier e afundei em uma das cadeiras alinhadas no corredor do lado de fora do quarto de Pen. Olhei fixamente para a parede oposta, minhas emoções em frangalhos após o encontro surpresa com minha família.

Às vezes, eu desejava ser o tipo de pessoa que poderia perdoar e esquecer. Se eu engolisse minha mágoa e raiva e fingisse que estava feliz por Georgia, isso poderia realmente ser verdade um dia. Fingir até conseguir e tudo mais.

Se minha irmã tivesse sido uma boa irmã e sua traição com Bentley fosse única, eu poderia ficar tentada a considerar esse caminho, mas Georgia nunca foi uma irmã modelo. Ela estava acostumada a ser o centro das atenções e conseguir o que queria. Muitas vezes, o que ela queria era o que não podia ter: a boneca de porcelana única que minha avó me deu de presente de aniversário, o vestido vintage de nossa mãe para seu baile de debutante e, claro, meu noivo.

Ela fez tanto barulho por causa da boneca e do vestido que meu pai os ‘redistribuiu’ para ela. Quanto a Bentley, ele teve uma boa parte da culpa. Eu acreditava em maior responsabilidade para o trapaceiro do que para a pessoa com quem ele traiu, mas, no caso deles, ambos poderiam pular da ponte do Brooklyn.

Ouvi um pequeno farfalhar de roupas enquanto Xavier se sentava ao meu lado. Ele me deixou processar silenciosamente, o que me deixou grata, mas não poderia ficar catatônica para sempre.

— Obrigada. — Virei minha cabeça para encará-lo. — Você não precisava fazer isso.

— Não sei do que você está falando. — Ele recostou-se em seu assento, numa posição reconfortantemente familiar contra as impessoais paredes do hospital. — Eu simplesmente disse a verdade, como sempre faço.

— Certo. O que você disse à recepção para que eles deixassem você subir?

— Nada. — O sorriso de Xavier brilhou com malícia. — Eu deixei Benjamin falar. Cinco Benjamins, para ser exato. Talvez eu também tenha dito a eles que era seu noivo.

— Isso tem que ser ilegal e você *tem* que parar de andar por aí com tanto dinheiro. Não é seguro.

— Não é seguro? — Ele se mexeu, seu joelho roçando o meu. — Não me diga que você está começando a se importar, Luna.

— Começando, não. — Passei disso semanas atrás; eu simplesmente não sabia disso na época.

Uma onda de ansiedade passou por mim. Admitir que eu me importava era como arrancar meus dentes com um alicate, mas ele foi honesto comigo sobre seus sentimentos. Eu deveria ser honesta com ele (até certo ponto).

O sorriso de Xavier diminuiu quando a implicação da minha resposta o atingiu. A surpresa brilhou em seus olhos, seguida por um calor lento e derretido.

— Então estamos na mesma página — ele disse suavemente. Um pouco da minha ansiedade diminuiu.

— Acho que sim.



Ficamos sentados em silêncio por um tempo, observando as enfermeiras passarem correndo e estranhos irem e virem. Os hospitais sangravam lágrimas, mas era reconfortante, de certa forma. Isso nos lembrava que não estávamos sozinhos em nossa dor e que o universo não nos tinha como alvo. Coisas de merda aconteciam com todo mundo.

Foi um conforto estranho, mesmo assim um conforto. — Pen está realmente bem? — Xavier perguntou.

— Sim. Pude vê-la um pouco antes que ela dormisse e encontrasse minha família. — Tirei um pedaço de fiapo da minha calça. — Meu pai e minha madrasta estiveram aqui. Eles partiram antes de você chegar.

— Eu os vi enquanto subia. — Sua voz se suavizou. — Como foi isso?

— Foi como eu esperava que fosse. Os Kensington continuam divididos. — Minha boca se torceu em um sorriso sardônico. — O que você achou da minha irmã e do marido dela? Um charme, não é?

— Essa não é a primeira palavra com C que me veio à mente.

Uma pequena risada cortou minha turbulência. Eu não sabia como ele fazia isso, mas Xavier tinha talento para tornar toleráveis situações horríveis.

— Parecia haver alguma tensão entre você e Bentley — disse ele. — Além do seu antagonismo com sua irmã.

Se ele desistisse do trabalho em boate, deveria ingressar no FBI. Xavier era terrivelmente observador.

— Havia — eu disse. — Considerando que ele era meu noivo antes de se casar com minha irmã.

Seus olhos chocados se ergueram para encontrar os meus, e meu sorriso ficou mais amargo.

— Poucas pessoas sabiam sobre nós — eu disse. — Pelo menos não em Nova York.

Eu nunca contei a história completa a ninguém, nem mesmo às minhas amigas. Elas sabiam um pouco, mas relembrar as memórias era muito doloroso. Preferia trancá-las numa caixa e fingir que não existiam.

No entanto, ver Bentley novamente arrancou a fechadura e eu precisava compartilhá-las com alguém antes de me afogar nelas.

— Nós nos conhecemos quando estávamos ambos estudando no exterior, em Londres — eu disse. — Eu era júnior; ele era um veterano. Ele ficou lá para trabalhar depois da formatura e namoramos à distância por um tempo. Ele trabalhava em banco de investimento na época e, como estava sempre muito ocupado, eu o visitava com frequência, e não o contrário. Então eles o transferiram para o escritório de Nova York, e ele me propôs um mês antes de eu começar a Kensington PR.

Meu pai ficou emocionado quando começamos a namorar. Bentley tinha um bom emprego, sabia todas as coisas certas a dizer e vinha de uma família rica e aceitável. Ele era o genro dos sonhos de George Kensington. Honestamente, meu pai provavelmente estava mais feliz agora que o genro perfeito estava casado com a filha perfeita, em vez de comigo.

— Meus planos para abrir a empresa já estavam em andamento, então não era como se eu pudesse atrasá-los para planejar meu casamento. Mesmo se pudesse, eu não iria querer. Mas aqueles primeiros meses após a inauguração foram... estressantes e nosso relacionamento ficou tenso. Ele me acusou de priorizar o trabalho em detrimento dele; eu o acusei de querer que eu fracassasse. Estávamos ambos tão ocupados que mal nos víamos e, quando nos *víamos*, brigávamos. Mas eu o amava e pensei que os solavancos passariam depois que a empresa decolasse e nos casássemos.

Não havia ninguém, exceto Xavier, ao alcance da voz, mas isso não impediu que uma vergonha vermelha e coceira se espalhassem pela minha pele. Eu fui uma idiota. Eu deveria saber, se Bentley não me apoiava tanto no início da minha carreira, seu ressentimento só aumentaria à medida que eu alcançasse mais sucesso.

— Alguns meses depois que ele me pediu em casamento, voei para Londres para trabalhar. Claro, brigamos por isso já que era feriado, mas era uma crise que envolvia meu maior cliente na época. Resolvi o problema mais rápido do que o esperado e voltei para casa mais cedo. Quando entrei em nosso apartamento, encontrei-o fazendo sexo na sala com minha irmã. Na véspera de Ano Novo.

A cena ficou impressa em meu cérebro, não importava o quanto eu tentasse limpá-la. Ela inclinada sobre o sofá que *eu* escolhi, ele atrás dela, seus gemidos e suspiros enquanto eu permanecia congelada, tentando processar o que diabos estava acontecendo.

Eles estavam tão envolvidos um com o outro que só me notaram depois de terminarem.

Uma nova onda de humilhação me inundou. Ser traída era uma coisa. Ser traída por seu noivo e sua irmã era um novo nível de traição.

Mesmo que Georgia e eu não fôssemos próximas, não esperava que ela fosse tão insensível. Ela nunca se desculpou.

— Jesus. — Xavier soltou uma série de palavrões em espanhol.  
— Eu sinto muito, Luna.

— Tudo bem. Foi uma lição importante — falei categoricamente. *Não confie nas pessoas e não as deixe entrar.* Eu não poderia me machucar se não me importasse. — Eles mal demonstraram remorso. Expulsei Georgia, mas não antes de ela culpar meu excesso de trabalho como o motivo de ele ter se desviado. Depois que ela saiu, Bentley e eu tivemos uma grande briga, e ele... — Meus nós dos dedos ficaram brancos na borda da minha cadeira. — Ele disse que eu era muito *frígida*. Que sempre fui uma rainha do gelo e que piorei depois que comecei minha empresa de relações públicas. Ele disse que eu não poderia culpá-lo por ficar com Georgia quando ela era tão apaixonada e eu não conseguia nem demonstrar a emoção adequada. Eufemismo seria dizer que terminamos naquela noite. Ele e Georgia começaram a namorar oficialmente uma semana depois.

*Se você não fosse uma rainha do gelo o tempo todo, talvez eu não tivesse procurado outro lugar.*

Minha garganta e nariz queimaram. — A pior parte foi que meu pai ficou do lado de Georgia. Não havia como sua preciosa filha



perfeita ter feito isso sem um bom motivo. Ele me culpou pelos mesmos motivos que eles e, quando me recusei a ceder, ele me deu um ultimato. Supere isso ou saia. Então eu saí.

Contar a história em voz alta trazia a dor de feridas recentes, mas à medida que minhas palavras se dissolviam no ar estéril, a dor inicial gradualmente se transformava em um entorpecimento terapêutico.

Ao trancar essas memórias, eu lhes dei poder. Elas apodreceram ao longo dos anos, brotando chifres e garras e se transformando em um pesadelo do qual eu fugia constantemente, quer soubesse disso ou não. Ao compartilhá-las em voz alta, eu as despojei desse poder.

Elas não passavam de um homenzinho atrás de uma grande cortina, tentando me convencer de que poderiam me machucar.

Elas não podiam.

Não era minha culpa que Georgia fosse uma irmã terrível ou que Bentley fosse um bastardo inseguro e traidor. Nem era minha culpa que meu pai estivesse cego demais por seus preconceitos para ver o que estava bem diante dele. *Eles* deveriam ter vergonha, não eu.

— Sloane. Escute-me. — Xavier agarrou meus ombros e me virou para que eu o encarasse. Seus olhos brilhavam como brasas escuras de raiva. — Você não é *frígida*. Você é uma das pessoas mais motivadas e apaixonadas que conheço, mesmo que demonstre isso de forma diferente das outras, e construiu uma das melhores empresas de relações públicas do mundo em cinco anos. Você acha que alguém sem paixão pode fazer isso? E mesmo que

você fosse, entre aspas, ‘fria’ com o idiota do seu ex, ele mereceu. Se ele não apreciava você por quem você é, então ele *não* merecia seu tempo ou energia.

Sua expressão era feroz, e seu toque queimava como se estivesse tentando imprimir sua convicção em minha alma.

Aconteceu tão de repente que eu teria tropeçado se estivesse de pé.

Um *sopro* percorreu meu estômago, seguido pela sensação vertiginosa e desorientadora, mas não totalmente desagradável, de cair de uma borda. Pedacos de mim flutuavam ao lado de suas palavras, pequenas bolhas de champanhe que não deveriam existir depois de um dia tão horrível, mas existiam de qualquer maneira.

*Xavier Castilho. Só você.*

— Você deveria ser um treinador motivacional. — Eu consegui dar um sorriso vacilante. — Você mataria no circuito dos alto-falantes.

— Vou manter isso em mente. — Pela primeira vez, ele não correspondeu ao meu sorriso. — Diga-me que você entende, Luna. Nada do que aconteceu foi culpa sua. Foda-se Bentley, foda-se Georgia e *foda-se* sua família. — Ele fez uma pausa. — Exceto Pen.

Outra risada borbulhou, afastando as lágrimas não derramadas do caminho. — Eu entendo.

Eu realmente entendia.

Eu tinha chegado à mesma conclusão segundos antes do discurso de Xavier, mas pensar nisso e ouvir alguém afirmar eram duas coisas diferentes.

Uma âncora se soltou de meus ombros e, pela primeira vez em anos, respirei com mais facilidade.

Encontrar minha família começou como um desastre e acabou sendo terapêutico. *Vai saber.* Nada na minha vida funcionava como deveria desde que Xavier entrou, embora eu não estivesse reclamando.

— Bom. — Ele soltou meus ombros, mas um traço de cautela permaneceu em seu rosto. — Provavelmente deveríamos sair daqui logo, a menos que você queira ver Pen novamente.

— Ela demorará um pouco para acordar e não quero causar problemas para Rhea. — Expliquei as instruções do meu pai. Xavier respondeu com uma palavra *com C* que me fez sorrir. — Mas concordo. Devíamos sair antes que a equipe comece a fazer perguntas.

Uma rápida olhada no meu relógio me disse que estávamos aqui há... porra.

*Duas horas? Como isso foi possível?*

— Vamos buscar o jantar. Depois vou deixar você no seu apartamento — disse Xavier quando saímos do prédio. Já estava escuro lá fora e um frio intenso penetrou sob as camadas do meu casaco e suéter. — Você deve estar faminta.

— Não estou com tanta fome. — Apesar da minha recente catarse, empalideci com a ideia de voltar para meu apartamento vazio. Bem, The Fish estava lá, mas não era exatamente uma companhia estimulante.

Geralmente não me importava de ficar sozinha. Eu preferia. Mas depois das últimas horas, precisava de uma liberação física. Algo para sacudir o dia.

— Tenho uma ideia melhor. — Parei ao lado do passageiro e falei por cima do carro dele. — Você estava me contando outro dia sobre este grande clube em Greenwich Village. Está aberto às quartas-feiras?

As sobrancelhas de Xavier se ergueram. — Sim, mas...

— Devíamos ir.

— Tem certeza? Tem sido um longo dia.

— É por isso que quero ir. — Abri a porta, entrei e afivelei o cinto de segurança enquanto Xavier se sentava no banco do motorista. — Você disse que eu deveria ser mais espontânea. Esta sou eu sendo espontânea.

— É um pouco diferente do tipo de clube em que você está pensando. — Xavier procurou meu rosto. Ele devia ter encontrado o que procurava, porque um sorriso lentamente substituiu sua carranca. — Mas se você quiser ir, nós iremos. Só não diga que não avisei.





## CAPÍTULO 25

*Xavier*

— Eu não posso acreditar que você fez isso comigo. — A acusação ofegante de Sloane girou no ar enquanto eu a rodava. Seu vestido alargava-se ao redor dos joelhos em uma nuvem azul e sedosa antes de assentar languidamente em sua pele. — Você me trouxe a um clube de *salsa*. Eu nunca vou perdoar você.

A diversão levantou os cantos da minha boca. — Por quê? Porque você está se divertindo demais?

— Porque eu *não sei salsa*.

— Você está indo muito bem, Luna. — Eu a puxei de volta, uma mão moldando a curva da parte inferior de suas costas enquanto a outra nos guiava através da música. — Nem tudo que você faz precisa ser perfeito. Lembra das nossas aulas de dança na Espanha? Apenas deixe ir e divirta-se.

Estávamos em um clube underground de salsa em Greenwich Village. A clientela variava de iniciantes a dançarinos profissionais que venceram competições mundiais. Essa era a beleza do clube. Todos eram bem-vindos e ninguém julgava.

Chegamos há duas horas e, com a ajuda de Jose Cuervo, convenci Sloane a se juntar a mim na pista de dança. Ela relaxou

o suficiente para seguir meu exemplo, mas não o suficiente para mergulhar totalmente no ambiente.

— Nossas aulas de dança. — Sloane ergueu o queixo para olhar para mim. O esforço corou suas bochechas e seus olhos brilharam de uma forma que fez meu coração doer. Eu sabia que ela estava cautelosa, mas não tinha percebido o quanto até que ela decepcionou os guardas. — Eu mal me lembro delas.

— Bem, agora estou ferido. Depois de todo o esforço que fiz, você não se lembra? Da próxima vez, apenas minta para mim. — Girei-nos preguiçosamente em direção à borda da pista. Era um clube pequeno, o que significava que não havia muitos espaços livres, mas eu queria Sloane só para mim, tanto quanto possível.

— Não foi isso que eu quis dizer, seu bebezão. Eu quis dizer que a Espanha parece ter sido muito tempo atrás e... — Um suspiro cortou sua respiração quando deslizei uma mão vagarosamente por sua espinha.

— E? — eu perguntei.

Seu vestido era decotado nas costas e a seda logo deu lugar à pele nua e lisa. Ele deslizou sem esforço sob meu toque, seu calor transformando meu sangue em fogo líquido e turvando meus pensamentos de uma forma que teria sido perigosa se eu me importasse.

Este não era o tipo de clube que nossos amigos ou conhecidos frequentavam. Ninguém sabia quem éramos, o que significava que estávamos livres durante a noite.

— E... — Os olhos de Sloane se fecharam por um breve momento quando eu rocei a pele sensível de sua nuca. — Não acredito que só se passou um mês.

— As pessoas podem viver anos em um mês se fizerem isso direito. — Enrolei minha mão em volta de seu pescoço e esfreguei suavemente o polegar contra sua pele. — Já que você não se lembra, precisamos de uma atualização.

Um arco de sobrancelha, combinado com uma diversão cautelosa. — Precisamos?

— Nós precisamos. Levo *muito* a sério meu papel de professor. — Abaixei minha cabeça, diminuindo a distância entre nós até que sua respiração roçou meus lábios.

Não nos beijávamos desde a biblioteca. Eu queria levar as coisas devagar, mas quando estava perto de Sloane, o que eu queria era irrelevante.

Eu não a *queria*. Eu precisava dela. Desesperadamente.

Eu precisava dela da mesma forma que as marés do oceano precisavam da lua, e daria qualquer coisa para que ela sentisse um pouco da mesma coisa por mim.

— Solte-se — eu repeti suavemente. — Ouça a música. Perca-se nisso.

A incerteza vacilou em suas feições.

Para Sloane, o controle era uma necessidade, não um luxo, mas todos nós tivemos que renunciar ao controle em algum momento. Caso contrário, o nosso mundo estaria sempre limitado pelas fronteiras arbitrárias que traçamos à sua volta. — Ninguém está

assistindo. — Suas costas estavam voltadas para a parede e meu corpo protegia o dela da pista de dança. Nós nos pressionamos um contra o outro, perto o suficiente para eu ouvir a batalha travada entre as *batidas constantes* de seu coração. — Somos só nós, Luna. — Ao fundo, uma música acelerada seguia para as batidas suaves e sedutoras de uma nova música. Vocaís esfumaçados serpenteavam pelo ar, e o ritmo dos casais ao nosso redor diminuía para combinar.

Um gole deslizou para cima e para baixo na garganta de Sloane. — Ok — ela sussurrou.

A resposta dela atingiu meu sangue como uma dose de uísque de baunilha.

Estávamos conversando sobre aulas de dança, mas elas eram a última coisa em minha mente enquanto eu a guiava pelos passos.

Era um local intimista, grande o suficiente para acomodar cem pessoas de cada vez e escuro o suficiente para libertar as inibições das pessoas nas sombras. Luzes âmbar brilhavam no alto, acentuando as curvas das maçãs do rosto de Sloane e o arrepio de seu corpo enquanto minha mão descia de seu pescoço para suas costas novamente.

Ela começou rígida, mas se movia com precisão natural, seu corpo girando em sincronia e seus pés seguindo os meus sem perder o ritmo. Porém, quanto mais a música tocava, mais seus movimentos fluíam. O aço derreteu em seda, e a cautela em seus olhos se suavizou em algo que enviou uma onda de calor pelas minhas veias.



As aulas eram técnicas. Impessoais. Essa? Isso era o mais pessoal possível.

— Você disse que não passa na primeira base no primeiro encontro. — Seu olhar cintilou sob as luzes. — E o segundo?

Sua pergunta causou um choque em meu sistema, o calor anterior se transformou em um inferno que arrasou todos os outros pensamentos que eu tinha.

Havia apenas ela, e isso, e nós.

— Eu poderia ser convencido. — Meu sotaque rouco traiu o desejo que envolvia meu corpo. Minha pele se esticava demais sobre meus músculos, e se eu não a saboreasse logo, eu iria implodir.

Sloane sorriu como se soubesse exatamente o que se passava em minha mente.

Ela ficou na ponta dos pés e, após um momento breve e agonizante, roçou sua boca na minha.

Foi isso.

Uma única escovada e a coleira da minha contenção quebrou.

Uma mão mergulhou em seu cabelo, cobrindo sua nuca enquanto seus braços circulavam em volta do meu pescoço. O outro nos empurrou contra a parede até que nossos corpos se moldassem um ao outro.

Eu não dava a mínima para quem estava assistindo. Ninguém mais, exceto ela, existia neste momento, e eu não conseguia o *suficiente* dela – a suavidade de seus lábios, a doçura de seu sabor,

os pequenos gemidos e suspiros enquanto explorava sua boca com a fome de um homem faminto.

Se os beijos tivessem cores, este refletiria os farrapos de controle que giravam ao nosso redor, uma sinfonia de vermelho e âmbar e puro e deslumbrante cobalto. Eles afundaram sob minha pele, enviando correntes elétricas sobre cada nervo exposto e em carne viva.

Em um mundo preto e branco, ela era meu caleidoscópio. — Xavier. — A respiração ofegante de Sloane deslizou pela minha névoa.

— Devíamos ir embora. Ir para algum lugar mais privado.

Uma onda de luxúria superou meu desejo de prolongar esse momento, e eu me afastei, absorvendo a visão de seus lábios inchados e olhos com pálpebras pesadas. Fios de cabelo caíam de seu coque bagunçado, e um tom morango decorava seu rosto e peito.

Eu nunca tinha visto ninguém mais perfeita.

*Tão linda e tão minha.*

Inclinei-me e capturei sua boca em outro beijo prolongado. — Eu conheço exatamente o lugar.



Sloane e eu mal conseguimos passar pela porta antes que a primeira peça de roupa caísse no chão da minha sala.

A viagem até minha casa foi curta, mas aqueles dez minutos pareceram uma eternidade quando ela estava sentada ali, linda, disposta e desejada. Se atingíssemos mais um sinal vermelho ou um pedestre sinuoso, eu poderia ter batido o carro por frustração sexual.

Mas nós conseguimos, e o ar vibrava com urgência enquanto nos despíamos.

Vestido. Sapato. Camisa e calça.

Desabotoei seu sutiã e joguei-o para o lado. Ela puxou minha boxer para baixo e eu a chutei atrás de mim.

Não havia rima nem razão para a ferocidade do nosso desejo, mas quando a última peça de roupa deslizou pelo seu corpo, não me importei nem com rima *nem* com razão.

A luz da lua entrava pelas janelas e encontrava as curvas do corpo de Sloane, esculpindo sombras sob seus seios e espalhando prata sobre seus ombros.

Pernas longas. Pele cremosa. Cabelo que brilhava pálido sob o beijo da lua. Ela parecia uma deusa que veio à terra, mas a coisa mais linda nela não era o rosto ou o corpo nu.

Era a confiança por trás disso.

Ela estava aqui, na minha casa, nua e vulnerável, e eu não era estúpido o suficiente para considerar qualquer segundo como garantido.

Os lábios de Sloane se separaram quando minha mão passou por seu ombro e subiu por seu pescoço para tocar a mecha de cabelo em sua cabeça. Estava desarrumado, mas ainda intacto

devido às nossas atividades anteriores, e a vontade de vê-lo cair sobre sua pele queimava quente e brilhante em minhas entranhas.

— Solte o cabelo, Sloane — falei baixinho.

Eu esperava hesitação, mas seus olhos não deixaram os meus quando ela estendeu a mão e lentamente removeu os grampos, mantendo a torção intacta. Seu cabelo se desenrolou, mecha por mecha, até cair ao redor de seu rosto em uma cascata de seda clara. As pontas roçaram seus seios, e eu não conseguia respirar devido ao aperto em meus pulmões.

Cada vez que eu pensava que ela não poderia ficar mais perfeita, ela provava que eu estava errado.

— Boa menina. — Prendi seu cabelo em um punho e puxei sua cabeça para trás. A subida e descida de seu peito acelerou e um pequeno sorriso tocou meus lábios. — Eu gosto mais dele enrolado no meu punho.

O ar mudou, a antecipação inebriante explodindo em luxúria crua e não adulterada.

Sloane engasgou quando eu a pressionei contra a parede como fiz no clube, só que desta vez não havia ninguém por perto para testemunhar a maneira como abri suas coxas com meu joelho ou ouvi o gemido que ela soltou quando meus dedos roçaram sua boceta.

Cada músculo ficou tenso enquanto meu pau latejava dolorosamente. Foda. Me.



Ela estava molhada, tão molhada que eu poderia facilmente deslizar dentro dela agora sem muita fricção, mas não tinha vindo tão longe para apressar a melhor parte.

Eu gostava de brincar antes de comer.

— Você já está pingando, Luna — falei lentamente, passando um polegar preguiçoso sobre seu clitóris. Meus lábios se curvaram de satisfação quando suas costas se curvaram junto com outro suspiro. — Mal começamos.

Seus olhos se abriram novamente e ela lançou um olhar estreito para mim. — Você vai continuar falando ou vai terminar o que começou?

Um estrondo de risadas subiu em meu peito. *Essa é minha garota.* Sloane não seria Sloane sem sua língua afiada, mesmo quando ela estava presa nua embaixo de mim.

— Eu sempre termino o que começo. — Apertei meu punho em volta de seu cabelo e dei outro puxão. Sua cabeça arqueou, expondo sua garganta, e um pequeno tremor percorreu seu corpo enquanto eu traçava o delicado comprimento de seu pescoço com minha boca.

Aos poucos, mapeei sua pele com beijos até chegar à vibração de seu pulso. Fiz uma pausa, saboreando a descoberta, antes de deslizar dois dedos dentro dela e pressionar meu polegar firmemente contra seu clitóris.

Seu pulso ficou selvagem.

— *Oh, Deus!* — Os quadris de Sloane estremeceram e um gemido agudo deixou seus lábios enquanto eu empurrava mais

fundo até que eu estava enterrado profundamente dentro dela. Suas unhas marcaram crescentes profundas em meus ombros, mas a dor só intensificou meu prazer. Eu adorava vê-la assim. Selvagem, desinibida e tão linda que fazia meu coração doer. — Xavier, eu... isso... *ah*.

Suas palavras deram lugar a uma série ininteligível de gemidos e choramingos enquanto eu fodia sua doce boceta com os dedos. Ela se contorceu com tanta força que tive que soltar seu cabelo e segurá-la com a mão livre.

Enrolei em sua garganta, não o suficiente para doer, mas o suficiente para impedi-la de me empurrar enquanto tremor após tremor sacudia seu corpo.

Meu pau estava tão duro que parecia que a pele iria rachar. Eu não tinha tocado nele, mas não precisava quando tocar em Sloane era o suficiente.

— É isso — murmurei. Eu a persuadi mais perto da borda, curvando meus dedos apenas o suficiente para atingir seu ponto mais sensível. — Deixe ir, querida. Goze para mim.

E ela fez.

Seu corpo enrijeceu e um grito rouco saiu de sua garganta quando ela se desfez lindamente ao meu redor.

As convulsões se misturaram, encharcando minha mão e prolongando nosso prazer até que ela finalmente caiu contra mim, fraca e sem fôlego. — *Porra*.

Meu peito abafou sua voz e outra risada sacudiu meus ombros quando me afastei dela.

— Eu disse que sempre termino o que começo — provoquei. — Muito rapidamente, devo acrescentar.

Sloane ergueu a cabeça, os olhos brilhando com um desafio divertido. — Não seja tão presunçoso quando ainda não foi testado. — Meu pau deu outra pulsação dolorosa.

— Ponto válido. Teste agora. Eu sou sua cobaia voluntária.

Sua risada seguiu a minha. — Dica: nunca use a frase *cobaia* no meio do sexo.

— Tecnicamente, não estamos no meio...

O resto da frase morreu quando ela me empurrou de cima dela e me jogou no sofá. Caí nas almofadas com um pequeno grunhido, mas minha surpresa se transformou em fome quando ela montou em mim.

— Talvez teste fosse a palavra errada. — Sloane se inclinou para que seus mamilos roçassem meu peito. Uma lança elétrica de necessidade perfurou meu corpo. — Aposto que posso fazer você gozar mais rápido do que você me fez gozar.

— Sempre tão competitiva. — Eu estava muito distraído pela deliciosa proximidade de seus seios com minha boca para pensar em uma resposta mais espirituosa. — O que o vencedor ganha?

— Direito de se gabar. — Sloane mordeu meu lábio inferior entre os dentes com uma mordida suave. — O perdedor vive com o conhecimento eterno de que o outro é melhor.

— Fechado. — Puxei sua cabeça para trás para que ela olhasse diretamente para mim. — Pare de falar e sente-se — eu disse,

parafraseando sua pergunta anterior em um comando. — Eu quero ver você montar meu pau.

O fogo ardia em suas profundezas azuis. Ela plantou as mãos em meus ombros e se levantou, seus olhos fixos nos meus enquanto posicionava a ponta do meu pau em sua entrada.

— Estou no controle de natalidade — disse ela. — E estou limpa.

— Eu também.

Isso foi tudo que consegui dizer antes que as águas turvas da luxúria se fechassem acima de mim, amplificando o trovão das batidas do meu coração enquanto ela afundava em mim, centímetro por centímetro, até que eu estava enterrado profundamente dentro dela.

Sua boca se abriu em um pequeno suspiro, mas o barulho que saiu de mim foi tão cru e gutural que parecia mais uma besta do que um homem.

Apertada, quente e tão molhada.

Nós nos encaixávamos tão perfeitamente que era como se o próprio Deus tivesse nos esculpido um para o outro, e quando ela se moveu, foi como deslizar para casa no céu.

Ela começou lenta e sinuosa, mas seu ritmo logo aumentou, e tive que cerrar os dentes e repassar mentalmente minha apresentação para o Vault, só para não me envergonhar por gozar muito cedo.

— Você está tão bem — eu gemi, minha cabeça caindo para trás para que eu pudesse absorvê-la.



Sloane saltou para cima e para baixo no meu pau, com o cabelo bagunçado, o rosto corado pelo esforço. Os sons de carne batendo contra carne encheram a sala, e eu estava tão perdido nisso, nela, que não me importei com a aposta.

Agarrei seus quadris e a derrubei, provocando um grito agudo. Empurrei para acompanhar seu ritmo, e o volume de nossos grunhidos e gemidos se intensificou até que gozei com uma força ofuscante.

Minha visão embranqueceu, raios correndo atrás dos meus olhos, e ouvi vagamente Sloane gritar de prazer antes de recuperar alguma forma de controle sobre meus sentidos.

Quando minha visão finalmente clareou, ela estava saindo de seu próprio orgasmo. Ela sorriu para mim, sua expressão era uma mistura de felicidade pós-coito, triunfo e algo mais que não consegui identificar.

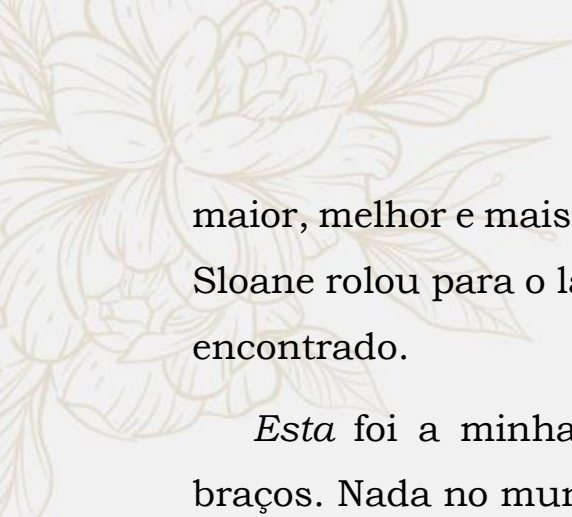
— Eu venci.

— Você venceu. — Eu a puxei para baixo e dei-lhe outro beijo.  
— Direito de se gabar pelo resto da vida.

Não mencionei que nenhum de nós havia cronometrado isso, então quem realmente sabia quem havia vencido? Isso não era importante.

Um cobertor quente e pesado de contentamento envolveu-me enquanto ficávamos deitados em um silêncio sociável e esperávamos que nossos pulsos voltassem ao normal.

Passei minha vida inteira perseguindo o próximo barato. Quando você tinha tudo, tudo ficava chato rapidamente. Eu queria



maior, melhor e mais rápido. Eu queria algo que durasse, e quando Sloane rolou para o lado e se aninhou em mim, eu sabia que tinha encontrado.

*Esta* foi a minha maior alta. Ela, saciada e feliz, em meus braços. Nada no mundo poderia superar este momento.



## CAPÍTULO 26

*Xavier*

Eu poderia ter ficado na minha casa com Sloane para sempre e ser feliz, mas, infelizmente, tinha responsabilidades na vida real que exigiam minha atenção.

Na sexta-feira, dois dias depois da minha noite com Sloane e um dia depois de quase tê-la atrasado para o trabalho com uma rapidinha matinal (ela ainda não tinha me perdoado por isso), sentei-me em um escritório de vidro e cromo no topo de um dos endereços mais cobiçados de DC.

Olhos verdes gelados me encararam com um escrutínio impessoal. — Xavier Castillo. — A voz de Alex Volkov combinava com a do homem: fria, distante, impiedosa. — Você é a última pessoa que eu esperava que me convidasse para uma reunião.

*Nome número dois na lista de Kai.*

Dei de ombros. — As coisas mudam. Pessoas mudam.

Como CEO do Archer Group, a maior empresa de desenvolvimento imobiliário do país, Alex era dono de metade dos imóveis em Manhattan – incluindo o local dos meus sonhos para o meu clube. O Vault<sup>6</sup>, o cofre de um banco da virada do século, honestamente, estava localizado no porão de um dos arranha-céus

---

<sup>6</sup> Cofre.

de Alex, e se havia duas coisas que minha clientela-alvo gostava, eram cofres de banco e joias escondidas.

Alex recostou-se e bateu com o dedo na mesa. Ele foi a única pessoa que não me disse que sentia muito pela minha perda após a morte do meu pai. Eu apreciei isso; estava ficando cansado de pena.

— Você sabe quanto custa esse local. — Não foi uma pergunta.

*Oito dígitos.*

— Sim. Isso não é um problema. — Eu ainda não tinha acesso à minha herança completa, mas graças ao meu sobrenome e à apresentação de Kai, estava no processo de obter financiamento da Davenport Capital, empresa de Dominic Davenport. *Nome número três.* Eu enviei provas documentadas para Alex antes da nossa reunião.

— Permissões e licenças?

— Silver & Klein está cuidando disso. Eles não preveem nenhum problema. — A prestigiada firma advocacia estava sediada em DC, mas representava clientes corporativos em todo o país. *Jules Ambrose, Silver & Klein. Nome número quatro.*

Alex me bombardeou com mais perguntas. Respondi corajosamente, mas sabia que a decisão dele dependia de um fator: aquele que eu *não* tinha no bolso para esta reunião.

— Seu discurso é impressionante. Sua papelada está em ordem. Mas vou ser honesto — disse ele depois que abordei suas preocupações sobre potenciais concorrentes no mercado. — Eu não acredito que você tenha mudado tanto, tão rápido. Você nunca



possuiu, abriu ou administrou um negócio e tem uma merecida reputação de fazer festas imprudentes.

— Eu não sei sobre *imprudência* ...

— Também sei que sua herança depende deste clube — ele continuou, ignorando-me. — O que acontece se não for aprovado na primeira avaliação?

Era uma boa pergunta, na qual tentei não pensar com muita frequência. A perspectiva de falhar tão espetacularmente aos olhos do público era como cair daquela ponte nos meus pesadelos: aterrorizante, fora do meu controle e quase inevitável.

— Entendo suas preocupações. — Eu cobri a súbita guinada no meu estômago com um sorriso confiante. *Finja até você conseguir*. — Mas o que fiz no passado não define quem sou agora. Sim, passei a maior parte dos meus vinte anos envolvido em... outras atividades além do empreendedorismo, mas como prova o progresso que já fiz, estou falando sério sobre isso.

Alex olhou para mim, impassível.

Droga. Conversar com o homem era como conversar com um iceberg – um iceberg discreto e hostil.

Procurei um argumento que não repetisse o que ele já sabia, e meus olhos se depararam com a única foto emoldurada que adornava sua mesa. Nela, ele estava ao lado de uma linda mulher com longos cabelos negros e um sorriso radiante. Cada um segurava um bebê nos braços; um estava envolto em rosa, o outro em azul.

Alex não estava exatamente sorrindo, mas seu rosto continha mais calor do que eu imaginava que ele fosse capaz. Ele estava casado há algum tempo, mas eu me lembrava claramente de uma época em que o relacionamento frio e aparentemente insensível do CEO com sua agora esposa havia causado agitação.

Ninguém pensava que ele fosse capaz de se apaixonar – até que ele o fez.

— Você diz que não acredita que mudei tanto, tão rápido, mas nem toda mudança é gradual — eu disse lentamente, formando minhas palavras enquanto avançava. — Às vezes, um acontecimento inesperado obriga-nos a avançar de uma forma que não havíamos feito antes, ou encontramos alguém que muda a nossa perspectiva. Isso acontece todos os dias. A morte do meu pai foi um desses gatilhos para mim. — Meio que. Mas eu não iria discutir minha herança ou a carta da minha mãe com um estranho. — Não estou orgulhoso do tempo que perdi, mas estou tentando compensar agora. — Encontrei o olhar de Alex com um olhar firme. — Você já fez algo de que se arrependeu? Algo que você estava desesperado para consertar, mas confiou em alguém, em algum lugar, que deu um salto de fé em você para que mudasse?

Ele não se moveu, mas um pequeno brilho de emoção brilhou em seus olhos.

— Não nos conhecemos bem — eu disse. — Mas prometo, se você confiar em mim, farei justiça ao local. Porque não é apenas o seu nome e a sua reputação que dependem disso – são também os meus.

O silêncio que se seguiu estendeu-se sob o zumbido silencioso do aquecedor. Era impossível ler o rosto de Alex, e justamente quando pensei que não aguentaria mais, seu queixo caiu uma fração de centímetro.

— Traga um parceiro de negócios. Se eu considerá-los aceitáveis, o Vault é seu.

Meu coração disparou e bateu no espaço de cinco segundos.

Foi uma concessão maior do que eu esperava de Alex e era exatamente o que eu não queria ouvir.

Vuk queria que a localização fosse confirmada antes de assinar. Alex queria Vuk ou alguém como Vuk antes de confirmar. Era um grande problema.

*O universo realmente adora foder comigo.*

— Estou muito à frente de você. — Sorri, projetando uma segurança que absolutamente não tinha. — Estou no processo de contratar Vuk Markovic como parceiro silencioso.

— Bom. Então produzir um contrato assinado com ele não deverá ser um problema. — Alex consultou o relógio. — Espero o contrato antes do Dia de Ação de Graças, Sr. Castillo. Já recebi diversas ofertas no Vault, mas como estou intrigado com sua proposta, darei a você um período de carência. Minha oferta expira em 26 de novembro à meia-noite.

— Observado. — Fiz um cálculo rápido das minhas probabilidades entre Vuk e Alex. Eu tinha uma chance infinitamente maior de fazer Vuk se curvar do que Alex, até porque

ele morava em Nova York e eu poderia atormentá-lo com mais facilidade. — Obrigado pelo seu tempo. Eu agradeço.

*Nota mental: voltar para Vuk e descobrir como colocá-lo a bordo. Não necessariamente nesta ordem.*

Saí do escritório de Alex, minha mente girando com fragmentos de ideias e estratégias. Uma tela plana montada na parede passava silenciosamente enquanto eu esperava o elevador. A grande história do dia foi o nascimento da Princesa Camilla, o mais novo bebê real de Eldorra.

Eu a invejava. Os bebês não precisavam se preocupar com bares e negócios.

Eles apenas choravam, dormiam e comiam, e as pessoas ainda os amavam.

Assim que desci, instruí o motorista que contratei para me levar até a sede da Harper Security. Toda boate precisava de segurança e Christian Harper fornecia a melhor.

*Nome número cinco.*

Eu esperava que meu encontro com ele fosse melhor do que esse com Alex.



Ponto positivo: meu encontro com Christian, na verdade, foi melhor do que aquele com Alex, provavelmente porque ele era pago



independentemente de meu clube afundar ou nadar. Se não o fizesse, simplesmente retiraria seus serviços.

Desvantagem: eu não tinha ideia de como fazer com que Vuk assinasse um contrato vinculativo em dezoito dias sem localização.

Eu *poderia* tentar garantir outro espaço. Eu tinha uma lista de backups para o caso de o antigo cofre do banco cair, mas meu instinto me dizia que eles não eram adequados.

A primeira impressão que as pessoas tinham de uma boate era sua localização. Eu não iria diluir e escolher qualquer local antigo.

Após meu encontro com Christian, passei pelos escritórios da Silver & Klein para me encontrar com Jules. Ela era a associada sênior mais jovem e cuidava de toda a minha papelada legal, incluindo licenças, autorizações e contratos. Ela me garantiu que teria um contrato de parceria silencioso elaborado e pronto para ser assinado no início da próxima semana.

Em vez de passar a noite em DC, peguei o trem de volta para Nova York e passei o fim de semana planejando métodos para convencer Vuk, desde honestos até, hum, eticamente questionáveis.

As acusações de sequestro temporário não poderiam ser tão ruins, certo? Não era como se eu fosse manter ou matar o cara. Ele poderia *me* matar depois, mas assim que eu ganhasse muito dinheiro para ele, talvez ele esquecesse que contratei alguém para mantê-lo como refém até que ele assinasse na linha pontilhada. Hipoteticamente.

O fato de eu estar considerando esse curso de ação, ainda que de brincadeira, demonstrava meu desespero.

O único ponto positivo do fim de semana surgiu no domingo. Eu convenci Sloane a me encontrar no Queens para uma surpresa, e o peso de concreto em meu peito diminuiu quando a vi no local designado para o encontro.

Queens estava fora do caminho para nós dois, mas isso era necessário dadas as circunstâncias.

Ela estava perto da entrada do prédio, resplandecente em um vestido branco, casaco e botas. Seu cabelo estava preso em um coque, mas um sorriso apareceu em seus lábios quando me aproximei.

— É melhor que isso seja bom — disse ela. — Estou perdendo o brunch com as meninas.

Dei-lhe um beijo de olá, saboreando sua suavidade antes de me afastar. — Considere isto um domingo de história. — Diante de sua testa questionadora, esclareci: — Um domingo em que você faz algo tão emocionante que terá uma história para contar no seu próximo brunch.

Sua risada liberou uma onda de dopamina, como uma música que ouvi uma vez e amei, mas nunca descobri o nome, apenas para tropeçar nela novamente anos depois.

— Isso não é uma coisa — ela disse, seguindo-me para dentro. — Mas já que estamos aqui, você pode me dizer do que se trata toda essa história de capa e espada? Por que estamos no Queens num domingo de manhã?

— Você vai ver. — Levei-a pelo corredor em direção ao nosso quarto reservado. Eu tinha feito o check-in mais cedo e *talvez* tivesse subornado a equipe para nos deixar entrar pela entrada dos fundos. — Como está Pen?

Sloane ficou séria com a menção de sua irmã. — De acordo com Rhea, ela está se recuperando rapidamente do acidente, o que é bom. E seus ferimentos irão sarar com o tempo. Mas... — Ela suspirou. — Ainda estou preocupada, especialmente porque Pen tenta ignorar essas coisas. Ela tem medo que isso nos faça mimá-la ainda mais, o que ela odeia.

— E você não pode visitá-la novamente?

— Ela recebeu alta do hospital e não posso visitá-la na casa dela sem avisar meu pai e Caroline. — Nuvens de tempestade surgiram, tornando os olhos de Sloane azul-acinzentados. — Parte de mim está esperando que eles a enviem para um primo distante na Europa. Eles fariam isso só para me irritar e tornar mais difícil vê-la.

Eu diria que era difícil imaginar um pai fazendo isso com o filho, mas como alguém que praticamente foi criado em internatos, sabia que não era assim.

Parei na frente do nosso quarto.

— Mas eles não farão isso até que voltem de DC. — Eu consegui algumas informações úteis durante minhas reuniões de sexta-feira na cidade: George e Caroline estavam atualmente em DC para uma grande arrecadação de fundos.

A surpresa percorreu o rosto de Sloane. — Como você sabe disso?

— Tive que confirmar o paradeiro deles antes de fazer isso. — Eu abri a porta.

Sloane entrou, mas só deu dois passos antes de ficar de queixo caído. — *Pen?*

O sorriso mais brilhante e precioso iluminou o rosto de Pen. — Surpresa!

Ela estava sentada no sofá com Rhea, uma tigela de salgadinhos de cortesia no colo. Sua babá ficava olhando para a porta aberta como se esperasse que George Kensington fosse passar por ela a qualquer momento, mas pelo menos ela estava aqui. Isso era o que importava.

— O que você está fazendo aqui? — Vários passos longos levaram Sloane até sua irmã. Ela abraçou a pequena loira, sua expressão atordoada. — Como você...?

— Foi necessária alguma coordenação, mas pedi a um amigo que buscasse Rhea e Pen e as trouxesse até aqui. — O *amigo*, na verdade, era o pessoal da Harper Security, que poderia retirá-los de sua cobertura sem alertar o porteiro, o concierge ou qualquer pessoa que pudesse denunciá-los aos Kensingtons.

Tínhamos um apoio caso George e Caroline descobrissem sobre a saída de Rhea e Pen – especificamente, ingressos de cinema –, mas o plano estava indo bem, graças a Deus.

— Antes que você se preocupe, também consultei o médico de Pen — falei, fechando a porta e me sentando no segundo sofá. —



Ele disse que não havia problema se ela viesse, desde que reduzíssemos o esforço físico ao mínimo.

Sloane olhou para Pen, que confirmou minhas palavras com um aceno solene. — Ele disse isso.

Aparentemente, o acidente na quarta-feira foi relativamente leve. Parecia pior devido ao acidente, e ela se recuperou o suficiente para tornar o dia de hoje viável.

— Rhea? — Sloane voltou sua atenção para a babá. — Você está...?

— Estou bem. — A outra mulher deu-lhe um sorriso fraco. — O Sr. e a Sra. Kensington acreditaram na sua desculpa sobre Annie. Obrigada por fazer isso.

— Você não precisa me agradecer. Você não estaria nessa situação se não fosse por mim, e eu deveria ser a única a lhe agradecer. — A voz de Sloane falhou. — Por tudo que você fez por mim e por Pen ao longo dos anos.

Rhea estava nervosa com meu plano, dado o quão perto ela esteve de ser descoberta. No entanto, ela possuía um inabalável senso de lealdade para com Pen e Sloane, mais do que para com seus empregadores, e acabou concordando.

O olhar que ela lançava a Sloane agora era o de família: suave, tocado e cheio de amor.

Então o momento passou e todos quebraram o contato visual antes que o passeio divertido se transformasse em uma espiral emocional.

— Então, onde estamos exatamente? — Sloane pigarreou e olhou para a sala, que era escassa, exceto por dois sofás, duas mesas, um console de mídia e uma tela gigante com vários monitores e equipamentos conectados a ela. Um punhado de obras de arte decorava as paredes com cores primárias.

— Estamos no melhor centro de simulação esportiva do Queens. — Abri uma das gavetas do console e tirei quatro controladores. Segurei um e passei os outros. — Você disse que Pen gosta de futebol, então vamos jogar futebol.

— Eu não gosto de futebol. Eu *amo* futebol — corrigiu Pen. Ela já estava folheando os diferentes jogos, procurando o perfeito.

— Desculpe-me. — Suprimi um sorriso. Seu atrevimento me lembrou de uma outra loira. — Quem é seu jogador favorito?

— Asher Donovan — ela respondeu sem hesitação.

*Típico.* Garotas de todas as idades o adoravam, mesmo que não gostassem de futebol como Pen, mas eu daria crédito a quem merecia: o cara era talentoso.

Era chato *pra* caralho que alguém que parecia um deus grego também pudesse jogar *tão* bem e, com base nas poucas interações que tive com ele, ser *tão* legal. Era ainda mais irritante que ele fosse cliente de Sloane.

Que seja. Contanto que ele não fosse o favorito dela, eu não me importava.

Muito.

Depois que eu irritei Pen de brincadeira ao informá-la que Vincent DuBois era, na verdade, mais talentoso que Asher,

decidimos fazer uma simulação da Eurocopa. Sloane e Rhea desistiram no meio, deixando Pen e eu lutando pela vitória.

Eu não me considerava uma pessoa infantil. Eu gostava deles, mas não conseguia me relacionar com pessoas com mais da metade da minha idade.

No entanto, Pen era incrível. Ela era mais madura do que metade dos adultos que eu conhecia e era uma ótima jogadora. Ela marcou três gols contra mim no primeiro tempo, quando eu nem deixei ela vencer de propósito.

Para uma criança que parecia tão doce, ela também era muito assustadora, como logo descobri da maneira mais difícil.

Quando Sloane pediu licença para ir ao banheiro, Pen pausou o jogo, virou-se para mim e perguntou sem nenhum preâmbulo: — Então. O que está acontecendo com você e minha irmã?

Quase me engasguei com minha Coca-Cola enquanto Rhea tentava e não conseguia esconder um sorriso malicioso.

— Estamos saindo juntos — eu disse vagamente. Eu não tinha certeza de quantos detalhes deveria compartilhar com uma criança de nove anos sobre minha vida amorosa, mas tinha a sensação de que deveria agir com cautela.

— Não, *nós* estamos saindo. — Pen gesticulou entre nós. — Você e Sloane estão fazendo mais.

Jesus Cristo.

Olhei para a porta, desejando que Sloane passasse por ela e acabasse com meu sofrimento.

Não tive essa sorte.

— Estamos namorando — esclareci. Eu esperava como o inferno que Pen não me perguntasse o que implicava *fazer mais*. Eu não iria tocar *nessa* conversa com uma vara de quinze metros.

— Por quanto tempo?

— Oficialmente? Um pouco mais de uma semana, mas...

— Você está saindo com outras pessoas?

— Não.

— Você está apaixonado por ela?

— Eu... — Uma gota de suor escorreu pelas minhas costas. Eu não conseguia acreditar que estava sendo interrogado por alguém que se aproximava do meu quadril. — Eu me importo muito com ela.

*Eu me importo com ela mais do que jamais me importei com alguém.* Mas não sabia se era amor. Eu nunca estive apaixonado, então não sabia como era, mas deveria reconhecer quando aparecesse, certo?

Uma onda de antecipação invadiu minha corrente sanguínea, temperada pela incerteza.

— Essa não foi minha pergunta. — Pen me perfurou com olhos azuis aparentemente inocentes. Atrás dela, os ombros de Rhea tremiam de alegria. Ela nem estava mais se preocupando em esconder o riso. — Sloane nunca  *mencionou* seus ex-namorados, muito menos me deixou sair com eles, então ela deve gostar muito de você. — Um soco no meu peito matou a descarga elétrica que suas palavras provocaram.

*Ela deve gostar muito de você.*



— Não a machuque — Pen avisou, seu rostinho feroz. — Se você fizer isso, vou mandar Mary para você.

— Eu nunca a machucaria — eu disse, e estava falando sério. Só o pensamento fez meu coração apertar. Após uma breve pausa, acrescentei: — Quem é Mary?

— Mostre a ele, Rhea.

Rhea, ainda rindo, pegou algo em seu telefone e me entregou.

Uma boneca vitoriana olhou para mim da tela com olhos azuis que não piscavam. Ela tinha cabelos pretos, um vestido branco com babados e um sorriso feito de pura maldade.

Era o brinquedo mais assustador que eu já tinha visto.

— Minha mãe a comprou em uma loja de antiguidades — disse Pen. — Ela pertencia à filha de um aristocrata inglês que foi assassinada por um desconhecido. Diz a lenda que o espírito da menina vive em sua boneca favorita.

— Há cerca de dez anos, alguém tentou roubá-la de seu antigo dono, porque ela é muito valiosa, mas eles morreram devido a facadas misteriosas enquanto dormiam — acrescentou Rhea.

Eu não sabia se ela estava brincando.

Além disso, que porra era essa? Quem comprava para sua filha uma *boneca assassina possuída*? Então, novamente, eu não descartaria Caroline Kensington. — Ah. — Coloquei o telefone de volta na mão de Rhea antes que Murderous Mary saísse da tela e *me esfaqueasse*. — Não há necessidade de chamar Mary. Eu não gosto de bonecas, e como eu disse...

Meu tom suavizou, ficando sério. — Eu *nunca* machucaria Sloane. Ela significa... — *O mundo*. — Demais para mim.

A carranca de Pen permaneceu por mais um instante antes de se transformar em algo mais vulnerável. — Bom — disse ela, com a voz baixa. — Porque ela já se machucou o suficiente.

Eu não tinha planejado levar um soco no estômago de uma criança de nove anos hoje, mas a pontaria de Pen era ainda melhor do que suas habilidades no futebol virtual.

Uma queimadura se espalhou das minhas entranhas até o peito, por Sloane e Pen. Ambas mereciam algo melhor do que receberam das pessoas que supostamente as amavam.

— O que eu perdi? — A voz de Sloane perfurou nossa bolha. Eu estava tão envolvido em meus pensamentos que não a ouvi retornar.

— Nada — Pen e eu dissemos em coro.

— Estávamos apenas fazendo uma pausa — acrescentei.

— Porque eu estava chutando a bunda dele. — Pen deu uma risadinha quando lancei um olhar falso em sua direção. — Tudo bem. Você é o Vincent do meu Asher. Eu sou apenas melhor que você.

— Ok, é isso. — Arregacei as mangas. — Chega de pegar leve com você. Agora está *realmente* ligado.

Trocamos insultos e brincadeiras à medida que o segundo tempo avançava. Eu estava muito interessado no jogo para prestar atenção em qualquer outra coisa, mas uma ou duas vezes peguei Sloane olhando para nós com uma expressão estranha. Ela

desviava o olhar toda vez que eu me virava em sua direção, mas não antes de perceber o brilho suspeito em seus olhos.

Nós quatro ficamos no centro de simulação por mais meia hora antes que a energia de Pen diminuísse visivelmente. Ela não queria ir embora, mas eu poderia dizer que as atividades do dia a tinham afetado. Prometi que voltariamos no futuro, e quando o cara da Harper Security pegou ela e Rhea, Pen mal conseguia manter os olhos abertos.

Ela, no entanto, reuniu energia suficiente para dar um abraço de despedida em mim e em Sloane. Nunca pensei que me apegaria tanto a alguém que acabei de conhecer, mas uma onda feroz de proteção tomou conta de mim quando retribuí o abraço.

Graças a Deus ela tinha Rhea e Sloane, porque o resto da família de Pen poderia ir direto para o inferno por ignorá-la.

Sloane murmurou algo para Pen, que assentiu, com o queixo balançando, antes de seguir Rhea para dentro do carro.

— Obrigada — disse Sloane enquanto observávamos o carro deles desaparecer na rua. — Isso foi... você não precisava fazer isso.

— Eu quis. — Minha boca se ergueu em um sorriso. — Embora pudesse ter mudado de ideia se soubesse o quanto ela iria chutar minha bunda.

Pen venceu o jogo por sete a três.

A pequena risada de Sloane aliviou o peso que se seguiu à partida de Pen.

— Além disso, antes que você me elogie demais, tenho uma confissão a fazer — falei, ganhando um arco questionador em sua sobrancelha. — Eu... — *Eu não quero que esse dia acabe. Eu não quero que você vá embora. Acho que nunca haverá um dia em que eu queira que você vá embora.* — Fiz reservas para jantar em um restaurante próximo. Eles só chegam às sete, então acho que teremos que passar o resto do dia nesta área.

— Nós temos, não é?

— Temo que sim. Teremos que nos divertir antes que eu lhe sobrecarregue com tantos carboidratos que você vai sonhar com pizza e macarrão.

Diversão brilhou em seus olhos. — Eu posso viver com isso. Já tive sonhos piores.

— Bom. — Entrelacei meus dedos nos dela e a levei em direção à rua principal. — Seb me contou sobre essa ótima sorveteria que temos que experimentar.

— Seb?

— Sebastian Laurent. Ele é como um guia alimentar ambulante.

Ele era o sexto nome na lista de Kai, mas eu já o conhecia, então foi fácil pedir para sua equipe projetar e executar o menu do Vault.

— Certo. — A palma de Sloane estava quente contra a minha. A brisa trouxe seu perfume para meus pulmões e eu instintivamente apertei sua mão em resposta.



Às vezes, as coisas ficavam estranhas depois do sexo, mas não para nós. Se não fosse quarta-feira à noite, talvez eu não tivesse dado o salto e organizado o passeio de hoje com Pen. Algo entre nós mudou naquela noite, e eu não estava falando sobre sexo.

*Você está apaixonado por ela?*

A pergunta de Pen ecoou na minha cabeça. Permaneceu por um momento antes de se dissolver na memória de Sloane dormindo em meus braços. Ela estava enrolada em mim, seu corpo pressionado contra o meu, seu rosto livre de qualquer preocupação. Eu me forcei a ficar acordado um pouco mais para poder ouvir sua respiração.

Eu não sabia por que, mas isso me trouxe uma sensação de paz avassaladora e algo mais que não conseguia identificar.

Um farfalhar alto me puxou de volta ao presente. Era do tipo que só um animal grande poderia fazer, mas quando procurei nos arbustos que cercavam o centro de simulação, não vi nada.

*Huh. Esquisito.*

Balancei a cabeça, piscando para afastar os sons fantasmas e os fantasmas da noite de quarta-feira. Afinal, o que um animal grande estaria fazendo no meio do Queens?

O que quer que fosse, devia ter imaginado.





## CAPÍTULO 27

*Sloane*

— Por que você está sorrindo tanto? — Jillian perguntou — Isso está me assustando.

— Eu não estou sorrindo. Estou exercitando minha boca. — Peguei o café oferecido com uma das mãos e terminei de enviar meu e-mail com a outra. Olhei para cima quando não obtive resposta. — Isso foi uma piada.

Não foi ótima, mas ei, estava sem prática. Eu merecia uma folga.

— Eu sei — disse ela com um estremecimento. — Isso me assusta ainda mais.

— Hilário — falei secamente. — Quando você terminar sua rotina de me irritar, conecte-me com Asher. Se ele se atrasar novamente para uma reunião, adicionarei uma taxa de espera à sua conta mensal.

— Claro. — Ela deu um suspiro sonhador. — Os dias de Asher são meus favoritos.

Balancei a cabeça e esperei a porta fechar antes de entrar no meu sistema privado de videoconferência.

Jillian não estava errada. Eu *estava* sorrindo muito, a ponto de me irritar, mas ainda estava em alta desde a semana passada.

A última quarta-feira foi uma montanha-russa de emoções. A hospitalização de Pen e ver minha família foram choques desagradáveis, mas minha noite com Xavier, tanto no clube quanto na casa dele, suavizou as bordas irregulares de um dia que de outra forma seria epicamente uma merda.

Eu não tinha planejado dormir com ele. Parte de mim resistiu ativamente, porque sabia que era uma má ideia. Mas havia algo na maneira como ele me segurava e olhava... ele representava o maior perigo para o meu mundo perfeitamente construído, mas nunca me senti mais segura do que quando estava em seus braços.

*Solte o cabelo, Sloane.*

Foi um pedido simples, mas quando o fiz, senti que era algo mais. Parecia confiança.

Olhei para minha tela. Asher ainda não estava online, o que era bom. Depois que elas começavam, minhas memórias não paravam de relembrar os últimos dias – a maneira como Xavier se parecia dentro de mim, a maneira como nos movemos juntos, a maneira como ele planejou o passeio com Pen e como ele foi ótimo com ela. Eu não tinha muito instinto maternal, mas meus ovários quase explodiram quando eles se despediram com um abraço.

Não havia nada mais sexy do que um homem bom com crianças.

Ele escolheu uma atividade que ela gostaria que não agravasse seus sintomas, mas também a tratou como uma criança normal, não como uma boneca de porcelana. Era isso que Pen queria, e provavelmente foi por isso que ela se apegou a ele tão rapidamente. Minha única preocupação era-

— Desculpe, chefe. — O rosto perfeito de Asher preencheu minha tela, seu sorriso tão malandro e charmoso quanto seu sotaque britânico. Apesar de suas palavras, ele parecia não se arrepender de seu último acidente. — Antes de dizer qualquer coisa, saiba que isso não acontecerá novamente.

Quase pulei antes de me segurar. Eu estava tão envolvida em meus pensamentos que quase me esqueci da chamada.

Endireitei-me, deixando de lado as preocupações sobre minha vida pessoal para me concentrar em meu cliente mais importante.

Asher estava em sua casa em Blackcastle. Ele usava uma velha camiseta cinza e seu cabelo estava úmido de suor ou de banho. Ele devia ter vindo direto do treino diário.

Eu gostaria que ele fosse tão dedicado a manter sua reputação quanto à sua boa forma. Você pensaria que o jogador de futebol mais famoso do mundo estaria muito ocupado e protetor com sua carreira para se envolver em corridas de rua ilegais, mas esta não foi a primeira vez que tive que limpar sua bagunça antes do a imprensa ficou sabendo disso.

— Eu não sou sua chefe. Se fosse, você não me ignoraria toda vez que eu lhe dissesse para fazer alguma coisa — falei calmamente. — Deixe-me esclarecer uma coisa, Donovan. Não me importa *quão bom* foi seu recorde de pontuação em Holchester. Você é o novo garoto no clube de Blackcastle. Você tem um contrato de nove dígitos baseado em sua capacidade de controlar seus impulsos, então mantenha a cabeça baixa, obedeça ao limite de velocidade e, pelo amor de Deus, pare de brigar com Vincent DuBois. Ele é seu companheiro de equipe.



A transferência de US\$ 200 milhões de Asher no início deste ano ganhou as manchetes em todo o mundo, mas veio com uma estipulação única: um período probatório de dois anos, durante o qual ele deveria defender a rígida cláusula de moralidade do contrato, entre outras coisas. Caso contrário, seu contrato seria rescindido e ele teria que devolver metade dos ganhos dos primeiros dois anos.

O rosto de Asher ficou nublado com a menção de seu rival. Vincent era o único jogador que quase igualava sua fama e talento.

— Vincent é um idiota — disse ele.

— Eu não ligo. Sua rivalidade está levando os tabloides ao frenesi, e não precisamos disso agora. Tome cuidado, Asher, ou contratarei pessoalmente um mercenário para reaver todos os carros da sua garagem e garantir que Rahim nunca lhe venda outro veículo. Aquela próxima edição limitada do Bugatti que você está de olho? Vai para o próximo licitante com lance mais alto.

Asher era famoso, mas eu estava determinada, farta e chateada. Além disso, Rahim, seu corretor de carros de luxo, devia a mim pelo grande número de referências que havia enviado para ele (pessoas que eram motoristas mais responsáveis do que um determinado atleta).

Asher engoliu em seco com a minha ameaça. — Vamos, Sloane. Isso não é-

— Cuide disso. Agora.

Encerrei a ligação. Alguns clientes exigiam um amor mais duro do que outros; Asher precisava de titânio.

Eu tinha alguns minutos antes da minha próxima reunião, então verifiquei rapidamente meu telefone.

**Xavier:** *Café preto, dois açúcares?*

Um sorriso tocou meus lábios, aliviando minha frustração com Asher.

*Estou trabalhando.*

**Xavier:** *Essa não foi a pergunta, Luna.*

...

*Sem açúcar hoje. Eu já bebi demais*

Culpei os donuts que Jillian trouxe para o café da manhã.

Não obtive uma resposta imediata dele, então fui para meu bate-papo em grupo com as meninas.

**Isabella:** *A Operação PW está a todo vapor ;)*

**Isabella:** *POSSO ter ido ao café favorito de PW para escrever hoje, e POSSO tê-lo ouvido discutindo uma próxima postagem no blog.*

Meu coração pulou uma batida.

*E...*

**Isabella:** *Hummm. Ele não citou nomes, mas tenho quase certeza de que foi o que plantamos.*

**Vivian:** *Você acha que ele realmente vai comandar isso?*

**Vivian:** *Ela é uma das poucas celebridades que ele tem medo de perseguir.*

**Alessandra:** *Não tenho certeza se – celebridade – é o termo certo.*

**Vivian:** *Você sabe o que eu quero dizer.*

**Isabella:** *Ele pode precisar de um empurrãozinho extra Sloane, eu cuido disso.*

O telefone do meu escritório tocou, interrompendo-me do bate-papo. — Sloane, seu próximo compromisso está aqui — disse Jillian.

— Traga-a, por favor.

Dois minutos depois, Ayana entrou em meu escritório, uma visão impressionante envolta em seda de calêndula e brincos na altura dos ombros.

— Obrigada por se encontrar comigo em tão pouco tempo. — Ela se sentou graciosamente na cadeira em frente à minha. Sua pele brilhava sob as luzes e ela tinha maçãs do rosto que podiam cortar diamantes. Não admirava que ela tivesse conquistado o mundo da moda no ano passado.

— Você é minha cliente. Fico feliz em ajudar de qualquer maneira que puder — eu disse. Ayana foi minha última cliente por um tempo. Minha lista estava tecnicamente fechada, mas a mãe de Alessandra era a mentora de modelo de Ayana. Eu a encontrei no início deste ano como um favor, e gostei tanto dela que fechei o contrato naquele dia.

— Bom. — Ela hesitou, seu lindo rosto sombreado de nervosismo. — Porque posso estar com problemas.

Durante os quarenta e cinco minutos seguintes, ouvi Ayana expor sua situação. Mantive minha expressão neutra, mas cada célula do meu corpo empalideceu quando ela chegou à parte do *casamento*.

— Não sei o que fazer — concluiu ela. Ela olhou para seu colo, sua ansiedade palpável. — Eu devo muito a ele, mas...

— Mas nada. É a sua vida — falei com firmeza. — Escute, como sua publicitária, direi que isso seria uma *ótima* publicidade. Não há nada que o público ame mais do que o casamento de uma celebridade. Mas como mulher, como humana, direi para você seguir seu instinto. A gratidão vale cinco anos da sua vida?

Quando Ayana saiu, a questão permaneceu.

Eu não poderia responder por ela, e meu trabalho era transformar sua decisão em ouro na mídia, não importava qual fosse. Eu só esperava que ela fizesse uma escolha da qual não se arrependesse mais tarde.

Abri minha caixa de entrada, mas não tive oportunidade de ler nada antes de Xavier aparecer na porta.

— Foi Ayana que eu vi saindo? — Ele entrou, o cabelo despenteado pelo vento e o suéter moldando-se ao seu corpo de uma forma que era positivamente pecaminosa. — Eu não sabia que ela ainda estava na cidade.

Um chiado de consciência percorreu minha pele, perseguido por algo mais sombrio que ignorei. Devia ser meu almoço. Salada de atum era um sucesso ou um fracasso em um dia bom. — Você a conhece?

— Não pessoalmente, mas ela é amiga de um amigo, e eu a vi algumas vezes — disse Xavier encolhendo os ombros. — Luca mencionou que ela deveria filmar uma campanha de Delamonte na Europa esta semana, mas acho que não.



— Ah.

Suas sobrancelhas arquearam. — O que aconteceu? A reunião não correu bem?

— Tudo correu bem. — Olhei para a tela, esforçando-me para superar o que estava embrulhando meu estômago. — Ela é ótima. Obviamente. Já que ela foi a primeira coisa que você mencionou quando entrou.

O silêncio cumprimentou minha resposta curta.

Quando olhei para cima novamente, Xavier não estava me olhando em estado de choque como eu esperava. O bastardo estava *rindo*.

Grandes ondas de risadas silenciosas sacudiram seu corpo e enviaram uma onda de calor às minhas bochechas.

— Luna. — A alegria brilhou em seus olhos. — Você é ciumenta?

— Não — eu rebati. — Foi apenas uma observação.

Voltei para a tela e olhei para as linhas do texto até elas ficarem borradas. Espinhos floresceram atrás do meu nariz e olhos.

Era estúpido e irracional, porque eu *realmente não* achava que Xavier estava interessado em Ayana, mas não consegui consertar a válvula que vazava dentro de mim. Aquela que continha uma onda de insegurança, que pensei ter desligado até que pequenos momentos como esse pingavam dúvidas em meu estômago.

*Muito fria. Muito desapaixonada. Muito desagradável.*

Xavier era o oposto de mim – cheio de calor, fácil de gostar e um encantador em sua essência. Ele tinha sido honesto e comprometido desde que começamos a namorar, mas uma parte de mim estava esperando que ele fugisse.

Um dia, ele acordaria e perceberia que eu não era a pessoa que ele queria que fosse, e iria embora.

— Sloane. — Ele não parecia mais divertido. Passos suaves precederam o aroma limpo de sua colônia; mãos firmes me viraram. — Olhe para mim.

Eu me fixei teimosamente em seu pescoço. Uma de suas tatuagens aparecia por baixo do suéter e foi a única coisa que me impediu de desmoronar.

*O que diabos aconteceu?* Num segundo, eu estava trabalhando e sorrindo tanto que assustei Jillian. No próximo, estava à beira de um colapso por causa de um *homem*.

O eu do passado estava enojado consigo mesmo, mas não sabia o que o eu atual sabia: o período de experiência que propus tinha saído pela culatra espetacularmente.

Achei que poderíamos nos divertir por dois meses e dizer que tentamos. Pensei que poderia ir embora no final disso e ficar bem.

Mas não consegui. Não quando o ciúme me corroía por dentro só de pensar em Xavier com outra pessoa.

— *Olhe para mim.* — Dedos agarraram meu queixo e o ergueram. Os olhos de Xavier perfuraram os meus, deixando-me nua. — Você não tem nada do que ter ciúme. Mencionei Ayana porque estava conversando com Luca e isso estava em minha

mente. Não tem nada a ver com o que sinto por ela, porque *não* sinto nada.

— Ela é uma supermodelo. Todo mundo sente algo por ela.

— Eu não — disse ele. — Eu não me importo com o quão bonita ou famosa alguém é, Luna. Nenhuma delas se compara a você.

Se ele fosse qualquer outra pessoa, eu teria descartado sua garantia como palavras vazias. Mas este era Xavier, e *porque* era Xavier, sua resposta teve o efeito de mil asas batendo. Suas pontas aveludadas roçaram meu coração, selando o vazamento e absorvendo as inseguranças.

Consegui sorrir sobre o tambor de aço do meu coração. — Você sempre sabe o que dizer.

— É fácil quando é a verdade. Agora... — Ele se inclinou e me deu um beijo suave e prolongado. Ele tinha gosto de café e calor. — *Isso é um bom olá.*

Eu ri, minha pele formigando por causa do nosso beijo, do fim da nossa conversa anterior, ou de ambos. Fiquei um pouco envergonhada com minha incomum explosão de ciúme, mas fiquei muito satisfeita em vê-lo para me importar.

— Temos uma reunião hoje? — perguntei, tentando voltar ao modo de trabalho. — Achei que íamos conversar ao telefone.

Xavier havia dito que tinha um plano para fazer com que Vuk se tornasse seu parceiro de negócios sem uma localização primeiro, e queria passar isso para mim.

— Nós não, e íamos. Mas não estou aqui a negócios. Estou aqui para ver você. — Xavier acenou com a cabeça para o copo de café que colocou na minha mesa. — Preto, sem açúcar.

Tomei um gole e estreitei os olhos para ele. — Tenho muito trabalho para colocar em dia.

Eu estava tão distraída desde que começamos a namorar que não estava adiantada em duas semanas, como normalmente acontecia. Eu estava *dentro do cronograma*, o que era inaceitável.

— É hora do almoço e Jillian disse que você não tem reunião antes das duas.

— Jillian precisa parar de contar minha agenda e não estou com fome.

— Não. — A voz de Xavier tornou-se seda. — Mas eu estou.

Não tive chance de reagir antes que ele me pegasse e me colocasse sobre a mesa com um movimento suave e rápido. Ele empurrou minha saia até meus quadris e deslizou o polegar por baixo da borda da minha calcinha para me encontrar já escorregadia e querendo.

— Xavier — eu sibilei, olhando atrás de mim para a porta *destrancada*. — Alguém vai ouvir.

Apesar do meu protesto, meu clitóris latejava de necessidade. O calor se acumulou como uma tempestade de fogo em meus pulmões enquanto aquelas mãos fortes e hábeis me acariciavam, moldando-se aos meus quadris e coxas, alimentando o fogo mais alto e mais quente até incinerar minhas reservas.



— Bom. — Xavier caiu de joelhos e abriu mais meus joelhos, concedendo-lhe uma visão irrestrita da minha excitação encharcada. Seus olhos brilharam para mim, escuros e brilhantes como vidro vulcânico. — Então eles saberão exatamente a quem você pertence.

Um pequeno gemido humilhante saiu da minha boca quando ele abaixou a cabeça e cerrou os dentes em torno da seda delicada. Um segundo tonto e sem fôlego de antecipação fez meu pulso disparar, seguido por algo entre um choro e um suspiro quando ele arrancou minha calcinha e mergulhou.

Explosões de luz explodiram atrás dos meus olhos com a mudança repentina da sensualidade preguiçosa para a fome selvagem e indomada. Meu cérebro não conseguiu acompanhar, então cedeu todo o poder ao meu corpo. O peso dos meus quadris; o aperto em seu cabelo; a excitação que correu através de mim, tão rápida e potente que foi quase dolorosa.

Tentei fechar as pernas, recuar, fazer *qualquer coisa* que me permitisse recuperar o fôlego antes de explodir de puro prazer, mas o aperto de ferro de Xavier me forçou a permanecer no lugar. Ele foi impiedoso em seu ataque, sua boca, língua e dentes identificando cada ponto sensível com uma precisão devastadora.

Eu não tinha certeza se estava gritando, soluçando ou totalmente em silêncio. Eu não tinha certeza se minha equipe estava parada na porta agora, observando-o foder meus miolos com a língua enquanto eu perdia toda a aparência de controle.

Na verdade, não tinha certeza de nada, exceto do fato de que nunca, jamais, queria que isso acabasse. Não com ele, e não conosco.

A tempestade dentro de mim finalmente irrompeu e desta vez ouvi *meu* grito antes de uma mão cobrir minha boca, abafando meu grito. Meu orgasmo foi tão intenso que me desintegrei imediatamente, pedaços de mim caindo, flutuando, *queimando* até que a fumaça se dissipou e uma sombra nebulosa dos meus sentidos retornou.

A mão sobre minha boca caiu, substituída por um beijo punitivo. Provei a minha excitação, e os meus mamilos apertaram-se novamente como se eu não tivesse gozado com tanta força que não conseguia respirar corretamente.

— Isso foi uma prévia. Da próxima vez que você duvidar do quanto eu quero você... — Xavier prendeu meu lábio inferior e mordeu. A dor foi direto para o vazio que pulsava entre minhas coxas. — Lembre-se disso.

Ele agarrou meus quadris novamente, puxando-me para fora da mesa e curvando-me para que eu ficasse nua para ele. Minha saia ainda estava enrolada em volta dos quadris e minha calcinha estava em farrapos no chão.

Ouvi a gaveta da minha mesa abrir, seguida pelo barulho de um zíper e pelo característico rasgo da fita adesiva.

Minha boca secou. — O que... — Um pedaço de fita adesiva selou meus lábios, interrompendo-me.

— Caso você grite de novo. Você não quer que as pessoas ouçam, lembra? — A resposta de veludo escuro de Xavier prometia todo tipo de intenção perversa. — E preciso das minhas mãos para outra coisa.

Luxúria e medo surgiram em mim em igual medida, um indistinguível do outro. Ele deixou minhas mãos livres, então eu poderia facilmente arrancar a fita, mas não o fiz.

Fiquei aqui deitada, com as pernas abertas, a boca colada, a umidade escorrendo pelas minhas coxas com a imagem obscena que devia ter feito.

Meu medo não vinha do que ele estava prestes a fazer comigo; vinha do quanto eu queria. O quanto *gostava* da pequena perda de controle, porque significava que não precisava pensar; podia apenas sentir.

— Segure-se na mesa. — O aviso de Xavier estremeceu em meu pescoço.

Eu mal tive tempo de obedecer antes que ele batesse em mim, minhas costas curvando-se instintivamente com a força de seu impulso. Tentei gritar, mas a fita adesiva me impediu de fazer qualquer coisa, exceto gemidos incoerentes enquanto ele me fodia até perder os sentidos, uma mão me segurando, a outra mergulhando sob minha blusa para brincar com meus seios.

Agarrei-me à beira da mesa, reduzida a um nervo gigante e exposto. O suor cobriu minha pele e meu clitóris pulsou no ritmo de suas estocadas, cada pulso tão poderoso que enviou nuvens escuras pela minha visão.

Cada vez que meu prazer parecia estagnar, outro beliscão, outro aperto, outro impulso o elevavam ao ponto de ser insuportável. Meu cérebro não conseguia mais processar as sensações avassaladoras que atormentavam meu corpo, e parecia ter saído de mim mesma por um segundo, vendo a cena suja que apresentávamos ao mundo.

Meu cabelo tinha caído do coque. Pedacos dele grudaram na minha pele corada, e baba vazou por baixo da fita adesiva enquanto Xavier entrava e saía de mim, seus gemidos afundando em mim tão profundamente quanto qualquer outra coisa.

Eu amei os sons de seu prazer. Adorei a maneira como me sentia nesse momento, indefesa e arrebatada, mas muito segura.

Meu corpo inteiro ficou tenso. Alfinetadas de luz pontilharam as nuvens negras, e tremi incontrolavelmente quando cheguei ao clímax, resistindo e empurrando contra seu pênis. Minha boceta teve espasmos repetidas vezes, enviando raios de prazer através do meu cérebro estupefato. Ouvi Xavier dar um último grunhido gutural antes de gozar também, mas as ondas continuaram vindo, rolando pelo meu corpo como um oceano incessante de prazer elétrico e entorpecente.

Eu não sabia quanto tempo ficamos aqui, eu esparramada sobre a mesa, ele ainda enterrado dentro de mim, mas quando finalmente nos movemos, eram quase duas horas.

— Bem a tempo para sua reunião — brincou Xavier. Eu estava uma bagunça, mas além do cabelo despenteado e das bochechas coradas, ele parecia ter acabado de sair de uma revista. Desgraçado. — Tenho um timing impecável.



Ele me limpou e arrumou minhas roupas com mãos gentis antes de tirar a fita da minha boca.

— Hilário. — Minha voz não parecia a minha; estava muito rouca de... Um rubor percorreu minha pele e o sorriso satisfeito de Xavier se alargou. — Terei que adiar minha reunião. Não posso discutir estratégia de mídia parecendo que...

— Foi fodida recente e completamente?

Meu rubor se aprofundou com o sotaque esfumaçado de Xavier. — Eu não colocaria dessa forma — eu disse com toda a dignidade que pude reunir, considerando que minha calcinha estava em farrapos.

O que eu tinha feito – o que *nós* tínhamos feito – era tão estranho para mim que não conseguia entender direito.

Eu não era o tipo de pessoa que misturava negócios e prazer, o que... bem, tudo bem, aquele cavalo havia saído do portão semanas atrás. Mas eu estava sempre hiperconsciente do que estava ao meu redor e nunca me envolvi em atividades comprometedoras no escritório.

Xavier foi a única pessoa que conseguiu me fazer esquecer minhas regras e *gostar* delas. Foi perturbador.

Deus, esperava que ninguém tivesse nos ouvido. Todos deveriam estar almoçando, mas você nunca sabia quando uma assistente empreendedora escolhia ficar e colocar o trabalho em dia (e pegar sua chefe fazendo sexo no processo).

— Você pode colocar da maneira que quiser, Luna, mas é a verdade. — Os lábios de Xavier tocaram os meus. — Para que conste, você fica linda quando acaba de ser fodida.

— Quão encantador. — Eu deveria pegar o telefone e remarcar minha reunião das duas horas, mas queria ficar em seus braços mais um pouco. — Eles deveriam criar um tutorial de maquiagem para isso.

— Tenho certeza de que já existe um. — Ele recuou, examinando-me. — Como você está se sentindo?

— Bem. Um pouco dolorida, mas... bem. — Não consegui encontrar um termo melhor para descrever a leveza que sentia. *Bem* não era adequado, mas ao contrário de outras palavras, dizer isso não me assustava.

— Bom — repetiu Xavier.

Suas palmas se apoiaram na mesa de cada lado de mim, e sorrimos um para o outro, o silêncio suave de contentamento enquanto saboreávamos nossos últimos momentos antes da realidade se intrometer, e outra palavra surgiu em minha mente.

*Feliz.*

Simples, básico, mas não menos verdadeiro.





## CAPÍTULO 28

*Sloane*

Por algum milagre, ninguém disse uma palavra quando Xavier e eu saímos do meu escritório depois da nossa, uh, sessão de ontem. As pessoas ainda estavam chegando do almoço, e os funcionários que *estavam* lá pareciam ocupados demais com fotos da princesa Camilla para prestar atenção em nós.

Agracia ao Senhor pelos pequenos favores.

Eu remarquei minha reunião e esqueci o plano Vuk de Xavier até nos encontrarmos para jantar na noite seguinte. Ele não havia mencionado isso além de seu texto inicial sobre o assunto.

— Duas perguntas — eu disse enquanto caminhávamos pelo centro da cidade. — Primeiro, qual é o plano para Vuk? E dois, onde vamos jantar? Estou morrendo de fome.

— Ah, agora você está com fome — brincou Xavier, passando o braço em volta dos meus ombros. O peso quente fez com que um enxame de borboletas mergulhasse e girasse em meu estômago. — Mesmo assim, você me expulsou quando tentei levá-la para almoçar.

— Porque me lembro do que aconteceu *ontem* durante o almoço. Não fiz nenhum trabalho. — Tentei um olhar arrogante,

mas acabei corando com o olhar malicioso que ele lançou em minha direção.

Fazia muito mais isso ultimamente, corar. Era o suficiente para deixar uma odiadora corada como eu louca.

— Estou ciente. — A fala arrastada de Xavier derreteu-se de desejo. — Você fica bem curvada sobre sua mesa, Luna. Especialmente quando sua boceta está pingando da minha...

— *Xavier*. — A descarga escalou para um incêndio de cinco alarmes.

Olhei ao nosso redor, convencida de que todas as outras pessoas na calçada poderiam ouvir suas palavras sujas. Eu não era uma puritana, mas também não queria que todas as Janes e Joes aleatórios soubessem sobre minha vida sexual.

Ele riu. — Tudo bem. Vou guardar a conversa suja para o hotel.

*O hotel?* — Para onde exatamente estamos indo? — perguntei, minha voz cheia de suspeita.

— Você vai ver. Faça-me outra pergunta.

— Eu odeio sua evasão.

— Você adora, porque adora surpresas.

— Sou do signo de virgem. Eu odeio surpresas. Exceto pelo encontro de domingo com Pen, mas isso não conta.

— Faça-me outra pergunta, Luna — disse Xavier, ignorando meu argumento astrológico perfeitamente útil. Eu era uma firme defensora da ciência pura, mas a astrologia era divertida demais para ser abandonada.



— Tudo bem — resmunguei. Fiquei *intrigada* com o que ele havia planejado, mas nunca admitiria. Eu não precisava que ele me lançasse surpresas a torto e a direito. — Aquela que você pulou. Qual foi o plano Vuk que você criou?

— O plano Vuk. Certo. — Viramos à esquerda em uma rua tranquila. — Quais são as forças motrizes de todo empresário de sucesso? Por que eles fazem o que fazem?

Fácil. — Dinheiro, poder e fama.

— Há mais um.

Um sulco cavado entre minhas sobrancelhas. — Ego? Não, isso se enquadra nos outros três. Vingança? Ambição? Despeito?

Xavier me olhou de soslaio. — Paixão.

— Oh. — Eu enruguei meu nariz. — Não é tão bom quanto o despeito.

Foi isso que me levou a transformar a Kensington PR no que é hoje. Sim, eu era apaixonada pelo que fazia e, sim, precisava da renda, mas durante os momentos mais sombrios e as noites sem dormir, o rancor era o fogo que mantinha a escuridão sob controle.

Eu queria provar que poderia prosperar sem o dinheiro ou o apoio da minha família, e consegui. Eles queriam que eu falhasse e pedissem ajuda; preferia amarrar o último tijolo do meu negócio aos pés e pular no Hudson antes de dar-lhes essa satisfação.

Mas era só eu. Talvez outras pessoas fossem diferentes. — Talvez não — disse Xavier secamente. — Mas tenho feito algumas pesquisas sobre Vuk e ele tem uma história interessante. Você sabe como a Markovic Holdings começou?

Eu balancei minha cabeça.

— Vuk trabalhou para uma pequena destilaria em sua cidade natal no ensino médio. Ele adorava o lugar, mas odiava a forma como era administrado, então se apressou e economizou até ter dinheiro suficiente para comprá-lo depois da faculdade. Ele estudou engenharia química e, depois de assumir a destilaria, revolucionou o processo de fabricação da vodca para criar...

— Markovic Vodka — terminei, citando a marca de vodca mais popular do mundo.

— Exatamente. Obviamente, ele percorreu um longo caminho desde então, mas a questão é que este não era um homem que entrou no ramo por dinheiro ou fama. Ele viu algo que amava, pensou que poderia fazer melhor e *fez* melhor. Demorou anos e muito trabalho, mas ele conseguiu. Isso é paixão. — Xavier balançou a cabeça. — Esse foi meu erro. Apelei *apenas* para o seu lado comercial e esqueci o coração. — Eu sorri. Vuk não era o único apaixonado; nunca tinha ouvido Xavier tão entusiasmado com alguma coisa até o clube.

— Apelar para o outro lado dele é uma boa ideia — eu disse. — Quando será seu próximo encontro com ele?

— Amanhã. O problema é que não tenho uma estrutura para meu discurso. Eu não cresci exatamente sonhando em ser dono de uma boate.

— Não, mas lembro-me claramente de uma pilha de esboços de bares descartados na Colômbia. Eles são um começo.

— Eles também estão no lixo. Na Colômbia — destacou.

— Suponho que se você os tinha lá, teria alguns por aqui. — Arqueei uma sobrancelha. — Eu vi sua casa. Você ainda tem um troféu por ganhar o Maior Namoro na escola preparatória.

— Ei, esse troféu é feito de ouro maciço falso. Vale o seu peso em sentimentalismo. — Os dentes de Xavier brilharam brancos contra sua pele bronzeada. — Mas você pode estar certa sobre alguns esboços antigos espalhados por lá.

— É por isso que as pessoas me pagam muito dinheiro — brinquei.

Caminhamos por mais cinco minutos antes de pararmos em frente a um charmoso prédio de tijolos. Hera cobria as paredes e uma espiada pela porta de vidro revelou um saguão elegantemente decorado, cheio de plantas e tecidos ricos.

— É um novo hotel boutique de propriedade familiar — disse Xavier. — Foi inaugurado há apenas alguns meses, mas seu restaurante serve uma das melhores comidas tailandesas da cidade.

Meu estômago roncou com a menção de comida. — Vendido.

— Mais uma coisa antes de entrarmos. — Seu rosto ficou sério com um toque de nervosismo. — Reservei o hotel para passar a noite, caso você prefira ficar aqui. Comigo. Suas suítes são lindas e...

— Ok. — Meu coração bateu forte em outra resposta.

*Sim. Sim. Sim.*

A surpresa brilhou em seus olhos, seguida por um sorriso lento que enviou uma cascata de arrepios pela minha espinha.

— Tudo bem — ele repetiu.

Isso era tudo que precisávamos dizer.

— Boa noite, Sr. Castillo. — A recepcionista o reconheceu à primeira vista. — Em qual das nossas suítes você gostaria de ficar esta noite?

— Vamos pegar a Suíte Real e jantar à beira da piscina. Por favor, envie pijamas e produtos de higiene pessoal também. Não trouxemos nenhuma bagagem.

— Claro. Caso mude de ideia, qualquer uma de nossas outras suítes estará à sua disposição.

Fiz uma pausa, repassando suas palavras. — Espere. — Fixei Xavier com um olhar incrédulo. — Quando você disse que reservou o hotel, você reservou o hotel *inteiro*?

— Gosto de apoiar empresas familiares. — Suas covinhas brilhavam com malícia. — Eu também gosto de privacidade.

A empresária que havia em mim disse que ele não deveria gastar dinheiro assim quando o destino de sua herança estava no ar.

A romântica em mim disse para calar a boca e aproveitar a experiência. Pela primeira vez na minha vida, a romântica venceu.

A concierge nos deu um rápido passeio pelas comodidades do hotel antes de nos levar para fora, onde o jantar seria servido.

— Se quiserem pedir mais comida, roupas de banho ou qualquer outra comodidade, podem fazê-lo usando esses cartões — disse ela, entregando a cada um de nós um fino cartão dourado. Eles tinham vários botões brancos embutidos para diversos fins,



incluindo limpeza, jantar e serviços gerais. — Aproveitem sua noite.

— Obrigada — eu disse.

A porta se fechou atrás dela, eu me virei e... meu coração deu um pulo de espanto. *Uau.*

Eu fiquei em muitos hotéis de luxo na minha vida. A maioria era bastante genérica, como todos os hotéis de luxo, mas esse lugar era *lindo*.

A piscina em forma de lagoa azul-turquesa apresentava uma cachoeira em miniatura em uma extremidade e uma banheira de hidromassagem na outra. A folhagem exuberante e as paisagens rochosas personalizadas realçavam as vibrações tropicais, enquanto uma cabana almofadada à luz de velas infundia à cena um romantismo sonhador. No alto, uma cúpula de vidro protegia todo o espaço das intempéries, e a temperatura era perfeita e amena de vinte e três graus.

Não estávamos em Manhattan; estávamos no maldito Jardim do Éden.

Xavier entrelaçou os dedos nos meus e me puxou em direção à cabana. Quando nos aproximamos, notei que a mesa baixa de madeira estava coberta de comida.

Correção: estava coberta com uma *feita*. Palitos de coco ao lado de espetos de frango grelhado e marinado; o clássico macarrão tailandês estrelado ao lado de arroz frito com abacaxi servido em um abacaxi oco de verdade, e uma variedade de sopas e caril

perfumavam o ar com capim-limão, gengibre, cominho e uma dúzia de outras especiarias de dar água na boca.

Meu estômago roncou novamente de ansiedade.

— Não há como comermos tudo isso — falei, afundando em uma das almofadas gigantes que também serviam de assento.

— Provavelmente não — admitiu Xavier. — Eu não sabia quais pratos você mais gosta, então pedi de tudo um pouco. — Outra espiada em suas covinhas. — Mas nenhum com nozes.

Aquelas borboletas no meu estômago estavam ficando fora de controle; eu precisava de controle de pragas ou algo assim.

— Não creio que as nozes sejam normalmente presentes na culinária tailandesa — eu disse, tentando esconder o inchaço no peito.

— Nunca se sabe. Afinal, o que você tem contra as pobres nozes?

— Elas parecem cérebros. Isso me assusta... *pare de rir.*

— Eu não estou rindo — ele conseguiu dizer em meio a gargalhadas. — Simplesmente não esperava que esse fosse o motivo.

Tentei segurar minha indignação – meu motivo para odiar nozes era perfeitamente válido, muito obrigada –, mas a diversão de Xavier era muito contagiante, e um sorriso finalmente quebrou minha carranca.

Nosso relacionamento assumiu um ritmo fácil enquanto comíamos durante o banquete. Conversar com Xavier era como conversar com um dos meus melhores amigos. Eu não tinha que

procurar tópicos ou me preocupar se ele interpretaria algo que eu disse de maneira errada. Ele me entendia e, à medida que nossa conversa passava de comida, filmes e música para viagens, relaxei a ponto de esquecer tudo fora deste momento.

— Tailândia — disse Xavier quando perguntei sobre seus lugares favoritos que visitou até agora. — Fui depois da faculdade, eu me apaixonei e fiquei lá um verão inteiro. Estava muito quente, então passei a maior parte do tempo na praia. — Uma sugestão de melancolia brilhou em seu rosto. — Minha mãe também era fã. Quando eu era jovem, ela me contava sobre suas aventuras no exterior e como sempre voltava para a Tailândia. A cultura, a natureza, a comida... — Ele acenou com a cabeça para os pratos meio vazios à nossa frente. — Ela adorava tudo.

Fiquei quieta para não assustá-lo e fazê-lo se retirar. Xavier nunca falou sobre sua mãe e fiquei fascinada ao ver o relacionamento deles.

Eu sabia que eles eram próximos. Tinham que ser, considerando o quão devastado ele ficou com a morte dela, mas não conhecia os detalhes – as pequenas coisas que transformaram Patricia Castillo de um pedaço amorfo do passado em uma memória concreta.

— Talvez tenha sido por isso que fiquei tanto tempo — disse Xavier. — Isso me fez sentir mais próximo dela.

Meu peito apertou, refletindo o peso que ele carregava. Eu tive mais alguns anos com minha mãe do que ele com a dele, mas entendia o desejo de me conectar com alguém que não estava mais

lá. A presença dela, por mais breve que fosse, deixou um vazio que nunca poderia ser verdadeiramente preenchido.

— Minha mãe me escreveu uma carta quando nasci. — A boca de Xavier se torceu em um sorriso irônico quando meu olhar se voltou para ele em estado de choque. — Eu não sabia disso até o mês passado. Meu pai me contou sobre isso durante nossa... durante nossa última conversa. Ele disse que tinha esquecido, porque minha mãe colocou em um cofre. Não sei se acredito nele, mas acho que isso não importa agora. Ele está morto e eu tenho a carta.

Seu encolher de ombros pareceu forçado. Ele poderia fingir que não era grande coisa, mas era. Nós dois sabíamos disso.

— Você leu a carta? — perguntei suavemente.

Seu pomo de adão deslizou para cima e para baixo em sua garganta. — Sim.

Esperei, não querendo pressioná-lo sobre um assunto tão delicado. Fiquei curiosa com a carta, mas estava mais preocupada com Xavier. Lidar com a morte de seu pai e uma carta há muito perdida de sua mãe em tão pouco tempo devia ter cobrado um preço enorme, especialmente porque ele não tinha ninguém com quem conversar sobre isso. Eu era a coisa mais próxima que ele tinha de uma confidente naquela casa.

O aperto em meu peito aumentou.

— É engraçado — Xavier finalmente continuou. — Quando li aquela carta, pude *ouvir* a voz dela. Era como se ela estivesse ali, cuidando de mim. Ela disse que mal podia esperar para eu



descobrir meus lugares favoritos no mundo e que, se algum dia eu não soubesse para onde ir, deveria escolher um lugar perto da praia. Fui para a Tailândia muito antes de saber que a carta existia, mas, coincidentemente, a praia foi um dos motivos pelos quais escolhi ir para lá. Ficava longe do meu pai, rodeado de água, e me lembrava da minha mãe. — Um leve sorriso. — Foi uma vitória tripla. Eu só queria... — O sorriso desapareceu sob uma sombra de melancolia. — Eu gostaria de ter encontrado aquela carta antes. Eu poderia ter vivido minha vida de forma um pouco diferente. Feito coisas das quais teria mais orgulho.

— Você não é uma pessoa má, Xavier — eu disse, minha voz gentil. — Você não fez nada flagrante do qual deveria se envergonhar. E você pode não ter lido a carta dela até recentemente, mas acho que uma parte dela sempre esteve aí com você, orientando-o. Além disso... — Minha mente voltou para cinco anos atrás, quando me afastei da única família que conheci na época. — Nunca é tarde para mudanças. Se você não estiver satisfeito com a estrada que está percorrendo, poderá escolher uma nova a qualquer momento.

Xavier olhou para mim, seus olhos eram um furacão de emoções que não consegui decifrar.

— Eu gostaria que ela tivesse conhecido você — disse ele, tão quieto que senti mais do que ouvi suas palavras. — Ela teria amado você.

A tensão atrás das minhas costelas se transformou em uma dor intensa e generalizada. Ela se espalhou por toda parte – minha

garganta, meu nariz, atrás dos meus olhos e nas profundezas do meu coração.

Eu não chorava, mas foi o mais perto que cheguei de chorar em muito, muito tempo.

— Ela deixou isso com a carta. — Xavier enfiou a mão no bolso e pegou um antigo relógio de bolso de ouro. Ele o colocou sobre a mesa e passou o polegar pensativo sobre a maleta. — É uma herança de família. Não sou uma pessoa que gosta de vigiar, mas tenho usado isso por aí porque... não sei. Parecia certo.

— É lindo. — Peguei o relógio com cuidado e o abri, admirando os detalhes em safira e o acabamento requintado. Quem fez isso obviamente o fez com amor; cada elemento foi trabalhado à mão com perfeição, incluindo a gravura desbotada, mas legível: *O maior presente que temos é o tempo. Use-o com sabedoria.*

Estudei-o, tomando cuidado para não esfregar nas letras gastas pelo tempo. — A citação é um bom lembrete, não é? — Os cantos da boca de Xavier se ergueram sem humor. — Perdi anos sem fazer nada na minha vida. Eu estava tão ressentido com meu pai e com tanto medo de estragar tudo que nem tentei. Fazia sentido para mim na época, mas... — Sua voz falhou. Parou. Então a conversa tomou um rumo que eu não esperava. — Você sabe por que minha mãe morreu?

Fechei o relógio de bolso e coloquei-o de volta na mesa, com o coração disparado. — Foi um incêndio em uma casa. Ela não conseguiu sair a tempo.

— Não, assim foi *como* ela morreu, não o porquê. — O furacão em seus olhos transformou-se em algo mais sombrio, mais forte, além dos limites das categorias. — Ela morreu por minha causa.

Nada poderia ter me preparado para o impacto de suas palavras. O ar foi evacuado dos meus pulmões e um hematoma surgiu no local do impacto, inesperado e agonizante. — Xavier...

— Não faça isso — falou duramente. — Não tente dizer que não é minha culpa até ouvir a história toda.

Fiquei em silêncio, meus olhos ardendo com emoção não derramada. — Eu tinha dez anos. Meu pai estava viajando a negócios e minha mãe era voluntária em um evento. Ela adorava arte, então doava muito dinheiro e tempo para galerias locais. — Xavier engoliu em seco. — O aniversário do meu pai era no dia seguinte ao seu retorno programado. Ela queria surpreendê-lo com uma festa e me encarregou da decoração. Foi a primeira vez que estive no comando de algo tão importante. Eu queria deixar os dois orgulhosos, então fiz tudo. Balões. Piñatas. — Os nós dos dedos ficaram brancos. — Velas.

Uma âncora invisível arrastou meu coração pelo estômago. *Não*. — Fiz um teste para ver como tudo ficaria — disse Xavier. — Mas pensei ter ouvido um barulho em outra sala e me distraí. Eu acidentalmente derrubei uma das velas. — Seus olhos estavam sombrios. — Tentei apagar, mas tinha madeira e papelão por todo lado. O fogo se espalhou rápido demais e fiquei preso. Felizmente, naquela época não tínhamos muitos funcionários, apenas uma governanta. Ela estava lá fora verificando a correspondência e, quando viu as chamas, chamou o corpo de bombeiros. Mas minha

mãe chegou em casa naquele momento e, quando descobriu que eu estava lá dentro, não esperou pelos bombeiros. Ela entrou correndo e me puxou para fora. Quase chegamos à porta da frente antes que uma viga caísse e nos prendesse novamente. Não me lembro muito do que aconteceu depois disso. Desmaiei por inalar muita fumaça. Quando acordei, estava lá fora com os médicos. Eu sobrevivi. Ela não.

Eu não pensei; apenas estendi a mão e segurei a dele, desejando poder fazer alguma coisa, qualquer coisa, exceto ouvir impotente.

— Meu pai correu para casa quando ouviu a notícia. Não creio que ele realmente acreditasse que minha mãe, sua esposa, havia morrido até ver o corpo dela. E quando ele fez isso... eu nunca ouvi ninguém chorar daquele jeito. Às vezes, ainda consigo ouvir. Foi quase desumano. — Xavier passou os dedos pelo relógio de bolso, com uma expressão tensa. — Ele *amava* minha mãe mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Eles se conheceram na faculdade, o aspirante a empresário e a herdeira que se apaixonou por seu charme, sua ambição, sua lealdade. Ela foi a razão pela qual ele trabalhou tanto para construir o Grupo Castillo, e quando ela morreu, uma parte dele morreu com ela.

Xavier ergueu a cabeça novamente, o olhar nublado pela angústia de décadas. — Ele me culpou. Depois do funeral dela, ele me disse que gostaria que eu tivesse morrido no lugar dela. Ele estava bêbado na hora. Muito bêbado. Mas nunca esqueci essas palavras. A verdade sempre aparece quando nossas inibições diminuem.



Eu não conseguia respirar através dos nós no meu peito.

Eu tinha uma família de merda, mas não conseguia imaginar um pai dizendo isso ao filho. Xavier tinha *dez anos*. Ele era apenas uma criança.

— A questão é que eu não o culpei — disse ele. — Não no começo. A culpa *foi* minha. Se eu não tivesse sido estúpido o suficiente para acender aquela *maldita* vela, não teria havido incêndio e minha mãe ainda estaria viva. Mas quanto mais velho ficava, mais eu... — Xavier vacilou. — Não sei. Eu também ficava com raiva. A raiva era mais fácil de engolir do que a culpa, e meu pai estava lá, descontando sua raiva em mim. Fisicamente, mentalmente, emocionalmente. Ele ainda queria que eu assumisse a empresa, porque não tinha outra escolha. Eu era seu único herdeiro. Mas fora dessa obrigação, ele me odiava, e eu também o odiava. — Ele passou o dedo na tatuagem em seu bíceps. Apresentava o brasão da família do maior rival dos Castillos e incendiou as redes sociais quando ele a fez. — Um ano, voltei para casa com isso e saí com cicatrizes.

Meu estômago embrulhou com seu tom prático.

— Meu pai era o único que me restava — disse Xavier. — Isso deveria ter nos aproximado, mas nos separou. Cada vez que estávamos juntos, nós nos lembrávamos de quem estava faltando, e isso doía muito. Então, atacávamos de maneiras diferentes e, quando me formei na faculdade, já havia terminado. Eu não queria nada com ele ou com a empresa, exceto quando se tratava de dinheiro. Isso não reflete bem em mim, mas é a verdade.

Um silêncio pesado desceu, pontuado pelo suave borbulhar da água e pela música fraca vinda de dentro do hotel.

Xavier olhou para onde minha mão descansava sobre a dele, mil emoções passando por seu rosto antes de balançar a cabeça.

— Desculpe. — Ele soltou uma risada triste. — Este deveria ser um lindo jantar, e arrastei você para a conversa mais mórbida possível. — Ele tentou puxar a mão, mas eu o impedi com um aperto mais firme.

Ele esteve ao meu lado no hospital, na Espanha depois do e-mail do meu pai, e em uma dúzia de outras situações e maneiras que ele não sabia que eram tão importantes.

Era a minha vez de estar aqui para ele.

— Este é um lindo jantar. Bolinhos de coco são o caminho para o meu coração — falei, ganhando uma sombra de sorriso. — Mas antes de dizer o que estou prestes a dizer, quero que você saiba duas coisas. Primeiro, sou péssima em confortar as pessoas. Não tenho talento nem vontade de fazer isso, e as lágrimas me incomodam. Dois, odeio banalidades. Elas são falsas e estúpidas. Então quero que você ouça com atenção quando digo isto: não foi sua culpa. Você era criança e foi um acidente. — Apertei sua mão, desejando poder imprimir minha sinceridade em sua pele, porque quis dizer cada palavra. — *Não foi culpa sua.*

Os olhos de Xavier brilharam turbulentos. Playboy, herdeiro, hedonista, namorador – essas máscaras sumiram, deixando apenas o homem em seu lugar. Cru em sua vulnerabilidade, falho em muitos aspectos e marcado por rachaduras e hematomas sob uma fachada enganosamente polida.

Olhei para ele e nunca tinha visto ninguém mais bonito.

Sua mão envolveu a minha e apertou. Só uma vez. Apenas o suficiente para arrancar um pedaço do meu coração que eu nunca soube que existia. Então as rachaduras se fecharam, os hematomas desapareceram e ele se levantou, retirando a mão da minha para puxar a camisa pela cabeça.

Fiquei tão impressionada com a mudança repentina na atmosfera que não encontrei minha voz até que ele estava a meio caminho da piscina. — O que você está fazendo?

— Nadando nu. — Sua calça juntou-se à camisa no chão.

— Você não pode nadar nu aqui — eu sibilei, olhando ao redor.  
— Existem câmeras de segurança e alguém pode sair a qualquer segundo.

— Ninguém sairá a menos que os chamemos. Mesmo que o façam, não conseguirão ver nada se estivermos na piscina. — Xavier tirou a boxer, seu sorriso contendo partes iguais de desafio e diversão. — Vamos, Luna. Não me faça fazer isso sozinho.

Ele ficou na frente da piscina, toda a pele bronzeada e músculos esculpidos, tão nu e ousado quanto uma estátua grega ganhando vida. Luzes suaves derramaram-se sobre os contornos rígidos de seu corpo, traçando as saliências de seu abdômen e os tendões fortes e magros de suas pernas.

Uma onda quente passou por mim, juntamente com uma surpreendente pitada de inveja.

Qual seria a sensação de ser *tão* despreocupada e espontânea? Fazer algo que eu queria sem me preocupar com as consequências?

*Ah, que diabos.* Não era como se ele não tivesse visto a mercadoria antes.

Tomei uma decisão por impulso e segui antes de mudar de ideia. Os olhos de Xavier escureceram enquanto eu caminhava em direção a ele, tirando meu vestido, meia-calça e calcinha a cada passo.

Quando cheguei até ele, eu não estava usando nenhuma peça de roupa e me senti *bem*. Mais do que bem. Era libertador.

— Impressionante — ele sussurrou, e senti aquela palavra do topo da minha cabeça até a ponta dos pés.

Afundamos na piscina, nossos movimentos lânguidos enquanto saboreávamos as águas sedosas e aquecidas. Nós não conversamos; simplesmente flutuamos ali, livres do peso de nossas roupas e de segredos há muito escondidos, nossos dedos entrelaçados mais por hábito do que por pensamento.

Era impossível ver estrelas no céu da cidade, mas o silêncio, o calor e a fragrância das flores exóticas que enfeitavam o ar transformaram nosso pequeno bolsão de Nova York em um mundo mágico e secreto, pelo menos por esta noite.

Nossas vidas não eram perfeitas, mas aqui, juntos, estávamos em paz.





## CAPÍTULO 29

*Xavier*

Eu não tinha planejado contar a Sloane sobre meu passado. Eu nunca contei a *ninguém* o que aconteceu no incêndio, mas havia algo sobre a noite passada, a maneira como ela olhou para mim e a facilidade que senti perto dela que arrancou as palavras de mim antes de processar o que estava acontecendo.

Depois que elas saíram, era como se um peso gigante tivesse sido tirado dos meus ombros. Eu não tinha percebido o quanto o veneno do meu passado estava me consumindo por dentro até que o expurguei, e Sloane não apenas ouviu sem julgar, mas também me confortou depois.

Sloane Kensington não consolava as pessoas, mas ela me confortou. Se eu alguma vez pensei que poderia me afastar dela antes, ontem à noite confirmei que não poderia.

Graças a ela, também apareci no escritório de Vuk na manhã de sexta-feira armado com minha nova estratégia. Não trouxe apresentações de slides ou folhetos brilhantes; nem trouxe meus antigos esboços de bar. Eu simplesmente disse a ele a verdade. Meu relacionamento fraturado com meu pai, minha recusa em assumir o controle de sua empresa por medo e despeito, sua morte e a carta de minha mãe... tudo que compartilhei com Sloane,

reformulei em uma história que não era apenas sobre números; era sobre o coração por trás deles.

— Você está preocupado que o clube vá quebrar e queimar se meu comitê de herança não decidir a meu favor em maio — eu disse. — Eu também estaria se estivesse no seu lugar. Mas o problema é o seguinte: não estou mais fazendo isso pela minha herança. — As sobrancelhas de Vuk se ergueram. — Não estou mais fazendo isso *apenas* pela minha herança — emendei. — Durante toda a minha vida, confiei no que outras pessoas me deram. Vivi de algo que não construí e disse a mim mesmo que estava tudo bem porque não tive coragem de me desviar desse caminho. Mas este clube? Tudo que conquistei até agora? Isso é meu e estou muito orgulhoso disso.

Tive ajuda ao longo do caminho, porque ninguém construía um império sozinho. Mas a visão e a execução eram minhas, e eu não tinha estragado tudo até agora. As coisas estavam indo *bem*, e começar um novo negócio na cidade poderia dar certo, e isso me fez pensar que eu poderia fazer isso: pegar o nome Castillo e torná-lo meu.

— Eu adoraria ter você como parceiro — falei. Como esperado, Vuk não disse uma palavra durante meu discurso, mas seus olhos pareciam um pouco mais calorosos do que quando cheguei. Ou isso, ou eu estava delirando por falta de sono. — Mas se você disser não, o clube ainda abrirá. Se eu não tiver o Vault, encontrarei outro local. Não é o ideal, mas os negócios nem sempre são ideais. Trata-se de fazer as coisas, e farei isso com ou sem você. — Fiz uma pausa, deixando minhas palavras serem absorvidas. — No

entanto, prefiro fazer isso com você. Então. — Acenei com a cabeça para o contrato em sua mesa. — Qual é a sua resposta? Você vai correr o risco ou vai jogar pelo seguro?

Foi uma aposta provocar Vuk daquele jeito. Sem ele, meu caminho para abrir o clube seria muito mais difícil, mas eu *conseguiria*. Eu não tinha percebido isso até dizer em voz alta, mas não estava mentindo quando disse que poderia fazer isso sozinho. Eu teria que lutar muito e provavelmente não dormiria até maio, mas as pessoas superaram obstáculos piores para alcançar seus objetivos.

Se eles conseguiram, eu também conseguiria.

Vuk me estudou, seus olhos tão claros que eram quase incolores. Ele não se mexeu. Ele não sorriu. Ele não falou.

Mantive seu olhar, meu coração batendo forte em um ritmo sinistro.

Então, depois de um silêncio interminável e agonizante, e sem dizer uma única palavra, Vuk Markovic deslizou o contrato, pegou a caneta e assinou na linha pontilhada.



Eu fiz isso.

*Eu consegui, porra.*

Vuk era oficialmente meu parceiro de negócios e, com seu selo de aprovação, o resto das peças se encaixariam. Naquela noite,

Sloane e eu comemoramos com comida, vinho, uma comédia romântica tão ruim que era boa e muito sexo (obviamente).

Também tive o prazer pessoal de dar a notícia a Alex por telefone. Ele cumprimentou a atualização com tanta emoção quanto um bloco de granito, mas finalizou com algo que me fez sorrir.

— Entregue duas semanas antes — disse ele. — Afinal, você pode sobreviver à indústria.

Foi o mais próximo de um elogio que se poderia esperar de Alex Volkov.

Mas mais importante? O cofre do banco era meu.

Jules acelerou minhas autorizações e licenças e atualmente estava trabalhando com os advogados de Alex no arrendamento comercial. Meu relacionamento com Sloane estava se transformando em algo mais do que eu imaginava ser possível, e o financiamento da Davenport Capital estava em fase final de aprovação.

Abrir uma boate tão grande e tão rápido exigia muito capital, e com minha herança vinculada e Vuk não querendo investir *muito* dinheiro em um empreendimento não testado, eu estava contando com o dinheiro de Davenport para cobrir o déficit. Eu estava confiante de que tudo iria acontecer, especialmente com Vuk a bordo.

No geral, a vida estava boa. Muito boa.



Mas como disse uma vez alguém sábio, todas as coisas boas chegavam ao fim, e esse período específico de sorte parou repentinamente na segunda-feira seguinte.

**Luca:** *Você viu isso?*

Seu próximo texto incluía um link para uma postagem no blog de Perry Wilson.

Peguei meu café no lugar de sempre e coloquei uma nota de vinte dólares no pote de gorjetas antes de clicar no link. Perry estava sempre falando merda, e as pessoas sabiam que não deviam levar metade das coisas que ele dizia muito a sério.

Que horas eram? Fiz uma orgia com modelos no meio da Quinta Avenida? Briguei com alguém em um clube? A essa altura, era de conhecimento público que Sloane e eu estávamos nos vendo. Isso provocou alguns sussurros de desaprovação e controvérsia entre o público mais conservador, mas as pessoas não ficaram tão escandalizadas quanto ela e Perry esperavam inicialmente.

Primeiro, não havia provas concretas. Segundo, era Nova York – coisas mais obscenas aconteciam a cada dia. E terceiro, ela era muito boa em seu trabalho para que seus clientes a abandonassem por causa de um *escândalo* tão pequeno.

No entanto, meu desinteresse explodiu em choque quando vi a postagem no blog de Perry. Era sobre mim e Sloane, mas não era o que eu esperava.

*Os Kensingtons não estão tão distantes? O que está acontecendo com a família disfuncional mais famosa de Nova York?*

Quase não havia texto, mas havia fotos. *Dezenas* delas.

Sloane e eu entrando no centro de simulação no Queens. Nós dois saindo com Rhea e Pen. Eu dando um abraço de despedida em Pen. E assim por diante, nosso dia perfeito e secreto capturado em detalhes de alta definição para o mundo ver.

Rolei até o fim, o rugido da minha pulsação abafando as buzinas dos carros e os sons do trânsito na rua.

Se houvesse fotos nossas no hotel e ele tivesse publicado nudes de Sloane...

A raiva rondava sob uma onda de pânico, seguida por uma pontada de alívio quando a postagem terminou sem mencionar nossa noite no hotel. Eu não sabia quanto tempo o fotógrafo de Perry nos seguiu, mas obviamente não se estendeu até o resto daquela semana.

No entanto, meu alívio logo se transformou em uma culpa horrível e torturante.

Pen. Sloane. Rhea. Todas elas foram fodidas pela *minha* decisão. Eu estava tão confiante de que poderia marcar o encontro sem ser detectado, e fiz isso sem consultar Sloane, apesar de conhecer os riscos. Ela estava tão preocupada com sua irmã, e eu queria surpreendê-la com algo legal. Eu estava preocupado que ela me dissuadisse se contasse a ela e, caramba, ela estaria certa.

Porque eu poderia ter acabado com qualquer chance que ela tivesse de ver Pen novamente no futuro.

*Porra.* Dei uma volta abrupta para longe da minha casa e em direção ao escritório dela.

A família dela já devia ter visto a postagem do blog. Ninguém gostava de admitir, mas todos liam Perry Wilson, apenas para garantir que não eram seu alvo mais recente.

— Vamos, Luna, atenda — murmurei enquanto me esquivava de um motorista de táxi furioso e atravessava a rua enquanto o sinal ainda estava verde. A ligação foi para o correio de voz, assim como a próxima e a seguinte. Felizmente, eu estava a apenas alguns quarteirões do escritório dela e cheguei lá em tempo recorde. Irritei metade dos motoristas de Midtown ao longo do caminho, mas não dei a mínima. Eu precisava vê-la e ter certeza de que ela estava bem.

— Xavier! — Jillian ficou meio de pé, arregalando os olhos quando entrei como um louco. — O que voc-

— Ela está em uma reunião?

— Não, mas ela está participando de uma entrevista para uma revista com Asher Donovan. Observe em silêncio...

Eu já tinha me afastado antes que ela terminasse a frase.

Sloane estava sentada à sua mesa quando entrei em seu escritório. Ela estava elegante como sempre, com blusa e saia lápis, o cabelo preso em um coque perfeito, mas eu a conhecia bem o suficiente para perceber os pequenos sinais de tensão – a postura ereta, o cerrar sutil de sua mandíbula, a batida rítmica de sua caneta contra a mesa.

Ela ergueu os olhos do computador ao ouvir o som da porta abrindo e fechando. Ela devia ter lido a pergunta tácita no meu

rosto, porque clicou em algo em seu computador, e a resposta de Asher sobre sua rotina de exercícios desapareceu no silêncio.

— Eu vi — disse ela. Um tom de rosa coloriu suas maçãs do rosto e a ponta do nariz. — Recebi uma ligação de Rhea esta manhã. Eles a demitiram.

— Merda. — As rochas irregulares da culpa se multiplicaram, pesando em meu estômago e em meus pés enquanto eu atravessava a sala. — Sinto muito, Luna. Eu não deveria tê-las levado para o centro. Eu não estava pensando...

— Não se desculpe. Você teve boas intenções e fez tudo o que pôde para minimizar nossas chances de sermos pegas. — Sloane me deu um sorriso pálido. — Foi um dia perfeito, Xavier. Nunca vou me arrepender de ter visto Pen, e ela estava mais feliz do que eu a vi em muito tempo. Isso foi por sua causa. Não é culpa sua que George e Caroline prefiram priorizar a mesquinhez deles em detrimento do bem-estar da filha. — Seu aperto em torno da caneta aumentou com a menção de seu pai e sua madrasta. — Isso é culpa deles. Não sua.

Sua garantia aliviou apenas um pouco de culpa. O resto continuou a apodrecer como um ninho de víboras, suas espirais serpentinas deslizando pelas minhas entranhas e apertando mais forte cada *e se e não deveria...*

*Mais um caso em que eu estraguei tudo.*

Mas poderia me autoflagelar mais tarde. Eu estava aqui para verificar Sloane, não para me afundar na autopiedade.

— Como está Pen? — perguntei. — Você sabe?



Sloane balançou a cabeça. — Eles expulsaram Rhea antes que ela acordasse. Ela nem conseguiu se despedir. Rhea cuidou dela desde que ela nasceu, e não consigo imaginar... — Sua voz falhou. — De qualquer forma, com a demissão de Rhea, não tenho informações sobre o que está acontecendo. Pelo que sei, eles já podem tê-la enviado para um primo distante na Europa. Eu não duvidaria deles.

Ela mantinha uma aparência corajosa, mas eu via além das respostas prosaicas as fissuras subjacentes. Ela estava quebrando, e me matou saber que eu era a causa disso, por mais indireta que fosse.

Ela podia não me culpar, mas isso não me impedia de me culpar.

No entanto, algo que ela disse despertou uma ideia. *Com a demissão de Rhea, não tenho informações sobre o que está acontecendo.* Sloane não tinha informações, mas eu conhecia alguém que poderia obtê-las. Pelo preço certo, eles poderiam conseguir qualquer coisa.

Eu mantive o plano para mim por enquanto. Não queria aumentar suas esperanças sem primeiro confirmar com meu contato.

Eu comecei essa bagunça. Cabia a mim consertar isso.

— Nós vamos descobrir isso. Prometo. — Eu consegui dar um sorriso torto. — Entre nós, podemos descobrir qualquer coisa. Somos gênios.

Sloane soltou um meio soluço, meio riso.

Seus olhos estavam secos, mas quando abri os braços, ela contornou a mesa e enterrou o rosto em meu peito sem protestar. Seus ombros tremeram e beijei o topo de sua cabeça, desejando ter o poder de aliviar sua dor, mesmo que isso significasse eu mesmo suportá-la.

Nós não falamos. Ela não derramou nenhuma lágrima. Mas eu a segurei mesmo assim.



## *Sloane*

Algumas pessoas chafurdavam depois de um desastre. Outros tinha acessos de raiva.

Eu? Eu planejava.

Tive uma semana para engolir meu choque, raiva, horror e as milhares de outras emoções que explodiram após a postagem de Perry. Eu poderia pensar na demissão injusta de Rhea ou entrar em pânico por ter sido totalmente afastada de Pen, mas isso não faria bem a ninguém. Em vez disso, fiz o que fazia de melhor: descobri como resolver uma crise.

Tudo começou com a derrubada de Perry.

Eu já havia plantado as sementes da minha vingança; era hora de colhê-las.

Bati minha caneta no joelho e olhei para meu laptop. Era quarta-feira antes do Dia de Ação de Graças e eu estava trabalhando em casa novamente. Eu já havia preenchido cinco páginas de anotações sobre a Operação PW (Operação Perry Wilson).

O poder de Perry derivava de duas coisas: informação e a plataforma para disseminar essa informação. Ao longo dos anos, a pequena doninha cultivou uma rede de espões de Nova York a Los Angeles que lhe davam informações interessantes sobre os ricos, famosos e malcomportados. Algumas delas eram verdadeiras; muitos foram embelezadas.

Era impossível cortar totalmente suas fontes, porque *qualquer um* poderia ser um vazador. Empregadas de hotel, jardineiros, motoristas, pessoas aleatórias na rua... não havia limites para quem poderia enviar uma denúncia anônima.

Como não conseguiria eliminar suas fontes, tinha que eliminar o motivo pelo qual as pessoas *queriam* enviar dicas especificamente para ele. Ele não pagava, mas quem quisesse expor uma celebridade, vingar-se de alguém que achava que o havia ofendido ou simplesmente ter a satisfação de ver sua gorjeta usada, eles recorriam ao maior peixe do lago. As pessoas *sabiam* que Perry tinha meios para levar suas dicas a um grande público, o que me levou ao segundo pilar de seu poder: suas plataformas, especificamente seu blog e suas redes sociais.

Eles eram concretos. Tangíveis. O que significava que eles poderiam ser derrubados.

Eu não poderia fazer isso sozinha. Eu precisava de um exército e, felizmente, sabia exatamente onde encontrá-lo.

Uma nova mensagem apareceu no meu servidor criptografado. Meu coração disparou enquanto eu lia e relia.

*Confirmado.*

Pela primeira vez desde que vi o post de Perry no blog, sorri.

Eu sabia que Xavier se culpava pelo que aconteceu, mas não foi culpa dele. Eu não fiquei ressentida por ele ter organizado um dos melhores dias que tive nos últimos tempos, mas a postagem no blog *acendeu* meu fogo quando se tratava da porra do Perry Wilson.

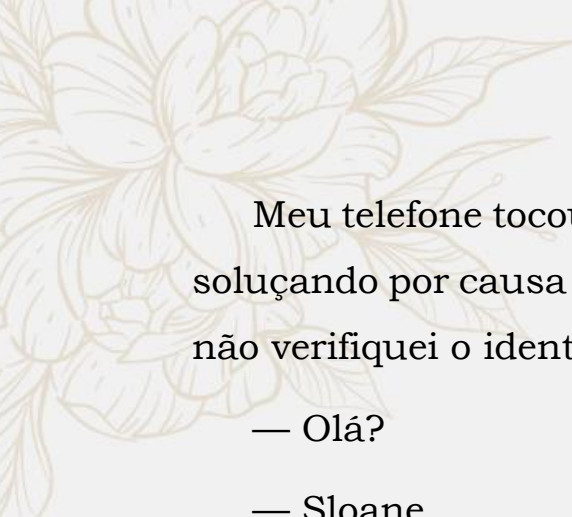
Ao meu lado, The Fish nadava tranquilamente em seu aquário. A maioria das pessoas preferia animais de estimação fofinhos como cães e gatos, mas eu gostava de ter um peixe. Nossos papéis eram claros e nossos mundos nunca se cruzavam. Ele ficava em sua casa; eu na minha.

Ainda assim, era bom ter um ser animado com quem conversar quando eu estava em casa, mesmo quando ele não podia responder.

— Ele está frito — eu disse ao indiferente peixinho dourado. — Não descansarei até que a carreira daquele homem se reduza a escrever textos de comida de gato para *Fast and Furriness*.

The Fish me encarou por um segundo antes de nadar para longe, indiferente às minhas maquinações.





Meu telefone tocou e estava tão distraída com as visões de Perry soluçando por causa de uma tigela de comida de gato molhada que não verifiquei o identificador de chamadas antes de atender.

— Olá?

— Sloane.

A voz familiar fez gelo escorrer pela minha espinha. Imagens das mechas ruins de Perry e da gravata borboleta rosa desapareceram, substituídas por cabelos castanhos desgrehados e olhos azuis.

Eu me endireitei, minha mão fechando no telefone com força suficiente para provocar um pequeno estalo.

— Não desligue — disse Bentley. — Eu sei que sou a última pessoa que você quer ouvir agora, mas precisamos conversar.





## CAPÍTULO 30

### *Sloane*

Eu deveria ter mandado Bentley se foder, mas minha curiosidade venceu a raiva.

Naquele domingo, quatro dias depois de sua ligação, saí de um táxi e entrei em um bar indefinido em uma área remota da cidade. Era meio-dia e meia e o bar estava vazio graças à madrugada e ao fim de semana de feriado.

Xavier e eu passamos um Dia de Ação de Graças tranquilo, mas aconchegante, na casa dele. Eu estava nervosa por comemorar o feriado juntos – eu não tinha passado nenhum feriado com nenhum homem desde Bentley –, mas, felizmente, Xavier não deu muita importância a isso. Comemos, bebemos, assistimos a filmes e fizemos sexo. Em uma ocasião, ele me convenceu a jogar strip poker, o que terminou com nós dois nus no chão em cerca de dois minutos e meio (e não teve nada a ver com as cartas). No geral, foi exatamente o que eu precisava.

O único obstáculo foi meu encontro com Bentley. Eu não contei a Xavier sobre isso, porque não havia nada para contar até que eu descobrisse o que meu ex queria.

Então aqui estava eu, em um domingo gelado, no meio de um bar que parecia não ter sido limpo desde que Reagan assumiu o

cargo, só para encontrar o homem que me traiu e partiu meu coração.

*Eu sou uma idiota.*

Bentley já estava me esperando em uma mesa de canto, sua camisa polo azul e rosto barbeado contrastavam surpreendentemente com a decoração grunge.

Ele se levantou quando me viu. — Obrigado por ter vindo. Eu agradeço.

— Vá direto ao ponto. — Sentei-me em frente ao dele e mantive meu casaco. Eu não estava planejando ficar muito tempo. — Estou ocupada.

A testa de Bentley franziu-se quando ele se sentou novamente. Filho de um grande financista, ele possuía a aparência formal e totalmente americana de um modelo da Ralph Lauren e a arrogância de alguém que foi rico, popular e bonito durante toda a vida. Ele não estava acostumado a ser tratado como um inconveniente, o que era uma pena, porque ele era isso.

— É a Georgia. — Para seu crédito, Bentley se recuperou do meu insulto com uma rapidez notável. — Ela está tendo... dificuldades com a gravidez.

De tudo que eu esperava que ele dissesse, isso não era um deles.

Levantei uma sobrancelha, confusão misturada com uma pitada de preocupação. Eu desprezava Georgia tanto quanto alguém poderia desprezar a irmã, mas não era um monstro.

Eu estava, no entanto, confusa sobre por que o marido dela estava me contando, em vez de literalmente qualquer outra pessoa em sua órbita.

— Ela foi ao médico? — perguntei.

Bentley piscou e depois riu. — Não, não são preocupações *médicas* — disse ele. — Ela e o bebê estão bem. Ela tem sido tão temperamental. Você cresceu com ela. Você sabe como ela pode ser. Ela está constantemente gritando comigo por causa das coisas mais estúpidas, como no outro dia, quando não comprei um chocolate quente para ela às três da manhã e ela jogou um vaso Lalique na minha cabeça. Um vaso *Lalique*. Você sabe o quanto isso é caro?

Qualquer simpatia que eu tivesse desapareceu, substituída por uma vontade de bater a cabeça de Bentley contra a parede até que um pinga de bom senso chacoalhasse em sua cabeça dura.

— Deixe-me ver se entendi — eu disse. — Você me chamou aqui em um fim de semana de feriado para *reclamar por ela ter gritado com você?*

— Eu poderia ter morrido por causa daquele vaso — disse ele na defensiva. — Ela está fora de controle.

— Ela está grávida, Bentley, o que significa que ela está desenvolvendo um *ser humano inteiro* dentro dela. É compreensível que os hormônios dela fiquem um pouco fora de controle. — *Especialmente quando o marido dela é um idiota.*

Eu não conseguia acreditar que estava defendendo Georgia, mas Bentley tinha a cabeça tão enfiada na própria bunda que



poderia fazer um tratamento de canal – de preferência *sem* novocaína.

— Sim, bem, eu não esperava que o processo de gravidez fosse tão confuso, — disse Bentley, como se estivesse falando sobre um animal de estimação malcomportado em vez de sua esposa e seu filho ainda não nascido. — Mas isso não é tudo. Desde que vimos você no hospital, ela ficou mais paranoica. Ela me acusou de verificar você e disse que eu ainda sentia algo por você. Ela disse que era minha segunda escolha e que estou sempre comparando ela a você. A questão é... — Ele se inclinou para frente, com o rosto sério. — Ela não está errada.

Silêncio absoluto.

Fiquei boquiaberta para ele, certa de ter ouvido errado. Não havia como ele ser ousado e *estúpido* o suficiente para dizer isso na minha cara.

Nosso garçom se aproximou antes que eu pudesse responder. Bentley pediu uma cerveja e, após uma pequena pausa, pedi uma taça de vinho tinto.

Depois que o servidor saiu, Bentley continuou. — Eu não queria que as coisas entre nós explodissem do jeito que explodiram. Você tem que entender, você estava trabalhando o tempo todo. Quando você *estava* em casa, tudo o que você falava era sobre a Kensington PR. Mal fazíamos sexo. Eu senti como se estivesse morando com uma colega de quarto em vez de minha noiva. Eu precisava de mais uma conexão humana, sabe? Georgia estava lá e foi muito compreensiva com minhas preocupações e...

bem, ela me lembrava você. Exceto que ela era um pouco mais calorosa na época. — Ele soltou outra risada.

Um músculo sob meu olho teve um espasmo quando nossas bebidas chegaram. Nosso garçom me lançou um olhar de simpatia – as pessoas que trabalhavam em bares tinham um radar de babacas bem ajustado – saindo sem dizer uma palavra.

Deixei-o cavar mais fundo sua própria cova.

— Achei que ela era o que eu queria — disse Bentley. — Mas as coisas não são mais como costumavam ser. Depois que nos casamos, ela se tornou muito exigente. Ela está sempre reclamando disso ou daquilo, e não fazemos sexo tanto quanto antes. Além disso, ela está obcecada em rastrear cada movimento seu. Você sabia que ela configurou um alerta de notícias para o seu nome? Não é saudável. Quando vimos você no hospital e ela descobriu que você estava namorando Xavier Castillo, ela perdeu o controle.

— Entendo. — Não toquei no meu vinho.

A revelação do alerta de notícias foi uma surpresa, mas era exatamente o tipo de coisa que Georgia faria. Ela acreditava muito no monitoramento de sua *concorrência*.

— Estou com saudade de você, Sloane. — Bentley me lançou um olhar triste. — Você sempre foi tão calma e racional sobre as coisas. Você nunca jogaria um vaso na minha cabeça. Não gostava disso na época e deveria ter gostado.

— Interessante — falei friamente. — Porque me lembro claramente de você me chamando de *rainha do gelo* e me dizendo que namorar comigo era como namorar um bloco de gelo.

Ele empalideceu. — Eu disse isso no calor do momento. Fiquei chateado porque você parecia se importar mais com seu trabalho do que com nosso noivado, então...

— Você fodeu minha irmã no sofá da nossa sala e tentou me fazer pensar que a culpa era minha? Então você *se casou* com ela um ano depois de me pedir em casamento e não me disse uma única palavra durante anos, até que você me encontrou e magicamente percebeu que ainda estava a fim de mim?

Não se tratava de mim ou do relacionamento dele com Georgia. Talvez houvesse problemas no paraíso, mas no final das contas, Bentley era movido por seu ego. Ele tinha visto Xavier, que era um homem melhor do que ele em todos os aspectos que contavam, e tinha visto a reação de Georgia a ele.

Ele se sentiu ameaçado, então estava tentando recuperar o poder 1) seduzindo-me para longe de Xavier, 2) provando que *poderia* me ter de volta, apesar do que tinha feito, e 3) secretamente culpando Georgia por qualquer desrespeito que ela tivesse cometido contra ele.

Ele era mais transparente que uma teia mal costurada.

— Não foi assim — disse Bentley, com as bochechas vermelhas. — Você *não tem ideia* da pressão que eu estava sofrendo naquele momento. Eu tinha muita coisa em jogo na minha transferência para Nova York, na qual insisti para poder estar mais perto de *você*. Aí cheguei aqui e você nem estava prestando atenção em

mim. Eu estava inseguro, admito, mas desde então venho pagando pelo meu erro. — Ele me deu os mesmos olhos de cachorrinho que meu eu mais jovem nunca resistiu. — Fomos tão bem juntos uma vez. Você se lembra de Londres? Nós dois caminhando pelo Tâmisa, comendo nos melhores restaurantes todas as noites, hospedados em um hotel pelo fim de semana inteiro... era perfeito.

Passei a mão pela haste da minha taça de vinho, observando silenciosamente o homem que partiu meu coração e destruiu meu relacionamento com minha família. Meu pai e Georgia não eram inocentes, mas Bentley foi o gatilho.

Era uma vez, pensei que ele era o amor da minha vida. Fiquei tão encantada com sua beleza, suas palavras enganosamente doces e a magia de me apaixonar no exterior, como nas comédias românticas que assistia com tanta frequência. Sua proposta deveria marcar o início do nosso felizes para sempre.

Mas felizes para sempre nem sempre terminavam tão felizes, e agora, depois que a idade e a experiência tiraram o tom rosa dos meus óculos, eu o via com clareza cristalina.

Seu cabelo era perfeito demais, suas roupas muito passadas, seu sorriso muito falso. Suas palavras pingavam de direito em vez de um tom provocador, e o que eu confundi com charme era simplesmente manipulação envolta em roupas brilhantes.

Ele era tão chato, tão repugnantemente falso, que eu não conseguia acreditar que tinha me apaixonado por ele.

Acima de tudo, eu não conseguia acreditar que deixei esse idiota me afastar dos relacionamentos por tanto tempo. Ele não



merecia o poder que eu dei a ele sobre mim, e estava cansada de deixá-lo arruinar minha vida.

— Eu me lembro de Londres. — Sorri. Ele sorriu de volta, claramente interpretando isso como um sinal de que eu estava entusiasmada com seus avanços. — O que exatamente você está tentando dizer?

— Estou dizendo que podemos ter isso de novo. — Ele fez uma pausa e olhou ao redor. — Não posso deixar a Georgia enquanto ela estiver grávida, mas sei que não daremos certo a longo prazo. No entanto, você e eu ainda podemos reacender as coisas enquanto isso. Sei que você sente minha falta tanto quanto sinto sua falta.

— Estou namorando alguém, Bentley.

— Quem, Xavier? — Ele bufou. — Vamos, Sloanie. Nós dois sabemos que aquele perdedor não é bom o suficiente para você.

— Entendo — repeti. Minha expressão não vacilou com meu apelido tão odiado: *Sloanie*. Era tão condescendente. — Estou... lisonjeada e, obviamente, só há uma resposta.

— Obviamente — disse ele com presunção suficiente para abastecer uma casa de fraternidade inteira.

— Fique com sua proposta e vá se foder com ela.

Bentley piscou. Minhas palavras foram registradas e seu sorriso desapareceu sob uma mancha vermelha. — Você-

— Deixe-me esclarecer algumas coisas. — Falei por cima dele. — Primeiro, eu preferiria dormir com um ogro infectado pela lepra antes de *deixar* você me tocar novamente. Você é um porco misógino e nojento cujo cérebro é inversamente proporcional ao

tamanho do seu ego gigante, e você tem sorte de eu ser muito jovem quando nos conhecemos para saber o contrário. Dois, Georgia tem *muitos* defeitos, mas ela e todas as outras mulheres que tiveram o azar de cruzar seu caminho merecem coisa melhor do que você. Espero que da próxima vez que ela jogue um vaso em você, ela não erre. Terceiro, Xavier é dez vezes o homem que você poderia esperar ser. Ele é mais inteligente, mais gentil e melhor na cama. — Inclinei a cabeça. — Notícias, Bentley, você não é o deus do sexo que pensa que é. Sua técnica é uma merda, e você não conseguiria encontrar um clitóris se a mulher desenhasse um mapa para você e o marcasse com um X gigante. — Uma explosão de risadas pontuou o final do meu discurso. Um grupo de mulheres de vinte e poucos anos havia assumido o estande vizinho e nos ouviam com muita atenção.

*Domingo de história, de fato.* Eu esperava que uma delas reconhecesse Bentley e contasse a todos que conhecia sobre suas deficiências. Era um tiro no escuro, mas era o que ele merecia.

Eu me levantei, meu sorriso se alargando com suas falas indignadas. — Tudo isso para dizer que recuso desrespeitosamente sua oferta de ser sua amante. Não entre em contato comigo novamente, ou eu lhe darei uma ordem de restrição e garantirei que todas as pessoas em seu local de trabalho e círculo social saibam que você não pode aceitar um *não* como resposta.

— Sua vadia de merda...

Eu pedi o copo maior do vinho tinto mais escuro e não esperei que ele terminasse seu insulto banal antes de jogar todo o

conteúdo em seu rosto e sair. Assim que saí, parei a gravação no meu telefone e salvei em meus arquivos.

Eu ainda não tinha decidido se deveria enviá-lo para a Georgia. Ela merecia saber o que o marido estava fazendo e dizendo pelas costas, mas nosso relacionamento era complicado, então me agarrei a isso por enquanto.

Bentley não me seguiu, embora eu não esperasse que o fizesse.

Meus lábios se curvaram em um sorriso com a lembrança de sua boca aberta enquanto vinho pingava de seu cabelo e queixo.

Eu escrevi muitas resenhas de filmes criticando o movimento cafona e poderoso de jogar uma bebida na cara de um cara, mas quando chamei um táxi para ir para casa, concluí que estava errada.

O movimento podia ser clichê, mas foi muito satisfatório. Às vezes, as comédias românticas acertavam.



## CAPÍTULO 31

*Xavier*

Sloane e eu passamos um tranquilo Dia de Ação de Graças juntos antes de ser chamado para tratar de assuntos do clube. Era um fim de semana de feriado, mas isso não impediu que e-mails chegassem à minha caixa de entrada sobre construção, iluminação, estoque e um milhão de coisas que eu precisava cuidar antes da inauguração.

Ela dormiu na minha casa na quinta e na sexta, mas nos separamos no sábado para cuidar dos nossos respectivos trabalhos. Ela agiu um pouco estranha quando nos despedimos, mas tive a sensação de que passar um feriado tão grande juntos a tinha assustado, então não me intrometi. Eu não queria afastá-la pressionando demais, especialmente devido aos acontecimentos da semana.

Eu ainda estava arrasado por causa de Rhea e Pen, mas pelo menos confirmei com meu contato que conseguiria a informação que precisava. Ele teria o primeiro lote pronto em breve para que eu pudesse (esperava) acalmar a mente de Sloane.

Além de Sloane, a única pessoa que vi no fim de semana foi Luca. Ele parecia ter superado a espiral Leaf e voltou a trabalhar no escritório corporativo de sua família na cidade. Ou isso, ou



Dante colocou nele o temor de Deus o suficiente para colocá-lo em forma.

Eu ainda não sabia por que meu pai colocara Dante no comitê de herança, e minhas tentativas de perguntar ao homem em questão haviam sido rejeitadas até então.

Talvez Dante ainda estivesse chateado com a vez em que convenci Luca a dar uma festa na cobertura em Las Vegas, que terminou com a polícia nos empurrando para a prisão durante a noite. Nesse caso, isso não era um bom presságio para um voto favorável durante a minha primeira avaliação, mas eu me preocuparia com isso mais tarde.

Eu tinha assuntos mais urgentes em mãos.

— Nosso sistema Void é perfeito para este espaço — disse meu mais novo empreiteiro. — Ele só chegará ao mercado no final do próximo ano, mas estou feliz em oferecer acesso antecipado.

— Pela bondade do seu coração, presumo.

Killian Katrakis me deu um sorriso enigmático. *Nome número sete.*

Meio irlandês e meio grego, Killian era o CEO da Katrakis Group Corporation, um conglomerado internacional de eletrônica, tecnologia e telecomunicações. Eles vendiam de tudo, desde celulares e computadores até TVs e sistemas de som comerciais, sendo este último o motivo de sua visita hoje.

Normalmente, esse tipo de reunião era reservada aos executivos de contas, e não ao CEO de toda a empresa. No entanto, Kai me deu uma linha direta com o escritório de Killian, e Killian

ficou surpreendentemente intrigado quando mencionei onde o clube estava localizado. Ele insistiu em ver o espaço e combiná-lo com um de seus sistemas.

— Sou um homem de negócios, Xavier — disse ele. — Eu não faço nada pela bondade do meu coração. — Ele acenou com a cabeça ao nosso redor. — A inauguração deste evento será manchete em todo o mundo, porque está associada ao seu nome. Todos os donos de clubes perceberão e tentarão competir.

— Isso inclui comprar o mesmo sistema de som que usamos na noite de estreia. — Levantei uma sobrancelha. — Você tem muita fé na minha capacidade de conseguir isso.

O raciocínio que ele apresentou para me conceder acesso antecipado ao Void foi simples, mas não acreditei na preocupação de Killian com a publicidade do mais recente sistema de som de sua empresa. Toda a vertical de produtos representava uma fração da receita do Grupo Katrakis em comparação com telefones e laptops, mas talvez tivesse sido um projeto apaixonante ou motivo de orgulho.

Os bilionários eram excêntricos e, se os rumores fossem verdadeiros, o notório solteirão era excêntrico em muitos aspectos.

— Tenho fé porque reconheço em você a mesma qualidade que vi em todo empresário de sucesso — disse Killian. — Fome. Você não quer que isso funcione; você *precisa* que isso funcione, porque o clube é um reflexo de você. Se falhar, você falha e faria qualquer coisa para não falhar.

O desconforto rastejou pela minha nuca.

Killian me prendeu a uma camiseta e nos conhecemos há menos de uma hora. Eu era realmente tão transparente ou ele era realmente tão bom?

Terminamos nosso passeio pelo Vault. Precisava de obras, mas os ossos estavam lá: pisos de pedra, sancas originais, caixas que podiam ser transformadas em expositores de garrafas. Depois de limpá-lo e instalar meus elementos de design, seria um espaço incrível.

— Quem é o responsável pelo design? — Killian perguntou, experiente o suficiente para conduzir a conversa para águas mais seguras depois de sua psicanálise misteriosa.

— Farrah Lin-Ryan da F&J Creative. — *Nome número oito.* Ela era a principal designer de interiores da cidade para espaços gastronômicos e de hospitalidade.

— Boa escolha — disse Killian com um estrondo de aprovação. — Trabalhamos juntos em vários projetos.

Eu sabia que Farrah era boa, mas foi reconfortante ouvir isso de outra pessoa.

Depois de mais algumas perguntas sobre o design e um acordo, Killian prometeu enviar um contrato e saiu para outra reunião.

Eu fiquei, absorvendo tudo.

Era a segunda vez que entrava no Vault depois que Alex entregou as chaves, e eu ainda estava pensando no fato de que era *meu*. Meu lugar para moldar, planejar e projetar como achasse melhor (com alguma contribuição profissional). Era minha

responsabilidade, o que era ao mesmo tempo emocionante e aterrorizante.

Um toque familiar reverberou pelo espaço vazio.

Olhei para baixo, minha emoção se transformando em preocupação quando vi quem estava ligando. Eu teria um almoço com Sloane em breve, mas estava ansioso demais para deixar a ligação cair no correio de voz.

— Está tudo bem? — perguntei sem preâmbulo depois de atender. Eduardo não me ligava no meio do dia, a menos que algo estivesse errado. Então, novamente, não era como se eu tivesse mais pais para perder.

Um sorriso breve e sem humor surgiu diante do meu humor negro. Os mecanismos de enfrentamento eram mecanismos de enfrentamento, por mais mórbidos que fossem.

— Queria ver como você está e como está a boate — disse Eduardo. — Ouvi coisas boas de Sloane, embora ela possa ser um pouco tendenciosa, considerando os, ah, acontecimentos recentes.

Assim, as notícias do nosso relacionamento chegaram a Bogotá. Eu não fiquei surpreso. Apostava que o comitê de herança estava me observando como um falcão.

— Só começamos a namorar depois que tive a ideia — eu disse. — Se você está preocupado com a possibilidade de isso comprometer o julgamento de Sloane, não se preocupe. Ela não é esse tipo de pessoa. Ela será honesta, independentemente do nosso status de relacionamento.



Mesmo que ela fosse do tipo que pegaria leve comigo porque estávamos namorando – o que ela não era – eu não gostaria que ela fizesse isso. Eu teria sucesso por meu próprio mérito ou não teria sucesso.

— Eu sei disso, *meu caro*, mas nem todo mundo sabe. Há rumores crescentes sobre seu conflito de interesses. Ela é sua assessora de imprensa e uma de suas avaliadoras em maio, mas vocês dois estão... envolvidos — Eduardo disse delicadamente. — Não parece bom.

— Eu não me importo com aparência. — Teimosia tomou conta do meu queixo. — Somos adultos consentidos. O que fazemos no nosso tempo livre é da nossa conta, e o testamento do meu pai não dizia nada sobre conflitos de interesse, nem me proibia de namorar um membro do comitê. Se alguém tiver algum problema com nosso namoro, pode levar isso ao executor de seu testamento. Sloane é uma juíza entre cinco, Eduardo. Ela não tomará nem anulará a decisão.

— A menos que haja um empate, mas entendo o que você quer dizer. — Uma longa pausa precedeu suas próximas palavras. — Nunca ouvi você tão entusiasmado por uma mulher.

— Ela não é qualquer mulher. Ela é... — *Tudo*.

Eu quase disse isso. A palavra veio tão facilmente que teria escorregado da minha língua se suas implicações potenciais não tivessem me atingido ao mesmo tempo, como uma bala de ponta oca.

Sloane não poderia ser meu *tudo*.

Sim, eu me importava profundamente com ela e não, não conseguia parar de pensar nela. Ela colocava fogo em meu sangue sempre que estava por perto e quando ela se machucava, eu me machucava. Ela era a única pessoa com quem me sentia confortável o suficiente para compartilhar os segredos que havia compartilhado, e se um gênio saísse de uma garrafa nesse exato momento e me pedisse para mudar alguma coisa nela, eu não mudaria nada.

Mas tudo isso não era o mesmo que ela ser tudo, porque se ela fosse tudo, então isso significava que ela... isso significava que eu...

— Ah. — A voz de Eduardo suavizou-se. — Eu vejo.

Eu não sabia o que ele ouviu no meu silêncio, mas não estava pronto para enfrentar isso. Ainda não.

— Como está indo a busca por um CEO para você? — perguntei, mudando abruptamente de assunto. Eu precisava de algo para tirar minha mente da espiral Sloane, e a aparentemente eterna busca de CEO do Grupo Castillo era uma distração tão boa quanto qualquer outra.

— Está bem. O conselho provavelmente não tomará uma decisão final até o Ano Novo. Há uma forte controvérsia sobre qual dos candidatos é mais adequado para a função.

— Eles deveriam escolher você. — Eu quis dizer isso como uma piada, porque Eduardo nunca quis ser CEO, mas quanto mais eu pensava nisso, mais fazia sentido. Ele foi incluído na lista como cortesia, mas por que *não* o escolheriam? Eu tinha visto os outros

nomes; ele poderia correr em círculos ao redor deles. Além disso, ele não era um idiota como noventa por cento da lista.

Sua risada chocada ultrapassou a linha. — Xavier, você sabe que isso sempre foi para ser um acordo temporário. Minha esposa me mataria se eu assumisse isso permanentemente.

— Ela pode estar mais aberta a isso do que você pensa. — A esposa de Eduardo era inflexível quando se tratava de família, mas também era advogada. Ela sabia como conciliar trabalho e vida pessoal, e apostava que Eduardo também. — Você se preocupa com a empresa, tem conhecimento institucional e é bom no trabalho. Você ajudou meu pai a transformá-la no que é hoje. Que candidato externo poderia *vencer* isso?

O silêncio reinou por vários instantes. — Não sei. É uma grande decisão. Mesmo que eu queira, não posso garantir que o conselho aceitará.

— Basta pensar sobre isso. Aposto que o conselho não está pressionando porque acha que você *não* quer.

— Talvez. — Ele suspirou, o som cheio de tristeza e frustração. — Alberto teve que ir embora e nos deixar com essa bagunça, não foi?

— Ele sempre gostou de foder as pessoas. — Encostei-me a um pilar e olhei para a parede de velhos cofres à minha frente. A visão me transportou de volta à Colômbia – o quarto do meu pai, a carta da minha mãe, o cheiro de livros velhos e couro durante a leitura do testamento. — Sabe o que eu não entendo? Como e por que meu pai não conseguiu detectar a brecha em seu testamento. Ele

não estipulou a empresa da qual eu deveria ser CEO, Eduardo. Isso soa como Alberto Castillo para você?

— Não. Pelo menos não o Alberto Castillo que conheci antes do diagnóstico. Mas a morte iminente muda as pessoas, *meu caro*. Isso nos força a confrontar nossa mortalidade e reavaliar o que é importante.

Eu bufei. Eduardo sempre gostou de adoçar as coisas quando se tratava do meu pai. — O que você está dizendo? Que ele mudou repentinamente de ideia enquanto estava deitado em seu leito de morte?

— Estou dizendo que nos últimos dias de doença ele teve muito tempo para pensar. Sobre o passado, sobre o legado dele e, acima de tudo, sobre o relacionamento dele com você. — Outra pausa, mais pesada, em que pude *ouvir* Eduardo revirando as palavras na cabeça. — Ele encontrou a carta de sua mãe no início do ano, quando estava arrumando seus negócios. Alberto queria contar a você pessoalmente, mas... — Ele hesitou. — É por isso que insisti tanto para que você o visitasse. Eu não sabia quanto tempo ele ainda tinha, e algumas coisas devem ser compartilhadas cara a cara.

Fios de frio passaram por mim e apertaram meu peito. — Não coloque esse fardo sobre mim, Eduardo — eu disse asperamente. — Você sabe por que eu não queria voltar para casa.

— Sim. Não estou culpando você, Xavier — disse Eduardo, com voz gentil. — Quero apenas compartilhar o outro lado da história. Mas pelo que vale, seu pai não leu a carta. Isso foi apenas para os seus olhos. Ele conhecia Patricia o suficiente para saber que era



isso que ela desejaria. Mas ver aquela carta da sua mãe... acho que isso o forçou a pensar no que ela teria dito se visse vocês dois após a morte dela. Como ela teria odiado a maneira como seu relacionamento acabou e como teria partido o coração dela vê-lo culpando você pelo que aconteceu. Ela amava você e seu pai mais do que qualquer outra coisa no mundo. Sua briga a teria devastado.

O soco no estômago causado por suas palavras quebrou a parede de concreto que eu construí em volta do meu peito, fazendo minhas costelas doerem e minha garganta fechar. — Ele contou tudo isso ou você colocou as palavras na boca dele?

— Metade e metade. Seu pai e eu éramos amigos desde crianças e confiávamos um no outro o suficiente para que ele nem sempre precisasse expressar seus pensamentos em voz alta para que eu os entendesse.

Os cofres ficaram embaçados por um instante antes que eu piscasse para dissipar a névoa. — Ok. Vamos fingir que tudo o que você disse é verdade. O que isso tem a ver com o testamento?

— Não posso dizer com certeza. Ele só me disse que estava mudando seu testamento depois do fato — admitiu Eduardo. — Eu não sabia da nova cláusula de herança, nem sabia que faria parte da comissão de avaliação. Mas você está certo. Alberto Castillo não era um homem que teria ignorado uma lacuna tão flagrante, o que significa que a colocou ali de propósito. Eu suspeito... — Desta vez, sua hesitação trazia um toque de cautela. — Era a maneira dele de simultaneamente estender um ramo de oliveira e aproximar você do seu potencial. Ele poderia facilmente

ter cortado sua herança, a menos que você seguisse os termos que ele ditou, ou ele poderia ter excluído você do testamento por completo. Mas ele não o fez.

Um ramo de oliveira do meu pai. A ideia era tão absurda que tive vontade de rir, mas Eduardo não se enganou. Meu pai *poderia* ter me cortado. Teria sido seu último grande *foda-se* antes de falecer.

Achei que ele tinha mudado meus termos de herança para poder me manipular para fazer o que queria, mesmo depois de sua morte. Isso definitivamente fazia parte, mas... talvez houvesse mais nessa história.

*Ou talvez eu seja ingênuo e delirante.*

— Ele não parecia ter mudado de ideia durante nossa última conversa — eu disse.

*Cresça, Xavier. É hora de você ser útil pelo menos uma vez.*

Meu telefone escorregou antes de eu apertá-lo.

— Não estou dizendo que ele era um santo. Ele tinha orgulho e também suspeito que pensou que você rejeitaria qualquer proposta que ele fizesse. A última coisa que um moribundo quer é outra briga com o filho — destacou Eduardo. — Você não precisa considerar tudo o que eu disse como verdade. Essas são minhas conjecturas, não a dura verdade. Mas permita-se a possibilidade de que isso *seja* verdade e deixe que esse seja o seu encerramento. Seu pai se foi, Xavier, mas você ainda está aqui. Você pode guardar seu rancor para sempre e deixá-lo consumir você, ou pode colocar o passado onde ele pertence e seguir em frente.

As palavras de Eduardo ecoaram muito depois de eu desligar.

Meu primeiro instinto foi rejeitar sua interpretação dos acontecimentos. Eu o amava mais como um pai do que o meu próprio, mas ele era muito tendencioso quando se tratava de seu amigo mais antigo e parceiro de negócios.

No entanto, o que ele disse tinha um sentido estranho e distorcido, e isso me assustou *pra caralho*. Agarrei-me ao meu ressentimento em relação ao meu pai como um bote salva-vidas durante as tempestades do nosso relacionamento. Sem ele, eu poderia me afogar em um mar de arrependimentos e dúvidas.

Ondas de incerteza me seguiram para fora do Vault e até a rua, onde se dissiparam sob um ataque violento de barulho e atividade. Eu sabia que eles iriam se unir novamente quando eu estivesse sozinho, mas por enquanto, felizmente os empurrei para o lado enquanto caminhava para o meu almoço com Sloane.

As pessoas podiam dizer o que quisessem sobre a cidade, mas ela proporcionava distrações como nenhuma outra.

Sloane já estava me esperando no restaurante quando cheguei. Era sua vez de escolher, e ela escolheu um pequeno restaurante familiar situado no coração de Koreatown. Cheirava incrível.

— Desculpe, estou atrasado. — Dei-lhe um beijo suave de olá antes de me sentar em frente ao dela. — Eduardo ligou e nossa conversa foi longa.

— Tudo bem. Cheguei aqui não faz muito tempo. — Seus olhos se aguçaram com conhecimento. — Ele ligou sobre sua herança?

— Meio que. — Dei a ela um breve resumo de nossa conversa.

Quando terminei, o rosto dela suavizou-se de simpatia. — Como você está se sentindo sobre o que ele disse?

— Não sei. — Soltei um longo suspiro. Havia uma coisa que minha mãe tinha esquecido de me dizer em sua carta: como a vida se tornava complicada quando crescíamos. Cada ano na Terra acrescentava outra camada de reviravoltas e drama.

A vida era fácil quando só havia preto e branco. Era quando a linha entre eles ficava confusa que as coisas se tornavam mais obscuras.

— Estou em conflito — eu disse. — O caminho mais fácil é continuar odiando meu pai, mas tenho que... não posso pensar nisso agora. Há muita coisa acontecendo. Falando nisso, tenho algo para você. — Deslizei um envelope pardo sobre a mesa. Christian Harper recebeu-o em mãos por mensageiro esta manhã, e eu o carreguei o dia todo. — Espero não ter exagerado.

Felizmente, Sloane não me criticou pelo meu óbvio desvio de assunto. Ela abriu o envelope e examinou os documentos, arregalando os olhos a cada palavra.

Quando ela terminou, seu olhar se voltou para o meu. — Xavier — ela respirou. — Como você...?

— Conheço alguém especializado em recuperação de informações. — Bati no envelope. — Pen ainda está na cidade, ela não teve nenhum problema grave de saúde e está com uma nova babá. Esperançosamente, isso significa que George e Caroline não estão planejando enviá-la para o exterior.



Não era muito, mas esperava que fosse o suficiente para acalmar a mente de Sloane. Às vezes, a incerteza era pior do que a dor de qualquer conhecimento.

— Esperançosamente. — Os olhos de Sloane brilharam de emoção. — Obrigada. Isso foi... você não... de qualquer maneira. — Ela limpou a garganta e deslizou os papéis que documentavam o paradeiro e o bem-estar de Pen de volta para o envelope. Rosa decorou suas bochechas e pescoço. — Você não precisava fazer isso, mas agradeço. Verdadeiramente.

— Você não precisa me agradecer. Fiquei feliz em fazer isso.

Nossos olhares permaneceram, o barulho do restaurante desaparecendo sob o peso das palavras não ditas.

A luz do sol entrava pelas janelas, lançando sombras sob suas maçãs do rosto e destacando os finos fios loiros emoldurando seu rosto. As piscinas azuis glaciais que protegiam seus olhos racharam, revelando uma lasca de vulnerabilidade que agarrou meu coração e apertou.

Ela era tão linda que quase doía olhar para ela. Eu me perguntei se ela sabia disso.

Perguntei-me se ela sabia o quanto ocupava meus pensamentos e como eu contava os minutos para vê-la novamente quando estávamos separados.

Perguntei-me se eu tinha mudado a vida dela do jeito que ela fez com a minha, a ponto de as peças não caberem mais se ela não estivesse lá, porque ela não era um pit stop; ela era o destino.

A bala anterior cavou mais fundo.

Abri a boca, mas Sloane piscou e desviou o olhar antes que eu dissesse algo de que me arrependesse, não porque eu não quisesse dizer isso, mas porque teria sido demais, muito rápido para ela.

Decepção e alívio giraram em igual medida. — Falando em ligações, recebi uma de Rhea ontem à noite — disse ela, efetivamente quebrando o momento. Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, o rosa em suas bochechas escurecendo para um rosa escuro. — Ela disse que um cheque apareceu misteriosamente em sua caixa de correio ontem. O remetente manteve sua identidade anônima, mas o dinheiro é suficiente para cobrir pelo menos um ano de alimentação e despesas de subsistência.

— Sêrio? — Mantive uma expressão neutra. — Isso é muita sorte. Acho que coisas boas acontecem com pessoas boas.

— Acho que sim. — Sloane fez uma pausa e depois disse incisivamente: — Mencionei o discurso de Rhea no Dia de Ação de Graças, não foi? Quando eu disse que lhe enviaria dinheiro para ajudá-la enquanto ela procurava um novo emprego?

— Você fez? — Peguei o cardápio e procurei por algo para comer. Deveríamos fazer o pedido logo; eu estava faminto. — Não me lembro.

— Hum. — A boca de Sloane se contraiu. — Tenho certeza que não.

Um pequeno sorriso surgiu em resposta ao seu tom de conhecimento, mas nenhum de nós seguiu essa linha de conversa. Em vez disso, mudamos para algo ainda mais satisfatório: vingança.

— Ainda vamos para a festa de Dante e Viv neste fim de semana? — ela perguntou.

Ela me contou seu plano para a Operação PW, e a festa era crucial para sua execução. Também me daria a oportunidade de conversar com Dante e, com sorte, obter algumas respostas. Mais importante ainda, eu passaria mais tempo com Sloane e suas amigas – não que eu estivesse querendo a aprovação das amigas dela ou algo assim. Mas tê-las ao meu lado não faria mal, não é?

Sorri. — Eu não perderia isso por nada no mundo.





## CAPÍTULO 32

### *Sloane*

A operação Perry Wilson entrou em vigor naquele sábado, no baile de gala anual de férias de Dante e Vivian.

Antes de Josephine nascer, eles o faziam em sua casa, mas como não queriam incomodar a recém-nascida, alugaram o salão de baile do Valhalla Club para uma *reunião íntima* com trezentos dos mais ricos e poderosos de Manhattan.

Um desses trezentos era Kai Young.

— Eu conheço esse olhar — disse ele quando me aproximei dele no bar. Eu trouxe Xavier como meu acompanhante, mas nos separamos para cuidar primeiro de nossos respectivos negócios — eu com Kai, ele com Dante. — Quem você está planejando destruir?

Ao lado dele, Isabella me deu um sorriso e um sinal de positivo quando ele não estava olhando. Ela se ofereceu para abordar o assunto com Kai, mas eu recusei. Esta era a minha luta, e ela já tinha ido além.

— Acho que você sabe — eu disse. — Ele é um espinho mútuo em nossos lados.



— Deixe-me adivinhar. — Kai olhou para sua noiva, que rapidamente desviou o olhar e fingiu estudar sua bebida. — Iniciais PW?

— Sim.

— Ele é um blogueiro de má reputação. Eu sei que você está chateada com as postagens recentes que ele publicou — o tom de Kai indicava que Isabella havia falado com ele sobre isso em mais de uma ocasião —, mas como CEO de uma empresa de mídia, não posso me envolver nas questões pessoais dos meus amigos.

— Isso não é pessoal — eu disse. — Ele pode ser um blogueiro de má reputação, mas você tem lutado com ele por tráfego e cliques na web há *anos*. Além disso, você despreza o homem. Ele é tudo o que há de errado com o jornalismo.

— O que ele faz não é jornalismo — disse Kai imediatamente. Arqueei uma sobrancelha e, depois de um breve momento, ele balançou a cabeça com um sorriso irônico. — Ponto entendido.

Para alguém como Kai, que operava de acordo com as regras e um senso de honra inato, os métodos desprezíveis de Perry eram semelhantes a espalhar merda por todo o negócio que os Young passaram décadas construindo. Uma maçã podre pode arruinar todo o grupo.

— E se eu lhe dissesse que existe uma maneira de vencê-lo e garantir que ele não será um problema no futuro?

— Eu diria que se algo parece bom demais para ser verdade, é.  
— Kai terminou sua bebida e a colocou na mesa. — Mas estou ouvindo.

Eu contei a ele meu plano. Ele ouviu sem interrupção, mas quando terminei, ele balançou a cabeça.

— Ele não vai concordar com isso — disse ele.

— Ele não terá escolha.

— Emenda: por que *eu* concordaria com isso? Quero estar menos associado a ele, não mais.

— Porque *não* será ele. Será propriedade dele, mas o próprio homem terá desaparecido. — Minha voz se tornou persuasiva. — Pense em como seria uma ótima história: Kai Young transforma um blog de fofocas popular, mas controverso, em um farol brilhante de respeito na indústria suja de notícias sobre celebridades. Ninguém mais tentaria *limpar* a reputação do blog. Se você conseguir, será uma lenda.

Kai me estudou daquele jeito quieto e pensativo dele. O rosto de Isabella apareceu por cima do ombro dele novamente; desta vez, ela me deu um duplo sinal de positivo.

*Acertou em cheio*, ela murmurou.

— Isa, amor, pare de falar com Sloane pelas minhas costas — disse ele sem se virar.

Seu rosto caiu. — Como você *sempre* sabe? Eu juro que você não é humano — ela resmungou. — Mas tudo bem, vou ficar com Ále até você terminar. É melhor que ela e Dom não fiquem na biblioteca de novo...

Ela o beijou na bochecha e se afastou. O olhar de Kai a seguiu afetuosamente por um segundo antes de retornar para mim.

— Entre este e o clube de Xavier, você sabe como vender um campo — disse ele.

— Esse é o meu trabalho. — Inclinei minha cabeça. — A propósito, obrigada por ajudá-lo. Sua lista foi extremamente útil.

— Eu simplesmente dei a ele meus contatos. Cabia a ele fechar os negócios, o que ele fez. Garantir Vuk Markovic como parceiro de negócios não é pouca coisa. — Um sorriso surgiu na boca de Kai. — Eu deveria saber que não deveria subestimá-lo depois da Espanha.

Meus sentidos ficaram em alerta máximo. — O que você quer dizer?

— A postagem no blog sobre você na Espanha — disse ele. — Ele entrou em contato depois que foi postado e perguntou se eu poderia limitar seu alcance. Eu não o conhecia bem, mas ele foi bastante insistente. Obviamente, não poderia garantir nada, já que a Young Corporation não é proprietária do blog de Perry, mas eu poderia impedir que nossos meios de comunicação publicassem postagens individuais.

O que ele não disse foi que sua empresa era proprietária de quase todos os principais sites de notícias e meios de comunicação. Ao suprimir a coleta, ele efetivamente matou o post. As pessoas poderiam compartilhá-lo nas redes sociais, claro, mas a história não foi interessante o suficiente para isso. Sem oxigênio, as brasas tiveram uma morte tranquila.

Xavier não disse nada sobre isso. Presumi que as pessoas não estavam interessadas na vida pessoal dos publicitários, mesmo que Xavier estivesse envolvido. Talvez isso fosse verdade, ou talvez

tivesse se tornado uma não-história por causa do que ele tinha feito *antes* mesmo de começarmos a namorar.

As emoções cresceram em meu peito e lutei para colocá-las em alguma aparência de ordem.

— Quanto à sua proposta, é intrigante, mas ainda não posso me comprometer com ela — disse Kai, alheio ao caos que sua declaração casual havia incitado. — Terei que discutir isso com minha equipe.

Isso era o que eu esperava, e era melhor do que um não definitivo. Eu estava confiante de que sua equipe veria as coisas do meu jeito depois de pesar os prós e os contras, porque os prós superavam *em muito* os contras.

Depois que Kai saiu para encontrar Isabella, pedi uma dose dupla de uísque e deixei queimar a tontura que acompanhava qualquer pensamento sobre Xavier.

Agora não era hora de corar e desmaiar por causa dele. Eu tinha um plano de vingança para terminar de encenar.

Armada com uma nova determinação e um estômago cheio de bebida forte, fui até a mesa de presentes onde Tilly Denman e suas amigas estavam rindo de alguma coisa. Apostava meu armário de cores combinadas que Tilly já havia roubado um dos presentes, mas eu não estava aqui para policiar suas tendências cleptomaniacas.

Em nosso mundo, Tilly e companhia espalhavam fofocas mais rápido do que um incêndio no mato seco, e eu contava com elas



para fazer exatamente isso quando virei as costas para elas e fingi atender uma ligação.

— Oi, Soraya... o que há de errado? — Fiz uma pausa para um efeito dramático. — Acalme-se. Diga-me o que está errado.

As risadas atrás de mim imediatamente se reduziram ao silêncio.

Soraya (um nome apenas) era uma das maiores influenciadoras do planeta. Famosa por seus vlogs tagarelas, roupas sensuais e beleza marcante, ela tinha mais de 150 milhões de seguidores em suas plataformas, e eles eram *fanáticos*. Tipo, uma vez alguém pagou dois mil dólares por um guardanapo que ela usou no Met Gala.

Qualquer coisa que ela fizesse era notícia, e qualquer escândalo em que ela estivesse envolvida era uma *grande* notícia.

— Não, escute-me. Você não pode ir para a casa dele. Ele é *casado*. — Baixei a voz o suficiente para fazer os bisbilhoteiros pensarem que eu estava discutindo assuntos confidenciais, mas não o suficiente para que não pudessem me ouvir. — Se as pessoas descobrirem que você e Bryce... — Afastei-me, reprimindo um sorriso diante do gancho que pendurei na frente de Tilly e companhia.

Bryce era outro influenciador com uma base de fãs fanáticos. Ele havia se casado recentemente em um casamento espalhafatoso, cada segundo documentado em seu canal no YouTube, mas havia rumores sobre ele e Soraya há anos.

Meus amigos alimentaram esses rumores através de vários canais que levavam até Perry, e foi apenas uma questão de minutos até que a *confirmação* do suposto caso de Bryce com Soraya chegasse aos ouvidos do blogueiro.

Uma pessoa racional perguntaria por que um publicitário experiente discutiria assuntos delicados de clientes no meio da maior festa da temporada, mas Tilly e suas amigas não se importavam com a lógica. Elas simplesmente queriam drama e fofoca.

Eu fiz minha parte. Agora eu só tinha que sentar e assistir Perry morder a isca.

Como meu trabalho noturno havia terminado, dei uma volta rápida pela sala para dizer oi aos clientes e jogadores importantes antes de me encontrar com Vivian. Xavier e eu concordamos em nos reunir novamente no bar quando terminássemos nossas tarefas; como ele não estava lá, presumi que ainda estivesse conversando com Dante.

— Ótima festa, como sempre — eu disse, entregando uma taça de champanhe a Vivian. Ela era a planejadora de eventos de luxo mais cobiçada da cidade, então eu não esperava nada menos. — Você se superou.

— Obrigada. — Ela sorriu, leves linhas de exaustão espalhando-se por seu rosto. Mesmo assim, ela brilhava com um vestido vermelho e joias que deixariam a falecida rainha da Inglaterra com ciúme. — Estou feliz que o planejamento tenha terminado. Lembre-me de nunca mais organizar uma festa de gala meses após o parto. Não sei o que estava pensando.

Vivian e Dante podiam pagar por mais ajuda com Josie, mas preferiam ser mais presentes como pais. Eu não entendia, mas não tinha filho, então o que sabia?

— Feito — eu disse. Olhei ao redor da sala. — Onde estão Isa e Ále?

— Isa e Kai desapareceram em algum lugar. Achei que era melhor não perguntar. Ále não estava se sentindo bem, então Dom a levou para casa mais cedo.

— Por não me sentir bem...

Vivian arqueou uma sobrancelha perfeitamente modelada. — Certo — eu disse com um pequeno sorriso.

*Bom para eles.*

O casamento de Alessandra e Dominic passou por um longo período difícil devido ao vício em trabalho e negligência de Dominic. Eles até se divorciaram brevemente no ano passado, depois que ele perdeu um aniversário importante, mas depois de algum tempo separados e grandes remorsos e mudanças no estilo de vida da parte dele, eles resolveram as coisas e estavam mais fortes do que nunca. — Falando em casais... — Vivian olhou por cima do meu ombro.

— Chegando.

Meu pulso disparou quando uma mão quente pousou nas minhas costas. Não precisei olhar para saber quem era. A forma e a sensação do toque de Xavier estavam tão arraigadas em mim que eu poderia percebê-lo com os olhos vendados.

— Ei, Vivian — ele disse facilmente. — Lamento interromper, mas você se importa se eu roubar Sloane por um minuto?

— De jeito nenhum. — Seus olhos brilharam com diversão. — Presumo que meu marido agora esteja livre para conversar?

Ele respondeu com um sorriso cheio de charme e uma pitada de timidez. — Ele é todo seu. Desculpe por monopolizá-lo a noite toda. Tínhamos muito o que discutir.

— Imagino que você tenha feito isso. — Vivian piscou para mim ao passar. — Aproveite o resto da festa.

— Você é um puxa-saco — eu disse quando ela saiu.

— Eu? — Xavier colocou a mão sobre o coração. — Prefiro pensar nisso como encantador.

— Um puxa-saco encantador.

— Estou simplesmente tentando cair nas boas graças de suas amigas — disse ele. — Infelizmente, Alessandra foi embora antes que eu pudesse fazer minha mágica nela, e não tenho certeza para onde Isabella foi. Mas acho que Vivian gosta de mim.

— Não depois de você monopolizar a atenção de Dante a noite toda — eu brinquei, engolindo uma gargalhada. — Falando nisso, como foi a conversa com ele?

— Foi. — Um pouco do bom humor de Xavier desapareceu. — Ele foi vago sobre por que meu pai o nomeou em seu testamento. Disse apenas que eles se respeitavam como empresários e que meu pai confiava em seu julgamento. Ele me deu uma bronca sobre a vez em que fiz com que Luca fosse preso.

— Então ele não respondeu — supus. — Basicamente.



Não era típico de Dante ser tão evasivo. Talvez também não soubesse por que Alberto o colocou na comissão.

Eu pediria a Vivian para fazer algumas pesquisas para nós – se Dante fosse honesto com alguém, seria sua esposa –, mas isso não era problema dela, e ela estava ocupada o suficiente com Josie e com o trabalho. Eu não queria adicionar nada ao prato dela.

— Acho que isso realmente não importa, exceto para saciar minha curiosidade. Ele é um juiz, quer eu saiba ou não o motivo — disse Xavier. — Como foi sua conversa com Kai?

Eu o informei enquanto caminhávamos em direção à saída. Não tínhamos planejado sair mais cedo, mas Vivian e Dante estavam ocupados recebendo convidados, e um entendimento tácito nos afastou da multidão e nos levou para o salão silencioso ao lado do salão de baile.

— Então foi muito melhor que o meu — brincou Xavier quando terminei. — Você acha que ele vai dizer sim?

— Tenho noventa por cento de certeza que ele vai. — Kai era um homem de negócios e minha proposta fazia todo o sentido comercial.

No entanto, meu plano para Perry não era o ponto dessa conversa.

*A postagem do blog sobre você na Espanha. Ele estendeu a mão depois que foi postado e perguntou se eu poderia limitar seu alcance.*

Os arrepios de antes retornaram com força total, especialmente agora que Xavier estava aqui, parecendo mais delicioso do que

qualquer homem tinha o direito de parecer com seu smoking e cabelo despenteado. Ele evitou usar gravata, quebrando o código de vestimenta, mas funcionava com ele.

*Tudo* funcionava com ele. Ele era o epítome do charme sem esforço.

Suas sobrancelhas se ergueram quando agarrei a frente de sua camisa e o empurrei para o banheiro mais próximo.

Como tudo no Valhalla, era impecável. Pisos de mármore, espelhos brilhantes, aromas personalizados transmitidos através de difusores ocultos – parecia mais um camarim de celebridade do que um estabelecimento público, e serviria perfeitamente para o que eu tinha em mente. — Lembra da nossa reunião de escritório na outra semana? — Tranquei a porta atrás de nós. — Aquela que tivemos logo após a partida de Ayana.

Xavier encostou-se no balcão, seu olhar escurecendo ao perceber por que eu nos trouxe aqui.

O ar mudou, ficando mais pesado, mais denso, *mais quente*.

— Posso me lembrar de uma ou duas coisas sobre isso. — Desejo tenso sob seu sotaque lânguido. Ele não se moveu, mas seus olhos me rastrearam como os de um predador, escuros e famintos, enquanto eu me aproximava dele.

— Bem... — Parei na frente de Xavier, as pontas dos meus saltos beijando as pontas de seus sapatos sociais. Enganchei meus dedos nas alças de seu cinto e o puxei alguns centímetros para mais perto. — Achei que esta noite poderia ser a noite certa para retribuir o favor.

Meu sussurro rouco não soava como eu, mas arrastar alguém para o banheiro para que eu pudesse fazer o que queria com ele *não parecia* comigo, então era uma noite de estreias.

A respiração de Xavier acelerou, mas ainda assim, ele não se moveu quando eu desabotoei seu cinto e puxei os dentes do zíper para baixo. A expectativa elétrica zumbia em minhas veias, mas não me apressei.

Eu queria saborear isso, e havia algo tão excitante na espera, na voracidade de seu olhar e no sutil aperto de seus músculos, como se fosse necessária toda a sua força de vontade para não me curvar e me levar do jeito que ele queria.

O calor acendeu entre minhas coxas com o pensamento.

Caí de joelhos enquanto tirava sua calça e cueca, minha boca salivando quando vi a ereção grossa e latejante esperando por mim. Ele era tão grande, duro o suficiente para fazer minha pulsação disparar. Gotas de pré-sêmen pingavam da ponta, e quando mostrei minha língua para provar, um arrepio percorreu todo o seu corpo.

Esse foi todo o incentivo que precisei.

Selei minha boca ao redor da cabeça de seu pau e chupei, provocando a parte sensível de baixo com minha língua enquanto acariciava seu comprimento com ambas as mãos.

— *Porra.* — Xavier soltou um silvo, sua cabeça caindo para trás enquanto eu descia minha boca até onde minhas mãos estavam.

Eu estava tecnicamente dando prazer a ele, mas minha pele ardia como se fosse eu quem estava sendo provocada. Cada sucção

foi direto para o meu clitóris, cada torção e golpe enrolado em minha barriga até que eu gemi de necessidade.

Eu o levei mais fundo, esperando que isso saciasse minha fome corrosiva. Os sons molhados e desleixados do boquete se misturaram com seus gemidos altos enquanto ele agarrava meus cabelos para se firmar, ofegando e resistindo contra minha boca.

O puxão suave no meu couro cabeludo causou arrepios na minha pele. Meus mamilos endureceram até ficarem doloridos, mas não tive a chance de saborear a sensação antes que seu pênis batesse no fundo da minha garganta.

Eu engasguei, meus olhos lacrimejando e babando pelos cantos da minha boca enquanto lutava para levá-lo até o fim.

As mãos de Xavier suavizaram, mas meu gemido de protesto as fez apertar novamente. Uma diversão rude atou sua risada.

— Você gosta disso, não é? — Ele puxou, trazendo meu olhar para o dele. A luxúria esculpiu sulcos sob suas maçãs do rosto e linhas de tensão gravadas entre suas sobrancelhas. — Porra, Luna, você fica tão bem de joelhos, engasgando com meu pau.

Minhas coxas apertaram com suas palavras sujas. Pequenas vibrações perturbaram meu estômago enquanto ele segurava minha cabeça e empurrava o último centímetro em minha garganta. Eu engasguei novamente, seu pau tão profundo que meu nariz roçou sua barriga, e assim que pequenas alfinetadas dançaram em minha visão, ele puxou até que apenas a ponta descansasse na minha língua.



Consegui respirar fundo antes que ele entrasse em mim de novo, e de novo, e de novo, cada vez mais forte e mais rápido, até que o ritmo brutal combinasse com as batidas dolorosas do meu coração.

O nó de necessidade em meu estômago se apertou ainda mais. Eu estava tão corada que tinha certeza de que a água iria fumar se tocasse minha pele e, apesar da dor em minha garganta, não consegui impedir que uma mão deslizasse entre minhas pernas.

— Não com a sua mão. — O comando severo de Xavier me parou um segundo antes de fazer contato. Soltei outro gemido de protesto, mas desta vez ele foi implacável. Seu corpo se mexeu, mas ele não soltou meu cabelo enquanto enfiava o sapato entre minhas pernas. Ele encostou a ponta no meu ponto mais sensível, provocando um grito abafado.

Eu estava tão desesperada por mais atrito que nem pensei. Eu simplesmente fiz o que ele pediu e montei em seu sapato. Abri mais minhas pernas, a bela pressão e fricção do couro contra a seda e a carne macia e sensível me fazendo doer por todo o corpo.

Meus gemidos aumentaram de intensidade enquanto eu ganhava velocidade, esfregando-me descaradamente contra seu sapato enquanto ele fodía minha boca.

Eu não me importava com o quão obsceno isso era ou se havia pessoas do outro lado da porta; estava muito perdida em uma névoa de sensações.

As saliências dos cadarços raspavam meu clitóris inchado e enviaram relâmpagos afiados de prazer por meu corpo. Eu não conseguia acreditar como estava molhada; eu estava pingando no

chão, como se esta fosse a primeira vez que chegava perto do orgasmo.

Ainda assim, não era suficiente. Eu queria, *precisava* de mais fricção, e segurei sua coxa para me firmar enquanto chupava e apertava com mais força. Seu rosto mostrava necessidade combinando com o meu, e minha mente ficou confusa, meus quadris sacudindo, meus movimentos frenéticos enquanto a necessidade crescia e crescia e...

A pressão dentro de mim explodiu ao mesmo tempo que cordas grossas e quentes de esperma espirraram pela minha garganta. O gemido alto e gutural de Xavier se misturou com meus gritos estrangulados enquanto a imprecisão se transformava em uma névoa branca.

Estremecimento após tremor sacudiu meu corpo enquanto eu passava pelo meu orgasmo sem pensar. Tudo estava tão quente, escorregadio e *agradável*, e quando a névoa finalmente se dissipou e os dedos de Xavier se desprenderam do meu cabelo, eu caí contra sua perna, exausta demais para ficar de pé.

Mãos fortes desenrolaram meus braços de sua coxa e me levantaram. Xavier me colocou no balcão, seus movimentos suaves e fluidos enquanto me limpava.

Depois que terminou, ele ajustou meu vestido, seus olhos brilhando com diversão e desejo persistente.

— Bem — ele falou lentamente, sua voz rouca. — Se você precisar de outro favor, qualquer coisa, estou aqui e disposto.

Minha risada se transformou em um sorriso quando ele me beijou.

Eu tinha estragado meu vestido, calcinha e maquiagem, bem como seus sapatos e calça, e não sabia como sairíamos daqui sem que as pessoas soubessem exatamente o que estávamos fazendo, mas não me importei.

Eu estava muito saciada e contente, e por esta noite, pelo menos, nenhuma das minhas preocupações poderia me afetar.





## CAPÍTULO 33

### *Sloane*

Depois de sábado, eu poderia adicionar o banheiro do Valhalla Club à lista de lugares que nunca mais veria como antes (depois do meu escritório, da minha cozinha, da sala de Xavier e, bem, de praticamente todos os lugares onde fizemos sexo).

Foi um ótimo encerramento para a noite, mas deixando de lado os boquetes e os orgasmos, a gala também deu início à segunda etapa da Operação Perry Wilson, que começou oficialmente naquela segunda-feira.

Eu tinha acabado de sair do elevador e entrar no meu escritório quando um alerta de notícias de última hora apareceu no meu telefone.

*Soraya se envolveu em um caso sexual escandaloso com o influenciador CASADO?! A manchete gritava. Era uma pergunta retórica.*

Um clique me levou ao blog de Perry, que expunha sem fôlego o suposto caso usando detalhes dos boatos que minhas amigas haviam espalhado: os presentes, a escapadela secreta de fim de semana no interior do estado de Nova York, o boquete no banheiro do avião durante uma viagem de marca que Soraya e Bryce fizeram durante o verão.



Era lascivo, desonesto e completamente falso, mas Perry não era conhecido por verificar os fatos. Sua postagem estava repleta de alegações sem provas.

Eu sorri. Ele comprou toda a história com anzol, linha e chumbada. — É verdade? — Jillian perguntou sem fôlego. Ela já estava em sua mesa, com a caneca de café cheia e seu computador ampliando uma foto de Soraya e Bryce em sua viagem de marca. A marca do blog de Perry estava espalhada na parte superior da tela. — Soraya está *realmente* dormindo com Bryce? Eu os enviei juntos antes de ele se casar, mas...

— Jillian. — Eu a encarei com um olhar malicioso. — Soraya é nossa cliente?

Ela suspirou. — *Não.*

— Concentre-se em nossos clientes, por favor. Qual é o status das propostas de perfil de revistas para Ayana?

Depois de algumas pequenas reclamações, Jillian me atualizou sobre os campos. Enviei uma mensagem rápida durante sua tangente sobre o quanto ela odiava um certo editor.

*Sua vez*

**Soraya:** *Pode deixar [emoji do diabo]*

Soraya podia não ser uma cliente, mas sua assessora de imprensa e eu éramos amigas e chegamos a um acordo mutuamente benéfico, firmado por um rígido NDA.

Como eu disse, precisava de um exército para derrubar as contas de Perry nas redes sociais, e Soraya tinha uma das maiores e mais aterrorizantes bases de fãs da internet. Certa vez, eles

tiraram do ar o site de uma grande marca de maquiagem por 48 horas depois que seu diretor de marketing disse que nunca trabalhariam com Soraya porque sua *imagem* não era *a adequada*.

Para minha sorte, Soraya estava se aventurando na música e lançando seu primeiro álbum em breve. Ela queria um grande impacto nas relações públicas, e um escândalo sexual significava *grandes* relações públicas. Não existia publicidade negativa e tudo mais. A destemida estrela da mídia social também não tinha medo de enfrentar Perry, a quem ela já odiava depois que ele inventou um apelido desagradável para sua melhor amiga, outra influenciadora, e levou a pobre garota para a reabilitação.

Soraya era uma das poucas figuras públicas que ele tinha o cuidado de atacar diretamente, por causa de seus fãs. No entanto, graças a alguns empurrões meus, ele finalmente cedeu quando a suculência da história pareceu superar seu senso de autopreservação.

Entrei em meu escritório particular, meus passos mais leves do que há semanas.

Bryce sabia que a história também estava por vir. Eu não arrastaria um inocente para meus esquemas sem o conhecimento dele, mas ele e sua esposa concordaram com o plano. O furor em torno do casamento havia diminuído e eles estavam interessados em manter a atenção do público em seu relacionamento.

Depois que Soraya postou seu vídeo de negação mais tarde (acompanhado de fotos e recibos mostrando-a na Europa durante sua suposta fuga para o interior do estado com Bryce), era apenas uma questão de tempo até que seus seguidores destruíssem Perry.

Derrubar Perry não resolveria meu dilema com Pen, mas me daria uma aparência de controle, de que eu precisava desesperadamente. Entre o namoro com Xavier e a sabotagem de Perry, minha vida ficou fora de controle depois da Espanha.

Liguei meu computador e resisti à vontade de verificar novamente as atualizações que Xavier me deu sobre Pen. As coisas poderiam ter mudado depois que ele me entregou os arquivos, mas eu esperava que os feriados se aproximando significassem que George e Caroline não fariam nada muito precipitado. Eles mantiveram Pen fora dos holofotes tanto quanto possível, mas ainda receberiam perguntas se sua filha mais nova fosse misteriosamente enviada para o exterior pouco antes do Natal.

A única força mais forte que o desejo deles de me irritar era o desejo de manter as aparências. Isso significava que eu tinha até o Ano Novo para encontrar uma solução, porque nunca mais ver Pen *não era* uma opção.

Passei a manhã e boa parte da tarde atendendo ligações e resolvendo sobre muitos e-mails antes do feriado. Eu estava revendo a entrevista da *Sports World* com Asher quando a porta se abriu.

Levantei a cabeça, esperando ver Jillian ou talvez Xavier. O choque tomou conta de mim quando vi a forma esbelta da minha irmã.

— Sua vadia.

Minhas sobrancelhas se ergueram com sua saudação mordaz. Georgia geralmente era mais sutil do que isso.

— Isso é uma questão de opinião, mas sou apenas uma vadia com as pessoas que merecem isso — falei, superando meu choque inicial de surpresa para oferecer um sorriso frio. — Por exemplo, pessoas que aparecem no meu local de trabalho sem serem convidadas e atacam minha pessoa antes mesmo de eu tomar meu segundo café.

Georgia parou em frente à minha mesa. Manchas vermelhas pintavam sua pele impecável e um músculo se contraía sob seu olho. Eu nunca a tinha visto tão chateada, nem mesmo quando nossa avó deixou sua coleção vintage da Chanel para mim, em vez de para Georgia, em seu testamento.

— Bentley me contou o que você fez — ela retrucou.

— Sério? — Isso seria bom. — Por favor, o que eu fiz? Esclareça-me.

— Você tentou transar com ele. Você ligou para ele, fingiu que tinha algo importante que ele *precisava* saber e pediu que ele se encontrasse com você no mesmo horário do brunch anual feminino pós-Ação de Graças da Windsor Rose Society, porque sabia que *eu* estaria ocupada naquele dia. — Seus olhos azuis brilharam com animosidade. — Tentando seduzir o marido da sua irmã grávida? Isso é baixo até para você.

— Nada menos do que foder o noivo da sua irmã na sala de estar deles na véspera de Ano Novo.

A boca de Georgia se estreitou. — Oh, por favor. Isso foi há *anos*, e Bentley teve uma boa...



— Poupe-me de suas besteiras, Georgie. — Ela odiava quando as pessoas a chamavam assim, e era por isso que eu fazia isso com a maior frequência possível. — Não estou relembrando a mesma conversa que tivemos várias vezes no passado, mas vou dizer uma coisa: não somos as mesmas pessoas que éramos naquela época e eu não tocaria em Bentley novamente se você me pagasse um milhão de dólares. — Voltei para o meu computador. — Você o quer tanto? Você pode ficar com ele.

— Você é muitas coisas, Sloane, mas não pensei que fosse uma mentirosa. — Georgia jogou o telefone na minha mesa. — Você se encontrou com ele no domingo. Não negue.

Olhei para baixo. *Filho da puta*. Bentley de alguma forma tirou uma foto minha no bar quando eu estava pedindo minha bebida e estava distraída. Sua mão também estava na moldura, exibindo seu Rolex favorito.

Eu não sabia o que o levou a fazer isso – precaução, talvez, ou chantagem –, mas o homem era realmente mais burro do que uma caixa de pedras. A foto era mais contundente para ele do que para mim. — Eu me encontrei com ele – depois que *ele me ligou* e disse que queria conversar. — Deslizei o telefone de volta sobre a mesa. — Foi ele quem me fez a proposta, Georgie. — Não entrei em detalhes sobre o que ele disse – ainda.

Aconteceu tão rápido que quase perdi. Um lampejo passou pelo rosto de Georgia, apenas o suficiente para me fazer pensar que houve problemas no paraíso antes de Bentley e eu nos encontrarmos.

— Você está mentindo.

— Estou mentindo sobre o vaso Lalique que você jogou na cabeça dele? — Ela ficou mortalmente imóvel.

O vaso era um detalhe pequeno e específico que eu nunca teria inventado sozinha, a menos que Bentley me dissesse – Georgia não tinha o hábito de jogar utensílios domésticos caros enquanto crescia.

— Isso não significa nada — disse ela, com a pele vários tons mais pálida do que quando entrou. — Pode ter surgido durante a sua conversa.

— Acredite em mim, não acredite em mim. Não é meu trabalho convencê-la da infidelidade do seu marido. — Minha voz esfriou outro grau. — Mas há um velho ditado, Georgie: se ele trai com você, ele pode trair você. — Fiz uma pausa, deixando a mesquinhez assumir o controle. — Há também outro ditado: karma é uma vadia.

As manchas anteriores retornaram gloriosamente, espalhando-se pelo rosto e pescoço de Georgia e cobrindo sua pele com uma máscara vermelha brilhante.

— É por isso que ninguém quer estar perto de você, Sloane — ela sibilou. Sempre que ela se sentia ameaçada, suas garras saíam e agora brilhavam afiadas e mortais sob as luzes. — Você é uma cobra de coração frio; você sempre foi. Você nem chorou quando mamãe morreu. Que tipo de monstro doente e sem coração não derrama uma única lágrima quando a *mãe* se vai?

O gelo correu para encher minhas veias, congelando-me de dentro para fora.

Eu poderia lidar com qualquer coisa que ela dissesse sobre nós, Bentley, ou o distanciamento, mas no verdadeiro estilo Georgia, ela se concentrou na única fraqueza que me restava: a ideia de que havia algo errado comigo, que eu estava quebrada de alguma forma, porque eu *não me sentia* como as pessoas ‘normais’ deveriam se sentir. O medo de ser um monstro vestido de humano, desprovido de compaixão e incapaz de formar conexões genuínas.

Eu sabia que isso não era totalmente verdade. Afinal, eu amava minhas amigas e Pen, e me conectei com Xavier mais do que com qualquer homem no passado, incluindo Bentley. Mas o medo muitas vezes se sobrepunha aos fatos, e Georgia arrancou os pontos das minhas feridas com uma rapidez alarmante.

Eu me levantei, confortando-me com a forma como me elevei sobre ela. Minha irmã tinha uma habilidade incrível de me fazer sentir pequena, mas eu preferiria morrer antes de deixá-la perceber isso.

— Saia do meu escritório. — O comando silencioso atacou uma vez em advertência.

Georgia ignorou.

— Graças a Deus nos livramos de Rhea. — Quando ela farejava fraqueza, ela era como um tubarão caçando sangue. — De qualquer forma, ela era uma babá terrível, e eu odiaria que Penny crescesse com uma traidora mentirosa em casa. Com quanto dinheiro você a subornou?

— Saia. Do. Meu. Escritório.

— Falando em se livrar das pessoas, sabe que Xavier vai deixar você. — Georgia girou para outro ponto fraco com precisão infalível. — Tenho certeza que namorar você é uma novidade no começo. Todo mundo quer derreter a chamada rainha do gelo; Bentley diz que essa foi a única razão pela qual ele propôs. Ele gostou de saber que foi *ele* quem domesticou você, mas rapidamente percebeu seu erro, não foi? — Ela inclinou a cabeça, seu lindo rosto cruel. — Agora vamos falar de Xavier. Rico, lindo, acostumado a se *divertir*. Quanto tempo você acha que um cara assim vai ficar com alguém como você antes de ficar entediado? Ele não...

— Desde que vimos você no hospital, ela ficou mais paranoica. Ela me acusou de verificar você e disse que eu ainda sentia algo por você. — A voz de Bentley tocou na gravação do meu telefone. Georgia congelou, seu sorriso murchando ao som das palavras do marido. — Ela disse que era minha segunda escolha e que estou sempre comparando ela a você. A questão é que... ela não está errada. — Não tirei os olhos do rosto rapidamente pálido de minha irmã enquanto a repetição da minha conversa com Bentley continuava. Havia um motivo para eu não ter enviado o áudio para ela logo depois de sair do bar; eu queria ver a reação dela e foi tão gloriosa quanto imaginei.

Pela primeira vez, Georgia ficou sem palavras.

Parte de mim considerou manter o áudio para mim, mas isso foi antes de ela invadir *meu* escritório, lançar acusações em *minha* direção e ignorar *meus* pedidos para sair.



Se ela queria tanto ficar, então ela poderia fazê-lo nos meus malditos termos.

Suas palavras anteriores ainda doíam, mas a satisfação ao vê-la tremer de indignação foi suficiente para anestesiar temporariamente essas feridas.

— Preocupe-se menos com meu relacionamento com Xavier e mais com seu próprio casamento — falei, minha voz fria e calma. — Foi necessário um encontro casual para Bentley tentar voltar rastejando para mim. Não o quero mais, é claro, nem jamais vou querer novamente. Ao contrário de outras pessoas, prefiro parceiros que entendam o conceito de lealdade, e posso facilmente me afastar e nunca mais pensar naquele homem. Você, por outro lado, está presa a ele. — Ofereci um encolher de ombros casual. — Talvez tente aconselhamento matrimonial ou terapia. Imagino que ser a segunda escolha de alguém seja difícil, mas você já deve estar acostumada com isso. Você parece querer apenas as coisas que eu tive primeiro.

A pele de Georgia ficava cada vez mais manchada à medida que eu falava. Este era o pior cenário para ela – não apenas ouvir a merda que Bentley estava dizendo pelas costas, mas saber que eu, especificamente, estava a par de sua humilhação. Ela odiava perder prestígio diante de sua *concorrência*, e por mais que ela e suas amigas tentassem superar umas às outras regularmente, eu sempre fui sua maior concorrente em sua mente.

Se havia uma coisa que Georgia Kensington não tolerava era ficar em segundo lugar.

— Agora, se não houver mais nada, tenho trabalho a fazer. — Recostei-me na cadeira. — Xavier e eu temos planos para jantar no Monarch e não quero perdê-lo.

Monarch era um dos restaurantes mais exclusivos da cidade.

Até meu pai tinha problemas para conseguir uma reserva.

— Tanto faz — Georgia retrucou. — O Monarch acabou de qualquer maneira. Ninguém come mais lá.

Foi a resposta mais fraca que já ouvi da minha irmã, e apenas olhei para ela até que ela girou nos calcanhares e saiu furiosa sem dizer mais uma palavra.

Esperei até que a porta se fechasse e vários segundos se passassem antes de deixar o desdém desaparecer do meu rosto.

*Que tipo de monstro doente e sem coração não derrama uma única lágrima quando a mãe se vai?*

*Graças a Deus nos livramos de Rhea.*

*Você sabe que Xavier vai deixar você.*

Na sua ausência, as provocações de Georgia preencheram o vazio e, sem o meu orgulho para me manter de pé, de repente fiquei tão, tão cansada.

Fechei os olhos e tentei respirar através do ritmo acelerado do meu coração. Eu odiei como mordi sua isca antes de interrompê-la com a gravação do Bentley. Eu odiava o quão transparente eu era com ela e o quão profundamente suas palavras cortavam quando eu deveria estar imune.

Eu sabia que ela estava tentando me machucar e deixei que ela fizesse isso de qualquer maneira.

Minhas mãos se fecharam na borda da minha mesa. Isso me lembrou de Xavier, o que me lembrou o que Georgia havia dito.

*Todo mundo quer derreter a chamada rainha do gelo.*

*Quanto tempo você acha que um cara assim vai ficar com alguém como você antes de ficar entediado?*

O prazo para nosso período experimental de dois meses era no final do mês. Eu evitei pensar nisso, porque não tinha certeza do que faria: permaneceria em um relacionamento que me deixava terrivelmente feliz e arriscaria que um dia terminasse, ou voltaria correndo para o conforto da minha bolha solo? Isso, claro, presumindo que eu tivesse escolha e Xavier quisesse ficar comigo após o término do período experimental.

E se ele não o fizesse?

Isso tornaria as coisas mais fáceis para mim. Eu não teria que escolher e poderia voltar à minha antiga vida como se ele nunca tivesse acontecido. Como se nunca tivéssemos nos beijado ou flutuado em uma piscina sob o céu da cidade. Como se ele nunca tivesse segurado minha mão durante uma corrida para o hospital ou montado uma exibição de filme no telhado em um lindo dia de outono. Como se eu nunca o tivesse confortado, confiado nele e...

O mundo ficou turvo por um instante.

Era tão incomum e desorientador que não consegui compreender. Quando o fiz, um choque imprudente de esperança

passou por mim e estendi a mão, com a respiração presa em algum lugar entre a garganta e os pulmões.

Meus dedos tocaram minhas bochechas. Elas estavam secas. Pisquei e o mundo ficou claro.

*Claro que estavam.*

A decepção e o alívio amplificaram a pressão que apertava meu peito. Meu escritório de repente parecia muito pequeno, o ar muito rarefeito. Eu ainda podia sentir o cheiro do perfume da minha irmã, e isso fez meu estômago embrulhar.

Eu precisava sair daqui antes que sufocasse.

Jillian estava esperando do lado de fora da minha porta quando saí. — Sloane, sinto muito — disse ela, com uma expressão abalada. — Tentei impedi-la, mas ela passou por mim e, uma vez lá dentro, eu não quis...

— Tudo bem. — Pelo menos minha voz estava clara. *Agradeça a Deus pelas pequenas coisas.* — Por favor, ligue para a segurança do prédio e peça que coloquem Georgia Kensington-Harris e Bentley Harris na lista negra de convidados. Quero que chamem a polícia se algum deles chegar a menos de trezentos metros do meu escritório.

— Considere isso feito. — Jillian mordeu o lábio inferior. — Você está bem? Você, hum, quer um donut?

Ela acreditava que o açúcar era a resposta para todos os problemas.

Quase sorri, mas meus músculos faciais não tinham isso. — Não, obrigada. Estou trabalhando em casa o resto do dia. Em vez



disso, designe Tracy para supervisionar a entrevista da *Curated Travel* com os Singhs. — Dei a ela mais algumas instruções antes de sair e caminhei até meu apartamento em vez de pegar um carro.

Nada clareava minha cabeça como uma boa caminhada.

Senti falta de Pen. Senti falta de Rhea. Eu até senti falta da pequena esperança de que minha irmã e eu poderíamos nos reconciliar um dia, o que era irônico, considerando que eu nunca senti que realmente pertencia à minha família.

Mas houve um tempo em que eu podia fingir, e nos dias em que estava cansada demais para lutar, fingir era o suficiente.

O que aconteceu em meu escritório efetivamente matou essa esperança.

Tinha tirado muito sangue.

*Quanto a Xavier...*

Entrei no saguão do meu prédio e então no elevador logo antes das portas se fecharem.

Quanto a Xavier, ele não me deu nenhuma indicação de que queria que acabássemos. Ele não tinha sido nada além de solidário e atencioso desde que começamos a namorar; eu seria estúpida em duvidar dele. Certo?

Logo que saí do elevador e destranquei a porta do meu apartamento, consegui afastar as provocações de Georgia para o fundo da minha mente. Eu não conseguia controlar o quão boa ela era em me irritar, mas conseguia controlar minha reação a ela, e já tinha dado a ela mais energia do que ela merecia.

*Esqueça o que ela disse. Concentre-se no trabalho.*

Acendi as luzes e tirei os sapatos. Eu tinha uma hora e meia para trabalhar antes de encontrar Xavier para jantar. Parte de mim queria pedir um adiamento, mas vê-lo sempre me fazia sentir melhor. Eu precisava dele depois desse dia de merda.

*Necessitava.*

Eu nunca precisei de ninguém, e a ideia de que precisava dele causou um pequeno arrepio na minha espinha – de medo ou prazer, não tinha certeza. Joguei minha bolsa no sofá e estava prestes a vestir algo mais confortável quando parei. Os cabelos da minha nuca se arrepiaram quando olhei em volta.

Algo estava errado.

O apartamento estava imóvel. *Ainda muito* quieto.

Lentamente peguei o frasco de spray de defesa pessoal que sempre guardava na bolsa enquanto meus olhos percorriam a TV, as estantes e a porta do meu quarto. Tudo estava como eu havia deixado naquela manhã, então por que...

Meu olhar ficou preso na mesa lateral.

O aquário de The Fish estava ali, limpo e claro.

No aquário, The Fish geralmente nadava à vontade, suas escamas laranjas irradiando um alô toda vez que eu passava pela porta.

Não mais.

The Fish flutuava de cabeça para baixo no tanque, os olhos fundos e as pupilas turvas.

Meu spray caiu no chão, o som abafado sob o súbito rugido de sangue em meus ouvidos, mas não tive coragem de pegá-lo.

*Morto. Ele estava morto. Ele estava morto.*

Eu não entendia a fonte de tristeza que brotou do meu peito ou o tremor que enfraqueceu meus joelhos. Eu não tinha nenhuma explicação adequada para a queimação em meus olhos ou para a súbita e avassaladora sensação de *vazio* que invadiu o apartamento.

Eu não estava preparada para nenhuma dessas coisas porque The Fish não era um animal de estimação lindo e fofinho que comprei para mim. Ele era meu animal de estimação por acaso, abandonado por um estranho e alojado aqui temporariamente enquanto eu esperava o momento certo para realocá-lo. Ele nunca deitou a cabeça no meu colo quando eu estava triste ou me trouxe um brinquedo para brincar, porque ele era um maldito peixe.

Mas morei com ele por cinco anos, e durante cinco anos, neste apartamento estéril, éramos tudo que um ao outro tinha.

Afundi no sofá e me esforcei para chorar, para expulsar a pressão crescente em meu peito.

Uma vez. Eu queria esse alívio apenas *uma vez*, mas como sempre, não consegui. E uma eternidade depois, quando a pressão se tornou insuportável e minha vontade de lutar se reduziu a nada, simplesmente me enrolei no sofá, fechei os olhos com força contra a dor e fingi que era alguém, em algum outro lugar, porque essa era a única coisa que conseguia fazer.



## CAPÍTULO 34

*Xavier*

Algo estava errado.

A reserva do jantar para mim e Sloane era às sete, e atualmente eram sete e quinze. Para a maioria das pessoas, chegar quinze minutos atrasado não era o fim do mundo, mas era Sloane. Ela *nunca* se atrasava.

Ela não respondeu nenhuma das minhas mensagens e, quando liguei para ela, foi direto para o correio de voz.

Verifiquei meu relógio novamente, minha preocupação aumentando a cada minuto. Quando entrei em contato com o escritório dela mais cedo, Jillian disse que havia saído há duas horas para trabalhar em casa. Ela tinha adormecido? Foi vítima de um assalto? Sofreu um acidente de carro e foi levada às pressas para o hospital?

Uma ponta fria de terror me perfurou com a perspectiva.

— Foda-se. — Ignorei o olhar scandalizado do casal ao meu lado e peguei meu paletó das costas da cadeira. Eu não ia ficar sentado aqui como um idiota enquanto Sloane estava potencialmente sangrando até a morte em algum lugar.

Joguei uma nota de cinquenta dólares na mesa pelo incômodo e fui direto para a saída. Talvez eu estivesse exagerando e Sloane



aparecesse logo depois que eu saísse, revirando os olhos e bufando sobre minhas conclusões precipitadas, mas eu não achava que estava.

Mesmo que ela não estivesse mortalmente ferida, ela estava ferida. Eu podia *sentir* isso, um coquetel insistente de instinto e intuição que me levou para o banco de trás de um táxi e em direção ao apartamento dela.

Meu telefone tocou logo depois que dei o endereço dela ao motorista.

Meu pulso disparou e depois caiu. Não era Sloane; era do escritório de Vuk.

— Boa tarde. Esta é Willow, assistente do Sr. Markovic. Estou tratando do e-mail que você enviou esta manhã. — Uma voz feminina suave fluiu pela linha. — Sr. Markovic gostaria de agendar uma visita conjunta ao Vault o mais rápido possível, bem como discutir alguns assuntos relacionados à sua parceria. Agora é um bom momento para falar?

— Ei, Willow. É ótimo ouvir isso, mas... — O táxi parou estremeendo em um sinal de pare, depois seguiu andando na velocidade de um caracol grogue. Como diabos consegui o único taxista lento de Manhattan? — Estou no meio de uma emergência pessoal, então não posso falar agora.

Uma longa pausa saudou minha resposta. — Para esclarecer, você está recusando a reunião?

— Estou adiando a reunião devido à emergência mencionada.  
— Cobri o telefone com a mão e me inclinei para frente. — Leve-me lá em dez minutos e dou-lhe cem dólares de gorjeta.

O táxi avançou com velocidade repentina.

Sloane sempre reclamava da quantidade de dinheiro que eu carregava, mas era muito útil em momentos como este.

Voltei à minha ligação. — Por favor, dê ao Sr. Markovic minhas desculpas. Fico feliz em conversar em qualquer outro momento, exceto agora. Quanto ao passo a passo, envie-me um e-mail com sua disponibilidade e colocarei algo na programação.

Desliguei antes que ela pudesse protestar. Eu estava muito nervoso para discutir ou envolver-me em conversa fiada profissional.

Eu poderia ter dado um tiro no próprio pé ao insultar Vuk logo depois que ele se tornou meu parceiro, mas a única coisa que me importava agora era ter certeza de que Sloane estava bem.

O táxi parou em frente ao prédio dela. Empurrei na passagem mais cem dólares extras para o motorista e saltei do carro. Era a primeira vez que visitava o apartamento dela – sempre ficávamos na minha casa ou em um hotel –, mas duzentos dólares, uma foto minha e de Sloane no meu telefone e uma ligação para o apartamento dela sem resposta convenceram o concierge a deixarme passar.

*Ela não estava atendendo ao telefone. Por que ela não estava atendendo ao telefone?*

Imagens de Sloane inconsciente no chão do quarto ou se afogando na banheira ou... porra, eu não sabia, jorrando sangue depois que ela acidentalmente cortou uma artéria crucial na cozinha encheram minha mente.

Às vezes, eu realmente odiava minha imaginação.

O elevador parou no andar dela. Corri para o corredor e passei por uma fileira de apartamentos até chegar ao dela.

— Sloane! — Bati na porta. — É Xavier. Você está aí?

Obviamente, ela não poderia responder se estivesse inconsciente. Eu deveria ter pedido ao concierge que me acompanhasse para que pudesse abrir a porta nesse mesmo cenário.

Bati novamente enquanto minha mente repassava minhas opções. Eu poderia ficar e esperar mais um minuto até que ela respondesse. Eu poderia descer correndo e chamar o concierge. Eu poderia *ligar* para o concierge e pedir-lhe que subisse, mas minhas chances de convencê-lo a deixar o posto eram maiores pessoalmente.

Cada segundo contava, e-

Foi um som vindo de trás da porta?

Eu congelei, desejando que meu batimento cardíaco diminuísse para que pudesse ouvir com mais atenção. Isso foi definitivamente um farfalhar, seguido pelo clique de uma fechadura deslizando.

Então a porta se abriu e lá estava ela. Cabelos loiros, olhos azuis, pele de alabastro sem marcas de sangue ou hematomas.

O alívio perfurou meu pânico, mas despencou um segundo depois, quando notei o olhar assombrado em seus olhos e as linhas de tensão em sua boca.

— Ei. — Estendi a mão para ela, mas parei no meio do caminho, com medo de que ela pudesse quebrar sob meu toque. Sloane sempre foi tão forte, mas nesse momento ela parecia frágil. Quebrável. — O que está errado?

— Nada. — Ela se afastou para que eu pudesse entrar, evitando meu olhar o tempo todo.

— Sloane. — Era uma pergunta, um apelo e uma ordem reunidos em um só.

Ela não gostava de compartilhar seus problemas, mas se os mantivesse reprimidos o tempo todo, eles acabariam explodindo.

O que quer que ela tivesse ouvido em seu nome fez seu queixo tremer, mas quando ela finalmente respondeu, sua voz estava desprovida de emoção. — O peixe morreu.

— O... — *The Fish*. Seu peixinho dourado de estimação. Meu estômago revirou. — Ah, porra. Sinto muito, Luna. — Ela odiava banalidades, mas eu quis dizer isso.

Quando Hershey morreu, fiquei inconsolável. Foi uma das razões pelas quais não consegui outro animal de estimação. Eu não queria passar pela dor de perder um novamente.

— Está bem. — Sloane virou a cabeça e eu segui seu olhar até uma folha de papel na mesinha de centro.

Um olhar mais atento revelou uma lista bem digitada de instruções para cuidar de *The Fish*.



1. Alimente-o com uma bolinha que afunda uma vez por dia, todos os dias, exceto aos domingos.
2. NÃO o alimente com mais do que a quantidade indicada ou ele comerá demais.
3. Aos domingos, alimente-o com artêmia congelada para enriquecimento.
4. A água deve manter sempre uma temperatura de 22 graus.

O resto da lista estava obscurecido por outro artigo, mas ela obviamente havia pensado muito nisso.

— Ele era apenas um peixinho dourado. — Sloane pegou as instruções, rasgou-as ao meio e jogou-as num cesto de lixo próximo. — Ele nem era realmente meu. Ele não podia sair do aquário, fazer barulho ou qualquer coisa que outros animais de estimação fazem. Ele não era o mais inteligente ou o mais fofo, e provavelmente não... — Seu queixo balançou novamente. — Quero dizer, ele provavelmente *não* sabia nem se importava com quem eu era, desde que eu o alimentasse.

— Você o tinha há anos — falei gentilmente. — É normal sentir tristeza pela morte de um animal de estimação.

— Para outras pessoas. Não para mim. — Ela olhou meu paletó e calça. Normalmente eu não me vestia tão formalmente, mas o restaurante tinha um código de vestimenta rígido. A compreensão apagou um pouco do estoicismo de seu rosto. — Tínhamos

reservas para o jantar, não é? Desculpe. Eu ia trabalhar um pouco antes de sair, mas o vi quando cheguei em casa e tive que descobrir o que fazer com o corpo dele. Aí tive que limpar o aquário, porque não adianta mantê-lo ali quando ele está morto, e quando estava na cozinha vi todos aqueles sacos de comida de peixe não utilizada que obviamente não preciso mais, então eu...

— Sloane. Tudo bem. Era apenas uma reserva. — Levantei seu queixo para que seus olhos encontrassem os meus. — Não é importante.

Ela engoliu em seco, um tom rosa florescendo ao redor de seus olhos e nariz. — Não — ela disse densamente. — Acho que não.

Ela não resistiu quando eu a puxei para meu peito, e quando ela se aninhou em mim, só um pouquinho, quis abraçá-la com força e nunca mais soltá-la.

— O que você fez? — ela perguntou. — Quando Hershey...

— Eu chorei — falei com sinceridade. — Bastante. Ele era meu melhor amigo. Felizmente, ele estava lá fora com nossa governanta durante o incêndio que... — Eu vacilei ao lembrar de Hershey correndo até mim depois que acordei. Ele se recusou a sair do meu lado durante semanas após o acidente, como se soubesse que eu iria quebrar se não tivesse algo em que me segurar. — Se não fosse por ele, não sei como teria sobrevivido aqueles primeiros meses. Fui ao aconselhamento de luto por um tempo, mas não funcionou tão bem quanto apenas ter Hershey lá.

Parte da rigidez desapareceu dos ombros de Sloane enquanto eu contava minha experiência. Depois que terminei, ela ficou em meus braços antes de dizer, bem baixinho: — Ter The Fish por

perto também ajudou. Eu não percebi na época, mas quando estava chateada, era bom ter alguém – alguma coisa – com quem conversar. — Ela enterrou o rosto mais fundo no meu peito, como se estivesse envergonhada do que estava prestes a dizer. — Estou triste por ele ter morrido. Eu nunca dei a ele um nome verdadeiro.

— Bem, ele era um peixinho dourado — eu disse praticamente.  
— Há coisas piores pelas quais você poderia ter chamado ele.

Sua risada abafada me fez sorrir. Eu sabia o quão difícil era para Sloane admitir seus sentimentos em voz alta, então sua confissão aparentemente pequena foi na verdade um grande passo para ela.

— De qualquer forma, foi por isso que me atrasei — disse ela.  
— Perdemos nossa reserva, mas se você me der quinze minutos, posso me preparar...

— Esqueça o jantar. Pediremos comida para viagem e assistiremos ao novo filme de Cathy Roberts. — De qualquer forma, preferia estar aqui do que em algum restaurante abafado.

Sloane levantou a cabeça. — Aquele em que a garota rica da cidade grande é forçada a se mudar para o interior da Austrália e se apaixona pelo rude, mas bonito, ajudante do rancho? — ela perguntou esperançosa.

— Sim. Vou até deixar você escrever sua crítica contundente em paz, sem questionar sua dureza injusta com os pobres atores ou roteiristas.

Os olhos dela brilharam. — Fechado.

Enquanto eu pedia a comida, Sloane iniciou o filme e pegou seu caderno de resenhas e uma caneta.

No entanto, ela hesitou quando os créditos de abertura do estúdio de cinema foram exibidos na tela e uma batalha secreta foi travada em seu rosto antes de ela falar novamente.

— Há mais uma coisa — disse ela. — Georgia foi me ver no trabalho hoje. Ela me acusou de tentar seduzir Bentley.

Meus olhos se voltaram para os dela. Sua confissão veio de uma forma tão inesperada que eu não pude fazer nada além de olhar, atordoado, enquanto ela explicava o que tinha acontecido com sua irmã e também com Bentley durante o fim de semana do feriado.

Mas quanto mais eu ouvia, mais a raiva penetrava sob minha pele, lenta, mas *abrasadora*. Eu mantive isso sob controle por enquanto, mas não havia nenhuma maneira de deixar alguém falar com ela do jeito que Georgia e Bentley fizeram.

— Eu deveria ter contado a você sobre a ligação dele antes, mas não sabia o que ele queria e não queria estragar o Dia de Ação de Graças. — Sloane bateu a caneta no joelho. Era um tique nervoso que percebi anos atrás, logo depois que começamos a trabalhar juntos. Na época, era uma das poucas rachaduras em sua fachada perfeita. — Georgia realmente me irritou e eu estava chateada demais para ficar no escritório, então voltei para casa. Foi quando eu vi... bem. — Ela limpou a garganta. — Não sei por que estou lhe contando isso, mas achei que você deveria saber. Apenas no caso de alguém tentar transformar meu encontro com ele em algo mais do que foi.



O calor correu para encher meu estômago, acalmando minha fúria. Engoli as palavras escolhidas que tinha para o ex dela e simplesmente disse: — Você pode me contar qualquer coisa.

A caneta de Sloane parou.

— Eu sei — disse ela, ainda mais suave do que antes, e um pequeno e crucial tijolo desmoronou em volta do meu coração.

Não falamos muito mais depois disso, mas mais tarde naquela noite, depois que o filme terminou e nossa comida pela metade esfriou, levei uma Sloane sonolenta para o quarto dela e a coloquei debaixo do edredom.

Ela desmaiou completamente antes de sua cabeça bater no travesseiro. Foi um dia longo e emocionalmente desgastante para ela, mas eu não tinha como garantido o quão confortável ela se sentia em adormecer enquanto eu estava aqui.

Enquanto eu afastava uma mecha de cabelo de seu rosto, revelando a curva de sua maçã do rosto e as sombras crescentes de seus cílios fechados, a pergunta de Pen no centro de simulação ecoou em meus ouvidos.

E eu me perguntei, minha mente mudando desde a primeira vez que nos conhecemos em seu escritório até este momento aqui, agora, como diabos tinha me apaixonado por Sloane Kensington.





## CAPÍTULO 35

*Xavier*

Eu não confessei a Sloane. Ainda não.

Eu não tinha certeza se ela correspondia aos meus sentimentos até esse ponto, e precisava descobrir uma maneira de contar a ela sem potencialmente assustá-la.

No entanto, fiquei com ela de segunda à noite até terça de manhã, quando ela saiu para trabalhar e liguei de volta para o escritório de Vuk, pedi desculpas e confirmei uma visita ao Vault no final do mês. Passei o resto do dia lidando com as obrigações do clube.

Na quarta-feira, cuidei de mais assuntos não oficiais.

O Arthur Vanderbilt Tennis Club era um dos clubes de tênis privados mais antigos da Costa Leste. Um dos locais favoritos do público que jogava e usava polo, cobrava uma quantia obscena de dinheiro pelo acesso anual e era famoso na época em que o astro do tênis visitante Richard McEntire atacou um garoto-bola com sua raquete de tênis e arrancou vários de seus dentes. Eu não sabia que era possível arrancar os dentes de alguém com uma raquete, mas aparentemente era, porque McEntire e o clube resolveram o caso por uns fantásticos dois milhões de dólares.

Como Castillo, recebi admissão automática, então, na tarde de quarta-feira, no final da hora do almoço, quando os banqueiros veteranos se reuniam nas quadras cobertas para fazer exercícios e conversar com garotos, caminhei pelos corredores em direção ao vestiário masculino.

Uma cacofonia de barulho me cumprimentou quando entrei. O vapor engrossou o ar, obscurecendo parcialmente os painéis de mogno e a multidão de irmãos financeiros enquanto se preparavam para voltar ao trabalho. Mesmo assim, não demorei muito para encontrar quem procurava. Bentley Harris II estava com a corte no cobiçado corredor central. Ele estava ocupado rindo e brincando com vários caras que pareciam cópias dele: bem-apegoados, barbeados e meio vestidos em trajes formais de negócios.

Ele estava de costas para mim, então não percebeu minha abordagem. — Nossa nova recepcionista é gostosa, mas é loira — disse ele. — Eu me canso disso em casa. Georgia tem sido uma verdadeira vadia ultimamente. Ela voltou para casa na segunda-feira toda chateada com alguma coisa... o quê?

Um de seus amigos me notou e cutucou seu braço. Bentley se virou, sua expressão azedou quando me viu. — Harris. — Adotei um tom afável, do tipo que usaria para cumprimentar um antigo colega de classe ou um conhecido amigável.

— Castillo — ele disse rigidamente. — Eu não sabia que você era membro do clube.

— Eles me ofereceram uma assinatura de cortesia quando me mudei para Nova York — falei preguiçosamente, meu sorriso

escondendo o lampejo de raiva em meu estômago. — Claro, não uso isso com frequência. Por que vir aqui quando eu poderia ir para o Valhalla?

Uma onda de descontentamento envergonhado percorreu o ar, sutil, mas distinto.

Eu também quase não usava minha assinatura do Valhalla, mas todos sabiam que o clube de tênis era um prêmio de consolação para pessoas que não conseguiam um convite para o Valhalla – como Bentley e companhia, por exemplo.

A mandíbula de Bentley tremeu. Seus olhos se voltaram para seus amigos antes de forçar uma risada. — Que sorte nossa ver você aqui então — ele zombou. — Você veio ver como é aqui ou Valhalla finalmente expulsou você depois que eles perceberam que sua vaga poderia ir para alguém que valesse mais a pena?

— Você quer dizer como você? Infelizmente, a lista deles ainda está cheia — falei lentamente. — Quanto a vir aqui, você está certo. Eu vim ver você.

O barulho do resto do vestiário diminuiu enquanto todos tentavam, sem sucesso, fingir que não estavam escutando. A agressão crescente estalava como estática antes de uma tempestade, e o constante *gotejamento, gotejamento, gotejamento* da água dos chuveiros soava anormalmente alto no ar tenso.

Bentley deu um passo em minha direção, seu rosto todo sorridente, mas seus olhos quentes e brilhantes de raiva humilhada. — Se você quiser me ver, marque uma reunião — disse ele com um senso de bravata equivocado. Ele achava que estava



seguro aqui, cercado por seus amigos e pelo cheiro de privilégio. —  
Eu não falo com perdedores desempregados.

Minha raiva da noite de segunda-feira reacendeu – não por causa do golpe que ele me deu, mas pela visão dele falando com Sloane com a mesma condescendência sarcástica.

— É aí que você está errado — eu disse, ainda com meu tom afável. — Não estou aqui para conversar.

Então puxei meu braço para trás e bati meu punho em seu rosto.

Houve um satisfatório estalar de ossos, seguido por um uivo de dor. O sangue jorrou de seu nariz quando ele cambaleou para trás e a tempestade se formou, desencadeando um frenesi de gritos e vaías enquanto os outros ocupantes do vestiário se empurravam uns aos outros para ter a melhor visão da luta.

Nenhum deles interveio, mas a confusão alimentou a raiva que queimava rápida e quente dentro de mim.

Eu não era uma pessoa violenta. Raramente tive que recorrer a brigas físicas para resolver um problema e, no caso de Bentley, não *precisava*; eu queria.

Ele se recuperou o suficiente para correr em minha direção, com os punhos cerrados, mas eu estava pronto para ele.

Com um rápido passo lateral, desviei de seu golpe selvagem e aproveitei a oportunidade para desferir um soco poderoso em seu abdômen.



Ele se dobrou com o impacto e apertou o estômago, ofegando. Eu não dei a ele a chance de pegá-lo antes de puxá-lo pelo colarinho e jogá-lo contra um armário próximo.

— Esse foi o seu primeiro e último aviso — eu disse, minhas palavras baixas o suficiente para alcançar apenas seus ouvidos. — Toque, fale ou até mesmo *pense* em Sloane novamente, e farei com que o que Richard McEntire fez com aquele garoto com sua raquete de tênis pareça um passeio na porra do parque. Isso inclui qualquer contato indireto. Se você dificultar a vida dela de *alguma forma*, você será colocado na lista negra da sociedade de Nova York tão rapidamente que sua cabeça girará.

— Você não tem o poder — zombou Bentley, mas um brilho de medo nadou sob seus olhos turvos. Para alguém como ele, entrar na lista negra era ainda pior do que levar uma surra.

— Não? — falei suavemente. — Teste-me.

Não abusava da riqueza ou do sobrenome da minha família com frequência, mas ainda era um Castillo. Mesmo com minha herança vinculada e minha reputação de hedonista, eu poderia esmagar Bentley Harris II como um maldito inseto.

Ele sabia disso tão bem quanto eu, e foi por isso que não disse uma palavra quando o deixei cair no chão como um saco de batatas.

— Passe a mensagem para sua esposa — eu disse, meu rosto endurecendo. — O mesmo vale para ela.

Eu não tocaria em Georgia. O relacionamento de Sloane com sua irmã era seu domínio, mas isso não significava que eu tivesse

que ficar parado e assistir enquanto Georgia tentava destruir a mulher que eu amava.

*Amava.*

Era um conceito estranho e com o qual eu não tinha experiência no passado. Mas agora que o identifiquei, não conseguia acreditar que demorei tanto para reconhecê-lo.

A maneira como minha mente mapeava cada detalhe sobre Sloane, tanto consciente quanto inconscientemente, como se eu fosse me afogar se não inalasse o suficiente dela. O conforto que tive em compartilhar meus segredos com ela e o pulso acelerado sempre que ela estava por perto. O calor; o ciúme; a proteção feroz e avassaladora.

Eu a *amava*, total e completamente, e seria amaldiçoado se deixasse alguém machucá-la.

Bentley devia ter ouvido a determinação cruel em minha voz, porque ele não tentou salvar a aparência na frente de seus colegas. Os gritos dos outros se transformaram em murmúrios de decepção com a rapidez com que a luta terminou, mas eu não esperava que ela se arrastasse.

No final das contas, pessoas como Bentley Harris eram covardes. Os covardes nunca duravam muito diante daqueles dispostos a pagar seu blefe, e eu sabia, com uma certeza profunda, que ele e Georgia nunca mais incomodariam Sloane.

Passei por cima das pernas esparramadas de Bentley e saí, deixando-o sangrando e humilhado no chão.

Não me preocupei em cumprimentar os outros membros do clube ou em aproveitar as quadras vazias ao sair.

Meu negócio aqui estava resolvido.



## CAPÍTULO 36

### *Sloane*

Eu deveria ter ficado envergonhada por desabar por causa de um peixinho dourado, entre todas as coisas, mas foi surpreendentemente catártico, pelo menos com Xavier. Suspeitei que teria me sentido diferente se tivesse aberto a porta e visto mais alguém.

Mas eu não tinha feito isso, e ele esteve aqui e ficou. Durante a noite.

Isso já era um grande problema para mim, porque eu não permitia que homens aleatórios entrassem no meu espaço pessoal. Mas ele não era um homem aleatório; ele era *ele*, e a casa parecia tão mais vibrante quando ele estava lá que eu joguei a cautela ao vento e o convidei para passar o fim de semana.

Isso estava certo. Eu, Sloane Kensington, convidei alguém para ficar – conte-as – uma, duas, *três* noites comigo, e não temi isso.

*Quem sou eu?*

Mantendo o tema abduzida-por-alienígenas-piegas-sentimental, também tentei interpretar Martha Stewart na noite de sexta-feira. Os resultados foram... mistos.

— Você já cozinhou antes? — Xavier encostou-se no batente da porta e arqueou uma sobrancelha diante da minha tentativa de

fazer biscoitos de chocolate enquanto uma fornada de cupcakes assava no forno. Diversão apareceu em seu olhar, junto com uma pitada de preocupação.

Eu mal tinha usado meus eletrodomésticos antes desta noite. Geralmente comia fora ou fazia pedidos; a cozinha estava lá para mostrar e para uma xícara de café ocasional.

— Não, mas aprendo rápido. — Franzi a testa para a receita que imprimi.

*Bata a manteiga e os açúcares.* O que diabos isso significava? Eu deveria mexer os ingredientes para que ficassem misturados? Se sim, por que o escritor não disse *mistura* em vez do *creme* enlouquecedoramente vago?

— Você aprende? — Xavier parecia cético, o que não gostei.

— Sim. — *Foda-se.* Eu estava me mexendo. Você não poderia errar com uma boa agitação.

— Não que eu não acredite em você, baby, mas seus cupcakes estão queimando.

O barulho do alarme de fumaça abafou a última parte de sua frase, e um cheiro acre encheu minhas narinas.

— Merda! — Girei a tempo de ver a fumaça saindo do forno. Abri a porta e tossi quando uma nuvem de fumaça cinza-claro me envolveu.

Uma mão queimada, uma janela aberta, e várias abanadas de revista depois, o alarme desligou, mergulhando-nos no silêncio.

Olhamos para a bandeja de cupcakes enegrecidos sobre a mesa.

Xavier jogou a revista que usou para espalhar a fumaça na lixeira. — Crumble & Bake serve — disse ele cuidadosamente. — Talvez devêssemos fazer o pedido.

Meus ombros caíram. — Acho que deveríamos.

Meia hora depois, estávamos enrolados no meu sofá com um filme de Nate Reynolds e uma caixa de cupcakes Crumble & Bake. Eu tinha abandonado minha massa de biscoito na cozinha, o que era melhor, embora não estivesse feliz com isso.

— Eu queria tentar algo novo — resmunguei. — Cozinhar é uma habilidade essencial para a vida.

Eu estava com vergonha de admitir que estava tentando impressioná-lo. Era tão estúpida e retrógrada a noção de que uma mulher tinha que ser boa na cozinha. Olá, não era para isso que servia a entrega de comida? Mas eu gostava muito de Xavier, e cozinhar parecia uma atividade doméstica agradável para dar vida ao apartamento.

Tentei não olhar para a mesinha lateral onde The Fish morava. Eu havia jogado fora o aquário dias atrás, mas ainda sentia sua ausência. — Você sabe o que mais é uma habilidade essencial para a vida? Viver — brincou Xavier. — Estou preocupado que qualquer tentativa futura de assar resulte no incêndio de sua cozinha.

— Muito engraçado. — Joguei um guardanapo enrolado nele. — Da próxima vez, *tente* assar.

— Estou bem. Eu sei onde estão meus talentos, e não é na cozinha. — Seu braço descansou no encosto do sofá, as pontas dos

dedos roçando meu ombro. — Mas você não precisa cozinhar para mim, Luna. Estou feliz em fazer o pedido.

— Porque os restaurantes fazem melhor?

— Bem, sim. — Ele riu quando bati com o joelho no dele em reprovação, mas um sorriso rompeu meu descontentamento.

Se eu dedicasse tempo e esforço suficientes, tinha *certeza* de que iria arrasar com os assados. Não havia como um pouco de açúcar e farinha me vencer, mas eu não gostava de cozinhar e não precisava ser boa em tudo (embora pudesse ser, se quisesse).

— A melhor notícia é que as contas de Perry nas redes sociais foram banidas — eu disse enquanto Nate Reynolds se envolvia em um tiroteio com um grupo de mercenários na tela. Xavier sempre assistia às comédias românticas comigo, então sofri com o thriller de ação por ele. Não era tão ruim quanto eu esperava. Na verdade, era muito bom, e Nate era um colírio para os olhos, delicioso.

As sobrancelhas de Xavier se ergueram novamente, desta vez de surpresa. — Quando isso aconteceu? Elas estavam ativas ontem à noite.

— Há menos de uma hora, pouco antes de o alarme de fumaça disparar — eu disse. — Eu vi a mensagem de Isa na minha tela de bloqueio.

Eu pesquisei ansiosamente a história no Google enquanto Xavier pagava o entregador. Depois que Soraya postou seu vídeo de negação no início desta semana, seus fãs invadiram as contas de Perry com determinação cruel e conseguiram banir *todas* as suas mídias sociais. Aparentemente, as plataformas negaram seus



apelos e ele já havia carregado uma nova postagem no blog implorando por ajuda para restabelecer suas contas.

Isso não faria meu pai recontratar Rhea nem me ajudaria a ver Pen, mas foi profundamente satisfatório.

— Então a vingança foi servida — disse Xavier.

— Ainda não. Ainda há a questão do blog dele. — Toquei no meu telefone. — Um passarinho me disse que Bryce o está processando por difamação e pelo sofrimento emocional que isso causou em seu casamento.

— Muitas pessoas já o processaram por difamação antes. Nunca é preso.

— Desta vez é diferente. Há provas de que Perry agiu com desrespeito imprudente e publicou aquela postagem sem verificar nenhum dos fatos.

— Perry Wilson no tribunal. Isso seria um espetáculo para ver — Xavier falou lentamente. — Estou surpreso que ele tenha sido tolo o suficiente para fazer isso. Diga o que quiser sobre o homem, mas ele geralmente é mais cuidadoso com essas coisas.

Dei de ombros. — O ego do homem é sempre a sua ruína. — Um pequeno sorriso surgiu em minha boca. — Além disso, posso ter espalhado o boato de que um blog iniciante estava prestes a contar sobre o escândalo do ano.

Além de sua mesquinhez geral, Perry era famoso por sua paranoia com alguém usurpando seu trono.

— Seus anunciantes já estão assustados — acrescentei. — Se esse processo por difamação tiver pernas, o que eu acho que terá,

haverá um êxodo, o que significa que ele precisará de dinheiro, o que significa...

— Estará preparado para uma aquisição — concluiu Xavier. — Kai Young?

— Ele me mandou um e-mail ontem. Ele disse que está aberto a isso se o preço e as condições forem adequados. — Eu não duvidei da capacidade de Kai de conseguir o melhor negócio do blog de Perry, que logo morreria.

— Assim, você se livrará do homem Perry Wilson e garantirá que sua única plataforma restante estará em mãos mais amigáveis. — Xavier assobiou. — Lembre-me de nunca irritar o seu lado ruim.

— Não faço coisas assim com frequência, mas ele merece — eu disse. Não era só sobre mim ou Xavier; tratava-se de toda a cultura que Perry havia propagado. Fofocas e rumores sempre existiram, mas ele os levou a um novo nível desagradável e dissimulado.

E sim, ok, também foi um *pouco* pessoal. Meu sangue fervia toda vez que pensava em sua postagem no blog sobre Pen. Atacar adultos era uma coisa; arrastar uma criança para lá era outra.

— Se eu tivesse acesso à minha herança, eu a compraria e pouparia você do trabalho — disse Xavier. — Sempre quis um pedacinho do reino da internet.

Eu ri. — Agradeço o sentimento, mas a ideia de você ter um blog de notícias é assustadora.

— Você não acha que eu posso fazer isso?

— Eu acho que você pode fazer isso  *muito* bem. — Exceto que, em vez de notícias sobre celebridades, ele provavelmente o usaria para documentar suas aventuras, muitas das quais o colocariam diretamente no meio da mira da imprensa.

Peguei um pedaço de cupcake, minha mente agitada. *Se eu tivesse acesso à minha herança completa...*

— Se eu lhe fizer uma pergunta, você responderá com sinceridade? — perguntei.

Xavier olhou para mim, depois fez uma careta e pausou o filme. — Ah, ah. Nada de bom vem depois dessa abertura.

— Não é nada ruim — eu o tranquilizei. — Eu só estou curiosa. Por que você quer tanto sua herança? Não pode ser apenas uma questão de dinheiro.

À primeira vista, parecia óbvio por que alguém iria querer bilhões de dólares. Mas Xavier tinha seus problemas com o dinheiro do pai e, embora gastasse dinheiro da mesma forma que certas celebridades gastavam com cocaína, ele não me parecia alguém que gastaria tanto dinheiro simplesmente para tê-lo.

— Por que não? — ele perguntou levemente. — Talvez eu seja um bastardo ganancioso, pura e simplesmente.

Limitei-me a olhar para ele sem dizer nada e, após um longo e tenso silêncio, a sua irreverência dissolveu-se num suspiro.

— Estou doando metade para caridade.

Quase me engasguei com meu bolo. Não era isso que eu esperava.

*De forma alguma.*

— Não que eu não ache que doar para instituições de caridade seja admirável, mas não é exatamente isso que o testamento do seu pai estipula que acontecerá com o dinheiro se você não executar essa coisa de CEO? — perguntei.

— Sim.

— Então por que... — Minha pergunta foi interrompida pelo sorriso malicioso de Xavier. Meus olhos se estreitaram e foram até a tatuagem do brasão da família rival dos Castillo em seu bíceps. Representava a dualidade de Xavier: a sua teimosia e ressentimento, mas também a sua dedicação e paixão. Ele era o tipo de pessoa que pintaria um símbolo permanente de sua guerra contra seu pai em seu corpo, e de repente eu sabia exatamente qual era o problema. — Você está doando para instituições de caridade que seu pai odiava, não é?

Seu sorriso se alargou em um sorriso. — Eu não diria que ele odiava as instituições de caridade — disse ele. — Mas ele certamente não teria aprovado doar para algumas de suas causas.

Ele me entregou seu telefone. O aplicativo Notes estava aberto e eu percorri a lista de instituições de caridade que ele havia criado. A maioria delas se concentrava em direitos civis e humanos, com algumas causas artísticas e musicais incluídas. Apostava meu apartamento que essas eram para a mãe dele.

*Ela adorava arte, então doava muito dinheiro e tempo para galerias locais.*

Também lembrei das organizações listadas no testamento de Alberto.



Todas elas eram orientadas para negócios ou comércio.

Cheguei ao último nome da lista e ri alto. — O fundo de doações de Yale?

— Meu pai era um cara de Harvard; ele odiava Yale com paixão. Rivalidade escolar e tudo mais. — As covinhas de Xavier brincavam de esconde-esconde. — Vou garantir que ele consiga uma boa biblioteca no campus.

— Você é mau, mas genial. — Devolvi o telefone dele, ainda rindo. — Você é um gênio do mal.

— Obrigado. Sempre aspirei ser essas duas coisas. Os malfeitores se divertem muito mais e os gênios são, bem, gênios. — Xavier guardou seu telefone no bolso. — Para ser justo, eu teria doado para essas causas de qualquer maneira. O fato de que meu pai teria desaprovado noventa por cento delas é a cereja do bolo.

Levantei meu cupcake meio comido. — Para vingança.

— Para vingança. — Ele bateu o chocolate no meu limão e framboesa. Ele mastigou e engoliu antes de acrescentar: — Mas não me entenda mal. Definitivamente vou ficar com parte do dinheiro. Gosto dos meus carros e dos hotéis cinco estrelas.

— Você quer dizer que gosta de destruir hotéis cinco estrelas.

Xavier ignorou claramente minha alusão ao fim de semana do seu aniversário em Miami. — Mas eu não preciso de *tudo* isso. É mais do que qualquer pessoa razoável poderia gastar durante toda a vida. — Sua expressão ficou pensativa. — Assim que o clube decolar, ganharei meu próprio dinheiro e não terei que depender do dele. Será uma ruptura limpa, de uma vez por todas.

Ele não mencionou a teoria de Eduardo sobre a brecha do testamento, e eu não mencionei o assunto.

— Você terá sucesso — eu disse simplesmente.

O sorriso de resposta de Xavier foi puro calor, e mais tarde naquela noite, quando estávamos deitados, suados e saciados, nos braços um do outro, eu ainda sentia seu roçar na minha pele.

Pela primeira vez desde a morte do peixe, caí num sono sem sonhos.





## CAPÍTULO 37

*Xavier*

A má sorte vem em três.

Fui exposto a essa superstição desde criança, mas ninguém jamais definiu o período de tempo em que essas três coisas ruins aconteciam. Podia ser um dia, uma semana, um mês ou, no meu caso, três meses.

A morte do meu pai e nova cláusula de herança em outubro.  
Perry expondo nosso passeio com Pen em novembro.

Foram duas, mas o período relativamente tranquilo após a exposição do blog me embalou com uma falsa sensação de complacência. O problema com Pen e Rhea ainda pairava sobre nossas cabeças, mas pelo menos Pen ficaria na cidade no futuro próximo e Rhea seria cuidada até encontrar um novo emprego.

Depois das remoções de Perry nas redes sociais e da mudança tácita, mas significativa, em meu relacionamento com Sloane – ou seja, a percepção de que eu a amava, mas não podia dizer a ela para não fazê-la correr para as montanhas – a vida retomou seu ritmo normal. Isso queria dizer que estava muito ocupado.

Apesar da proximidade dos feriados, as obras do clube estavam a todo vapor. Eu contratei uma equipe de construção, encanadores, eletricitas e todo mundo que eu precisava para

acelerar o processo antes que Farrah pudesse começar o projeto real, e já estava profundamente envolvido nos planos de inauguração enquanto nos aproximávamos do final de dezembro.

Estávamos fazendo bons progressos no clube, mas não era *suficiente*. O relógio marcava meu trigésimo aniversário e cada dia que passava aumentava minha ansiedade. Sempre que eu pensava na minha interminável lista de tarefas, minha respiração ficava curta e uma onda de opressão caía sobre mim.

No entanto, guardei tudo isso para mim enquanto levava Vuk e Willow para um passeio pelo Vault.

— Estamos preservando os pisos e janelas originais, mas estamos transformando as caixas em expositores de garrafas — eu disse. — Os banheiros ficarão onde ficam as salas de contagem privadas, e os cofres serão pintados para formar uma parede de destaque.

Vuk ouviu, com o rosto impassível. Em vez dos ternos de grife preferidos pela maioria dos CEOs, ele usava uma camisa e calça preta simples. Ao lado dele, sua assistente fazia muitas anotações em uma prancheta.

Willow era uma mulher de quarenta e poucos anos com cabelos acobreados brilhantes e uma atitude sensata. Ou ela conseguia ler mentes ou trabalhava para Vuk por tempo suficiente para ler a mente *dele*, porque fazia todas as perguntas que ele teria feito se, bem, tivesse realmente falado.

— Quando a construção será concluída? — ela perguntou.



Como era um canteiro de obras ativo, nós três usávamos equipamentos de proteção individual, mas eu conseguia imaginar seus olhos de águia examinando cada detalhe por trás dos óculos de segurança.

— Fim do mês — eu disse. — Farrah já está adquirindo a maior parte dos móveis e materiais de que precisamos para que possamos começar a trabalhar assim que isso for feito.

Passei meu braço ao redor do cofre. Os trabalhadores andavam de um lado para outro, martelando pregos, instalando fiação e gritando uns com os outros em meio ao zumbido de furadeiras e serras.

Ter tantos empreiteiros aqui ao mesmo tempo não era o ideal. Aumentava o risco de acidentes, mas dado o tempo, não tinha escolha. Eu precisava do básico antes do Ano Novo para que pudéssemos nos concentrar no design. Isso levava mais tempo e eu nem estava contando outras coisas que precisava fazer, como contratação e marketing.

Vuk era um parceiro silencioso. Suas principais contribuições foram seu nome e dinheiro; o resto cabia a mim descobrir.

Reprimi uma onda familiar de pânico e respondi o resto das perguntas de Willow da melhor maneira que pude. Eu não era um especialista nos detalhes básicos da construção, mas sabia o suficiente para satisfazer sua curiosidade por enquanto.

— Ei, chefe. — Ronnie, o eletricista-chefe, abordou-me no meio do passeio. Ele era um homem baixo e atarracado, com olhos da cor de moedas velhas e um rosto que parecia uma pedra, mas era

o melhor no ramo. — Posso falar com você por um segundo? É importante.

Merda. Esse tom de voz não era um bom presságio para minha pressão arterial. Enquanto Vuk e Willow examinavam as caixas, segui Ronnie até os fundos do clube, onde uma confusão de fios se entrecruzava em uma espécie de nó górdio de pesadelo.

— Temos um pequeno problema — disse ele. — Essa fiação não é atualizada há décadas. A situação não é terrível – você provavelmente ainda tem mais ou menos um ano antes que uma religação não seja mais opcional –, mas imaginei que você talvez queira fazer isso antes de abrir.

— Qual é o problema? — Uma atualização era bastante simples. Ronnie não teria me chamado a menos que houvesse outra coisa.

— Não é possível terminar antes do Ano Novo — disse ele. — Uma religação completa dessa escala levará pelo menos dez dias, sem contar os trabalhos de acabamento e decoração necessários.

Restavam quatorze dias no ano. Ronnie sairia de férias a partir de quarta-feira. Abri a boca, mas ele balançou a cabeça antes que eu pronunciasse uma única palavra.

— Desculpe, chefe, não posso fazer. Minha esposa está planejando nossa viagem de Natal desde o Natal *passado*. Se eu cancelar ou adiar, ela vai cortar minhas bolas, e não estou sendo figurativo. Nenhuma quantia de dinheiro vale minhas bolas.

— É uma questão de timing. Eu cobrirei todas as despesas da sua viagem se você fizer depois do Ano Novo.

Ronnie fez uma careta. — Ela vai cortar *uma* bola só por sugerir isso. Natal é a coisa dela.

Eu podia dizer que não havia como influenciá-lo, o que me deixava com escolhas limitadas.

Escolha nº 1: eu poderia tentar encontrar outro eletricitista que pudesse concluir o trabalho a tempo (possível, mas a qualidade do trabalho dele poderia estar faltando e causaria maiores dores de cabeça no futuro).

Escolha nº 2: eu poderia esperar até o Ano Novo para religar, mas isso significaria adiar os planos de design. Considerando todo o cronograma e mão de obra envolvidos *nesse* processo, era a opção menos desejável.

Opção nº 3: eu poderia manter a fiação atual e atualizar assim que o clube estivesse instalado e funcionando. Novamente, não era o ideal, mas nada na minha situação era.

— Você disse que a situação não é terrível, certo? Então não precisamos *religar* antes do clube abrir — eu disse.

— Não, mas... — Ronnie hesitou. — O isolamento de alguns fios se desgastou, então há um problema de segurança.

*Merda dupla.*

Esfreguei a mão no rosto, uma dor de cabeça se instalando na base do crânio. — Qual é o tamanho da questão da segurança?

— Não é uma emergência, mas é algo para ficar de olho. Tenho que ter certeza de que os fios são manuseados corretamente e não superaquecem, ou você sofrerá um choque terrível.

Eu convoquei um meio sorriso com seu trocadilho.

— Você está enfrentando algum problema elétrico? — ele perguntou. — Luzes piscando, quedas de energia ou algo parecido?

Eu balancei minha cabeça.

— Então eu acho que você está bem *por enquanto*. Novamente, recomendo religar o mais rápido possível, mas sei que você tem um prazo. Tentarei fazer o máximo que puder antes de partir para os feriados. — Ronnie acenou com a cabeça para a parede. — Então, o que será?

Parte da gestão de uma empresa era tomar decisões difíceis, e tomei a minha antes que pudesse pensar demais.

— Vamos religar depois que o projeto estiver concluído. Quem sabe? Talvez consigamos terminar antes da inauguração — eu disse com mais otimismo do que sentia.

— Talvez. — Ronnie encolheu os ombros. — Você é o chefe.

Com isso atrás de mim, juntei-me a Vuk e Willow, que havia enfiado a prancheta na bolsa do tamanho de um carro.

— Receio que tenhamos que sair mais cedo — disse ela. — O Sr. Markovic tem uma emergência pessoal que precisa resolver.

Olhei para Vuk, que não parecia particularmente preocupado com sua suposta emergência pessoal. Talvez ele e Alex fossem parentes. Eles possuíam aproximadamente a mesma gama de expressão emocional.

— Gostaríamos de terminar este passo a passo em outro momento — disse Willow. — O Sr. Markovic está... indisponível pelo resto do ano, começando no domingo, mas podemos voltar no



sábado de manhã. Ele tem mais algumas perguntas sobre seus planos para o clube.

Sloane e eu deveríamos ir patinar no gelo no sábado, mas eu não queria insultar Vuk novamente adiando. Se eu terminasse o passo a passo pela manhã, sobraria a tarde e a noite livres para o nosso encontro.

Eu sorri. — Sábado é bom.



A manhã de sábado amanheceu clara e ensolarada.

Sloane tinha ficado aqui ontem à noite e ainda estava na cama quando saí para me encontrar com Vuk. Ela raramente dormia até tarde, mas eu a mantive ocupada a noite toda, então não a acordei antes de sair.

A cidade já estava acordada e ocupada quando meu táxi me deixou no arranha-céu que abriga o Vault. Uma família de turistas com suéteres de Natal combinando bloqueava a entrada do prédio, e tive que suportar suas canções improvisadas durante o dia enquanto contornava-os.

Ao mesmo tempo, alguém veio do outro lado e esbarrou em mim. Um boné de beisebol sombreava metade de seu rosto, mas ele parecia vagamente familiar. Antes que eu pudesse investigar mais, ele desapareceu na esquina, e minha curiosidade sobre sua

identidade se tornou uma reflexão tardia quando entrei no Vault e encontrei Vuk e Willow esperando por mim.

Ele usava novamente camisa e calça pretas; ela havia colocado um vestido vermelho que combinava com seu cabelo.

— Adicione alguns acessórios verdes e você dará à árvore do Rockefeller uma corrida pelo seu dinheiro — brinquei.

Willow não achou graça.

Eu paguei à construtora uma tonelada de dinheiro para trabalhar nos fins de semana; mesmo assim, eles só podiam dispensar uma equipe mínima tão perto do Natal.

Havia apenas três trabalhadores lá dentro, o que tornou este passo a passo muito mais fácil do que o primeiro. Na verdade, foi mais do que fácil.

Foi tranquilo. Perfeito.

Até que não foi.

Eu tinha acabado de responder a última pergunta de Willow sobre as medidas de segurança quando a cabeça dela virou para a esquerda. Ao lado dela, Vuk ficou tenso, as narinas dilatadas com o primeiro pingo de emoção que vi nele.

— Algo está errado? — perguntei.

— Você está sentindo esse cheiro? — A voz e o corpo de Willow estavam tão tensos quanto as cordas de um violino.

Fiz uma pausa, meus sentidos deixando de lado os aromas avassaladores de madeira e metal do canteiro de obras para me concentrar no cheiro de algo mais forte.

*Fumaça.*

A compreensão ocorreu exatamente quando as brocas pararam e um grito de pânico reverberou pela sala.

— *Fogo!*

O que aconteceu em seguida aconteceu tão rápido que meu cérebro não processou até que a parede do fundo explodiu em chamas.

Mais gritos. Corrida. Movimento. *Fogo.*

Tanto calor. Era do tipo ruim, do tipo que atingia você como uma queda repentina de energia, mergulhando corredores cruciais de sua mente na escuridão e causando um curto-circuito nos caminhos entre o cérebro e os músculos.

Calor sufocante, paralisante e que roubava a vida. O suor envolveu minha pele.

*Xavier! Onde você está meu filho?*

*Ela ficou presa... não conseguiu passar pela porta da frente... morreu por inalação de fumaça...*

*Sorte que recuperamos o corpo dela... Deveria ter sido você.*

Minha mente fervia com visões que seria melhor deixar enterradas. A realidade vacilou, indo do passado para o presente e vice-versa.

*Deveria ter sido você.*

Uma tentativa de ar atraiu fumaça em vez de oxigênio. Tossi, meus pulmões queimando e, ironicamente, foi isso que me tirou daquele estado.

Os cheiros, o calor, o pânico. Eu já estive aqui antes.

Quase morri quando tinha dez anos, mas já não tinha mais dez anos, e seria *um inferno* se deixasse outro incêndio acabar com o que o primeiro começou. Pisquei e tudo ao meu redor voltou com uma clareza horrível. As chamas dançavam ao meu redor com alegria malévola, espalhando-se mais rápido do que meus olhos conseguiam rastrear-las. Suas línguas vermelhas e laranja procuravam avidamente qualquer coisa em seu caminho e lançavam um brilho surreal no chão de pedra e no teto com nervuras da abóbada. A temperatura subiu a alturas tão insuportáveis que cada centímetro da minha pele gritava por alívio.

Mesmo assim, meus pés permaneceram enraizados no chão.

Minha mente estava de volta, mas meu corpo permaneceu congelado até que um *estalo alto* finalmente quebrou meu entorpecimento e me pôs em movimento.

Não perdi tempo verificando o que havia causado o som. Simplesmente corri, esquivando-me de ferramentas abandonadas enquanto cobria a boca e o nariz com o antebraço. As chamas avançaram em minha direção como formigas correndo em direção a uma cesta de piquenique virada, e cheguei a meio caminho da saída antes que uma onda de tontura me atrasasse.

Tropecei, mas não parei de me mover. Eu já estava tonto por causa da fumaça; se eu parasse de me mover, morreria.

Andei mais uns três metros quando um flash preto chamou minha atenção.

Meu coração parou. *Vuk.*



— Markovic! — Tossi devido ao esforço de gritar em meio à escassez de oxigênio. — Temos que sair daqui!

O fogo estava se aproximando rapidamente. Se não partíssemos logo, ficaríamos presos.

Vuk não se mexeu. Ele ficou ali, com os olhos vazios, o corpo tão imóvel que nem conseguia vê-lo respirar. Se ele não estivesse de pé, eu teria pensado que ele estava morto.

Willow não estava à vista.

— Vuk! — Eu não dava a mínima se ele odiava seu nome de batismo. Eu só me importava que isso chegasse até ele.

Não aconteceu.

*Droga.*

Amaldiçoei silenciosamente usando todos os palavrões em inglês e espanhol que conhecia enquanto diminuía a distância entre nós e o puxava com força em direção à saída.

Eu estava em excelente forma. Eu malhava regularmente e tinha bastante músculo, mas tentar arrastar cem quilos de um sérvio pouco cooperativo através de um incêndio era como tentar puxar um trem de carga com um carrinho de brinquedo.

O suor escorria pelos meus olhos. Meus músculos enfraqueceram e ficaram frouxos. A distância entre nós e a porta se estendia infinitamente, cada passo parecia escalar um Monte Everest diferente.

Parte de mim queria desistir, deitar no chão e deixar as chamas queimarem a dor, as preocupações e os arrependimentos.

Mas se eu fizesse isso, se não nos levasse até a saída, morreríamos. Eu nunca mais veria Sloane e seria responsável por mais mortes.

Eu não poderia deixar isso acontecer.

Através de pura força de vontade, arrastei-nos centímetro a centímetro pelo chão. Eu não estava respirando, mas ofegando agora, e rajadas de escuridão salpicaram minha visão.

Mas de alguma forma, eu consegui.

Eu não sabia como. Talvez tivesse sido a mesma força sobre-humana que permitia às mães levantar carros inteiros pelos filhos, ou talvez tivesse sido o último grito de guerra do meu corpo antes de desabar.

Fosse o que fosse, levou-nos pela saída do Vault e em direção à escada. A porta se abriu e de repente preto e amarelo passaram pela minha visão.

Eu vi as letras *FDNY* antes que alguém puxasse Vuk de cima de mim e outra pessoa me agarrasse, e estávamos nos movendo e nos abaixando, subindo as escadas correndo enquanto outros membros da equipe lutavam contra o fogo invasor.

Deixei que me guiassem, atordoado e desorientado demais para fazer mais do que seguir, mas olhei para trás uma vez – apenas o tempo suficiente para ver o Vault, meu sonho e tudo o que vinha com ele queimar.



## CAPÍTULO 38

*Xavier*

Foi a fiação.

Depois que a fumaça se dissipou e as perguntas dos socorristas foram respondidas, sentei-me na traseira de uma ambulância, observando a atividade ao meu redor com olhos opacos.

A causa do incêndio não seria oficial até que a cidade e a seguradora investigassem, mas eu ouvi trechos dos bombeiros.

Incêndio elétrico. Fiação desatualizada – a mesma fiação que *eu* disse ao eletricista para manter há apenas dois dias.

Uma parte pequena e lógica de mim disse que não foi minha culpa e que o incêndio teria acontecido de qualquer maneira, porque ele não teria terminado a religação mesmo se eu tivesse dado luz verde. Uma parte maior e mais insidiosa perguntou por que eu não tomei as medidas de segurança adequadas antes de abrir o Vault para dezenas de empreiteiros e colocá-los em perigo.

Eu deveria ter certeza de que tudo estava de acordo com o código antes de correr para a construção, mas não o fiz porque estava muito focado em cumprir o prazo.

Um erro e as pessoas se machucaram.

A queimação persistente em minha garganta reacendeu. Os sintomas imediatos da minha inalação de fumaça desapareceram

depois que os médicos trataram o problema com oxigênio de alto fluxo, mas eu ainda me sentia em carne viva e machucado, como se alguém tivesse me virado do avesso e me chutado até sangrar.

Felizmente, ninguém morreu, mas dois dos trabalhadores da construção civil foram transportados para o hospital com queimaduras graves. O trabalhador restante conseguiu escapar com alguns hematomas e uma mão quebrada depois que algo caiu sobre ele. Eu não via Vuk desde que os bombeiros nos resgataram, mas vi Willow esperando do lado de fora, com o rosto cor da neve. Quando terminei de responder às perguntas dos médicos, Vuk e Willow já haviam partido.

Tive sorte de não haver mais pessoas lá dentro e de o fogo não ter se espalhado para outros andares ou danificado a integridade estrutural do edifício. Tive ainda mais sorte de o incêndio não ter acontecido *depois* que o clube abriu e estava lotado de gente.

Mas não me sentia com sorte; sentia como se estivesse me afogando.

*Minha culpa.*

Isso foi tudo culpa minha, de novo.

Procurei um resquício de emoção – raiva, tristeza, vergonha – e não encontrei nada além de um entorpecimento terrível e abrangente. Até minha culpa era vazia, como se o fogo tivesse sugado sua essência e espalhado suas cinzas por todo meu corpo. Já não se manifestava como facas afiadas perfurando minha consciência; estava simplesmente *lá*, difundido e intangível.



Por que eu pensei que poderia fazer isso? Abrir uma boate em seis meses era uma loucura e eu nunca deveria ter tentado. Eu deveria *saber* que apressar as coisas levaria ao desastre, mas estava muito cego pelo orgulho e pelo ego.

— *Deveria ter sido você. — Meu pai olhou para mim com os olhos injetados de tristeza e álcool. — Você deveria ter morrido, não sua mãe. Isto é culpa sua.*

Ele estava certo. Ele sempre-

— Xavier. — Uma nova voz penetrou na minha névoa de memórias. Parecia distante, como algo saído de um sonho.

Fria, suave, feminina.

Eu gostei dessa voz. Tive a sensação de que isso me trouxe grande conforto no passado, mas não foi suficiente para me despertar do meu estupor.

— Xavier, você está bem? — Ondas de preocupação perturbaram a suavidade. — O que aconteceu?

Cabelo loiro claro e olhos azuis encheram minha visão, bloqueando a vista do arranha-céu, dos médicos e dos transeuntes curiosos.

*Sloane.*

Um em cada mil nós se soltou, mas foi o suficiente.

O mundo voltou à clareza cristalina. Buzinas de carros soaram na rua, os socorristas encerraram seu trabalho e o feio fantasma de fumaça serpenteou por meus pulmões.

Era um dia fresco de dezembro, mas a fumaça acre grudava em mim como um filme plástico, penetrando na minha pele e me sufocando de dentro para fora.

— *Xavier*. — Mãos quentes emolduraram meu rosto. — Olhe para mim. — Eu fiz, mesmo porque não tinha forças para discutir.

A preocupação estampada nas feições de Sloane. Seu olhar percorreu-me freneticamente, e quando ela falou novamente, sua voz estava mais suave do que eu já tinha ouvido. — Você está bem? — ela repetiu.

Ela estava embrulhada em uma gola alta de caxemira, casaco e calça. Foi estranho notar, dadas as circunstâncias, mas me lembrou que deveríamos ir patinar no gelo hoje. Neste exato momento, deveríamos estar no Rockefeller Center, com pessoas tomando chocolate quente.

Era engraçado como dias, planos, *vidas* podiam mudar assim.

Um piscar de olhos e tudo ficou diferente.

— Estou bem — falei. Minha voz soou tão vazia quanto minha culpa.

Essa era a questão. Sempre fiquei bem e sempre foram as pessoas ao meu redor que sofreram.

Eu vivi; minha mãe morreu. Saí do Vault sem nenhum arranhão enquanto dois homens precisavam ser tratados por queimaduras de terceiro grau.

— O que aconteceu? — Sloane perguntou, sua voz ainda suave.  
— Como foi...?

— Foi um incêndio elétrico — eu disse categoricamente. Expliquei tudo para ela: a fiação, o aviso do eletricista, minha decisão de adiar a atualização e, o mais importante, minha falta de previsão em cuidar dessas coisas antes do início da construção.

— Isso não foi obra sua. — Sloane sempre possuiu uma habilidade incrível de ler minha mente. — O próprio eletricista disse que a fiação não era uma emergência. Você-

— Talvez não, mas era *meu* trabalho pensar em coisas assim. — Eu apertei meu queixo. — Eu não posso cortar atalhos assim. Imagine se isso acontecesse *depois* da inauguração do clube. Teria sido outro Cocoanut Grove. — O incêndio de 1942 no Cocoanut Grove de Boston foi o incêndio em uma boate mais mortal da história.

— Mas isso não aconteceu. — Sloane permaneceu firme. — Conversei com um dos socorristas. Ninguém morreu e os danos físicos não são tão graves quanto você pensa. O Vault possui muitos elementos à prova de fogo. Será apertado, ainda mais apertado do que antes, mas com a equipe certa, você poderá reformar o clube, consertar os danos causados pelo fogo e abrir a tempo. Talvez não seja... — O quê? Eu olhei para ela, tentando processar suas palavras. Elas faziam sentido individualmente, mas juntas formavam uma bagunça confusa.

— O que você está falando?

— O clube. Fiz alguns cálculos rápidos. Serão necessários dois meses para limpar os danos, o que prejudica o cronograma inicial do projeto, mas se reduzirmos os interiores e nos concentrarmos na experiência, será factível.

Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo. — Não estamos reduzindo nada, porque o clube acabou. Isso não está acontecendo.

Choque marcou o rosto de Sloane. — Xavier, o Vault pode ser recuperado. Isto-

— Não, não pode. — O nó afrouxado de antes se torceu em uma bobina inquebrável. — Dei o meu melhor e foi *isso* que aconteceu. — Fiz um gesto ao nosso redor. — Se isso não é um maldito sinal para desistir, não sei o que é.

— Isso não é sinal de nada. — Se eu era teimoso, ela era inflexível. — Será mais difícil, mas se...

— Droga, Sloane! — Uma torrente de emoções reprimidas perfurou meu entorpecimento. Dor, fúria, frustração, arrependimento – tudo isso foi derramado, corroendo minha racionalidade e restrição até que eu não passasse de instinto puro e não adulterado.

E agora, meu instinto era atacar o alvo mais próximo. — Eu não dou a *mínima* para o clube ou seu design — eu disse, baixo e cruel. — As pessoas quase *morreram* por minha causa. Por causa da *minha* supervisão e decisões que *eu* fiz. Sobrevivi a um maldito *incêndio* esta manhã e você acha que quero planejar uma maldita festa? Essa é a *última* coisa em minha mente.

A boca de Sloane tremeu por uma fração de segundo antes de ela endireitar os ombros e erguer o queixo. — Eu entendo que você está chateado e você está certo — disse ela com uma calma irritante. — Agora não é hora de discutir negócios. Podemos fazer isso mais tarde, depois de pegarmos você...



— Não discutiremos isso mais tarde ou nunca. — Eu não conseguia respirar devido à pressão que me sufocava. — Eu já disse, o clube acabou. Você escutou? Tipo, isso nunca vai acontecer. Por que você não entende?

— Porque eu sei que são suas emoções falando! — Sua postura finalmente quebrou. — Você passou por muita coisa hoje, e não estou tentando minimizar isso. Mas você não pode tomar uma decisão sobre todo o seu futuro com base em...

— Sim, eu posso! — Fiquei de pé, precisando me mover, precisando fazer *alguma coisa* para alimentar a fera feia que rondava dentro de mim. — Tentar garantir a porra do meu *futuro* quase matou pessoas. Este projeto era impossível desde o início, e não posso sentar aqui e fazer cálculos de negócios quando há homens feridos em um hospital por minha causa. Nem todos nós podemos passar a vida fingindo que não sentimos, Sloane!

*Ao contrário de você.*

Eu não disse isso, mas não precisei; esse era o problema de nos conhecermos tão bem.

A pele de Sloane ficou sem cor. Ela deu um passo para trás quando me levantei e olhou para mim com algo que eu nunca tinha visto dela antes: dor crua e indisfarçável.

Dor que *eu* coloquei ali – intencionalmente, insensivelmente e maliciosamente. Eu conhecia seu ponto fraco e o ataquei sem pensar.

Esvaziada de combustível, a fera dentro de mim murchou, deixando apenas arrependimento em seu rastro.

*Porra.* Estendi a mão para ela, minha garganta entupida com o resíduo amargo de minhas palavras. — Luna...

— Você tem razão. — Ela se esquivou do meu toque, seus olhos ainda brilhando de dor. — Nem todo mundo pode.

— Eu não-

— Eu tenho que ir. — Sloane se virou, o peito subindo e descendo com respirações rápidas. — Conversaremos depois que as coisas se acalmarem.

*Não vá. Desculpe. Eu amo você.*

Palavras que eu deveria ter dito, mas não disse. *Não pude.*

A única coisa que pude fazer foi vê-la ir embora enquanto meu mundo pegava fogo pela segunda vez nesse dia.



## CAPÍTULO 39

*Sloane*

Ele não quis dizer isso.

Eu sabia que ele não quis dizer isso porque, em sua essência, Xavier não era cruel ou malicioso. Ele ficou chateado com o incêndio e atacou. Pensando bem, eu não deveria tê-lo pressionado tanto para reconstruir o clube depois do incêndio. Tinha sido a hora errada, mas quando o vi sentado ali, parecendo uma casca de si mesmo, entrei em pânico e optei pelo que fazia de melhor: resolver crises. Eu não sabia como amenizar sua culpa, então, em vez disso, abordei a questão concreta de seu clube.

Logicamente, entendi tudo isso, mas emocionalmente, não consegui processar as farpas de suas palavras. Elas se enterraram em feridas antigas, rasgando crostas e suturas para derramar sal na carne crua.

*Nem todos nós podemos passar a vida fingindo que não sentimos, Sloane!*

Se alguém tivesse dito o que Xavier disse, teria doído, mas eu teria ignorado rapidamente. Afinal, fui acusada de coisas piores ao longo dos anos.

Mas vindo dele, o sentimento me devastou. Ele não estava totalmente errado, e foi *por isso* que doeu tanto. Ninguém gostava

de ouvir a verdade da pessoa de quem mais gostava, especialmente quando ela era dita com raiva.

Mesmo uma semana depois, mesmo sabendo que ele não quis dizer isso, doía tanto que eu não conseguia respirar. Isso foi o que mais me aterrorizou: o fato de outra pessoa ter tanto poder sobre mim.

— Mais pipoca? — Alessandra colocou a tigela no meu colo.

Balancei a cabeça, assistindo à nossa quarta comédia romântica de feriado sem realmente ver. Meu caderno de resenhas estava vazio em meu colo; toda vez que tentava escrever algo, imaginava Xavier me provocando de brincadeira e perdia as palavras.

— Este filme é chato. — Isabella bocejou. — Talvez devêssemos mudar de gênero. Em vez disso, assistir a um thriller.

— Tudo bem — falei sem entusiasmo. Eu não estava com vontade de ver casais fictícios tendo um final feliz de qualquer maneira. O conceito de felizes para sempre era uma farsa total.

Minhas amigas trocaram olhares. Era um dia depois do Natal e uma semana inteira depois do incêndio. O acidente ganhou as manchetes, mas todos estavam distraídos com os feriados e não gerou a mesma tempestade na mídia que teria acontecido em qualquer outra semana do ano.

Contei às minhas amigas o que aconteceu e recusei a oferta de Alessandra de passar o Natal com ela e Dominic. A única coisa pior do que ficar sozinha no Natal era ser uma terceira roda.



Isabella e Kai estavam em Londres, e Vivian, Dante e Josie tinham ido a Boston visitar a mãe de Vivian, então a última coisa que eu esperava quando minha campainha tocou naquela tarde foi ver minhas três melhores amigas aglomerados na porta, armadas com pipoca e vinho suficientes para derrubar um elefante.

Foi o único ponto positivo da minha semana.

Enquanto Isabella procurava um novo filme, Vivian me olhava com uma preocupação silenciosa. — Você falou com Xavier desde sábado? — ela perguntou gentilmente.

A pergunta arranhou feridas expostas e balancei a cabeça, recusando-me a olhar nos olhos dela.

— Você *quer* falar com ele?

Novamente balancei a cabeça, desta vez com menos convicção.

Xavier e eu não conversamos ou trocamos mensagens desde que saí depois do incêndio, nem mesmo para desejar um feliz Natal um ao outro. Parte de mim ficou tentada a entrar em contato primeiro, ter certeza de que ele estava bem e pedir desculpas por ter exagerado, mas o orgulho e a autopreservação me impediam toda vez que eu pegava o telefone.

Talvez o fato de não conversarmos fosse o melhor. Obviamente, eu não sabia como confortá-lo adequadamente e minha presença piorou as coisas em vez de melhorar.

— Você tem que falar com ele eventualmente. — Dessa vez quem falou foi Alessandra. — Seu período experimental de namoro expirará em breve.

A dor me atravessou. — Eu sei.

Eu não ganharia prêmios por minha eloquência hoje, mas tinha medo de que, se pronunciasse mais do que um punhado de palavras por vez, isso destruiria meu já tênue controle sobre minhas emoções.

Eu não me permiti sentir *plenamente* as implicações do que aconteceu com Xavier e o silêncio que se seguiu, e se pudesse, nunca o faria. Era melhor deixar algumas coisas reprimidas.

Isabella fez uma pausa em sua busca pelo thriller perfeito e houve outra troca de olhares pela sala.

— O que você vai fazer quando o período terminar? — Isabella perguntou cautelosamente.

Apoiei meu queixo contra a pressão que aumentava em meu peito. — Não sei.

Exceto que eu sabia.

Eu só não sabia se teria forças para continuar com isso.



*Xavier*

Eu poderia descrever a semana após o incêndio em uma palavra: inferno.

A papelada? Inferno. Visitar o hospital e ver de perto as queimaduras dos trabalhadores? Inferno. Falar com as famílias angustiadas dos trabalhadores? Inferno.

Não ver ou falar com Sloane sabendo o quanto eu a machuquei na última vez que conversamos? Inferno vezes mil.

Eu deveria ter corrido atrás de Sloane e pedido desculpas logo depois que ela saiu, mas estava preocupado em piorar as coisas. Eu não estava no estado de espírito certo para fazer nada, exceto ir para casa, servir-me de um copo de uísque e desmaiar.

Os dias seguintes foram repletos de telefonemas, reuniões, papelada e um milhão de outras coisas que eu não queria fazer. Tentei entrar em contato com Vuk, mas não consegui, e passei o Natal em casa, dividido entre ligar para Sloane e evitar nosso confronto inevitável como um covarde.

A covardia venceu.

Eu não estava orgulhoso disso, mas nosso período experimental de namoro terminava logo, e eu não precisava de um QI de gênio para saber que tinha estragado tudo.

Enquanto não conversássemos, eu poderia viver em negação e fingir que estávamos passando por um pequeno contratempo, e foi assim que acabei no bar do Valhalla no domingo depois do Natal, afogando minhas mágoas com Lagavulin.

Terminei minha bebida e fiz sinal ao barman para pedir outra. Ele deslizou um copo de uísque fresco sobre o balcão enquanto alguém se acomodava no banquinho ao lado do meu.

— Salve isso — eu disse sem virar a cabeça.

— Isso é muito triste. — Kai ignorou minha rejeição preventiva, seu tom suave. — Você já considerou outros métodos de lidar com a situação além de beber sozinho às — ele consultou o relógio — três da tarde?

— Não estou com disposição para o seu julgamento e não sou o único sentado no bar às três da tarde. — Lancei um olhar aguçado em sua direção. — Você não deveria estar em Londres agora?

— Voamos de volta mais cedo por insistência de Isabella. — Uma pausa delicada. — Aparentemente, uma de suas amigas precisa de *muita animação*. Suas palavras.

Era óbvio a quem ela se referia.

Meu estômago se revirou com a menção indireta de Sloane, e precisei de tudo para não interrogar Kai.

*Isabella já conversou com Sloane? O que ela disse? Como ela está? Quanto ela me odeia agora?*

— A amiga dela não é a única. — Kai acenou em agradecimento quando o barman lhe trouxe um gim-tônica de morango. Ele tinha uma estranha afinidade com aquele coquetel em particular. — Sinto muito pelo incêndio. Verdadeiramente. — Ele parecia sincero, o que tornou tudo pior.

A semana passada não ajudou muito a aliviar minha culpa e senti que não merecia a simpatia das pessoas.

— Você já falou com Alex? — Kai perguntou.

Eu fiz uma careta. — Ainda não. Nós nos encontraremos amanhã.



Eu não estava ansioso por isso. O assistente de Alex havia agendado a reunião, então eu não sabia o que ele pensava sobre o incêndio em seu prédio, mas imaginei que não fosse agradável.

— Também não falei com Markovic desde o incêndio. — Lembrei-me do olhar selvagem de Vuk e das antigas cicatrizes de queimadura em seu pescoço. — Ele desapareceu quando saímos do Vault. Você acha que...?

— O sérvio faz o que faz — disse Kai. A maioria das pessoas se referia a Vuk como o sérvio, de acordo com sua preferência, mas eu não conseguia me livrar do hábito de chamar as pessoas pelo nome verdadeiro. — Ninguém sabe o que se passa na cabeça dele, mas se ele ainda não dissolveu a parceria, presumo que está tudo bem.

Meus ombros ficaram tensos.

Os olhos de Kai ficaram afiados por trás dos óculos. — *Está tudo bem?*

— Além da pequena questão do incêndio? Claro. — Bebi minha bebida. — Porque eu mesmo dissolverei a parceria depois do Ano Novo. O clube não vai acontecer.

— Por que não?

Outra dor de cabeça se instalou atrás dos meus olhos. Eu estava cansado de explicar a mesma coisa repetidamente.

Dei os mesmos motivos que dei a Sloane; assim como Sloane, Kai não parecia impressionado.

— As pessoas cometem erros — disse ele. — Os empreendedores ganham ainda mais. Você não pode ter sucesso nos negócios sem falhar, Xavier.

— Talvez não, mas aposto que a maioria dos erros envolve uma interrupção no fluxo de caixa ou um acidente com a mídia, e não um incêndio que poderia ter matado pessoas.

— Poderia ter feito, mas não fez.

— Por algum milagre.

— Eu não acredito em milagres. Tudo o que acontece, acontece por uma razão. — Kai se virou para me encarar completamente. — Aquela lista de nomes que dei a você? Essas são algumas das pessoas mais perspicazes nos negócios. Eles acreditaram em você o suficiente para investir seu tempo, dinheiro e recursos no clube, e não teriam feito isso se não achassem que você era capaz de fazer isso. Então pare de usar seu ato de mártir como desculpa e descubra como terminar o que começou.

A reprimenda acalorada era tão estranha para Kai que me deixou em silêncio. Não éramos exatamente amigos, e talvez tivesse sido por isso que suas palavras me atingiram com sucesso. Não havia nada tão humilhante ou esclarecedor quanto ser criticado por um conhecido.

Abri a boca, fechei e abri de novo, mas não saiu nada, porque ele estava certo. Eu *estava* agindo como um mártir. Eu assumi o fogo e fiz tudo sobre mim e minha culpa, e usei isso como uma desculpa para me afastar do clube.

Apesar do meu sucesso em iniciar o processo e do melhor dos melhores a bordo, eu tinha medo de falhar. O incêndio me deu a oportunidade de ir embora sem admitir esse medo.

Eu tinha bebido três copos de uísque antes de Kai chegar, mas perceber me deixou sóbrio rapidamente.

*Primeiro Sloane, agora isso. Eu realmente era um covarde. E pensar que acusei Bentley de ser exatamente isso quando sou pior.*

Engoli a bola de golfe que estava alojada em minha garganta e tentei pensar logicamente.

Kai poderia estar certo, mas isso não mudava o fato de que realizar a inauguração de um grande clube no início de maio era quase impossível do ponto de vista logístico. Eu poderia criar algo menor, mas o que quer que eu fizesse precisava ser aprovado pelo comitê de herança.

Basicamente, eu poderia me esforçar mais, mas minhas chances de fracasso aumentaram exponencialmente.

Esfreguei minha têmpora, desejando, não pela primeira vez, ter nascido em uma família simples e normal, com empregos e vidas regulares, em vez dessa bagunça no estilo *Sucessão*.

— Isabella mandou você fazer isso, não foi? — Mesmo no meu estado atual, eu estava lúcido o suficiente para reconhecer que a aparição de Kai neste lugar específico, neste dia específico, não era uma coincidência. Ele não respondeu, mas a pequena contração de sua boca disse tudo.

— Como você sabia que eu estaria aqui hoje? — perguntei.

— Suposição fundamentada. Este bar já viu seu quinhão de bebidas reconfortantes. — Ele acenou com a cabeça para a exibição brilhante de garrafas caras e copos de cristal. — Posso também ter pedido à segurança para me alertar se e quando você fizesse check-in.

Eu bufei. — Estou lisonjeado por você ter se dado ao trabalho.

— Não fique. Eu não fiz isso por você — Kai disse secamente. — Fiz isso pela minha reputação e pela Isa. Fui eu quem conectou você com as pessoas da minha lista, e isso vai refletir mal para mim se o clube não tiver sucesso. Além disso... — Seu olhar foi para o telefone. — Isa nunca me deixaria ouvir o fim se eu não fizesse você tirar a cabeça da areia.

*Sloane.*

Minha mão flexionou em torno do meu copo quando outra onda de arrependimento se abateu sobre mim. Ela tentou ajudar e eu a afastei. Então não pude me dar ao trabalho de dizer um simples *sinto muito*, nem mesmo no Natal, porque eu estava muito envolvido em minhas próprias besteiras mentais.

Deus, eu era um idiota.

Levantei-me abruptamente e peguei meu casaco no gancho embaixo do balcão. — Escute, esta foi uma boa conversa, mas...

— Vá. — Kai voltou para sua bebida. — E se alguém além de Isa perguntar, essa conversa nunca aconteceu.

Eu não precisava que ele me dissesse duas vezes.

Corri para fora do clube e entrei em um dos carros com motorista do Valhalla. Dei o endereço de Sloane ao motorista.



Já se passaram oito dias, duas horas e trinta e seis minutos desde a última vez que nos falamos.

Eu só esperava não ter chegado tarde demais.





## CAPÍTULO 40

*Xavier*

— Eu sinto muito, senhor, mas não posso deixá-lo subir — disse o concierge sem nenhum traço de simpatia. — Você não tem acesso autorizado.

— Venho aqui há semanas. — Reprimi minha frustração em favor de um sorriso. Pegue mais moscas com mel do que com vinagre e tudo mais. — Apartamento 14C. Chame-a. Por favor.

— Desculpe-me, senhor. — Esse concierge era diferente daquele que me deixou subir quando pensei que algo tinha acontecido com Sloane, e ele se mostrou extremamente resistente ao meu poder de persuasão. — A Srta. Kensington deixou especificamente instruções afirmando que nenhum convidado deve ser admitido sem sua aprovação explícita por escrito.

— Ela é minha namorada. Eu tenho aprovação por escrito — eu disse. Eu não estava *tecnicamente* mentindo. Estávamos namorando e não tinha certeza se ela *não* tinha adicionado meu nome à sua lista de convidados aprovados. — Talvez você tenha perdido.

— Eu não perdi.

— Talvez outro concierge tenha perdido o controle.

— Eles não fizeram.

Eu cerrei os dentes. Foda-se. Eu queria enfiar a cabeça daquele cara em um balde cheio de vinagre, mas não tinha tempo para violências mesquinhas *ou* discussões.

— Deixe-me subir e isso é seu. — Coloquei uma nota de cem dólares no balcão.

O concierge olhou para mim com uma expressão impassível. Ele não tocou no dinheiro.

Acrescentei mais cem à pilha. Nada.

Trezentos. Quatrocentos.

*Droga.* O que havia de errado com ele? Ninguém dizia não a Benjamin.

— Dez mil em dinheiro. — Isso era tudo que eu tinha na carteira. — Isso é dinheiro isento de impostos se você me deixar subir por apenas alguns minutos.

Eu poderia contorná-lo fisicamente, mas sem um cartão-chave de residente, o elevador não se moveria e não seria capaz de abrir a porta da escada.

— Senhor, isso é desnecessário e inapropriado — disse ele calmamente. — Eu não aceito subornos. Agora, devo insistir para que você desocupe o local, ou a segurança terá que escoltá-lo para fora.

Ele acenou com a cabeça para a dupla de seguranças do tamanho de Hulk que aparentemente surgiram do nada.

O prédio de Sloane *era* guardado por duas montanhas de pedra e pelo único concierge incorruptível de Manhattan.

No entanto, eu não iria embora sem vê-la, o que significava que precisava de um plano C. Examinei o saguão, procurando por outro caminho plausível, quando meus olhos caíram sobre uma pequena placa fixada na parede.

*The Lexington: uma propriedade do Archer Group.*

Meu pulso disparou. *Grupo Archer.*

Só havia uma pessoa que poderia me ajudar nesse momento. Pedir um favor a ele não era a ideia mais inteligente, considerando que eu tinha acabado de incendiar uma de suas propriedades, mas mendigos não podiam escolher.

Uma ligação para um Alex Volkov irritado e um concierge muito amargo depois, saí para o corredor de Sloane.

Surpreendentemente, Alex não me incomodou, embora eu suspeitasse que ele estava guardando isso para o nosso encontro. Mas eu me preocuparia com isso amanhã; tinha algo mais urgente para resolver.

Bati os nós dos dedos na porta de Sloane. Nenhuma resposta, mas ela estava lá. Eu podia sentir isso.

Outra batida, meu estômago se contorcendo em mais e mais nós com o passar dos minutos. Não era típico dela não atender a porta. Talvez o concierge tivesse ligado para avisar que eu estava chegando?

Eu estava prestes a ligar para ela só para ver se conseguia ouvir o telefone dela tocar quando ouvi – um pequeno farfalhar de



movimento que foi interrompido tão rapidamente quanto começou. Se eu tivesse mudado de posição, ou se o elevador tivesse apitado nesse momento, não teria ouvido, mas ouvi, e foi o suficiente para colocar nova energia em meus esforços.

Uma terceira batida mais forte. — Abra a porta, baby. Por favor.

Eu não tinha certeza se ela me ouviu, mas uma eternidade depois, passos se aproximaram e a porta se abriu.

Meu coração vacilou com o golpe de ver Sloane novamente. A semana passada pareceu meses, e eu a absorvi como um andarilho perdido tropeçando em um oásis no deserto. Ela estava com o rosto limpo e vestindo pijama de seda, o cabelo preso em um coque, os olhos cautelosos enquanto mantinha a mão na maçaneta.

— Oi — eu disse.

— Oi.

Os segundos passaram, contaminados pela amargura da nossa última conversa.

— Posso entrar? — eu finalmente perguntei. Já fazia muito tempo que não nos sentíamos tão desconfortáveis um com o outro, e a tensão lançava uma sombra sobre todo o ambiente.

— Agora não é um bom momento — disse Sloane, evitando meus olhos. — Eu tenho muito trabalho para fazer.

— No domingo depois do Natal? — Silêncio.

Esfreguei a mão no rosto, tentando juntar as palavras certas da maneira certa. Havia mil coisas que eu queria contar a ela, mas no final optei pelo simples e honesto.

— Sloane, eu não quis dizer o que disse na semana passada — falei suavemente. — Sobre você não ter emoções. Fiquei frustrado e chateado e descontei em você.

— Eu sei.

Eu vacilei; não esperava isso. — Você sabe?

— Sim — Sloane disse rigidamente. Ela ficou um pouquinho rosada em volta das orelhas. — Eu deveria me desculpar também. Eu não deveria ter pressionado você tanto logo após o incêndio. Isso... não era o que você precisava naquele momento.

— Você estava apenas tentando ajudar. — Limpei a garganta, ainda me sentindo pouco à vontade. — E sinto muito por não ter entrado em contato no Natal. Honestamente, eu estava com muita vergonha de ligar para você como se nada tivesse acontecido, e imaginei que você não gostaria de discutir o incêndio durante o feriado... — Não era a melhor desculpa, mas nenhuma das minhas ações recentes poderia ser classificada como inteligente.

— Você não foi o único que não estendeu a mão. É uma via de mão dupla. — Sloane deslizou o pingente pela corrente.

— Talvez possamos fazer uma celebração tardia — eu disse. — As pistas de gelo ainda estão abertas.

— Talvez. — Ela estava tão quieta que quase não a ouvi.

Fiz uma pausa, tentando explicar por que tudo isso parecia errado. À primeira vista, estávamos na mesma página. Eu pedi desculpas, ela pediu desculpas, tudo estava ótimo. Então, por que a tensão ainda pairava sobre nós como uma nuvem de

tempestade? Por que Sloane não estava olhando nos meus olhos?  
Por que ela parecia tão triste?

A única coisa que consegui pensar foi...

Não. Uma onda de pânico tomou conta de meus membros, mas disfarcei minhas suspeitas com um sorriso forçado. — Então estamos bem. Eu sei que temos muitas coisas para resolver em relação ao clube, mas você e eu estamos bem?

Procurei em seu rosto algum indício, *qualquer* indício, de que ela concordava.

Não encontrei, e quando ela abriu a boca, uma parte de mim já sabia o que ela iria dizer.

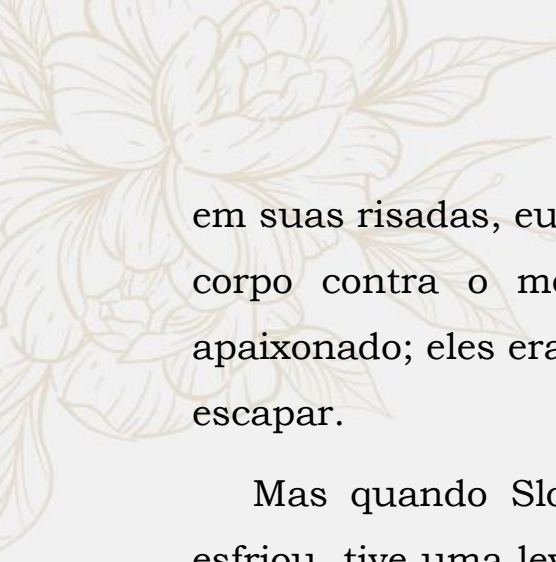
— Xavier...

— Não. — Cerrei minha mandíbula. — Ainda não é a hora.

— Nosso período experimental termina em dois dias. — Os olhos de Sloane finalmente encontraram os meus, e foi como olhar para um mar de estrelas no céu noturno. Eles davam a ilusão de que estavam ao meu alcance, mas se eu estendesse a mão e tentasse captar essas emoções fugazes, elas deslizariam pelos meus dedos como provocações sussurradas. — O que acontece depois?

— Então encerramos o período e começamos a namorar de verdade. — Eu não me incomodei em bancar o tímido. — Isso é o que eu quero, Luna. Diga-me que não é isso que você quer também.

Eu não sabia muitas coisas, mas a conhecia. Sabia que ela tinha sentimentos por mim. Eu os provei em seu beijo, eu os ouvi



em suas risadas, eu os senti na maneira como ela pressionou seu corpo contra o meu. Não eram alucinações de um homem apaixonado; eles eram reais, e eu seria amaldiçoado se a deixasse escapar.

Mas quando Sloane endireitou os ombros e sua expressão esfriou, tive uma leve suspeita de que os sentimentos que pensei que nos aproximariam acabariam sendo exatamente as coisas que a afastariam.

— Eu não queria fazer isso hoje, mas já que você está aqui, podemos também. — Os nós dos dedos dela ficaram brancos ao redor da maçaneta. — Nós nos divertimos; não estou negando isso. Mas nosso período já acabou e não iremos... — Ela engoliu em seco. — Não funcionaremos no longo prazo.

Um rugido estranho irrompeu em meus ouvidos. — O que você está dizendo? — perguntei baixinho.

Eu sabia exatamente o que ela queria dizer, mas queria ouvir da sua boca. Eu não estava dando a ela uma saída fácil.

— Estou dizendo que não há extensão. — A boca de Sloane vacilou por uma fração de segundo antes de firmar. — Eu quero terminar.





## Sloane

Eu estava congelando.

O aquecedor estava funcionando com força total, mas arrepios cobriram meus braços e pernas, e a maçaneta parecia gelo em minha mão.

Ou talvez o frio viesse do corredor, onde Xavier permanecia imóvel como numa noite de inverno, o rosto marcado pelo choque.

Enquanto eu o observava, as arestas afiadas se transformaram em determinação, e ele balançou a cabeça. — Não.

Fechei os olhos, desejando estar em qualquer lugar menos aqui, que seu apelo através da porta não tivesse enfraquecido tanto minhas defesas que eu tivesse abandonado meu plano original de terminar com ele por telefone. Isso não teria sido a coisa mais corajosa a fazer, mas era preferível uma dúzia de vezes a testemunhar pessoalmente a descrença magoada de Xavier.

Abri meus olhos novamente e fortaleci minha determinação contra a voz batendo dentro da minha cabeça, gritando, *não faça isso*.

Eu precisava. Se não terminássemos agora, teríamos que terminar algum dia, e preferia cortar os laços antes de nos aprofundarmos demais.

*Você já está envolvida demais*, rosnou a voz.

Eu ignorei.

— Não torne isso mais difícil do que tem que ser — eu disse. — Os termos eram claros. Namoramos por dois meses e depois decidimos se vamos funcionar. Bem, esses dois meses acabaram e decidi que não o faremos.

— Você decidiu. Lembro-me de você dizendo algo sobre esta ser uma via de mão dupla. — A quietude fria de Xavier desapareceu e revelou uma chama de emoção em seus olhos. — Dê-me um bom motivo pelo qual não funcionamos.

— Somos muito diferentes.

— Isso não foi um problema quando estávamos namorando. Os opostos têm relacionamentos de longo prazo o tempo todo, Luna. Não é um obstáculo.

— É para nós. — Algo grande e irregular fixou residência em minha garganta, e cada palavra raspava dolorosamente ao sair. — Eu não fui feita para relacionamentos de longo prazo, ok? Eu fico entediada. As coisas não funcionam. O que temos já é complicado porque trabalhamos juntos, e será mais fácil para nós dois se terminarmos antes de sermos forçados.

Eu ensaiei meu discurso centenas de vezes nos últimos dois dias, mas agora soava tão falso quanto da primeira vez.

Eu *tinha* um bom motivo para não tentarmos, mas não podia contar a ele, porque estava com medo dele, disso, de *nós*.

Ele não iria me machucar conscientemente, não agora, mas se eu lhe desse um centímetro, ele percorreria um quilômetro. Eu sucumbiria às suas promessas, seu poder sobre mim se solidificaria e, um dia, eu acordaria e perceberia que ele poderia

me quebrar em mais pedaços do que qualquer outra pessoa. Seu comentário espontâneo, proferido no calor do momento na semana passada, deixou-me cambaleando. O que aconteceria se ele *tentasse*?

Tudo estava bem durante a fase de lua de mel de um relacionamento, mas essa fase acabaria eventualmente, e me recusava a me deixar vulnerável quando isso acontecesse.

Não importava o quanto doesse no curto prazo, o rompimento era a melhor coisa a fazer no longo prazo.

— Forçados? — Os olhos de Xavier brilharam com a minha resposta. — Quem vai nos forçar, Sloane? Sua família, nossos amigos, o mundo? Todos eles podem se foder.

— Pare. Isto é o inteligente-

— Eu não dou a mínima para inteligência. Eu me importo conosco e com o fato de você estar mentindo para mim.

O calor queimou minhas bochechas e afugentou o frio de fazer barulho nos ossos. — Eu *não* estou mentindo — respondi, tentando esconder a hesitação em minha voz. — Você se lembra quando encontramos Mark no restaurante? Você disse que ele não conseguia entender uma dica. Não repita o erro dele.

Foi um golpe baixo, e meu peito doeu com a hesitação resultante de Xavier.

Eu não queria machucá-lo, mas se isso fosse necessário, era o que eu faria – não importava o quanto isso me destruísse no processo também.

— Talvez, mas há uma diferença crucial entre mim e Mark. — Xavier deu um passo em minha direção e eu instintivamente dei um passo para trás. Seus ombros largos preenchiam a porta e, embora ele não tivesse entrado oficialmente em meu apartamento, sua presença permeou cada molécula de ar até que tudo que eu podia ver, cheirar e *saborear* era ele.

Seu cheiro terroso agarrou meus pulmões e apertou, e a memória de sua pele sob meu toque era tão vívida que, por um momento, senti como se pudesse estender a mão e traçar os ecos de nossos momentos compartilhados no ar.

— Deixe-me contar um segredo — ele disse calmamente.

Cruzei os braços, mas isso não ajudou em nada para evitar uma cascata de arrepios quando ele falou novamente.

— Você ficava me perguntando por que eu chamo você de Luna. Não contei antes porque tinha medo de que isso fizesse você correr para as colinas. Mesmo antes de nos beijarmos, antes de sermos outra *coisa* senão publicitária e cliente, você era uma luz na minha vida. Persistente, às vezes assustadora, mesmo assim uma luz. — A garganta de Xavier balançou com um engolir difícil. — Luna é a abreviação de *mi luna*. Minha lua. Porque não importa o quão escuras as noites ficassem, você sempre estava lá, brilhando tanto que eu sempre encontrava o caminho.

Espinhas surgiram atrás dos meus olhos. Meu peito era um carretel de emoções, mas não toquei nele, com medo de que um único fio desfiado me fizesse desabar.

— Não sei quando isso aconteceu. Um dia, você era alguém com quem eu estava preso se quisesse manter meu estilo de vida atual.



No próximo, você era... *você*. — Um sorriso triste apareceu nos lábios de Xavier. — Linda, brilhante e tão carinhosa sob aquela máscara que você apresenta ao mundo. Você pode tentar esconder isso, mas é tarde demais. Eu vi quem você é de verdade, com todos os seus pedaços perfeitos e quebrados, e amo cada um deles.

Os espinhos chegaram ao ponto de serem insuportáveis. Eles dançaram diante da minha visão, borrando o rosto de Xavier e transformando meu mundo em uma aquarela de emoções. Cada ponto me apunhalou, e tinha certeza de que se ele continuasse falando e eu não escapasse, sangraria aqui mesmo, no chão da minha sala.

— Pare — eu sussurrei. Ele não fez isso.

— Tenho me apaixonado por você dia após dia há anos e nem sabia disso — disse ele, com a voz rouca. — Bem, agora eu sei disso.

— Não. — A sala se comprimiu ao meu redor, espremendo o ar dos meus pulmões, e o simples ato de respirar tornou-se uma tarefa árdua.

Minha cabeça girou. Eu queria me segurar em alguma coisa para me manter firme, mas Xavier era a única coisa ao meu alcance, e tocá-lo me destruiria.

Ele continuou, indiferente ao fato de estar me esfolando viva.

— Eu *amo* você, Sloane. Cada centímetro seu, e quero que você me olhe nos olhos e me diga que não sente o mesmo. Diga-me que você não está fugindo porque está com medo de se machucar novamente. Diga-me que você *realmente* acredita que não podemos

funcionar quando os últimos dois meses foram os melhores da minha vida. Mesmo com a morte do meu pai, e Perry, e uma dúzia de coisas que deram errado, eles ainda foram perfeitos porque você estava lá.

Tremores atormentaram meu corpo. A pressão estava piorando e não consegui contê-la por muito mais tempo.

— Isso não importa. — A mentira tinha um gosto tão amargo que quase engasguei com ela. — Eu quero que você vá embora. Por favor.

— Não foi isso que eu perguntei a você — ele disse ferozmente. — Você *sempre* foi honesta comigo. Não-

— Estou sendo honesta! — Algo pesado e frenético tomou controle do meu corpo e empurrou o peito de Xavier. Ele não poderia estar aqui. Ele não poderia me ver quando eu quebrasse, e sabia com uma certeza profunda que estava à beira da ruptura. — *Eu não quero você aqui.* Você me ama e eu não sinto o mesmo por você. Então vá!

Empurrá-lo foi como empurrar uma parede de tijolos, mas uma onda de pânico me imbuiu de força sobre-humana.

Eu não vi isso acontecer. Eu simplesmente soube que num segundo ele estava na porta; no seguinte, bati a porta na cara dele. A fechadura mal havia se fechado quando caí no chão, meus membros tremendo enquanto tentava ignorar suas batidas e súplicas.

Os arrepios se fundiram em uma camada branca e cinza, e a dor oca que bocejava dentro de mim era tão insuportável que parecia que meu âmagô havia se transformado em pó.

Nunca senti esse nível de desespero, nem mesmo quando vi Bentley e Georgia, tantos anos atrás.

*Eu me importo conosco e com o fato de você estar mentindo para mim.*

Não consegui ver Xavier através do borrão em meus olhos no final, mas ouvi a angústia em sua voz e a senti no ar. Isso refletia a mesma dor preenchendo o vazio em meu peito, porque ele estava certo. Eu *menti* para ele.

Eu me importava. Mais do que me importava.

Ele me fez sentir tudo quando eu pensava que não podia sentir nada, e essa constatação me levou a uma verdade inegável: eu o *amava*, tanto que não conseguia respirar, e o afastei porque sabia que o amor sempre terminava em desgosto.

A viagem não valia o destino.

Eu não sabia quanto tempo fiquei aqui, de costas para a porta e o peso do que tinha feito me ancorando no chão, mas foi tempo suficiente para que as batidas de Xavier se desvanecessem no silêncio.

Algo quente e úmido deslizou pela minha bochecha.

Era uma sensação tão estranha que não toquei nela, com medo do que encontraria, até que ela escorreu pelo meu queixo.

Pressionei meus dedos no meu rosto. Uma gota da substância  
escorreu pelos meus lábios, e só quando senti o gosto salgado da  
dor é que percebi o que era.

Uma lágrima.







## CAPÍTULO 41

*Xavier*

Minha família não me chamava de *pequeno toro* à toa.

Ontem à noite, fiquei do lado de fora do apartamento de Sloane até que seu vizinho chegou e ameaçou chamar a polícia. Normalmente, isso não teria me dissuadido – o pior que podiam fazer era me acusar de vadiagem –, mas Sloane não mudaria de ideia e se jogaria em meus braços no mesmo dia em que terminamos.

Eu precisava de uma nova estratégia.

Passei toda a viagem de trem até DC naquela manhã agonizando com isso. Sloane disse que não me amava, mas a reação dela não foi a de alguém que não se importava. Eu nunca a tinha visto tão perturbada e, por mais que me matasse saber que ela estava sofrendo, a dor dela era uma coisa boa. Isso significava que ela sentia *alguma coisa*; se não o fizesse, ela simplesmente teria me dispensado do mesmo modo que fez com Mark.

Ironicamente, quanto mais fortes fossem seus sentimentos, maior seria a probabilidade de ela se fechar e se afastar. Sloane estava com medo de se machucar novamente, mas nenhuma garantia da minha parte poderia convencê-la de que ela não se machucaria em algum momento graças ao Fuckface Bentley. Ela mesma teria que chegar a essa conclusão.

A questão era: como eu poderia chegar até ela?

Porque não havia nenhuma maneira de eu aceitar nosso rompimento. Não quando parecia que isso tinha destruído Sloane tanto quanto a mim.

*Eu não quero você aqui. Você me ama e eu não sinto o mesmo por você. Então vá!*

Um torno apertou meu peito. Esfreguei a mão no rosto, tentando apagar da minha mente a imagem da expressão torturada de Sloane.

— Você gostaria de mais um momento para sonhar acordado com frivolidades ou podemos começar nossa reunião? — Uma voz fria me arrastou de volta ao presente. Foi tão acolhedor quanto um mar de cactos, mas pelo menos banuiu com sucesso os pensamentos sobre o meu rompimento – por enquanto.

Alex Volkov me observou do outro lado da mesa. Ele irradiava descontentamento, mas estava aqui, o que era um bom sinal. — Tive que adiar um passeio de família ao zoológico para estar aqui, então vamos fazer isso rápido — disse ele. — Você tem dez minutos.

Tentei imaginar Alex empurrando um carrinho pelo zoológico, mas a única maneira de vê-lo pisando naquele lugar era se ele fosse magicamente transformado em um daqueles gatos selvagens ferozes que eles mantinham em recintos trancados.

— Olhe pelo lado positivo — eu disse, tentando leviandade. — Tenho certeza de que o zoológico ainda estará lá em dez minutos, a menos que o Smithsonian *realmente* irrite alguém.

Ele olhou para mim, inexpressivo, mas eu poderia jurar que a temperatura caiu trinta graus.

*Certo.* Esqueci que Alex possuía aproximadamente a mesma quantidade de humor que uma pedra.

Dei a ele uma rápida visão geral do que aconteceu com o incêndio. Ele já sabia de tudo isso, mas a recapitulação proporcionou uma oportunidade de avaliar pessoalmente sua reação.

Ele estava estranhamente calmo em relação à destruição de uma de suas propriedades mais valiosas. Verdade que ele não era exatamente uma pessoa emotiva, mas eu esperava *alguma coisa*. Uma forte repreensão, um franco-atirador em frente à minha casa... inferno, até mesmo uma carranca.

Ele não me deu nada disso.

— Entendo — ele disse depois que terminei. O amargo resíduo de culpa permaneceu em minha boca, mas se evaporou com suas palavras seguintes. — Eu investiguei isso. O incêndio não foi resultado de um acidente elétrico estranho. Foi sabotagem.

*Sabotagem.* A palavra detonou como uma bomba atômica. Ondas de choque percorreram a sala e eu olhei para Alex, certo de que ele estava brincando, se não fosse pelo fato de ele não brincar. Nunca. — O que você está falando?

— Minha equipe investigou o incêndio, porque não posso confiar naqueles idiotas do seguro para mostrar um pinga de competência — disse Alex. — A fiação era velha, mas não explodiu sozinha. Alguém deu uma mão.

— Não havia ninguém lá, exceto eu, Vuk, Willow e a equipe de construção — eu disse. — Os membros da equipe foram minuciosamente examinados por Harper.

— Não, não teria sido um deles. Quem quer que tenha feito isso, entrou antes da chegada dos trabalhadores, raspou o isolamento dos fios bons restantes e os reposicionou para maximizar suas chances de exposição.

Cristo. Foi como se eu tivesse dormido e acordado no meio de um filme de Nate Reynolds. — Sua equipe conseguiu descobrir tudo isso em um cofre incendiado?

O sorriso de Alex não continha um único traço de calor. — Eu contrato os melhores.

Se ele estava preocupado com o sabotador atacando outro de seus prédios, ele não demonstrou.

*Sabotagem.* Revirei a palavra e suas implicações na minha cabeça.

— Isso não faz sentido — eu disse. — Quem iria querer sabotar o Vault a ponto de cometer um incêndio criminoso? — A indústria da vida noturna era cruel, mas a maioria dos jogadores evitava crimes flagrantes, a menos que estivessem na máfia. Se estivessem *na máfia*, o tipo de estabelecimento que dirigiam era muito diferente do meu; não havia ameaça ali.

— Tenho meu quinhão de inimigos. Vuk também. Você também. — Alex parecia entediado, como se estivéssemos discutindo o tempo em vez de incêndio criminoso. — Caçar o culpado levará tempo, mas eu os encontrarei.



Finalmente, lá estava – uma partícula de raiva gelada que desmentia a postura exterior de Alex. Quem quer que fosse o culpado, eles enfrentariam um mundo de dor quando ele os localizasse.

— Eu não tenho inimigos — falei. Concorrentes, claro. Pessoas que não gostavam de mim, com certeza. Mas inimigos? Eu não estava na máfia. Eu não tinha pessoas que queriam me matar ou machucar pessoas próximas a mim.

— Todo mundo que é rico e está sob os olhos do público tem inimigos, mesmo que não saiba disso — disse Alex. Ele bateu no relógio; já se passaram dez minutos. — Eu cuidarei do sabotador. Você se encarrega de reparar os danos.

Eu tinha esquecido da minha decisão iminente em relação ao futuro do clube; estava muito distraído com Sloane e com esse encontro com Alex.

Kai tinha razão sobre meu ato de mártir, mas a menos que eu descobrisse uma maneira de congelar o tempo, nunca conseguiria colocar o clube em funcionamento dentro do prazo.

Eu disse isso a Alex.

— Isso não tem relevância para a nossa situação — disse ele, verificando novamente o relógio. — Não foi você quem disse a Markovic que conseguiria fazer isso, não importava o que acontecesse? *Se você disser não, o clube ainda abrirá. Se eu não tiver o Vault, encontrarei outro local. Não é o ideal, mas os negócios nem sempre são ideais. Trata-se de fazer as coisas, e farei isso com ou sem você.*

Eu fiz uma careta. Foi estranho ouvir minha conversa com outra pessoa sendo citada literalmente para mim.

— Você queria algo seu; bem, esta é sua chance — disse Alex.  
— A menos, é claro, que você tenha mentido e só tenha começado o clube pela sua herança. Se for esse o caso, julguei você gravemente mal e não gosto de estar errado. — Seus olhos verdes brilharam com advertência. — Tome uma decisão ao meio-dia de primeiro de janeiro.

Ele se levantou e me deixou sozinho em seu escritório, suas palavras penduradas como uma guilhotina pronta para cair.



Não havia nada como ser repreendido por um homem que não dava a mínima para você para colocar as coisas em perspectiva rapidamente.

Alex podia ter investido no clube, mas ele não investiu pessoalmente em mim e foi direto ao cerne da questão.

Ele também estava certo. O Vault começou como uma necessidade por causa da minha herança, mas rapidamente se tornou um projeto apaixonante. Eu *gostei da ideia* de construir um negócio. Adorei as emoções, os desafios e a criação de algo que era meu. Eu realmente deixaria um prazo arbitrário arruinar isso para mim?

Não precisei até primeiro de janeiro para obter minha resposta; eu a tinha quando voltei para Nova York naquele dia.

No entanto, evitei contar a Alex; eu tinha outro assunto muito mais urgente para resolver. Meu período de experiência com Sloane terminava oficialmente amanhã, e precisava falar com ela antes disso.

Meu encontro com Alex me preocupou o suficiente para aliviar a dor da noite passada, mas quando o prédio do escritório de Sloane apareceu, uma dor angustiante ressurgiu.

*Eu quero terminar.*

*Você me ama e eu não sinto o mesmo por você.*

A dor se transformou em uma faca e se retorceu. Outros homens poderiam ter desistido depois de serem tão completamente rejeitados, e eu teria pensado que ela estava falando sério. Mas a única coisa pior do que ouvir essas palavras saírem da boca de Sloane foi ver o rosto dela quando ela as disse. A angústia dela refletia a minha, e eu odiava o quanto ela devia ter sofrido para ter tanto medo do amor.

Ou talvez eu estivesse apenas delirando.

De qualquer forma, ainda não havia acabado. Faltavam alguns minutos para o toque da campainha, mas eu ainda tinha a chance de virar a maré e marcar uma vitória de retorno. Esse resquício de esperança foi a única coisa que me fez continuar, porque a ideia de perder Sloane...

*Isso não vai acontecer. Você não vai perdê-la.*

Eu não podia. Não quando acabei de encontrá-la. Não quando perdê-la significava perder uma parte crucial de mim mesmo no processo.

Meu coração batia forte quando entrei no prédio, mas a ansiedade se transformou em confusão quando cheguei à Kensington PR e encontrei Jillian e vários publicitários juniores aglomerados em frente ao escritório de Sloane, com os ouvidos literalmente pressionados contra a porta.

— O que...?

— Shh. — Jillian colocou um dedo sobre a boca. *Perry*, ela murmurou.

Ah, porra.

Aproximei-me dela e dei uma espiada pela janela. Sloane não havia fechado totalmente as cortinas, revelando um vislumbre do drama que se desenrolava lá dentro.

Perry Wilson, o próprio guru da fofoca, gesticulava descontroladamente. Era apenas a segunda vez que o via pessoalmente e, mais uma vez, fiquei impressionado com o quão comum ele parecia.

Deixando de lado as mechas loiras e a gravata borboleta rosa, ele poderia ter se passado por qualquer homem aleatório por quem passei na rua. Ele não poderia ter mais de um metro e sessenta e cinco ou um metro e setenta, seu corpo esquelético espremido em um blazer e jeans. Para alguém com tanta bravata por trás do teclado, ele era muito pequeno pessoalmente.



Sua voz, no entanto, era alta o suficiente para sangrar através da porta. — Eu sei que foi você. Foi *você* quem plantou essas dicas falsas para mim.

Sloane estava sentada atrás da mesa, observando-o com uma expressão entediada. — Perry, querido, não tenho ideia do que você está falando. Sou uma publicitária com preocupações comerciais legítimas. Não tenho tempo para me envolver no tipo de subterfúgio de que você está me acusando. — Ela bateu no telefone. — Você já está sendo processado por difamação. Não adicione calúnia à mistura.

O rosto de Perry ficou da mesma cor da gravata. — Tenho olhos e ouvidos em todos os lugares, Sloane. Disseram-me que Tilly estava lá, perto de *você* na festa de Natal dos Russos. Agora, os estúpidos servos de Soraya fizeram com que eu fosse banido das redes sociais, e esse processo por difamação é uma besteira.

— Bom. Então você não deveria se preocupar com isso — disse Sloane. — Quanto aos seus olhos e ouvidos, talvez eles devessem ter verificado os fatos antes de você enviar aquela postagem. Este é o século XXI, Perry. Se você não consegue lidar com uma garota de 22 anos e seus fãs, você pode querer mudar de carreira. Ouvi dizer que *Fast and Furriness* está procurando um novo redator.

Perry estremeceu de indignação. — Você não vai escapar impune.

— Por favor, poupe-me das falas clichês dos vilões. — Sloane suspirou. — Tenho clientes para atender e você tem anunciantes para apaziguar antes que todos fujam do seu navio que está afundando.

O blogueiro ficou tão furioso que sua voz caiu para níveis quase inaudíveis, e só ouvi trechos do que ele disse a seguir.

*Vadia... verifique o seu cliente estrela... sem falar sobre aquele com quem você está transando.*

Jillian e os outros publicitários fugiram da porta. Um minuto depois, Perry saiu furioso em um tornado de rosa e colônia. — E aí, cara. — Bati minha mão em seu ombro com força suficiente para fazê-lo tropeçar ao passar. — Sinto muito sobre os seus problemas. Boa sorte em *Fast and Furriness*.

Perry gritou indignado, mas foi inteligente o suficiente para não me confrontar fisicamente. Ele caminhou em direção ao elevador, parecendo uma criança tendo um acesso de raiva, e eu não conseguia acreditar que esse era o homem que havia causado tanta angústia a tantas pessoas poderosas ao longo dos anos.

Foi como espiar por trás da cortina e ver o verdadeiro Mágico de Oz. Decepcionante.

Jillian riu e não me impediu quando entrei no escritório de Sloane e fechei a porta atrás de mim.

Com a saída de Perry, a rigidez de seus ombros diminuiu, mas ela aumentou novamente quando ela me viu.

Sloane estava obviamente exausta, mas mesmo com leves manchas roxas sob os olhos e linhas de tensão marcando sua boca, ela era a mulher mais linda que eu já vi. Não tinha nada a ver com sua aparência e tudo a ver com quem ela *era*.

Inteligente, feroz e tão minha.

Eu deveria ter reconhecido isso antes e esperaria uma eternidade até que ela também reconhecesse.

— Então, Perry realmente terminou, hein? — perguntei.

Era estranho falar sobre algo tão banal como Perry quando a devastação da conversa da noite anterior ainda não estava totalmente resolvida. Os destroços flutuavam ao nosso redor, cada fragmento era um lembrete silencioso do que estava em jogo.

No entanto, ir direto ao motivo pelo qual eu estava aqui seria uma maneira infalível de fechar Sloane. Eu precisava relaxar as coisas e, honestamente, aproveitaria qualquer desculpa para falar com ela novamente, não importava o assunto.

— Por enquanto, mas pessoas como ele sempre encontram uma maneira de sobreviver. — Sloane bateu a caneta na mesa, com os olhos cautelosos. — Não temos reunião marcada para hoje.

— Não, nós não.

*Batida. Batida. Batida.*

O ritmo nervoso refletia a tensão que pairava no ar. Era tão potente que eu podia sentir o gosto no fundo da minha garganta, e embora não quisesse nada mais do que agarrá-la e beijá-la, eu tinha que ser esperto sobre isso.

Eu tinha uma última chance e não iria estragar tudo. A garganta de Sloane balançou ao engolir. — Xavier...

— Não se preocupe. Eu não vim para fazer uma cena. — Enfiei as mãos nos bolsos e fechei-as para me impedir de alcançá-la. — Vim contar três coisas. Primeiro, encontrei-me com Alex esta manhã por causa do incêndio. Ele disse que foi sabotagem.

As batidas pararam. Eu praticamente podia ver as rodas em sua cabeça girando enquanto ela processava essa informação. — Sabotagem. Por quem?

— Ainda não está claro. — Resumi a reunião para ela. — É Alex, então ele vai descobrir e colocar medidas de segurança para garantir que algo semelhante não aconteça novamente enquanto eu conserto o clube.

Sloane parou, seus olhos brilhando de surpresa e uma esperança cautelosa que derramou novo combustível nos meus. Esperança significava que ela ainda se importava, e se ela ainda se importava, isso significava uma chance infinitamente maior de ganhar a minha próxima aposta.

— Essa é a segunda coisa — eu disse mais calmamente. — Vou em frente com o Vault. Você e Alex estavam certos, e não me importo se ultrapassar o prazo e não receber minha herança. Não é mais disso que se trata o clube. Eu só precisava de um chute na bunda para perceber isso. — Um sorriso sardônico cruzou minha boca. — Ou dois.

O olhar de Sloane brilhou com outra emoção que não consegui nomear antes que ela batesse um portão de aço sobre ele. — Bom. Não adianta desperdiçar o esforço que você já investiu nisso.

— Última coisa. — Dei um passo mais perto, meus olhos fixos nos dela.

— Nosso período experimental só acaba amanhã, o que significa que ainda não terminamos. Não oficialmente.



O aperto de Sloane em sua caneta aumentou. — Eu já tomei minha decisão.

— Não conta quando ainda há tempo para mudar de ideia.

Sua boca estremeceu por uma fração de segundo antes de se achatar em uma linha reta. — Não torne isso mais difícil do que tem que ser.

A dor estava presente em sua voz, e isso foi o suficiente para me estimular. Odiava vê-la machucada, mas se isso significasse que eu estava conseguindo alcançá-la, eu suportaria.

— Vou tornar isso o mais difícil que puder — eu disse ferozmente. — Eu amo você, Sloane, e se acha que estou deixando você ir tão facilmente, está enganada. Passei metade da minha vida fugindo das coisas difíceis e escolhendo o caminho mais fácil porque nunca quis nada o suficiente para *trabalhar* por isso. — Engoli. — Então eu conheci você e finalmente entendi o que as pessoas queriam dizer quando afirmam que vale a pena lutar pelo amor. Eu sei que parece um clichê, e se você ouvisse isso em um filme, provavelmente escreveria uma crítica contundente sobre isso — Sloane sufocou uma risada —, mas estou falando sério. Aprendi a lutar pelo que é importante, e não há *nada* neste mundo que seja mais importante para mim do que você. Nem o clube, nem a minha herança, nem a minha reputação.

Dei mais um passo mais perto, desesperado para tocá-la, mas sabendo que não conseguiria.

— Eu sei que você está com medo — eu disse. — Inferno, eu também estou. Nunca estive apaixonado e nunca quis *estar* apaixonado. Não tenho ideia do que as pessoas fazem nessas

situações, e provavelmente é por isso que estou aqui, fazendo papel de idiota. — Uma pitada de autodepreciação apareceu em minha voz. — Se você realmente não sente nada por mim, então aceito isso. — *Mesmo que isso me mate.* — Mas se você sente, mesmo que seja um pouquinho, então não faça o que eu costumava fazer. Não fuja do que pode ser porque você tem medo do que *poderia* ser.

Foi direto, mas Sloane sempre respondeu melhor à franqueza. Era uma das muitas coisas que eu amava nela.

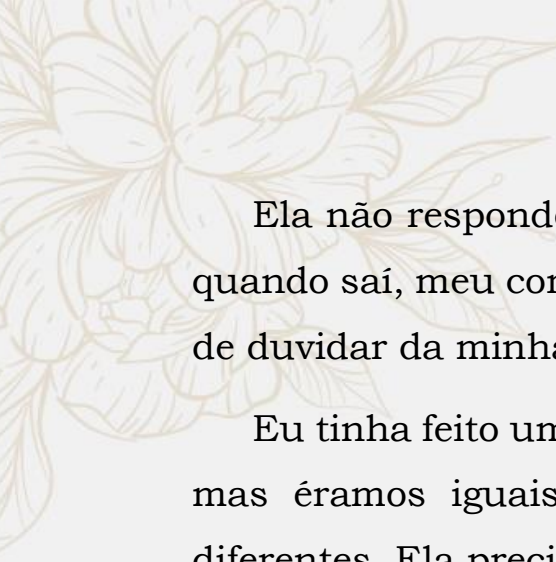
— Não vou mentir e dizer que sei como será o nosso futuro. Ninguém sabe. Mas *sei* que aconteça o que acontecer, vamos resolver isso juntos — eu disse suavemente. — Sempre resolvemos.

Sloane não se moveu, não falou, mas seus olhos brilharam com um brilho suspeito.

Respirei fundo e me preparei para o que estava prestes a dizer. — Amanhã, no topo do Empire State Building. Encontre-me à meia-noite. — Era quando nosso período experimental expirava oficialmente. — Se você não aparecer... — Engoli em seco, passando pelos cacos de vidro na minha garganta. — Eu saberei qual é a sua resposta e nunca mais mencionarei isso. — Sloane soltou outra risada aguada.

— Você está usando *Sleepless in Seattle* comigo?

— *Gossip Girl*, na verdade. Doris era uma grande fã — eu disse com um sorriso fugaz. Então meu rosto ficou sério e minha voz suavizou-se para algo mais terno. — Eu sei que você acha que felizes para sempre não são realistas, Luna, mas não precisam ser. Você apenas tem que acreditar neles o suficiente para si mesma.



Ela não respondeu. Eu não esperava que ela fizesse isso, mas quando saí, meu coração deu um nó na garganta, não pude deixar de duvidar da minha estratégia.

Eu tinha feito uma grande aposta ao dar um ultimato a Sloane, mas éramos iguais em muitos aspectos, assim como éramos diferentes. Ela precisava daquele empurrão.

Eu só esperava que, ao fazer isso, não tivesse cometido o pior erro da minha vida.





## CAPÍTULO 42

### *Sloane*

Eu não conseguia parar de verificar a hora.

Era uma da tarde; faltavam onze horas para o término do meu período de experiência com Xavier, mas o prazo iminente matou meu apetite enquanto eu empurrava a salada no prato.

*Se você não aparecer, saberei qual é a sua resposta e nunca mais mencionarei isso.*

Deixando de lado o fim do nosso relacionamento, o que aconteceria se eu não aparecesse? Pararíamos de trabalhar juntos? Eu nunca o veria novamente? Os últimos dois meses desapareceriam no passado como se nunca tivessem acontecido?

Eu deveria estar feliz com isso. Era isso que eu *queria*, mas se fosse esse o caso, por que sentia náuseas?

As poucas garfadas que eu tinha forçado a engolir mais cedo reviraram meu estômago. Cortar todos os laços com Xavier seria a coisa mais inteligente a fazer. Não podíamos voltar à nossa antiga relação de trabalho quando eu sabia qual era o gosto dos lábios dele, e como ele se sentia dentro de mim, e como ele me segurava...

— Olá. Terra para Sloane. — Isabella acenou com a mão na frente do meu rosto, interrompendo meus pensamentos em espiral. — Onde você está?



— Desculpe. — Tentei outro pedaço de comida. Tinha gosto de papelão. — Eu só estava pensando.

— Sobre esta noite? — Os olhos de Alessandra brilharam com preocupação. — Você já decidiu o que vai fazer?

Normalmente eu pedia comida para o almoço nos dias úteis, mas chamei as minhas amigas para me encontrarem em um restaurante, porque precisava de conselhos delas. Eu contei sobre o ultimato de Xavier, e suas reações variaram.

Isabella queria que eu o encontrasse, sem fazer perguntas. Vivian disse que eu deveria seguir com o coração, o que não ajudou, porque meu coração tinha o hábito de fazer escolhas terríveis. Alessandra era surpreendentemente neutra, mas dentre todos os presentes, ela entendia como era importante tomar uma decisão no meu próprio tempo, e não no de qualquer outra pessoa.

O problema é que eu não tinha muito tempo; tinha horas no máximo.

— Não. — Joguei um pedaço de noz para o lado; tinha esquecido de dizer ao garçom para não inclui-las na minha salada.

*Não sabia quais pratos você mais gosta, então pedi de tudo um pouco. Nenhum com nozes, no entanto.*

Emoções não derramadas encheram minha garganta. Eu não chorei desde a noite passada e não contei às minhas amigas sobre as lágrimas. Elas não eram relevantes; eram um sintoma físico, só isso.

Não me permiti examinar do que elas eram um sintoma *físico*.  
— Eu não deveria ir. Eu não vou — falei com uma convicção

tímida. — Encontrá-lo seria estúpido, certo? Acabaremos terminando, e é melhor arrancar o band-aid agora do que mais tarde.

Isabella franziu a testa, Alessandra cortou seu frango silenciosamente e Vivian tomou um gole de água sem olhar para mim.

*Ugh.* Eu amava minhas amigas, mas obviamente elas eram tendenciosas. Elas estavam todas terrivelmente apaixonadas e, embora tivessem conseguido o felizes para sempre, não contavam. Elas *queriam* estar apaixonadas e não se autossabotavam apenas em virtude de quem eram. Eu nunca seria o tipo suave e amorosa que se dava bem nos relacionamentos, e estava perfeitamente feliz por estar sozinha.

Perfeitamente. Feliz.

Apunhalei um morango com tanta força que o prato balançou. — De qualquer forma, chega de falar sobre minha vida amorosa — eu disse. — Conte sobre a visita de Perry ao meu escritório ontem? Ele estava *furioso*.

Eu deleitei a mesa com o colapso satisfatório de Perry, e elas fizeram todos os ruídos certos de encorajamento, mas poderia dizer que elas ainda estavam presas ao meu dilema com Xavier.

Se fosse honesta, eu também estava.

Minha voz desapareceu no final quando me lembrei do que aconteceu depois que Perry foi embora. Xavier apareceu e meu coração bateu contra minhas costelas como se estivesse desesperado para se libertar.

*Eu sei que você acha que felizes para sempre não são realistas, Luna, mas não precisam ser. Você apenas tem que acreditar neles o suficiente para si mesma.*

Meu estômago embrulhou novamente e me levantei abruptamente, assustando minhas amigas com a comida.

— Vou ao banheiro — eu disse. — Eu volto já.

Abaixei a cabeça e caminhei rapidamente até o banheiro feminino. Quanto mais eu andava, mais fácil era respirar e bloquear as lembranças de Xavier – o calor em seus olhos, a crueza em sua voz, o breve vislumbre de suas covinhas depois do meu comentário sobre *Sleepless in Seattle*. A conversa na sala de jantar também ajudou. Não havia nada como um barulhinho branco para reprimir pensamentos indesejados.

Eu tinha escolhido me encontrar com minhas amigas no Le Boudoir, que havia melhorado sua reputação depois que um hóspede morreu em sua inauguração no ano passado. Os legistas consideraram a morte natural, e o evento mórbido acrescentou uma estranha mística ao restaurante, que fervilhava com uma atividade surpreendente para esta época do ano.

Em um canto, Buffy Darlington reinava sobre uma mesa de ilustres socialites da velha guarda. Em outra, Ayana estava sentada com seu acompanhante, um homem bonito, de cabelos escuros e expressão intensa. Eles pareciam estar tendo uma discussão acalorada, então eu não disse oi; de qualquer forma, não estava com disposição para conversa fiada.

Empurrei a porta do banheiro e usei as instalações. Minha pele estava fria e úmida, mas quando lavei as mãos e reapliquei o batom, já tinha controlado a náusea. Meio que.

Verifiquei meu telefone novamente. *Dez horas e meia.*

Engoli a bile que subia pela minha garganta. Isso era bastante tempo. Certamente eu-

— Sloane.

Minha cabeça virou em direção à porta. Reconheci aquela voz e, de todas as pessoas que não queria ver agora ou nunca, ela estava entre as cinco primeiras.

Minha madrastra veio em minha direção, vestindo um terno de tweed Chanel e com a expressão de quem acabou de engolir um limão inteiro.

Limpei meu rosto de qualquer turbulência interna. — Caroline.

Eu nunca tinha concordado com a ideia de que as mulheres precisavam ir ao banheiro em bandos, mas queria que uma das minhas amigas estivesse comigo, pelo menos para não ser acusada de agressão agravada por arrancar os olhos de Caroline.

Ela demitiu Rhea, impediu Pen de me ver e era um ser humano terrível. Dado o meu humor atual, ela teria sorte se eu não a esfaqueasse com meu salto.

Seus próprios saltos bateram contra o piso de cerâmica quando ela se aproximou de mim. Ela enfiou a mão na bolsa e tirou um batom.



— Eu não esperava ver você aqui numa terça-feira à tarde — disse ela, reaplicando a discreta cor lilás com precisão. — Você não deveria estar naquele seu pequeno trabalho?

— Meu pequeno *trabalho* é uma das principais empresas de relações públicas do país. — Eu dei a ela um sorriso frágil. — Nem todo mundo se casa por dinheiro. Alguns de nós são inteligentes o suficiente para merecê-lo.

— Que pitoresca. — Caroline recolocou a tampa do batom e guardou-o na bolsa. — Por mais que eu adore ouvir sobre suas aventuras *plebeias*... — Ela torceu o nariz. — Tenho outra coisa que gostaria de discutir.

— Não sei onde você pode polir seus chifres. Talvez você devesse pesquisar no Google *serviços demoníacos* e partir daí.

Ela franziu a boca. — Honestamente, Sloane, é por isso que é melhor você *trabalhar* do que tentar encontrar um marido adequado. Nenhum homem respeitável toleraria tal humor juvenil.

— É uma coisa boa que eu não goste de homens *respeitáveis*, então. Eles têm o hábito de dizer uma coisa e virar-se e fazer o oposto – às vezes, com sua irmã.

Os olhos de Caroline se estreitaram com a referência a Bentley, mas ela não mordeu a isca. — Isso é sobre Penélope — ela disse, e de repente, minhas piadas sarcásticas desapareceram.

Eu não recebi nenhuma atualização sobre Pen desde aquela que Xavier me deu. Eu não queria dar a Caroline a satisfação de implorar por informações, mas meu pulso batia em um ritmo frenético enquanto esperava pelas próximas palavras dela.

— Ela não tem agido como ela mesma ultimamente — Caroline disse depois de uma pausa. — Ela mal come e sua transição para uma nova babá tem sido... difícil. Ela normalmente é tão bem-comportada.

*Como você saberia? Você mal fala com sua própria filha.* Contive a resposta mordaz para não afastar minha madrastra quando ela me deu uma visão em primeira mão do que aconteceu depois da postagem bombástica de Perry. A revelação de que Pen não estava comendo me preocupou, mas não pude acreditar que Caroline parecia chocada com os acontecimentos. Ela deveria *saber* qual foi a causa.

— Ela sente falta de Rhea — eu disse. — Rhea está com ela desde que ela nasceu. Ela é praticamente uma mãe para ela, e você a mandou embora no meio da noite sem dizer uma palavra. Claro que ela está chateada. — Carolina ficou tensa. Não achei que ela se importasse com outra coisa além de suas roupas e status social, mas poderia jurar que vi um lampejo de mágoa com o comentário de *mãe*.

— Sim, bem, talvez tenhamos sido um pouco precipitados em nossas ações a esse respeito — disse ela rigidamente. — No entanto, Rhea conspirou com você para fazer visitas furtivas a Penelope enquanto George e eu estávamos fora. Ela não é confiável e suas ações não poderiam ficar impunes.

— Não confiável? — Eu teria rido se não estivesse tão indignada. — Se você está preocupada com a falta de confiança, você deveria procurar algumas outras pessoas em sua casa. Sim, Rhea mentiu por omissão, mas fez isso por Pen. Você pode ficar

feliz em manter sua filha em casa e fingir que ela não existe porque não é *perfeita* o suficiente para você, mas ela é uma criança. Ela precisa de alguém que se preocupe com ela, e você acabou de tirar a única pessoa da sua casa que se encaixa nesse perfil.

Os lábios de Caroline formaram um fino traço lilás. — Seja como for, você entendeu a gravidade da situação quando se afastou e *humilhou* esta família anos atrás. Por sua causa, o nome Kensington ficará para sempre manchado pelo escândalo. Ninguém em nosso mundo esquece as divergências, Sloane, e você *optou* por abrir mão de Penelope junto com o resto de seus privilégios. Você não conseguiu superar seu orgulho e arrastou Rhea com você. Você não tem ninguém para culpar além de você mesma.

— O fato de você considerar o acesso a Pen um *privilégio*, como se ela fosse um cartão de crédito ou uma conta bancária, é exatamente o motivo pelo qual você não está apta para ser mãe dela — eu disse, minha voz baixa de fúria.

— Oh, desça do seu cavalo hipócrita — Caroline zombou. — Se eu não estivesse *apta para ser mãe dela*, não estaria falando com você agora. Acredite em mim, uso meu tempo melhor do que conversar com minha *ex-enteada* no banheiro de um restaurante. — Ela respirou fundo antes de dizer com mais calma: — Como mencionei, Penelope está agindo mal. Ela também está perguntando por você. Incessantemente. E ao contrário do que você pensa, não sou um monstro sem coração. Ela é minha única filha. Eu me *importo* com os desejos e necessidades dela.

Eu não acreditei no ato repentino de mãe amorosa. Talvez Caroline se importasse um pouco com os desejos e necessidades de Pen, mas ela se importava muito mais consigo mesma.

— Tanto que você a ignorou desde que ela foi diagnosticada com SFC — eu disse. Eu não pude evitar; estava morrendo de vontade de ler Caroline, o motim há muito tempo, e agora que tive a chance, era impossível desistir.

Devia ter atingido um nervo, porque o rosto dela ficou vermelho instantaneamente. — Eu não a ignorei — ela retrucou. — Eu a mantive em casa para protegê-la. Eu não acho que ela deveria estar vagando pela cidade com sua condição, e você, entre todas as pessoas, deveria saber como nosso mundo trata alguém que eles consideram *diferente* ou *não bom o suficiente*. — Sua boca se torceu. — Deus sabe que passei por momentos difíceis depois que me casei com George. Eles não me deixaram entrar em nenhum bom conselho de caridade durante *anos*.

— Minhas condolências. Não acredito que você sobreviveu a uma situação tão terrível.

— Faça todas as piadas que quiser, mas isso não é sobre mim ou você — disse Caroline com os dentes cerrados. — A única razão pela qual estou falando com você é porque tentamos de tudo para ajudar Penelope, e não funcionou. Até pedimos para Georgia conversar com ela.

— Pedir à Georgia para fazer alguém se sentir melhor é como pedir um abraço a um escorpião.



Para minha surpresa, minha madrasta bufou concordando. — Eu nunca gostei da sua irmã. Ela sempre pensou que era melhor do que eu.

— Ela se acha melhor que todo mundo, e você também nunca gostou de mim.

— Não, mas você é a única que pode falar com Penelope. Isso é mais do que a birra típica de uma filha. Se ela continuar agindo daquela maneira, isso terá um sério impacto em sua saúde. — O olhar de Caroline percorreu o banheiro. — George ainda não sabe que estou fazendo isso, mas estou disposta a fazer um acordo. Penelope diz que quer ver você, e posso fazer isso acontecer se ela desistir da greve de fome.

Meu coração tropeçou com a possibilidade de ver Pen novamente sem ter que me esgueirar, mas uma parte de mim permaneceu cautelosa. — Qual é o truque?

Caroline não era altruísta o suficiente para fazer isso apenas em benefício de Pen.

— Tão jovem, mas tão cínica. — Minha madrasta deu um sorriso sem humor. — Não há truque. Acredite ou não, nem todo mundo está atrás de você o tempo todo. Fique atenta a uma mensagem assim que eu falar com George. Até então, *não conte a ninguém* sobre esta conversa.

O eco de sua oferta me seguiu de volta à mesa, onde minhas amigas estavam terminando o almoço.

— Está tudo bem? — Vivian perguntou enquanto eu voltava ao meu lugar. — Você ficou fora por um tempo.

— Sim. — Peguei meu copo, desesperada para aliviar a incerteza que obstruía minha garganta. Xavier, Caroline, Pen... era demais ao mesmo tempo, e minha cabeça latejava com uma enxaqueca iminente. — Está tudo bem.





## CAPÍTULO 43

### *Sloane*

Crises choviam.

Aparentemente, as más notícias não respeitavam os feriados, porque depois que voltei ao escritório, fui atingida por crise após crise. Jillian verificou o aviso de despedida de Perry sobre Asher e encontrou um vídeo de Asher e Vincent DuBois brigando. Ainda não havia chegado à Internet em geral e passei umas boas duas horas garantindo que isso nunca aconteceria.

Depois que apaguei o incêndio, tive que lidar com ligações de pânico de um CEO que foi pego transando com a recepcionista de um restaurante no banheiro, de uma estrela de cinema que foi presa por atacar um paparazzo e de uma socialite que havia deixado sua bolsa Dior de edição limitada em algum lugar entre Paris e Nova York (eu a redirecionei para sua assistente. Não recebia o suficiente para caçar perdas de bolsas de luxo transatlânticas).

Foi meu dia de trabalho mais movimentado do ano e, quando recuperei o fôlego, já eram dez da noite. Eu tinha mandado Jillian para casa horas atrás, então era só eu, um jantar triste de ramen instantâneo e a sinistra contagem regressiva para meia-noite.

*Duas horas.*

Engoli um bocado de macarrão gorduroso. Minha enxaqueca piorou desde o almoço, mas isso não me impediu de navegar nas redes sociais para evitar pensar em Xavier.

Ontem, sua presença encheu a sala. Hoje, o escritório parecia vazio sem ele, como um filme despojado de alma.

*Uma hora e quarenta e cinco minutos.*

Desisti de comer e joguei o restante do macarrão frio no lixo. Eu tinha terminado meu trabalho, então por que estava aqui em vez de em casa, curtindo um bom filme com uma taça de vinho?

*Porque o Empire State Building fica a vinte minutos a pé.*

*Porque voltar para casa significa que você fez sua escolha.*

*Porque este foi o último lugar onde você o viu e você se sente mais próxima dele aqui do que em qualquer outro lugar.*

Eu gemi e enterrei as palmas das mãos nos olhos.

Se ao menos eu tivesse uma bola oito mágica para me dizer o que fazer. Sempre me orgulhei da minha natureza decidida, mas quando se tratava de Xavier, eu era uma bagunça.

Ele às vezes me deixava maluca, mas me desafiava como ninguém mais. Ele me empurrava para fora da minha zona de conforto enquanto me fazia sentir segura o suficiente para fazê-lo, e ele me fazia rir, chorar e *sentir* mais do que qualquer outra pessoa que eu já conheci.

Eu, mais jovem, estava convencida de que o que tive com Bentley foi amor, mas só quando estava com Xavier percebi que Bentley tinha sido um mero prólogo para a história real.



Eu e Xavier, o casal mais improvável. Opostos em muitos aspectos, mas semelhantes em muitos outros. Ele conhecia cada parte de mim intimamente – mente, corpo e coração – e me amava não apesar de minhas falhas, mas *por causa delas*.

Nós nos vimos no pior momento, mas nos apaixonamos de qualquer maneira.

Um punho de mármore agarrou meu peito e apertou.

*Não há truque. Acredite ou não, nem todo mundo está atrás de você o tempo todo.* A voz de Caroline invadiu minha consciência.

Nunca pensei que chegaria um dia em que ela diria algo útil, mas sentada aqui sozinha, no meu escritório escuro, enquanto o homem que eu amava esperava por mim a alguns minutos de distância, suas palavras foram duras.

*Não há truque.*

Eu estava com medo de que doeria mais se Xavier e eu terminássemos no caminho, depois que eu tivesse ficado mais apegada, mas eu *já estava apaixonada por ele*, e já doía tanto que não conseguia pensar direito. Eu chorei pela primeira vez na minha vida e estava comendo ramen instantâneo sozinha no meu escritório à noite, pelo amor de Deus.

O mesmo escritório onde nos conhecemos.

O mesmo escritório onde ele me deu o ultimato.

O mesmo escritório onde contei a Georgia a verdade sobre Bentley. Achei que tinha me libertado do peso que a traição de Bentley exerceu sobre minhas decisões, mas era claro que não. Eu ainda estava com tanto medo de me machucar que estava disposta

a deixar um cenário hipotético afastar o único homem com quem eu poderia me ver tendo um futuro.

*Não fuja do que pode ser porque você tem medo do que poderia ser.*

Se eu fosse honesta comigo mesma, sabia que poderíamos tentar. Xavier foi o único que me pegou, que se encaixou perfeitamente na minha vida, mas de alguma forma a tornou melhor, e sem ele, *todos* os meus dias seriam assim.

Sozinha, solitária e dolorida por algo que eu poderia ter tido, mas deixei escapar por entre meus dedos.

— Deus, sou uma idiota — eu respirei.

Meu corpo tomou a decisão uma fração de segundo antes do meu cérebro. Peguei meu casaco e saí correndo porta afora antes de realmente processar o que estava fazendo. Eu simplesmente sabia que precisava chegar ao topo do Empire State Building. Agora mesmo.

Felizmente, o horário avançado significava que eu não teria que esperar o elevador parar em todos os andares durante a descida. Eu tinha muito tempo para...

As luzes piscaram uma vez e o elevador parou bruscamente. O display do painel piscou o 4 e permaneceu lá.

— Você está *brincando* comigo.

Em todos os meus anos de trabalho no prédio, nunca tive *problema* com elevador. O universo devia estar me punindo pela minha indecisão anterior, porque não havia nenhuma maldita coincidência.

Apertei furiosamente o botão do lobby novamente. Nada.

Eu verifiquei meu telefone. Nenhum serviço e caiu para os últimos dois por cento. Eu estava tão ocupada com o trabalho que esqueci de carregá-lo.

*Droga.*

Minha única opção restante era apertar o botão de emergência e rezar para que 1) alguém estivesse de plantão tão tarde da noite durante os feriados e 2) a ajuda chegasse rapidamente.

Depois de uma espera aparentemente interminável, uma voz rouca atendeu minha ligação e prometeu que a ajuda estava a caminho. Ele não respondeu aos meus pedidos de uma estimativa de tempo exata.

Andei pela pequena caixa de metal e verifiquei meu relógio novamente. 22h30. Tudo bem. Mesmo que a equipe de resgate demorasse uma hora, eu chegaria ao Empire State Building antes da meia-noite.

Deus, eu esperava que não demorasse uma hora.

Alguém em algum lugar devia ter ouvido minhas orações, porque dois técnicos apareceram vinte minutos depois e me tiraram de lá. Fiquei apenas o tempo suficiente para agradecê-los antes de partir novamente.

23h05

O ar do final de dezembro era uma lufada de frio bem-vinda depois do elevador claustrofóbico, e fiz todo o caminho até a Rua Trinta e Quatro, onde ficava o Empire State Building, antes de parar bruscamente. Barricadas de metal se alinhavam em ambos

os lados da rua, impedindo-me de atravessar. Eu as vi no caminho para cá e presumi que terminariam antes de chegar ao meu destino; claramente, estava errada.

Aproximei-me de um policial e forcei um sorriso educado. — Oi, você pode me dizer o que está acontecendo? — Apontei para a enlouquecedora fortaleza improvisada. — Estou tentando chegar ao Empire State Building.

— Desfile Anual do Floco de Neve. — O oficial de aparência entediada apontou o polegar por cima do ombro. — A avenida inteira está fechada. Se você quiser ir para o outro lado da rua, você tem que dar a volta.

Eu sufoquei um gemido. Como é que me esqueci de uma das piores tradições da cidade? Presumi que as multidões eram turistas típicos que vinham para a cidade nos feriados, mas não, era um desfile completo para um fenômeno natural completamente desinteressante.

— Ir por onde?

Ele me contou, e quase praguejei em voz alta quando calculei quanto tempo levaria para chegar à rua transversal aberta mais próxima.

O prédio estava *bem ali*. Eu podia vê-lo brilhando no caminho, sua torre perfurando o céu noturno. Levaria pelo menos quarenta minutos para chegar lá pela rota alternativa – talvez mais, considerando a multidão –, mas não tinha escolha; o desfile havia começado e não havia como eu passar pelas barreiras sem ser abordada por um dos melhores membros da polícia de Nova York.



Em vez de perder mais tempo discutindo, virei-me e mirei o hotel em direção à parte alta da cidade. Eu não era matemática, mas até eu sabia que saltos de sete centímetros mais uma multidão de vagabundos lentos tirando selfies não significavam velocidade *ou* conforto.

Quando cheguei à rua transversal, eu estava suada, exausta e com falta de ar.

*Resolução de Ano Novo: fazer mais exercícios aeróbicos.* Yoga e Pilates não me prepararam para caminhar pela cidade em Manolo Blahniks.

O outro lado da avenida estava igualmente lotado, mas pelo menos não tive que passar por um desfile inteiro. Quem inventou o conceito de desfiles em geral merecia levar um tiro.

Eu dei uma cotovelada para passar pela aglomeração de pessoas. No meio do caminho, alguém bateu em mim com tanta força que meus dentes chegaram a bater. Olhei para cima, pronta para dar uma nova surra no cara.

Olhos verdes, rosto brutalmente bonito. Ele parecia estranhamente familiar, o suficiente para que eu hesitasse, mas desapareceu antes que eu tivesse a chance de dizer uma única palavra.

Tudo bem. Eu não tinha tempo de falar com um estranho, não importava o quão rude ele tivesse sido.

23h47

Aumentei a velocidade e quase derrubei uma mulher com um chapéu branco de floco de neve.

— Ei! Cuidado, loirinha! — ela gritou.

Eu a ignorei. Carros, pessoas e vitrines ficaram embaçados até que finalmente *cheguei* à entrada do Empire State Building.

23h55

Acelerei o processo de segurança e rezei para que o elevador aqui, pelo menos, funcionasse corretamente.

23h58

O elegante elevador de vidro me levou até o octogésimo sexto andar. Para cima, para cima, para cima, tão rápido que meus ouvidos estalaram, e então...

Eu estava aqui.

*Meia-noite.*

Caí no deck de observação ao ar livre, minha pele encharcada de suor e meu coração batendo forte o suficiente para quebrar minhas costelas. Normalmente, ficaria constrangida com a minha aparência agora, mas isso não era o mais importante.

O mais importante era encontrar Xavier.

Examinei o deck. Estava quase vazio e por um bom motivo. Os aquecedores não eram páreos para o vento, que açoitava a pele exposta com ferocidade cruel, e o frio era tão cortante que roía camadas de lã e caxemira até penetrar profundamente em meus ossos.

Minha respiração formava pequenas baforadas brancas enquanto eu circulava pelo espaço externo. Meu rosto ficou

dormente depois de uma volta, mas isso não se comparava ao gelo escorrendo em minhas veias após a segunda verificação.

Ele não estava aqui.

Ou ele tinha ido embora – ou nunca tinha aparecido.

Parei em algum lugar entre a saída e a beirada e fiquei aqui, tremendo. Eu estava tão cansada que fiquei surpresa por minhas pernas ainda funcionarem, e o manto de luzes da cidade abaixo de mim adquiriu uma qualidade surreal, como poeira estelar espalhada à espera de um desejo.

*Se você não aparecer, saberei qual é sua resposta.*

Eu cheguei aqui exatamente à meia-noite. Se Xavier tivesse saído depois da hora, eu o teria visto. Ele se atrasou ou saiu mais cedo para uma emergência?

Não. Se ele disse que estaria aqui, ele estaria, a menos que mudasse de ideia.

Eu não o culpei. Se eu fosse ele, também mudaria de ideia, porque por que alguém iria... por que ele...

Um soluço percorreu o ar.

Eu nunca tinha ouvido tal coisa sair da minha garganta e levei um minuto para reconhecer que o som vinha de mim.

Depois que o primeiro escapou, os demais o seguiram, e eu não pude detê-los, assim como um muro de areia não poderia deter um tsunami.

Domingo à noite, chorei lágrimas silenciosas, mas não havia nada de silêncio sobre elas. Eram soluços guturais, que faziam o

peito arfar, do tipo que ecoava pelo deck e fazia o próprio ar tremer de simpatia. Eles teriam sido humilhantes se alguém tivesse me visto, mas neste momento eu não me importei.

Eu tinha fodido meu relacionamento com o único homem que amei de verdade e não tinha ninguém para culpar além de mim mesma.

— Luna.

Outro soluço sacudiu meus ombros. Apertei o punho contra a boca, mas o som passou de qualquer maneira, e quando fechei os olhos, pude sentir o fantasma do calor de Xavier roçando minhas costas.

Era pior que o frio, porque não era real; era minha mente conjurando coisas para me torturar.

— Luna.

Eu precisava sair daqui. Se ficasse aqui por mais um segundo, ou morreria congelada ou perderia a cabeça, mas não conseguia me mover.

*Não é ele.* Era uma invenção da minha imaginação e...

Mãos firmes agarraram meus braços, virando-me, e ali estava ele. Cabelo preto escuro caindo descuidadamente sobre sua testa, boca carnuda marcada com preocupação, olhos que esculpiram um rastro de calor através de minhas lágrimas congeladas enquanto me examinavam.

Ele ainda estava me segurando. O calor de seu corpo penetrou em minhas roupas, e outro conjunto de arrepios percorreu minha espinha – desta vez de calor, não de frio. Talvez minha mente



pudesse evocar sons, imagens e sensações, mas não poderia criar *isto*: a paz total e abrangente que eu sentia apenas quando estava com ele.

*Não é uma invenção.* Ele era real. Eu chorei mais.

— Ei. — O alarme iluminou seu olhar. — Tudo bem. Não chore.  
— Ele enxugou uma das minhas lágrimas com um polegar gentil.  
— Shh. Tudo bem.

— Achei que você tivesse ido embora. — Solucei, envergonhada, mas aliviada demais para fazer qualquer coisa a respeito.

A compreensão surgiu no rosto de Xavier. — Havia um casal de idosos aqui antes. Um deles caiu, então eu os ajudei a descer. Mande uma mensagem para você caso você aparecesse enquanto eu estivesse fora.

— Meu telefone morreu. — Eu solucei novamente. — Esqueci de carregá-lo.

— Ah. — A voz de Xavier ficou rouca quando ele me puxou para ele.

— Estou aqui, Luna. Eu não fui embora. Estou aqui.

Suas palavras deveriam ter me tranquilizado, mas abriram mais as comportas. Enterrei meu rosto em seu peito enquanto anos de emoções reprimidas se derramavam.

Cada medo, cada frustração, cada desgosto. Eles esperaram uma vida inteira para se libertarem e, quando o fizeram, não pararam até que toda a última gota de umidade evaporasse e eu caísse contra Xavier, vazia e exausta.

Ao longo de tudo isso, ele me segurou, mesmo quando estraguei o que provavelmente era um suéter muito caro e fiz uma bagunça geral.

— Sinto muito — falei em meio a um soluço persistente. — Eu não... quando eu... — Eu não era o tipo de discursos sinceros ou prosa floreada, e era uma prova de quão bem Xavier me conhecia, que ele não precisava de nenhuma dessas coisas para entender o que eu estava tentando dizer. — Você não precisa se desculpar. Eu sei. — Seus braços se apertaram em volta de mim. — Tudo o que importa é que você está aqui.

Levantei a cabeça, com o coração doendo ao olhar para o homem que sempre esteve ao meu lado, de uma forma ou de outra, desde que entrou na minha vida.

— Eu amo você — falei calmamente. Eu já havia dito essas palavras antes, há muitos anos, mas desta vez elas pareciam diferentes. Desta vez, eles pareciam boas. — Sinto muito por ter demorado tanto para admitir isso e sinto muito por afastar você. Eu só... — Minha voz ficou ainda mais baixa. — Estou assustada.

Gostava de estrutura e rotina. Minha vida foi construída em torno do porto seguro que criei para mim desde que terminei com Bentley, e o que Xavier e eu tínhamos eram águas completamente desconhecidas. Elas poderiam nos levar ao melhor lugar que já vimos ou nos jogar de um penhasco de trinta metros de altura sem nenhum bote salva-vidas.

— Eu também estou, mas é isso que faz valer a pena. — Ele tirou uma mecha de cabelo dos meus olhos, seu toque

incrivelmente terno. — A vida seria muito chata se soubéssemos o que vai acontecer todos os dias.

Eu funguei. — Na verdade, isso parece maravilhoso. Eu adoraria isso.

— Bem, você coordena as cores do seu material de escritório, então não estou surpreso.

Minha risada aquosa afugentou um pouco do peso. — Espertinho.

— Acho que essa é uma das coisas que você ama em mim. — Xavier me deu um daqueles sorrisos tortos e com covinhas que eu tanto detestava e adorava. — E sua dedicação em garantir que seus marcadores verdes estejam *sempre* alinhados à esquerda dos azuis é uma das coisas que adoro em você. — Ele baixou a cabeça, pressionando sua testa contra a minha. — O amor não é perfeição, Luna; trata-se de pessoas imperfeitas criando sua própria versão de felizes para sempre. E embora eu não saiba tudo, sei disso: cada versão do meu felizes para sempre incluirá sempre alguma versão sua.

Novas lágrimas brotaram em minha garganta. *Oh, Deus.* Passei vinte e poucos anos sem conseguir chorar e agora não conseguia parar.

Xavier se inclinou para me beijar, mas eu me afastei em um ataque atípico de constrangimento. — Você não quer me beijar agora. Estou uma bagunça.

Evitei propositalmente olhar meu reflexo em uma vidraça próxima, mas sabia o que encontraria: olhos inchados, nariz

vermelho, marcas de rímel escorrendo pelo meu rosto e cabelos emaranhados de suor. Não era exatamente material para beijar.

Xavier emoldurou meu rosto com as mãos, acalmando-me. — Eu sempre quero beijar você, e você é perfeita exatamente do jeito que é.

Se ele fosse qualquer outra pessoa, eu não teria acreditado nele, mas quando sua boca tocou a minha, todos os outros pensamentos se dissiparam. O vento, as lágrimas meio secas, a porra da jornada que fiz esta noite para chegar aqui... nada disso importava enquanto eu entrelaçava meus dedos em seu cabelo e retribuía seu beijo com abandono.

Tudo o que passei valeu a pena neste momento. E sim, um casal se beijando no topo do Empire State Building depois de sua grande reconciliação era um clichê de filme, mas como eu disse...

Às vezes, as comédias românticas acertavam.





## CAPÍTULO 44

*Xavier*

Quando entrei novamente no deck de observação e vi Sloane parada ali, meu alívio foi tão grande que não consegui me mover por uns bons cinco segundos.

Esperei lá por horas, e houve um momento – *muitos* momentos – em que pensei que ela não apareceria. Eu estava convencido de que tinha estragado tudo ao dar-lhe um ultimato e arruinado minhas chances de reconquistá-la no futuro.

Mas por algum milagre, ela *apareceu*, e isso era tudo que eu precisava para nunca mais deixá-la ir.

Não ficamos muito tempo no Empire State Building. Por um lado, estava muito frio. E por outro... bem, tínhamos coisas melhores para fazer.

Sloane e eu entramos no apartamento dela sem tirar as mãos ou a boca um do outro.

Nós conhecíamos os corpos um do outro tão intimamente que o acúmulo foi quase impensado em sua precisão – um beliscão no ponto sensível atrás de sua orelha esquerda, uma carícia deslizando na minha barriga para peito e ombros.

Nossas roupas deixaram um rastro da porta da frente até o quarto, onde a empurrei na cama e parei, pausando um momento apenas para absorvê-la.

Sloane olhou para mim, os lábios inchados por causa das minhas atenções e os olhos brilhando de uma forma que fez meu coração apertar.

*Eu amo você.*

Três palavras, pronunciadas inúmeras vezes por inúmeras pessoas ao longo dos séculos. No entanto, vindo dela, elas tinham o poder de me deixar de joelhos.

Beijei-a novamente, mapeando vagarosamente um caminho desde sua boca até seu pescoço e ombros. Fiz um desvio prolongado até seus seios, onde passei meus dentes suavemente em seus mamilos duros. Um arrepio percorreu seu corpo, e seus gemidos se transformaram em súplicas enquanto eu lambia, chupava e provocava até que ela me implorasse para transar com ela.

— Por favor — Sloane ofegou. — Eu preciso de você dentro de mim. *Xavier*. — Ela choramingou novamente quando finalmente soltei seus seios para beijar seu estômago até sua excitação. Ela estava tão molhada para mim que me deu água na boca.

Eu queria tocá-la, prová-la, preencher-lá. Eu queria cada centímetro dela contra cada centímetro de mim, e não podia esperar mais um segundo.

Mergulhei como um homem faminto, lambendo-a, saboreando-a profundamente. Meus dedos trabalharam em conjunto com

minha boca, e quando passei minha língua sobre seu pequeno clitóris necessitado, seu gemido disparou direto para meu pau já dolorido.

Chuí sua carne macia suavemente em minha boca antes de colocar minha língua contra ela, deixando-a definir o ritmo enquanto suas contorções assumiam um ritmo frenético. Ela se apoiou no meu rosto, suas mãos emaranhadas em meu cabelo, seus quadris se movendo cada vez mais rápido até...

Sloane soltou um grito de protesto quando me afastei.

— Ainda não, baby. — Peguei um preservativo da gaveta de cima da mesa de cabeceira, enrolei-o no meu pau e alinhei a ponta com sua entrada. — Eu quero sentir você gozando ao meu redor.

Ela estreitou os olhos, o rosto corado pelo esforço e pelo orgasmo negado. — Então me foda já.

O riso retumbou em meu peito, mas se transformou em um gemido quando agarrei seus quadris e finalmente afundei dentro dela.

*Cristo.* Jurei que podia sentir cada milímetro de sua boceta enquanto ela me levava até o punho, e ela era tão apertada, molhada e *perfeita* que eu nunca acreditaria que ela não foi feita para mim. Não quando estar dentro dela era como deslizar para casa depois de anos vagando sem rumo.

Eu a fodi com golpes longos e lentos, dando-lhe tempo para se ajustar e a mim mesmo tempo para recuperar o controle antes de acelerar o ritmo. Um grito saiu de sua boca no primeiro impulso

forte, seguido por um suspiro ofegante quando encontrei o ângulo exato que a fez agarrar minhas costas com abandono.

O seu quadril balançou para corresponder ao meu ritmo, e a cabeceira bateu contra a parede enquanto fodíamos numa confusão de suor e esperma. O bater de pele contra pele, os sons dos gemidos de Sloane, a maneira como seu corpo tremia com a força das minhas batidas...

Foi demais.

Reprimi outro gemido. Eu estava prestes a gozar, mas seria um inferno se não a levasse comigo.

Mantive o meu ritmo constante enquanto os meus dedos encontravam o seu clitóris. Ainda estava inchado e sensível das minhas atenções anteriores, e eu mal tinha roçado antes que seus músculos enrijecessem e sua boceta se apertasse ao meu redor.

As unhas de Sloane cavaram sulcos dolorosos em minha pele quando ela gozou com um grito alto. Senti suas contrações em cada célula do meu corpo, e isso provocou meu próprio clímax em uma explosão poderosa.

Eu não conseguiria dar um nome ao som que fiz, mesmo que tentasse, mas meu orgasmo foi tão intenso, tão devastador, que minha mente ficou em branco por um minuto inteiro antes que a realidade retornasse lentamente.

Encostei minha testa na dela, meu peito arfando, e fiquei dentro dela até que cada contração e pulsação do meu pau finalmente parassem.



Foi apenas com muita relutância que me retirei e descartei o preservativo antes de me acomodar novamente ao lado de Sloane. Enrolei um braço em volta de sua cintura e a trouxe para perto, confortando-me no ritmo constante de sua respiração.

— Meus vizinhos vão me odiar — ela murmurou.

Eu ri, empurrando seu cabelo para trás para poder admirar cada centímetro de seu rosto corado e contente. — Só porque eles estão com ciúmes.

— Mesmo Irma, de noventa anos? — Ela parecia cética.

— *Especialmente* Irma, de noventa anos. — Eu fiz uma pausa. — Mas se você quiser um terceiro...

— *Xavier*. — Sloane empurrou meu peito, sua risada se misturando à minha. — Você é terrível.

— Isso é o que você ama em mim.

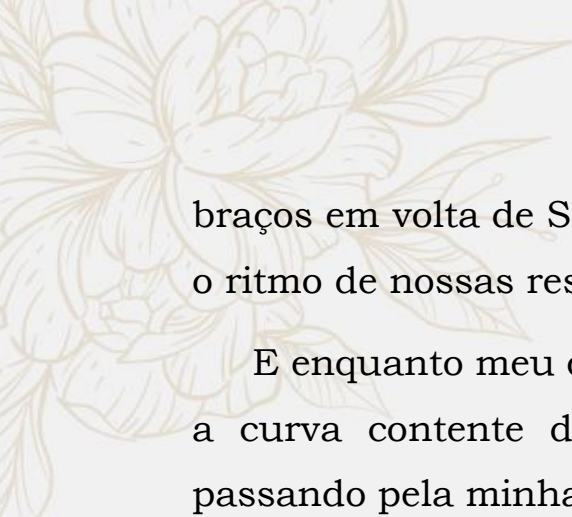
— Isso é. — Ela suspirou. — Tenho um gosto questionável.

— Eu ficaria ofendido com isso se não estivesse tão confiante em minha boa aparência e personalidade arrojada. — Pressionei meus lábios nos dela. — E se eu não amasse tanto você.

O rosto de Sloane suavizou-se.

Parecíamos um daqueles casais cafonas que ela adorava criticar nos filmes, mas eu não me importava e, a julgar pela maneira como ela se aproximava de mim, ela também não.

Não nos falamos novamente antes que ela adormecesse. Meus olhos também estavam ficando pesados, mas me forcei a ficar acordado por um tempo para poder aproveitar o momento: meus



braços em volta de Sloane, a cabeça dela apoiada em meu ombro, o ritmo de nossas respirações subindo e descendo em uníssono.

E enquanto meu olhar traçava o leque delicado de seus cílios e a curva contente de seus lábios, havia apenas uma palavra passando pela minha cabeça.

*Minha.*





## CAPÍTULO 45

*Xavier*

Sloane e eu passamos o resto do feriado em êxtase orgástico, interrompidos apenas pela entrega ocasional de comida e vinte e três minutos de um filme *tão ruim que era quase bom* envolvendo famílias rivais, duendes e um cachorro caolho chamado Tobey. No vigésimo quarto minuto, abandonamos o filme para atividades mais interessantes.

Depois do ano novo, porém, começamos a trabalhar. Ela foi pega no turbilhão do anúncio do noivado de Ayana, e eu me dediquei a consertar o Vault o mais rápido possível, sem cortar atalhos.

Meu aniversário não era mais o fim de tudo, mas eu tentaria ao máximo abrir o clube até lá de qualquer maneira. Era meu desafio para mim mesmo.

Se eu conseguisse, fantástico. Se não... bem, meu pai construiu seu império com centavos. Eu também poderia.

Consultei meia dúzia de empreiteiros e o consenso geral foi que os danos não foram tão terríveis quanto eu temia. Sloane estava certa: Vault possuía muitos elementos à prova de fogo e, embora precisasse de grandes obras, a equipe certa pelo preço certo poderia concluir o trabalho em dois meses.

Felizmente paguei esse preço do meu próprio bolso.

O novo cronograma significou que eu tive que mudar meus planos originais de design, mas Farrah era a melhor designer de interiores de hospitalidade da cidade por um motivo. Depois de várias sessões de brainstorming, criamos um novo conceito que levaria menos tempo para ser implementado, mas que ainda se encaixaria na minha visão para o clube. Isso atrapalhou completamente o planejamento *dela*, mas o grande bônus que paguei a ela compensou o problema.

No entanto, havia mais uma ponta solta que eu precisava amarrar antes de mergulhar completamente em meus novos planos.

Na segunda terça-feira do ano, depois que a cidade se recuperou da calmaria do feriado e retomou seu ritmo alucinante habitual, entrei na mansão de Vuk no Upper East Side.

Do lado de fora, o amplo edifício parecia mais uma fortaleza do que uma casa. Havia medidas de segurança suficientes para fazer Fort Knox parecer uma brincadeira de criança, mas o interior era o epítome do luxo da velha escola. Escadas em espiral, janelas em arco e influências góticas abundavam. Cada cômodo era maior que o anterior, e bustos de mármore olhavam para mim de suas mesas de exibição exclusivas enquanto eu seguia o mordomo até o escritório de Vuk.

O mordomo me anunciou e desapareceu num discreto lampejo de cabelos prateados e algodão branco engomado.

O escritório de Vuk era tão escuro e sombrio quanto o resto da casa. Painéis pretos, mesa preta, móveis de couro preto. As únicas



especificações de cor eram a luminária de vidro esmeralda em sua mesa e seus olhos azuis invernais enquanto acompanhavam minha aproximação.

Era a primeira vez que o via desde o incêndio. Sua expressão remota estava muito longe do terror que vislumbrei antes de arrastá-lo para fora do Vault, mas nunca esquecerei aquele olhar em seus olhos.

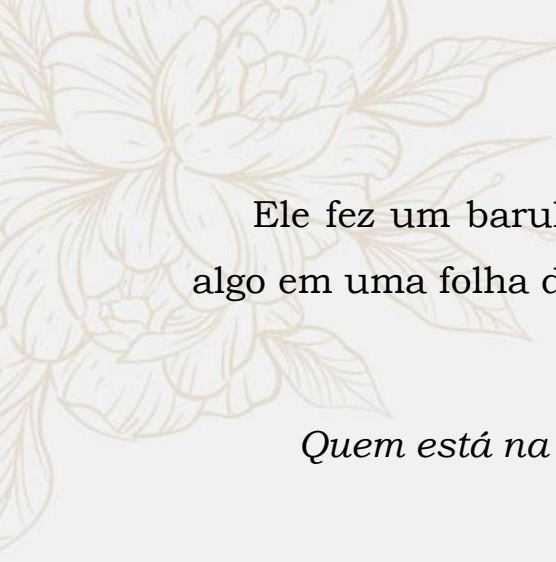
Congelado. Desesperado. *Assombrado*.

— Como vai você? — Abandonei minha irreverência padrão pela verdadeira preocupação. Vuk e eu não éramos amigos, mas ele era meu parceiro de negócios e havia se arriscado muito comigo. Além disso, ele foi pego no incêndio por minha causa, então me senti parcialmente responsável por tudo o que ele passou nas últimas semanas.

Ele abaixou o queixo, o que tomei como um sinal de que ele estava bem.

— E quanto a Willow? — perguntei. Outro mergulho de seu queixo.

— Certo. — Eu tinha esquecido como era difícil manter uma conversa com alguém que se recusava a falar. Ele não pareceu inclinado a expressar mais pensamentos, então lhe dei um rápido resumo dos meus planos revisados para o clube e uma atualização sobre a festa de inauguração. Parecia estranho conversar sobre negócios quando quase morremos na última vez que nos vimos, mas Vuk não me pareceu o tipo que gostava de discutir emoções ou traumas passados (ou qualquer coisa, na verdade).



Ele fez um barulho de aprovação quando terminei e rabiscou algo em uma folha de papel.

*Quem está na lista de convidados para a inauguração?*

Interessante. De tudo o que eu disse, essa era a parte em que menos esperava que ele se concentrasse.

— Estou finalizando os convites esta semana — eu disse. — Enviarei a você uma lista completa por e-mail assim que terminar.

Eu não estava confiante sobre a abertura do clube até o meu aniversário, mas estava *confiante* na minha capacidade de dar uma festa incrível. Mesmo que as pessoas duvidassem da minha perspicácia para os negócios, elas apareceriam para me ver afundar ou nadar e se divertiriam muito no processo. — Se houver alguém que você queira que eu inclua, é só me avisar — adicionei.

Eu perguntei por cortesia. Vuk não namorava, não tinha um círculo social próximo e não se importava com aparições públicas, então não esperava que ele tivesse alguém em mente.

No entanto, ele provou que eu estava errado quando escreveu outra coisa em uma nova folha de papel.

Continha apenas uma palavra – especificamente, um nome.

*Ayana.*

A mesma Ayana que acabara de ficar noiva.

Meu olhar se voltou para o estoico de Vuk. Ele não ofereceu uma explicação para o nome e eu não perguntei.

— Ela já está na lista, mas vou verificar três vezes — falei, reorganizando minha própria expressão para uma de neutralidade.

Ele assentiu, eu saí e pronto. Foi a reunião mais rápida e fácil desde que tive a ideia do Vault.

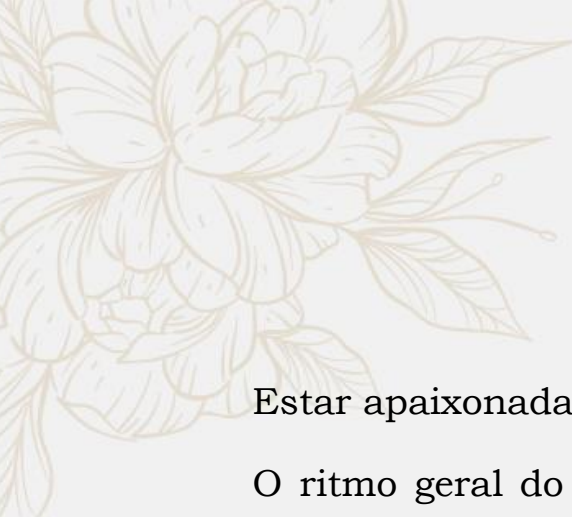
Honestamente, poderia ter sido uma reunião virtual, mas eu queria ver Vuk pessoalmente e ter certeza de que ele estava bem depois do incêndio. Obviamente, ele estava.

Saí da mansão e me lembrei do nome de Ayana escrito em negrito, traços pretos. Ele pressionou a caneta com tanta força que fez um pequeno buraco no papel.

Então, novamente, talvez ele não estivesse bem, mas isso não era da minha conta.

Eu já tinha o suficiente para fazer sem assumir os problemas dos outros, então deixei de lado o estranho interesse de Vuk pela supermodelo e simplesmente fiz uma anotação para mim mesmo para garantir que Ayana participasse da grande inauguração, não importava o que acontecesse.





## Sloane

Estar apaixonada era estranho.

O ritmo geral do meu dia a dia permanecia consistente – eu ainda ia trabalhar, saía com minhas amigas e lidava com as demandas selvagens dos clientes –, mas os detalhes haviam mudado. Eram mais suaves, mais fluidos, como o luar deslizando entre as cortinas rígidas da minha vida.

Parecia mais rápida para sorrir e mais lenta para ficar com raiva. O ar tinha um cheiro mais fresco e meus passos eram mais leves. Tudo parecia mais tolerável sabendo que, não importava o que acontecesse, havia alguém lá fora que me chamava de dele e a quem eu chamava de meu.

Algumas manhãs, eu ficava na cama com Xavier em vez de acordar cedo para fazer ioga; algumas noites, por sugestão dele, mergulhávamos em filmes de terror (hilários – os protagonistas do terror eram quase uniformemente densos) e comédias pastelão (não para mim). As tardes eram passadas comendo em minha mesa (em dias de trabalho particularmente movimentados) ou em uma série de bistrôs cada vez mais adoráveis que Xavier encontrava.

A rotina tornou-se sugestão, e cada sugestão tornou-se um pouco mais mágica quando Xavier estava envolvido.

Eu estava terrivelmente feliz, mesmo assim, ainda havia alguns momentos difíceis em minha vida que precisavam ser resolvidos.

Um deles era a situação com Pen e Rhea.



Duas semanas depois de encontrar Caroline no Le Boudoir, recebi um breve e-mail solicitando que eu a encontrasse na cobertura da minha família. Xavier tinha ido ver Vuk, então apareci sozinha, meu coração dando uma pequena reviravolta ao ver o prédio que chamei de lar durante metade da minha vida.

Parecia exatamente igual à última vez que estive aqui, até o toldo verde e os vasos de plantas na entrada.

— Senhorita Sloane! — O porteiro me cumprimentou com um sorriso surpreso. — É bom ver você de novo. Já faz muito tempo.

— Olá, Clarence. — Sorri de volta, estranhamente emocionada por ele ter se lembrado de mim depois de todos esses anos. Ele costumava me dar pequenos doces toda vez que eu voltava da escola. Meu pai me proibia de comer muitos doces e ficou furioso quando encontrou algumas embalagens no meu quarto. Eu menti e disse a ele que comprei os doces na escola. — *Faz muito tempo.* Como está Nicole?

— Ela está ótima. — Ele sorriu ainda mais com a menção de sua filha. — Ela está em seu primeiro ano na Northwestern. Jornalismo.

Conversamos por mais alguns minutos antes que outro morador aparecesse pedindo um táxi. Despedi-me de Clarence e peguei o elevador direto para a cobertura. Não reconheci a governanta que atendeu a porta, mas quando a segui pelos corredores, tive que lutar contra uma surpreendente onda de nostalgia.

As pinturas a óleo. Os pisos de mármore creme. O cheiro de copos-de-leite. Era como se alguém tivesse preservado a casa da

minha infância em uma cápsula do tempo dourada e, embora eu não sentisse falta de morar aqui, sentia falta dos momentos felizes que tive enquanto *crescia*.

Claro, não houve muitos deles, e eles foram ofuscados pelo meu pai ou irmã de uma forma ou de outra.

Isso foi o suficiente para me trazer de volta à realidade.

Balancei a cabeça e afastei os últimos vestígios de sentimentalismo compreensível, mas indesejável, antes de entrar na sala de estar, onde meu pai e Caroline esperavam por mim.

Obviamente, Caroline tinha falado com ele como prometido, mas nenhum dos dois parecia muito feliz em me ver. Tudo bem; também não fiquei muito feliz em vê-los, embora tenha ficado um pouco surpresa ao ver meu pai em casa numa tarde de um dia de semana. Supunha que fosse uma vantagem de administrar sua própria empresa.

Sentei-me no sofá em frente a eles e arqueei uma sobrancelha fria. Eu estava morrendo de vontade de fazer mil e uma perguntas sobre Pen, mas não daria vantagem falando primeiro.

A tensão pairou ao nosso redor por vários minutos antes de Caroline ceder.

— Discuti a situação de Penelope com George — disse ela sem preâmbulos. — Ele concordou que é insustentável. Portanto, decidimos que, apesar dos termos originais de sua saída desta família, seria... benéfico para todas as partes envolvidas se você retomasse seu contato com Penelope. — Caroline parecia que alguém estava arrancando tiras de sua pele a cada palavra.

— Mas sejamos claros. Este não é um passe livre para você voltar para esta família. — Os olhos do meu pai brilhavam sob sobrancelhas grossas e cinzentas. — Você nos desrespeitou e nos envergonhou, ignorando-nos quando lhe demos a oportunidade de fazer as pazes. No entanto... — Seu olhar se aprofundou quando Caroline olhou para ele. — Penelope está claramente ligada a você, então, para o bem dela, estamos dispostos a lhe dar alguma margem de manobra, desde que você aja de maneira adequada.

— Não tenho intenção de *voltar* para esta família — eu disse friamente. A própria ideia era ridícula. — Estou perfeitamente bem sozinha, então deixe-me ser clara. A única razão pela qual estou aqui é por causa da Pen. Ela é a única Kensington com quem quero alguma coisa, e não tenho nenhum interesse em vasculhar o passado. Vocês me traíram, eu envergonhei vocês... não me importo. Agora, vamos ao verdadeiro motivo pelo qual estamos aqui, certo?

Eu não estava preocupada com eles me expulsando. Eles engoliram um enorme orgulho só por me pedirem para vir, e não jogariam isso fora antes de dizerem o que queriam dizer. O rosto do meu pai adquiriu um fascinante tom de roxo. Ele me deixou desequilibrada no hospital, mas eu não tinha planejado vê-lo ou confrontá-lo naquele momento. Desta vez, eu estava preparada, mas não me importava mais o suficiente para me envolver mais do que o necessário.

Em algum momento entre a hospitalização de Pen e agora, eu me recuperei o suficiente para não deixá-lo chegar até mim pelo simples fato de sua existência.

— Estamos dispostos a deixar você ver Penelope em nossos termos — Caroline disse rigidamente, chamando minha atenção de volta para ela. Fiquei irritada com sua escolha de palavras, mas mantive minha boca fechada até que ela terminasse. — Especificamente, uma vez por mês em horário, data e local predeterminados de nossa escolha.

— Uma vez por semana, em horário e data predeterminados de *nossa* escolha. — Balancei a cabeça quando ela abriu a boca para discutir. — Pen tem nove anos. Ela estuda em casa, o que significa que não tem muitas oportunidades de interagir com crianças de sua idade. Você e George raramente estão em casa e você demitiu a única pessoa nesta casa que a trata como uma pessoa normal. O mínimo que você pode fazer é deixá-la ter uma palavra a dizer sobre sua própria vida.

O silêncio tomou conta da sala.

Caroline olhou para George. Uma veia reveladora latejava em sua testa, mas ele expressou aquiescência.

— Bem. Uma vez por semana, em horário, data e local de sua escolha. — Ele se levantou abruptamente, seu corpo irradiando uma raiva mal reprimida. — Terminamos aqui.

Ele saiu sem olhar para mim ou para sua esposa.

Caroline aceitou sua partida repentina com calma. — No futuro, você e Penelope se encontrarão em outro lugar — disse ela, olhando rapidamente para mim. — Não tenho interesse em trazer você para nossa casa novamente. Como você pode ver, sua presença pode criar conflitos.



Ignorei seu golpe e me concentrei na primeira parte. — No futuro?

*Isso significa...?* Meu estômago revirou com uma súbita onda de esperança.

Caroline sorriu levemente. — Você pode querer ficar no quarto um pouco mais.

Então ela também foi embora, mas mal tinha partido quando uma voz familiar de menina gritou: — Sloane!

Virei a cabeça a tempo de ser abordada por um pequeno borrão loiro. Os braços de Pen envolveram minha cintura e uma onda de puro e indescritível alívio encheu meus pulmões.

Eu a abracei de volta, meu peito tão apertado que doía respirar.

— Ei, Pen. — Sorri apesar da onda de emoção na minha garganta. — Senti sua falta.

— Também senti sua falta. — Ela olhou para mim, seus olhos brilhando com lágrimas. Ela parecia muito mais magra do que da última vez que a vi. Embora eu estivesse feliz em vê-la novamente, precisávamos conversar sobre sua greve de fome – depois que terminasse de apertá-la até o fim. — Eu não pensei que veria você ou Rhea novamente — ela disse em voz baixa.

Meu coração se partiu com a vulnerabilidade nas palavras.

— Confie em mim. Eu teria encontrado uma maneira de ver você novamente, de uma forma ou de outra. — Eu quis dizer isso. Meu pai e Caroline não poderiam ter me impedido de ver Pen para sempre. Eu teria encontrado uma maneira de contornar o bloqueio

deles, embora esta fosse uma alternativa muito melhor do que outras alternativas, talvez menos éticas.

*Achei que não veria você ou Rhea novamente.* A última parte da frase de Pen foi registrada e um sulco cavou entre minhas sobrancelhas. O que ela-

Um flash de movimento chamou a atenção pelo canto do meu olho. Virei-me, observando a mulher parada na porta.

— Rhea! — eu suspirei. — Você voltou.

A velha babá de Pen sorriu, parecendo cansada, mas satisfeita. — Estou de volta — ela confirmou. — A Sra. Kensington me ligou depois do ano novo. Penny fez tanto barulho que a babá que contrataram depois de mim pediu demissão.

— Aquela nova babá era péssima — disse Pen. — Ela nem sabia que Blackcastle é um time de futebol.

A tensão restante se dissipou e houve abraços e lágrimas quando nós três nos reunimos pela primeira vez desde novembro. Bem, não lágrimas minhas – eu não consegui chorar novamente desde que me reconciliei com Xavier. Suspeitei que tivesse esvaziado o poço tão completamente que levaria mais vinte anos até que o fenômeno acontecesse novamente.

No entanto, a alegria de ver Pen novamente não me impediu de repreendê-la por causa de sua greve de fome. Não era saudável, especialmente para alguém com a condição dela.

— O que é isso que ouvi sobre você se recusar a comer?

Ela se afundou em seu assento. — Eu não me *recusei* a comer. Simplesmente pulei algumas refeições e ameacei pular mais, a menos que me deixassem ver você.

— Você não deveria fazer isso, Pen — falei gentilmente. — Sua saúde é o mais importante e pular refeições pode ser seriamente prejudicial.

— Mas eles levaram você e Rhea embora, e as ameaças funcionaram! — ela protestou. — Viu? Olhe para nós. — Ela gesticulou para o nosso trio. — Honestamente, eu deveria ter tentado essa tática antes. Então não teríamos que nos esgueirar por tantos anos.

Suspirei enquanto Rhea balançava a cabeça. Não havia discussão com Pen; ela ganhava todas as vezes.

— O que você quer fazer hoje? — perguntei, mudando de assunto. Contanto que ela comesse regularmente daqui para frente, não adiantaria ficar pensando no que já estava feito. — Eu faltei ao trabalho, então sou toda sua. — Eu tinha planejado ir ao escritório naquela tarde, mas acabei mandando um e-mail para Jillian para avisar que não iria.

Pen franziu os lábios, seu rostinho franzido em pensamento. — Eu quero assistir a um filme.

Minhas sobrancelhas se ergueram. Ela raramente queria fazer algo tão calmo quanto assistir a um filme. Ela assistia a jogos de futebol, mas isso era diferente. — Um filme? Tem certeza?

— Sim. — Ela deu um aceno definitivo. — Não quero me cansar muito rápido.

— Então, um filme.

Fomos para a sala de projeção, onde pus um desenho animado sobre princesas fadas e contei a ela o que havia acontecido desde a última vez que conversamos. Omiti as partes não adequadas para crianças; havia algumas coisas na minha vida que Pen nunca precisava saber.

— Xavier machucou você? — ela perguntou. — Porque eu disse a ele que iria mandar Mary para ele se ele fizesse isso.

— Ele o fez brevemente, mas não quis dizer aquilo e pediu desculpas. — Fiz uma pausa, franzindo a testa. — Quem é Mary?

— Uma boneca vitoriana assombrada.

Eu estreitei meus olhos. — Você *não tem* uma boneca vitoriana. Elas assustam você.

— Eu sei. — O sorriso de Pen era pura travessura. — Mas *ele* não sabe disso.

Eu não pude evitar; comecei a rir. Ela *definitivamente* seria difícil quando crescesse.

Pen passou pelo filme inteiro antes que sua energia diminuísse. Agora que nossas visitas foram permitidas, ela não protestou tanto quanto costumava fazer quando nos despedimos.

Eu disse a Rhea para me ligar nos próximos dias para que pudéssemos agendar nossa próxima visita, e esperei que elas desaparecessem no quarto de Pen antes de sair.

Cheguei na metade do hall de entrada quando a porta da frente se abriu e fiquei cara a cara com minha *outra* irmã.



Georgia e eu congelamos ao mesmo tempo.

Ela estava impecavelmente arrumada, como sempre, mas detectei sombras sob seus olhos levemente vermelhos. Sua barriga finalmente estava aparecendo, mas isso não a impediu de usar saltos de sete centímetros ou de correr pela Madison Avenue; seus braços estavam carregados com sacolas de compras de uma dúzia de lojas de grife.

— Voltando para casa, para o ninho da víbora? — perguntei. — Que sentimental.

Georgia fungou e jogou o cabelo, mas seus olhos se moveram para a esquerda e para a direita como se ela preferisse estar em qualquer outro lugar, exceto aqui. — Vou ficar aqui enquanto nossa casa está sendo reformada. A poeira faz mal ao bebê — disse ela, enfatizando a última palavra como se eu me importasse que ela estivesse grávida, e eu não.

*Besteira.* Ela era muito controladora para não criticar as reformas o mais próximo possível. Mas se a casa não estava sendo reformada, então por que...

— Bentley também vai ficar aqui? — perguntei com um palpite. Os olhos de Georgia se contraíram, provando que meu palpite estava correto.

Eu não sabia o que aconteceu depois que ela saiu do meu escritório, mas obviamente foi o suficiente para ela voltar para casa por algum tempo. Ela ainda usava a aliança de casamento, mas isso não significava muito. Muitas pessoas usaram suas alianças de casamento muito depois de o amor por trás delas ter se dissolvido.

Em vez de me sentir triunfante ou justificada pelas evidências de seus problemas de relacionamento, senti... nada. Porque, simplesmente, eu não me importava. Não mais.

— Você pode pensar que fez alguma coisa ao reproduzir aquele áudio em seu escritório, mas não fez — disse ela quando passei por ela. — Bentley e eu estamos enfrentando alguns problemas neste momento, mas nunca nos separaremos. Eu *sempre* serei aquela que ele escolheu em vez de você. — Olhei para ela, com seu cabelo perfeito, roupas caras e anel de diamante, e senti algo que nunca pensei que sentiria por ela: pena.

Eu cresci com ciúme e ressentimento de Georgia por ser a favorita de nosso pai e por interpretar tão bem a filha e socialite perfeita quando eu lutava para fazer o mesmo. Ela sempre conseguiu o que queria, e pensei que isso era algo para ser invejado. Só agora percebi que meu ciúme havia sido equivocado, porque Georgia nunca ficou *feliz* com o que tinha; ela só ficava feliz quando tirava coisas de outras pessoas. Ela passou a vida tentando vencer competições invisíveis com outras pessoas porque isso a fazia sentir-se superior quando, na realidade, seus jogos de poder eram o último sinal de insegurança.

Se eu ainda me importasse o suficiente com ela como irmã, tentaria ajudá-la, mas não me importava. Essa ponte havia queimado há muito tempo.

— Você está errada. Eu *fiz* alguma coisa — eu disse calmamente. — Provei que seu marido é um canalha mentiroso, embora eu tivesse adivinhado corretamente que não faria diferença se você demorasse *tanto* para reconhecer os defeitos dele. Se você

quiser ficar com ele, fique. Se você quiser se divorciar dele um dia, faça isso. Não há necessidade de me dizer, porque eu realmente não me importo. Mas espero, para o bem do seu bebê, que ele o trate melhor do que tratou qualquer outra pessoa em sua vida. Caso contrário, ele aprenderá que os filhos nem sempre perdoam tanto quanto as esposas.

Georgia respirou fundo, mas não esperei por uma resposta.

Sai pela porta e não olhei para trás.





## CAPÍTULO 46

*Xavier*

Os quatro meses seguintes passaram em um turbilhão de reuniões e construções durante o dia e encontros ou jantares à noite.

Durante esse tempo, Sloane e eu entramos em um ritmo tácito de ficar na casa um do outro. Uma semana, eu dormia no apartamento dela; na próxima, ela ficava em minha casa na cidade. Dei a ela seu próprio armário para que ela não tivesse que ficar carregando seus pertences pela cidade, e ela colocou minha marca favorita de café expresso em sua despensa para que eu pudesse tomar minha dose de cafeína sem sair da casa dela. Foram marcos silenciosos que passaram sem alarde, mas me mantiveram em movimento durante a temporada mais agitada e de cabelos grisalhos da minha vida. Atrasos de empreiteiros, questões alfandegárias, uma explosão de um tubo de vapor próximo que cortou nosso acesso ao Vault por uma semana inteira – problemas abundantes durante todo o processo de reforma e construção, e isso sem contar os enormes egos com os quais tive que lidar no lado marketing das coisas.

— O Vault é subterrâneo — eu disse ao segundo assistente de um certo astro do rock. — Não tem heliporto anexo... não, infelizmente não podemos construir antes da inauguração. Sim,



vou garantir que tenhamos segurança para que ele não seja assediado por fãs nos três metros entre seu carro e a entrada.

Lancei um olhar de advertência para Sloane, que sorriu de seu lugar ao meu lado no sofá. Ela estava cuidando das confirmações de presença para a festa, mas eu insisti em dividir as tarefas de relacionamento com os convidados, porque tinha relacionamentos pessoais com muitos dos participantes.

Lamentei profundamente essa decisão.

No entanto, deixando de lado as questões de construção e os convidados importantes, a preparação para a abertura do Vault ocorreu principalmente de acordo com o planejado. Não houve mais incêndios, graças a Deus, nem houve acidentes graves ou feridos. A explosão do tubo de vapor cortou nosso cronograma já apertado, mas minha equipe conseguiu sobreviver por um fio.

Na véspera do meu trigésimo aniversário, ainda estávamos colocando azulejos nos banheiros, mas...

Nós conseguimos. Tudo isso.

Na noite seguinte, depois de dezenas de noites sem dormir e de dúvidas esmagadoras, o Vault abriu oficialmente antes do relógio marcar meia-noite e eu virar o grande trinta.

Duzentos e cinquenta dos mais ricos e influentes da cidade encheram o espaço renovado, bebendo coquetéis ao lado das paredes originais de aço de quinze centímetros e admirando o lustre de latão centenário.

Cada pessoa confirmou que sim. Havia Ayana e o pessoal da moda, Isabella e os pesos pesados do mercado editorial, Dominic

e os barões de Wall Street e muito mais. Todos os principais meios de comunicação e entretenimento da sociedade estavam presentes para a cobertura, porque esta noite, mais titãs dos negócios, da política, das celebridades e da arte convergiram para um só lugar desde o último Legacy Ball.

Eu nunca estive tão orgulhoso.

A noite era uma criança e ainda havia centenas de coisas que poderiam dar errado, mas o fato de ter chegado até aqui significava tudo.

Não importava como o comitê de herança decidisse amanhã, eu criei meu próprio negócio e legado, e ninguém poderia tirar minha realização.

— Você viu o dono? Tenho uma mensagem para ele.

Virei-me, minha boca se curvando em um sorriso quando Sloane apareceu, tirando-me do meu humor pensativo. Eu estava reservando um momento para mim nos fundos antes de começar a me misturar, mas os convidados poderiam esperar um pouco mais. Eles tinham muito para entretê-los. Sloane veio em minha direção com um vestido branco prateado brilhante e saltos altos que faziam suas pernas parecerem longas. Seu cabelo caía em ondas soltas sobre os ombros e seus olhos brilhavam com uma pitada de malícia quando ela se aproximou de mim.

Não importava quantas manhãs eu acordasse com ela ou quantas noites adormecia ao lado dela; ela nunca deixava de me tirar o fôlego.

— Não tenho certeza de onde ele está, mas estou feliz em passar a mensagem adiante — falei lentamente. Meu sangue queimou um pouco mais quando ela pressionou a mão contra meu peito, mas mantive uma postura enganosamente casual enquanto esperava.

— Bom. — Sloane passou os dedos da outra mão pelo meu cabelo, trouxe minha boca até a dela e pressionou seus lábios suavemente contra os meus.

Um segundo. Dois segundos. Três.

O beijo durou a terceira batida antes que ela se afastasse, deixando para trás o gosto de menta e morango.

— Passe isso para ele — ela murmurou. — Diga a ele feliz aniversário e parabéns pelo trabalho bem executado.

O calor cintilou em meu peito, mas não pude resistir a uma pequena provocação. — Fico feliz em fazê-lo, mas você se importa de repetir isso do início? Quero ter certeza de que acertei *tudo*.

Sloane revirou os olhos, mas estava sorrindo. — Só porque é uma noite tão grande. — Ela me beijou novamente, desta vez mais profundamente. — Você conseguiu — ela disse, abandonando sua pretensão anterior. — Como é?

— É incrível, e *consequimos* — eu disse. — Eu não poderia ter feito isso sem você. O trabalho de publicidade, sua fé em mim, você me ajudou a superar os muitos contratemplos e frustrações dos últimos quatro meses.

Ela balançou a cabeça. — Eu ajudei, mas tudo isso foi possível por *sua causa*. Não subestime suas realizações. O Vault é seu bebê. Assuma-o.

A centelha de calor se acendeu em uma chama crepitante. —  
Eu já disse o quanto amo você?

— Uma ou duas vezes, mas não me oponho a ouvir isso de novo.

— *Eu amo você* — murmurei. — *Mais que qualquer outra coisa do mundo.*

Desta vez, eu a beijei e deixei durar.

O tempo com Sloane sempre parecia passar rápido, e poderíamos ter ficado em nosso cantinho nos fundos para sempre se um dos convidados não nos tivesse visto e interrompido para me desejar boa sorte.

— Provavelmente deveríamos nos juntar à festa — disse ela depois que ele saiu. Suas bochechas estavam coradas por causa do nosso abraço, mas eu pude vê-la voltando ao modo de trabalho. — Todo mundo está aqui para você. Comemoraremos em particular mais tarde.

— Estou ansioso por isso — falei com um sorriso malicioso que transformou suas bochechas de rosa para vermelho.

Mas Sloane estava certa, então depois de um último beijo – ei, era meu aniversário; não tive pressa – fomos para o andar principal, onde uma multidão já havia se formado em torno do bar personalizado que oferecia a primeira vodca sem álcool da Markovic Holdings. Os mixologistas fizeram sua mágica, conjurando mocktails impressionantes de rosa, azul e verde e servindo-os em copos foscos adornados com vários acompanhamentos. Do outro lado da sala, o bar de bebidas alcoólicas atendia a um público igualmente grande.



Vuk comandava sua própria mesa no espaço entre os dois bares. Ele estava sentado sozinho e era difícil dizer se estava feliz, irritado ou indiferente. Ele nem estava prestando atenção ao lançamento de seu último produto – estava ocupado demais olhando para alguma coisa.

Segui seu olhar até onde Ayana estava com seu noivo, um CEO de moda que, segundo os rumores, também era um dos antigos amigos de faculdade de Vuk.

*Isso não pode ser bom.*

Antes que eu pudesse perguntar a Sloane o que ela sabia sobre o relacionamento entre Vuk e Ayana, Isabella apareceu, com mocktail roxo na mão.

— Ei, pessoal! — ela borbulhou. — Ótima festa e feliz aniversário, Xavier. Este lugar é um *sucesso*.

Eu sorri com seu entusiasmo. — Obrigado.

— Então, eu estava procurando por você, porque tenho uma ideia para sua série Tastemaker. — Os olhos de Isabella brilharam. Isso, combinado com o sorriso repentino de Sloane, disparou todos os alarmes na minha cabeça.

— O que você acha de apresentar uma prévia do próximo livro erótico sobre dinossauros de Wilma Pebbles? — Isabella perguntou. — Eu a conheci em um evento recente e ela me deu uma cópia avançada de *Penetrado pelo Pterodáctilo*. É *incrível*, e ela tem uma enorme base de fãs.

Pisquei, sem saber se ela estava brincando comigo ou falando sério. Sempre foi difícil dizer com Isabella. — Hum...

— Pense nisso. — Ela olhou para o lado, claramente distraída com a chegada de outra estrela de cinema. — Vou lhe enviar a lista de títulos dela para que você possa ter uma ideia dos livros dela. Eu realmente acho que será um evento divertido!

Então ela se foi, deixando-me balançar a cabeça. — Achei que ela iria me pedir para apresentar uma prévia de *seu* novo livro, não do de Wilma Pebbles.

— Oh, o amor de Isa por dinossauros eróticos é muito mais profundo do que suas próprias ambições profissionais — disse Sloane, com um sorriso cada vez maior. — Confie em mim.

Para meu próprio bem, recusei-me a pedir mais informações.

No meio da noite, Sloane e eu nos separamos para nos misturarmos com diferentes convidados. Agradei pessoalmente a todos que me ajudaram a tirar o Vault do chão, incluindo Dominic Davenport, que parecia estar cirurgicamente ligado ao lado de sua esposa, e Sebastian, que sobreviveu com o catering.

— Você conseguiu isso, cara. — Sebastian bateu com a mão no meu ombro. — Agora devo dez mil a Russo.

— Você apostou contra mim? — perguntei com falsa ofensa.

— Eu tinha fé em você, mas Luca geralmente está errado. — Ele riu. Ele olhou por cima do meu ombro e seu sorriso se transformou em um sorriso malicioso. — Falando em Russos, vou deixar vocês com isso. Boa sorte.

Ele desapareceu antes que eu pudesse responder e Dante tomou seu lugar.

Não havíamos conversado desde a festa de gala do feriado, mas ele parecia muito mais à vontade esta noite do que no Valhalla. Talvez ele estivesse finalmente se adaptando ao ritmo da paternidade, ou talvez fosse o copo de uísque quase vazio em sua mão.

— Isso é impressionante — disse ele, ignorando as saudações padrão. — Eu tinha minhas dúvidas sobre você, mas você conseguiu.

— Todo mundo fica dizendo isso — resmunguei, mas era difícil ficar irritado quando a noite estava indo tão bem. — Obrigado.

Dante inclinou a cabeça, seu olhar se voltou para o bar onde Vivian conversava com Sloane, Isabella e Alessandra. Permaneceu em sua esposa por um momento suave antes de retornar para mim e endurecer.

— Tenho que admitir, parte de mim esperava que você falhasse — disse Dante com surpreendente franqueza. — Não me esqueci de Las Vegas, Miami ou das dezenas de situações questionáveis para as quais você arrastou Luca. No entanto... — Sua voz ficou seca. — Se meu irmão conseguiu se limpar depois de anos de festas inúteis, suponho que você também consiga.

Dante Russo, o rei dos elogios indiretos.

— Eu não diria que as festas foram inúteis — falei lentamente. — Isso me deu a experiência que precisava para fazer isso. — Fiz um gesto ao nosso redor.

Os olhos de Dante se estreitaram uma fração de centímetro. Então, para minha surpresa, ele soltou uma risada genuína.

— Mantenha a mesma energia amanhã — disse ele, passando por mim para se juntar a Vivian. — Você vai precisar disso.

Amanhã. Minha primeira avaliação. O destino de oito bilhões de dólares.

Eu estaria mentindo se dissesse que meu estômago não afundou nem um centímetro com a lembrança, mas amanhã era amanhã. Fiz o meu melhor e não havia nada que eu pudesse fazer entre agora e a manhã que pudesse mover a agulha de uma maneira significativa.

Então, em vez de me preocupar, peguei uma bebida da bandeja de um garçom que passava, bebi e simplesmente aproveitei o resto da noite.

Eu merecia.



O Dia do Julgamento ocorreu na manhã seguinte por videoconferência. Considerando a pompa e as circunstâncias que cercaram a leitura do testamento do meu pai, parecia bastante anticlimático que o destino de oito bilhões de dólares fosse decidido pelo Zoom, mas todos estavam ocupados demais para viajar a Bogotá para uma reunião presencial, então Zoom bastaria.

Sloane e eu estávamos na minha casa, mas por motivos ópticos, atendemos a ligação em salas separadas. Eu estava na biblioteca; ela estava na sala.



Cinco rostos me encararam na tela enquanto eu explicava meu plano de negócios, meus esforços de reconstrução após o incêndio e o sucesso estrondoso da inauguração. A única coisa que não lhes contei foi a parte da sabotagem de incêndio. Alex me jurou segredo, e isso levantaria mais perguntas do que respostas, especialmente depois que ele me disse que encontrou o sabotador, mas não poderia revelar sua identidade neste momento. Tudo o que ele disse foi que eles tinham ligações com um grupo mercenário que tinha como alvo certos membros da comunidade empresarial por *motivos confidenciais*.

Parte de mim queria detalhes para poder me vingar da pessoa que causou tantos conflitos, mas uma parte maior estava feliz em manter o fogo no meu passado e deixar os profissionais lidarem com isso.

Regra geral de vida: não procurar mais problemas do que os que já tinha.

Depois que terminei meu discurso, Mariana falou primeiro. — Antes de prosseguirmos com a nossa avaliação, seríamos negligentes se não reconhecêssemos os preconceitos de certos membros do comitê.

A presidente do conselho do Grupo Castillo era pequena e robusta, com cabelo preto brilhante e um ar de competência autoritária. Ela nunca gostou de mim; ela achava que meu comportamento refletia mal na empresa e, embora ela não estivesse exatamente errada, eu não iria deixá-la atrapalhar essa reunião ou caluniar o caráter de Sloane.

Obviamente, era disso que ela estava falando; Mariana estava olhando diretamente para o quadrado de Sloane na tela. Para seu crédito, Sloane não piscou diante do escrutínio, mas eu fui menos indulgente. — Presumo que você esteja se referindo ao meu relacionamento com Sloane. Se for assim, isso não é problema — eu disse friamente. — Se fosse um problema *real*, você ou outro membro do comitê deveria ter levantado suas preocupações de antemão.

Mariana me deu um sorriso fino. — Não estou acusando ninguém de nada — ela disse, seu tom combinando com o meu. — Estou simplesmente lembrando a todos os presentes que vocês dois estão, de fato, namorando, e qualquer coisa que a Srta. Kensington disser será *influenciada* por esse relacionamento.

— Você tem razão. — Sloane interrompeu antes que alguém pudesse responder. Seus olhos brilharam e eu escondi um sorriso repentino. Mariana estava prestes a levar uma surra dela. — O que eu digo *será* influenciado pelo nosso relacionamento. Trabalho com Xavier há três anos e meio e sou a *única* pessoa nesta chamada que o viu construir o Vault do zero. Eu o vi crescer de um degenerado hedonista...

Uau, um pouco duro, mas tudo bem.

— Para alguém com paixão, orgulho, *propósito*. *Esse* é o homem por quem me apaixonei e, quando votar, essas serão as razões por trás disso. Meu voto não será tendencioso porque estou namorando com ele; será tendencioso porque sei em primeira mão o quanto ele trabalhou duro para lançar o Vault. Se ele não fosse o tipo de homem que faria isso, não estaríamos namorando, em

primeiro lugar. — Sloane imobilizou Mariana com um olhar firme. — O testamento de Alberto afirmava que Xavier *deveria ocupar o cargo de CEO da melhor maneira possível*. Na minha opinião, ele fez isso e muito mais. — Ela se dirigiu ao resto do comitê. — Não deveria ser surpresa, então, que eu voto sim.

Meu sorriso oculto floresceu em um sorriso completo.

Em cinco minutos, Sloane havia neutralizado o ataque furtivo de Mariana, redirecionado a atenção do comitê para o propósito desta chamada e acrescentado a primeira contagem em minha coluna.

*Essa é minha garota.*

Mariana parecia ter engolido um galão de suco de limão cru, mas não havia mais nada que pudesse dizer sobre o assunto.

A votação prosseguiu rapidamente.

— Concordo com a opinião de Sloane — disse Eduardo. — O que Xavier realizou em seis meses é extraordinário e a cobertura tem sido brilhante. Eu também voto sim.

Meu coração batia forte em antecipação.

Dois em cinco. Mais uma votação e eu estava livre.

— O cronograma é impressionante, mas não estou convencida da longevidade do Vault — disse Mariana. — As casas noturnas vêm e vão e, na minha opinião, é um conceito preguiçoso para começar. Apesar de ter um parceiro silencioso, você responde em grande parte a si mesmo. Não há conselho, nem acionistas, nada *do qual você seja realmente o CEO*. Cumprir os deveres do CEO da

melhor maneira possível significa escolher algo que não seja uma vitória fácil. Eu voto não.

*Vitória fácil?* Tranquei uma resposta amarga por trás dos dentes cerrados. Discutir não seria inteligente, mas ela estava votando de má fé. Eu também abordei sua preocupação posterior em minha apresentação, que incluía planos de expansão se a localização em Nova York fosse bem o suficiente.

Mas eu não esperava que Mariana votasse sim, de qualquer maneira, então não recuei.

O voto seguinte, no entanto, *chocou-me*. — Sinto muito, Xavier — disse Tio Martin. Uma sensação de pavor coagulou em meu peito. — Por mais orgulhoso que eu esteja pessoalmente, Mariana fez alguns pontos positivos. Eu também voto não. — Ele não deu mais detalhes nem olhou nos meus olhos, e tive uma certeza repentina de que, apesar de toda a sua justiça, ele não estava imune à manipulação doméstica. Ele obviamente votou não para aplacar Tia Lupe. Dois contra dois. Houve um empate e sobrou um voto. Todos os olhos se voltaram para Dante.

Ele esfregou o polegar sobre o lábio inferior, sua expressão pensativa. Nossa breve conversa na noite passada me deu alguma esperança, mas eu não tinha ideia se isso era suficiente para superar sua antiga antipatia por mim.

Os minutos passaram.

Tio Martin mexeu-se na cadeira.

As sobrancelhas de Eduardo franziram-se de preocupação.

A boca de Mariana franziu-se tanto que parecia uma ameixa.



Sloane e eu éramos os únicos que não revelávamos nada, embora uma gota de suor escorresse pelas minhas costas, apesar da brisa do ar-condicionado.

Dante baixou a mão e disse, tão casualmente que parecia estar discutindo o tempo em vez de uma fortuna de sete vírgula nove bilhões de dólares: — Sim.

Foi isso.

Nenhuma explicação, nenhum grande florescimento depois de nos manter em suspense por tanto tempo. Apenas um simples e retumbante sim.

Isso era tudo que eu precisava.

O alívio explodiu atrás da minha caixa torácica, deixando-me tonto. Um Eduardo sorridente começou a dizer algo sobre a papelada de acompanhamento, mas suas palavras ficaram confusas sob o peso da minha alegria.

Eu fiz isso. Eu consegui, porra.

Eu não *precisava* da validação deles, mas honestamente? Foi bom tê-la.

A chamada terminou minutos depois e fiquei muito satisfeito ao ver a carranca de Mariana antes de desligar.

— Tirei uma captura de tela do rosto de Mariana para que você possa ver se algum dia se sentir desanimado.

Virei-me, outro sorriso tomando conta do meu rosto quando Sloane entrou na sala. Ela usava uma blusa de seda perfeitamente passada e short de pijama.

A maior vantagem de atender chamadas de trabalho em casa? Ninguém podia ver abaixo da sua cintura.

— Você cuida tão bem de mim — eu provoquei, puxando-a para meu colo. — A propósito, obrigado por dar o primeiro voto. O que você disse...

— Era verdade. Eu não disse nada que não quis dizer. — O rosto de Sloane suavizou-se por um instante antes que a maldade começasse. — Só não se esqueça disso quando estiver redigindo seu próprio testamento. Só estou fazendo isso pelo seu dinheiro.

— Você está agora?

— Sim, ah! — Ela soltou um grito de surpresa quando me levantei abruptamente e nos manobrei, então montei nela no chão.

— O que você estava dizendo sobre meu dinheiro? — ameacei, prendendo seus pulsos acima da cabeça com uma das mãos. Reformulei meu sorriso em uma carranca severa.

Calor e risada brilharam em seus olhos. — Isso deixa você sete vírgula nove bilhões de vezes sexy – *oh, Deus*. — O resto de sua frase se dissolveu em um suspiro quando deslizei a mão por baixo de sua blusa e espalmei seu seio.

Era fim de semana, eu tinha acabado de passar a maior noite da minha vida e tinha um dia longo e livre pela frente.

Se Sloane quisesse me provocar, eu poderia retribuir o favor cem vezes mais.

— Deus não, Luna. — Abaixei minha cabeça, minha boca roçando a dela com cada palavra. Ela tinha um sabor doce, quente,

*perfeito.* — Deus não tem participação no que estou prestes a fazer com você.

Era o melhor, considerando que nossas atividades na biblioteca, no meu quarto e no telhado durante o resto do dia foram decididamente profanas.

Sloane e eu não conversamos sobre trabalho, dinheiro ou qualquer outra coisa, nem mesmo quando o sol se pôs e ficamos deitados, suados e exaustos, na minha cama.

Essa era a melhor parte de estar com a pessoa certa.

Alguns dias, podíamos conversar a noite toda; outros dias, não precisávamos de palavras. Apenas estar um com o outro era o suficiente.



EPÍLOGO*Xavier*

## DEZOITO MESES DEPOIS.

Nos termos do testamento do meu pai, recebia uma parcela da minha herança sempre que passava na avaliação. Eu tinha acabado de receber a terceira na semana passada, e o número antes dos zeros na minha conta bancária aumentou exponencialmente, mesmo depois de eu ter doado metade do pagamento para várias instituições de caridade.

Ironicamente, o Vault estava indo tão bem que eu não *precisava* mais da minha herança, mas era bom ter aquela almofada. Depois de sua noite de abertura estrondosa e do subsequente perfil meu na *Mode de Vie* em sua seção *Movers and Shakers*, o clube disparou para a fama. Eu já estava planejando abrir um novo local em Miami, mas antes tinha uma mudança ainda maior para instalar em casa.

— Eu acho que é isso. — Sloane colocou as mãos nos quadris e olhou ao redor da sala. — Tudo descarregado e contabilizado.

Pilhas de caixas de papelão cobriam o chão, cada uma cuidadosamente etiquetada com seu conteúdo. *Roupas (outono/inverno). Vestuário (primavera-verão). Livros. Material de escritório.* E assim por diante.



Os transportadores passaram o dia transportando aquelas caixas do antigo apartamento de Sloane para minha casa na cidade. Justamente quando pensei que não poderia haver mais coisas, chegou outro caminhão.

— Tem certeza? — perguntei. — Você fez as malas tão leve.

— Muito engraçado — ela bufou. Ela deu um tapinha em uma das caixas. — Eu não poderia deixar minha coleção Louboutin ou meus cadernos de resenhas.

— Você tem uma caixa *inteira* de cadernos de resenhas? — Jesus, quantos ela havia escrito?

— Não seja ridículo — disse Sloane. — Eu não consegui encaixá-los em uma caixa. Eu os dividi em duas.

Balancei a cabeça com uma expressão fingida de horror. — Eu mudei de ideia; você não pode mais se mudar. Você claramente não é humana, e isso é um obstáculo para mim.

— Tudo bem. — Ela se virou e começou a desempacotar uma caixa chamada *Velas*. — Eu planejei batizar todos os cômodos desta casa para comemorar minha mudança, mas se você não me quiser por perto... — Ela gritou quando passei um braço em volta de sua cintura por trás e a puxei para mim.

— Você não joga limpo — eu rosnei. — Mas quem sou eu para atrapalhar seus planos para um batizado tão completo? Retiro o que disse. Você pode se mudar novamente.

— Que generoso da sua parte. — Sloane ainda estava rindo quando a virei para beijá-la.

Desde que começamos a namorar, jantamos nos melhores restaurantes, assistimos aos shows mais exclusivos e nos deleitamos em escapadelas de fim de semana em todos os lugares, de Santa Lúcia a Malibu, mas esses tipos de momentos eram os meus favoritos – os casuais e confortáveis, onde podíamos ser nós mesmos e nada mais.

Estávamos indo devagar, mas morar juntos parecia uma progressão natural depois de namorar por tanto tempo. Honestamente, eu estava pronto há muito tempo, mas esperei até que Sloane se sentisse confortável o suficiente para desistir de seu apartamento e, por sua vez, de um pedaço de sua independência.

Era uma grande mudança para ela, então não dei por garantido quando ela me disse que preferia se mudar para a casa da cidade a ficar em seu antigo prédio.

Um alarme tocou no telefone de Sloane, interrompendo nosso beijo. — Merda. — Ela se afastou e silenciou o som. — Eu não sabia que já eram seis horas. Temos que nos arrumar logo ou chegaremos atrasados para a festa da Isa.

Isabella e Kai se casaram logo após a inauguração do Vault, e ela deu uma pequena pausa na escrita para aproveitar a lua de mel. No entanto, ela havia terminado recentemente seu último romance e estava comemorando sua publicação com uma festa de lançamento do livro nessa noite. — Luna, *Isabella* chegará atrasada à festa de Isabella — eu disse. — E antes de começarmos a nos preparar, tenho um presente de inauguração para você.

— Você mora aqui há anos; a casa já está pronta.

Os olhos de Sloane brilharam com meu suspiro de exasperação. — Mas eu adoro um bom presente. O que é?

— Está aqui. — Guiei-a até o corredor ao lado da sala.

Eu tinha certeza de que era o presente certo quando o comprei, mas uma onda de ansiedade percorreu minha espinha quando viramos o corredor e o último membro da nossa família apareceu.

Sloane respirou fundo. — Aquilo é...?

— Um peixinho dourado — confirmei.

Minha preocupação de ter ultrapassado os limites desapareceu quando ela tocou o pequeno aquário, com os olhos suspeitosamente brilhantes. O peixe amarelo-alaranjado dentro dele nadou em direção à mão dela e examinou-a por um segundo, balançando as nadadeiras, antes de retornar ao pequeno pagode que a loja de animais havia montado no meio de seu habitat. Aparentemente, ele estava mais interessado em explorar sua nova casa do que os humanos pairando sobre ele.

— Não achei que sentiria tanta falta de um peixinho dourado me ignorando — disse Sloane, com a voz rouca. — Ele é perfeito. Obrigada.

— Estou feliz que você goste dele. A loja disse que ele era o mais agressivo. — Olhamos para o peixe enquanto ele circulava preguiçosamente pelo pagode. — Mas eles não definiram o que queriam dizer com *agressivo*.

— Feisty<sup>7</sup>. — Sloane franziu os lábios, pensativa. — Esse deveria ser o nome dele.

*Feisty, The Fish? Meu Deus.*

— Se a loja dissesse que ele era o mais dourado, você o chamaria de Goldie? — perguntei, minhas bochechas doendo com a força do meu sorriso.

Sua expressão pensativa deu lugar a um olhar severo. — Muito engraçado — disse ela, com as bochechas rosadas. — Não sou muito boa em nomear animais de estimação, ok?

— Não, não, acho que Feisty é um ótimo nome. Um nome orgulhoso. Um nome literal! — falei enquanto ela voltava para a sala. O riso tomou conta de mim enquanto eu a seguia.

— Cale a boca antes que eu jogue uma lâmpada em você — ela ameaçou. — Se você é tão bom com nomes, *escolha* um.

— Não, ele é para você e qualquer nome que você escolher é o que fica. Pelo menos Feisty é uma opção melhor do que The Fish 2.0. — Coloquei no rosto uma aparência de seriedade. — Todo peixe merece um nome, e o dele é Feisty.

Quase consegui terminar a frase inteira sem rir de novo. Quase.

Minha falha resultou em Sloane jogando uma almofada na minha cabeça, mas valeu a pena.

*Feisty, The Fish.* Eu ri.

— Se eu contar à Dra. Hatfield sobre isso e ela disser para terminar com você, farei isso sem hesitação — alertou Sloane.

---

<sup>7</sup> Agressivo.



— Ah, vamos, Luna, estou apenas brincando. — Engoli outra onda de risada. — Além disso, a Dra. Hatfield nunca diria isso. Ela me ama.

— Ela não conhece você.

— Ela me conhece por procuração.

A Dra. Hatfield era sua nova terapeuta.

Sloane e eu retomamos a terapia no ano passado com diferentes profissionais especializados em questões familiares (extremamente disfuncionais). Foram necessárias algumas tentativas antes de encontrarmos os ajustes certos, mas eu tinha esquecido como era, bem, terapêutico discutir meus problemas com um estranho cujo trabalho era ouvir.

A terapia foi ideia de Sloane. Ela nunca iria consertar as coisas com o pai ou com Georgia, mas Pen ainda fazia parte daquela família. Sloane achava que a terapia a ajudaria a navegar melhor em seu relacionamento com Pen do que com o resto dos Kensington, agora que ela via a irmã semanalmente, o que significava maior contato com George e Caroline. Às vezes, eu a acompanhava para ver Pen; outras vezes, eu as deixava com o vínculo apenas de irmãs.

Surpreendentemente, a terapia me ajudou mais desta vez do que quando a fiz na adolescência. Talvez eu estivesse mais aberto a isso agora que não estava atolado em ressentimento e culpa. Fosse o que fosse, minhas sessões quinzenais me ajudavam a aceitar meu passado e meu relacionamento com meu pai. No final das contas, não importava por que ele colocou uma brecha em seu testamento ou por que fez qualquer uma das coisas que fez.

Esse capítulo ficou para trás e eu estava pronto para passar para o próximo.

— Eu esqueci de contar. Adivinha quem encontrei outro dia? — Sloane perguntou depois que passamos pelo episódio Feisty e subimos para tomar banho e nos trocar. — Tive uma reunião com um colunista do *Modern Manhattan*. Eles têm a mesma empresa-mãe que *Fast and Furriness*, e quando eu estava no elevador...

— Não diga isso. — Sorri, já antecipando suas próximas palavras.

— Perry Wilson entrou. — Sloane riu. — Você deveria ter visto o rosto dele. Ele tentou sair, mas as portas já estavam fechadas. Passamos dez andares fingindo que o outro não existia.

Perry havia perdido seu processo por difamação no ano passado e Kai comprou seu blog logo depois. Ele o renomeou como Confidential Matters, excluiu todos os vestígios de Perry do site e instalou uma equipe profissional de redatores e verificadores de fatos. Atualmente, estava atraindo o dobro do tráfego que Perry atraiu durante seu pico. As pessoas estavam cansadas de artigos indutores de cliques e de difamações infundadas, e um número cada vez maior gravitava em torno de notícias de melhor qualidade.

Enquanto isso, Perry ficou reduzido a cuidar dos telefones da *Fast and Furriness*. Eu não poderia dizer que sentia pena dele.

Sloane e eu entramos em nosso quarto.

Nosso. Não soou tão estranho quanto eu esperava. Achava que, na minha opinião, eu já considerava a casa nossa antes de ela se mudar.

Dito isto, não seria apropriado pular uma celebração oficial, não?

— Então — eu disse casualmente enquanto Sloane tirava a roupa se preparando para o banho. — Você quis dizer-

— Não. — Ela sabia o que eu ia dizer antes de eu dizer. — Não temos tempo. Estaremos atra- *aaahhh!* — Sloane gritou de tanto rir quando eu a agarrei e a arrastei para a cama.

Ela estava certa. Chegamos tarde à festa de Isabella, mas também batizamos o primeiro de muitos quartos da nossa casa.

Eu não poderia pensar em uma maneira melhor de começar o próximo capítulo de nossas vidas juntos.

## Sloane

— Você estava certo. Isso era exatamente o que eu precisava.  
— Estiquei os braços sobre a cabeça com um suspiro de satisfação.  
— Eu poderia ficar aqui para sempre.

— Diga isso de novo — disse Xavier.

— O quê?

— As três primeiras palavras. *Você estava certo.*

Revirei os olhos, mas não consegui conter um sorriso. — Você é insuportável.

— Mesmo assim você está aqui comigo. O que isso diz sobre você? — ele provocou. Uma brisa passou por seus cabelos, bagunçando os fios pretos enquanto caminhávamos pela praia.

— Que sou masoquista.

— Ah. Eu sabia que havia uma razão pela qual eu amava você.

Eu ri, incapaz de continuar fingindo quando ele parecia tão relaxado e feliz, e eu *me* sentia tão relaxada e feliz.

Estávamos chegando ao fim de nossa viagem de um mês à Espanha. Xavier me surpreendeu com os ingressos no Natal passado, mas esperamos o tempo esquentar antes de irmos.

Nossa governanta estava cuidando de Feisty, o Vault finalmente estava funcionando bem por conta própria para Xavier tirar tanto tempo de folga, e eu deixei a Kensington PR nas mãos capazes de Jillian. Eu a promovi a Diretora de Operações do Escritório no ano passado, com um aumento salarial correspondente, e tinha plena confiança em sua capacidade de dirigir o navio enquanto eu estivesse fora. Eu ainda verificava meu e-mail compulsivamente sempre que Xavier estava no banho ou pegando bebidas para nós, mas não sentia mais necessidade de controlar tudo que aparecia em minha caixa de entrada.

Afinal, eu estava de férias.

Assim, durante as últimas três semanas e meia, Xavier e eu comemos, dormimos e bebemos por Madri, Sevilha, Valência e Barcelona antes de terminarmos no lugar onde tudo começou: Maiorca.



A ilha marcou o primeiro grande ponto de viragem na nossa relação. Como nossas primeiras férias aqui haviam sido interrompidas, parecia apropriado voltar e terminar o que havíamos começado.

— O que você quer fazer essa noite? — Xavier perguntou, entrelaçando os dedos nos meus. — Podemos dançar novamente ou podemos ficar em casa.

— Vamos ficar em casa. Se eu dançar mais, meus pés vão cair. — Nós tínhamos ido a um clube diferente todas as noites durante as últimas três noites, muitas vezes ficando fora até o sol nascer, e meu corpo estava pronto para processar.

Pelo menos minhas habilidades de dança melhoraram, graças a Xavier.

Caímos em um silêncio confortável enquanto o sol mergulhava no horizonte, transformando o céu em uma paleta de tangerinas e lavanda. As nuvens pareciam pegar fogo nas bordas, um espetáculo capturado pelo espelho tranquilo do oceano.

Esperei por uma pontada familiar de tristeza, mas ela nunca veio. Pensando bem, eu não sentia isso há algum tempo, mas nunca havia notado sua ausência até agora.

— Um centavo por seus pensamentos — disse Xavier. — Parece que você está surpresa com alguma coisa.

Um sorriso tocou meus lábios. Ele sempre me conheceu tão bem.

— Eu costumava odiar o pôr do sol — admiti. — Achava que eles eram deprimentes. O pôr do sol representava finais e me

lembrava que toda coisa boa chega ao fim. Sempre ficava triste quando via um, mas agora... não acho que sejam tão ruins. — Dei de ombros. — Eu gosto mais das noites do que dos dias, de qualquer maneira.

As noites significavam jantares em casa, sob o lustre pelo qual nos apaixonamos durante a nossa última viagem a Paris. Eles significavam fogueiras crepitantes e conversas na cama, do tipo que serpenteava facilmente até que um de nós ou ambos adormecêssemos. As noites eram amor, calor e luar, meu porto seguro do mundo.

Sem o pôr do sol, não haveria noites e, sem mais nem menos, minha animosidade de décadas em relação aos fenômenos que de outra forma seriam amados se dissolveu tão silenciosamente como se nunca tivesse existido.

— Bom — Xavier falou suavemente. — Eu também gosto mais das noites.

Mais tarde naquela noite, quando nos enrolamos no sofá para assistir a um filme, não me preocupei em pegar meu caderno de resenhas.

Eu só queria curtir o filme, e foi o que fiz. O encontro fofo no escritório, a montagem de encontros fofos, o herói correndo pelo aeroporto para seu grande gesto, até mesmo o final feliz com um cachorro de estimação e um anel – adorei tudo.

Eu não deveria julgar os clichês dos outros.

Afinal, eu estava em uma escapadela romântica pela Europa com meu namorado de longa data, que começou como um cliente

que eu odiava antes de nos apaixonarmos gradualmente – só que fui teimosa demais para admitir isso – e quase o perdi antes que eu recuperasse o juízo e me reconciliasse com ele no topo do Empire State Building.

Agora morávamos juntos em uma casa com um peixe de estimação e um cinema na cobertura, e éramos nauseantes e repugnantemente felizes.

Quem disse que felizes para sempre não eram realistas?

*Fim.*

## CENA DE BÔNUS

*Xavier*

— Longe de mim questionar suas decisões, mas há uma razão para termos circulado o quarteirão quatro vezes... — Olhei meu relógio. — Vinte minutos sem destino discernível à vista?

— Nenhuma razão particular. — Sloane virou a esquina, com uma expressão suspeitamente neutra. — Está tão lindo que pensei que poderíamos dar uma boa caminhada.

Eu estreitei meus olhos.

Sloane estava agindo de forma estranha desde que saímos do brunch com nossos amigos mais cedo. Era uma tarde de sábado, que geralmente reservávamos para passear pela cidade e folhear as pilhas de DVDs e fitas VHS antigos na locadora empoeirada de St. Mark's Place. Foi lá que descobrimos um verdadeiro tesouro de comédias românticas estrangeiras.

No entanto, ela insistiu em voltar direto para casa hoje, o que já levantou sinais de alerta. Então, quando estávamos a apenas alguns minutos de distância, ela mudou de tom e disse que deveríamos dar uma volta (ou quatro) no quarteirão.

Algo cheirava a peixe e não era o salmão defumado do brunch.

— Você odeia caminhadas — eu disse.

— Incorreto. Adoro caminhadas.



Resisti em apontar que atropelar turistas em Midtown enquanto repreendia alguma pobre e incompetente alma por telefone por seus erros não contava exatamente como uma *caminhada*. Aprendi a escolher minhas batalhas ao longo dos anos.

— Você odeia caminhadas *lentas* — emendei.

— Isso não é lento. — Ela deu um passo para o lado para permitir a passagem de uma mãe empurrando um carrinho.

— Luna, se formos mais devagar, poderíamos muito bem ligar para o prefeito e nos declararmos as mais novas estátuas da cidade.

A expressão neutra de Sloane rachou e um pequeno sorriso apareceu em seu rosto. — Você é tão dramático. É cativante.

Um sorriso de resposta surgiu em minha boca antes que eu a achatasse. Ela não iria me distrair com seus elogios desta vez, nem iria me distrair com o brilho risonho em seus olhos ou com o cheiro de seu perfume ou com a forma como seu cabelo brilhava sob o sol. Mesmo depois de anos de namoro, ela nunca deixou de me tirar o fôlego.

Dito isto, eu ainda queria saber por que diabos ela não nos deixou ir para casa.

Respostas primeiro, admiração depois.

— Você está tramando alguma coisa — eu disse. — Conte, ou não vamos assistir a *The Baker's Royal Christmas* neste fim de semana.

Isso interrompeu seu passo. — Você me privaria de uma comédia romântica com tema dos feriados em *dezembro*? — Ela engasgou, parecendo genuinamente ofendida. — Quando faltam apenas duas semanas para o Natal?

Eu nunca poderia privá-la de nada, e nós dois sabíamos disso, mas eu tinha que fingir por uma questão de dignidade.

— Eu não estou privando você. Estou dando opções — falei lentamente. — O que vai ser, Luna? Outra caminhada ao redor do quarteirão ou uma noite agradável e aconchegante com pipoca, chocolate quente e noventa minutos assistindo a outra padeira e príncipe se apaixonarem?

O olhar de Sloane poderia ter derretido todo o Círculo Polar Ártico. — É por isso que nunca faço coisas legais para as pessoas — ela resmungou. — Elas se viram e...

O toque de uma chamada interrompeu o que eu tinha certeza que teria sido um discurso mordaz sobre minha audácia de ameaçar nossas tradições festivas anuais.

Suprimi outro sorriso quando ela atendeu ao telefone. Eu nunca me cansaria de irritá-la, mas também percebi seu deslize sobre coisas legais, e foi por isso que não me incomodei em esconder meu interesse enquanto ela se afastava e baixava a voz.

Tentei me aproximar e escutar, mas só consegui captar trechos fracos.

— Está feito? Perfeito... porque eles são idiotas... não... segunda-feira de folga. Obrigada, Jillian. — Depois de mais um ou dois minutos, ela desligou e se virou para mim, seu olhar anterior

se transformando em um sorriso inocente. — Você sabe o quê? Estou cansada e preciso tirar um cochilo. Vamos para casa.

Meus olhos se estreitaram novamente.

Sloane não cochilava. Ela pensava que os cochilos eram reservados aos gatos e à parcela mais preguiçosa da sociedade, mas, novamente, segurei a língua até chegarmos em nossa casa, cinco minutos depois.

O tempo todo, minha mente zumbia tentando descobrir a que *coisas legais* ela poderia estar se referindo e o que elas tinham a ver com Jillian.

Sloane finalmente deu à sua assistente uma chave de emergência da nossa casa há alguns meses. Isso facilitou as coisas para o trabalho, já que ela trabalhava no escritório apenas metade do tempo atualmente; o resto era gasto com seus clientes ou trabalhando em casa.

Mas em que ela poderia precisar da ajuda de Jillian no fim de semana que não fosse relacionado ao trabalho? Talvez *fosse* relacionado ao trabalho e não tivesse nada a ver com o comportamento estranho de Sloane, mas eu duvidava, já que ela imediatamente abandonou nosso – bom passeio – após a ligação.

*Sloane Kensington, o que você está fazendo?*

Jillian já tinha ido embora quando chegamos em casa, então não consegui arrancar nenhuma pista dela. Felizmente, não precisei.

Sloane e eu acumulamos várias bugigangas e lembranças de nossas viagens ao longo dos anos. Elas estavam tomando conta da

casa, mas quando entramos na sala, meus olhos imediatamente se fixaram na caixa de tamanho médio que estava no chão. Não estava lá quando saímos para o brunch pela manhã e, de repente, as peças se encaixaram.

— Então é por isso que você estava sendo tão sorrateira. Você estava esperando que Jillian entregasse isso. — Eu estalei minha língua. — Sorrateira.

Sloane não se incomodou em negar. — Você deveria ingressar no FBI com suas habilidades de dedução — disse ela secamente.

— Não desvie. Esse é o meu presente de Natal, não é? — eu brinquei. — Luna, você não deveria ter feito isso.

Eu estava brincando. Nós nunca trocamos presentes até a manhã de Natal, então quando suas bochechas ficaram rosadas, minhas sobrancelhas dispararam.

— Na verdade, é — ela admitiu. — Eu mal podia esperar até o dia 25 por... razões logísticas.

— O que você-

Um baque dentro da caixa me interrompeu.

Eu congelei. Isso...?

*Não. Não pode ser.*

— Abra. — Agora que estávamos em casa, a neutralidade anterior de Sloane desapareceu, revelando um toque incomum de nervosismo.

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha enquanto eu caminhava em direção ao meio da sala. Meu coração bateu contra



minha caixa torácica; ela não era a única nervosa na sala, embora eu não tivesse nenhuma razão para isso além de uma suspeita crescente do que esperava dentro da caixa.

Quando me aproximei, vi pequenos buracos de ar nas laterais, e minhas suspeitas variaram de *quase certeza* para *certeza*.

Mesmo assim, não me permiti respirar até abrir a caixa e...

*Porra.* Ali estava.

Minha garganta se fechou ao ver grandes olhos castanhos olhando para mim com pura confiança e adoração. Ele parecia tão pequeno naquela caixa grande, e isso me trouxe de volta à minha infância, quando abri uma caixa semelhante e vi um rosto semelhante me cumprimentando.

Eu já estive aqui antes. Não neste exato lugar e hora, mas as emoções, o vínculo instantâneo, o peso em meu peito, não mudaram.

— É um labrador cor de chocolate — disse Sloane quando simplesmente olhei para o cachorrinho em silêncio. Ela desenhrou o lábio inferior entre os dentes. — Você sempre diz o quanto sente falta de Hershey, e toda vez que passamos pelo parque para cães, você fica com essa expressão... temos o Feisty, mas ele não é igual a um cachorro, e eu pensei... De qualquer forma, podemos levá-la de volta se você não...

— Luna.

— Sim? — O nervosismo brincava em seu rosto, e se eu já não soubesse que a amava além da imaginação, teria caído aqui mesmo.

— Você é incrível.

A rosa em suas bochechas se aprofundou. — Então você gosta dela. — O alívio suavizou a pergunta em uma declaração.

Sloane nunca iria admitir isso, mas ainda havia uma parte dela que se preocupava por ela não ser calorosa ou empática o suficiente para ser *normal*, e isso me matava. Ela estava lidando com essa parte melhor do que antes, mas eu supunha que nossas inseguranças sempre nos dominariam, por menores que fossem. Eram elas que nos tornavam humanos.

Além disso, embora Sloane pudesse não verbalizar seus sentimentos tão abertamente ou com frequência como os outros, o pensamento por trás de suas ações era profundo.

Não se tratava do número de vezes que alguém dizia *eu amo você*; era sobre como ela expressava isso – como comprar um cachorrinho porque percebeu o quanto seu parceiro queria um, mesmo quando ela própria não era fã de nada que deixasse cair pelos na casa.

— Gosto ela? Você está brincando? — Eu gentilmente tirei o cachorrinho da caixa e segurei-o perto do meu peito. — Esta é minha filha.

A língua da referida cachorrinha pendeu para fora em um sorriso canino e meu coração se apertou. Eu não comprei outro cachorro depois da Hershey porque não queria sofrer a dor de perder outro animal de estimação, e meu estilo de vida não era exatamente propício para ter um cachorro. Mas agora que Sloane e eu morávamos juntos e eu havia aceitado o passado, o desejo por

uma companhia canina havia surgido novamente nos últimos meses.

Eu não tinha percebido que Sloane notou, mas claro que ela notou. Ela sempre fez isso.

Sloane revirou os olhos enquanto sua boca se curvava em um sorriso. — Filha? Agora você está *realmente* sendo dramático.

— Faz parte do meu charme. — Beije o topo da cabeça do cachorrinho. — Onde você a conseguiu?

— O cachorro do irmão de um conhecido acabou de ter cachorrinhos, então foi o momento perfeito. — Ela soltou um suspiro. — Eles *deveriam* chegar em casa mais cedo para que Jillian pudesse pegar um dos cachorrinhos e trazê-lo aqui, mas houve algum erro de comunicação em relação ao horário porque, aparentemente, eles não sabem usar um calendário. Daí a razão da nossa caminhada sem rumo no frio mais cedo.

— Sem rumo, hein? Achei que foi uma *boa* caminhada. — Eu ri quando Sloane me lançou outro olhar. — Estou brincando. Obrigado, Luna. — Aproximei-me e dei-lhe um beijo suave nos lábios. — Isso é... porra, esse é o melhor presente que já ganhei. Verdadeiramente.

— De nada. — O rosto dela suavizou-se. — Estou feliz que você esteja feliz.

A dor atrás das minhas costelas se aprofundou. Não importava há quanto tempo estávamos juntos, ainda havia dias em que eu não conseguia acreditar que ela era minha.

— Como você vai chamá-la? — Sloane perguntou.

Inspecionei o cachorrinho enrolado em meus braços. Pelo marrom brilhante, orelhas caídas, olhos doces. Fiquei tentado a chamá-la de Hershey também. Gostava do nome e ela se parecia com minha velha amiga em muitos aspectos, mas seria um desserviço compará-las.

Era hora de algo novo.

— Coco — eu decidi. — Ela parece uma Coco. — Eu não conseguia explicar o porquê, mas parecia certo.

— Primeiro Hershey, agora Coco. — Sloane balançou a cabeça fingindo decepção. — Pelo menos você não a chamou de Snickers.

— Ei, alguém que chamou seu peixe *de Feisty* não deve julgar os nomes de animais de estimação dos outros. — Segurei Coco para que ficássemos no mesmo nível dos olhos. — Não é mesmo, Coco?

Seu sorriso canino se alargou e ela soltou um pequeno latido de concordância.

— Já é uma filhinha do papai — resmungou Sloane. — Não se esqueça que fui eu quem trouxe você aqui, *Coco*.

No entanto, sua ira derreteu visivelmente quando Coco virou a cabeça e acariciou sua mão, e depois de alguns segundos, Sloane cedeu e relutantemente coçou-a atrás das orelhas.

— Não me faça me arrepender disso — ela alertou o cachorrinho encantado. — Ou vou levar você de volta para o Upper East Side, onde eles vão vestir você com suéteres frou-frou feios e botas com pompom. Entendido?

Coco latiu novamente, desta vez com preocupação audível.



— Não dê ouvidos à sua mãe — eu disse a ela. — Ela late e não morde nesta casa. — Fiz uma pausa. — Bem, às vezes ela morde, mas no bom sentido.

— Xavier!

Eu ri de novo quando o rosto de Sloane ficou com a cor das meias de veludo vermelho que revestiam nossa lareira. Estávamos mergulhados no modo de decoração de Natal, e a casa estava indo muito bem, se eu pudesse dizer isso (embora ela tivesse rejeitado minha ideia de instalar um Papai Noel eletrônico que distribuía copos de chocolate quente para os visitantes no hall de entrada).

— Eu estou brincando. De qualquer forma, Coco não entende as insinuações humanas. — Passei meu braço livre em volta da cintura de Sloane e a trouxe para perto. — Eu já disse o quanto amo você?

Os cantos de sua boca se contraíram. — Ocasionalmente.

— Apenas ocasionalmente? Então não estou fazendo um trabalho bom o suficiente. — Escovei meus lábios sobre os dela. — Eu amo você, Sloane Kensington. Para todo o sempre.

— Para sempre é muito tempo.

— Não o suficiente.

— Você é *tão* extravagante — ela disse, mas isso não a impediu de retribuir meu beijo ou de suspirar quando enrosquei minha mão em seu cabelo.

— Eu também amo você, Xavier Castillo — ela murmurou. — Para todo o sempre.

A dor se expandiu pelo meu peito e em cada maldita molécula do meu corpo.

Talvez o sentimento *fosse* extravagante, mas eu estava falando sério e sabia que ela também. Havia a vida antes de Sloane e a vida depois dela. A parte anterior durou muito e, como eu disse, a parte posterior não era longa o suficiente.

Mas não fazia sentido ficar pensando no passado ou no futuro quando o presente tinha tudo o que eu poderia pedir e, mais tarde naquela noite, quando Sloane, Coco e eu nos preparamos para assistir a *The Baker's Royal Christmas* com o prometido chocolate quente e pipoca, eu sabia disso, aqui mesmo.

Isso era tudo que eu precisava.